

# O espólio infinito: Sobre as novas aquisições, 390 a 829

[The infinite estate:  
On the new acquisitions, 390 to 829]

Rui Sousa\*, Jerónimo Pizarro\*\* e Manuel P. Fernandes\*\*\*

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio, Leilão, Novas aquisições.

## Resumo

O espólio de Fernando Pessoa tem sido, desde a sua aquisição pelo Estado português, em 1979, um núcleo fundamental da cultura em língua portuguesa. Esse manancial, que esteve na génese das sucessivas edições da obra do poeta depois dos trabalhos pioneiros de chancelas como a *Ática* e a *Aguilar*, conheceram extensões relevantes desde 2008. Foi nesse ano que foram adquiridos pelo Estado português alguns documentos incluídos pelos sobrinhos de Pessoa, no quadro de um polémico leilão. Em 2020, um novo conjunto de autógrafos foi adquirido pela Biblioteca Nacional de Portugal através de um ajuste directo com os herdeiros de Pessoa, só recentemente disponibilizados para consulta na Sala dos Reservados da BNP. Este artigo conjuga uma descrição sumária do processo de novas aquisições, com a apresentação de um conjunto seleccionado de documentos, alguns dos quais inéditos, a que se somam alguns materiais que em 2008 foram digitalizados por uma equipa de investigadores que trabalharam em casa dos herdeiros de Pessoa e que não constam nem do conjunto leiloado em 2008, nem dos documentos adquiridos em 2020.

## Keywords

Fernando Pessoa, National Library of Portugal, Estate, Auction, New acquisitions.

## Abstract

Fernando Pessoa's estate has been, since its acquisition by the Portuguese State in 1979, a fundamental core of the Portuguese language culture. That plethora, which was in the genesis of the different editions of the poet's work after the pioneering works of editorial stamps such as *Ática* and *Aguilar*, had a relevant extension since 2008. It was in that same year that the Portuguese State acquired some of the documents included by Pessoa's nephews, in the framework of a controversial auction. In 2020, a new set of autograph documents was acquired by the National Library of Portugal through a direct settlement with the heirs of Pessoa, which was only recently made available for consultation at the Rare Books and Manuscripts Room of BNP. This article combines a summary description of the process of new acquisitions, presenting a selected set of documents (some of which unpublished) to which some materials that in 2008 were digitised by a team of researchers that worked at the home of the heirs of Pessoa are added. These are not included either in the set auctioned in 2008 or the documents acquired in 2020.

---

\* Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias.

\*\* Universidad de los Andes, Departamento de Humanidades y Literatura; colaborador do Centro de Estudos de Teatro e do CLEPUL.

\*\*\* Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Bocageanos.

O espólio de qualquer escritor desperta sempre um enorme interesse por parte dos leitores, em especial os especialistas e os investigadores, sobretudo quando uma parte considerável desse acervo foi deixada inédita, permanecendo os contornos exactos de um determinado património literário por determinar.<sup>a</sup> Ora, quando esse escritor adquire com o tempo um considerável estatuto nacional e internacional, como tem ocorrido com Fernando Pessoa, o próprio espólio tende a converter-se numa parcela importante da mitologia do autor, com um estatuto próprio. Os suportes dos documentos – como ocorre com a célebre arca de Pessoa, por exemplo – são peças valorizadas pelos apreciadores e tornadas representativas pelos biógrafos e pelos críticos, para além de serem decisivas na consolidação da imagem do autor.

Durante décadas, num primeiro momento que coincide *grosso modo* com o período da primeira edição estruturada da obra de Pessoa e com alguma projecção internacional, sobretudo da sua poesia, a arca afirmou-se como emblema de um indivíduo que conservou praticamente todos os papéis que foi compondo ao longo de décadas e, também, como um esteio de um universo literário invulgar, cuja conservação se conseguiu garantir até hoje, apesar das circunstâncias precárias com que foram desenvolvidas as primeiras incursões de críticos, editores e curiosos.

Essa primeira etapa da aventura editorial e crítica da obra pessoana conheceu uma ampliação fulcral em dois momentos cujos ecos continuam vivos até hoje: a aquisição do espólio pessoano pela Biblioteca Nacional de Portugal, em 1979, depois de declarado bem de interesse nacional ao abrigo da Lei n.º 107/2001 no dia 15 de Setembro de 2009, passando os documentos desse acervo a estar integrados no ACPC (Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea); e a aquisição de uma parte considerável da biblioteca particular do escritor, em 1986, que passaria a integrar o acervo da Casa Fernando Pessoa desde a sua inauguração, a 30 de Novembro de 1993. As nove secções temáticas em que foram catalogados esses livros podem ser consultadas, quer digitalmente (<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt>), através da página da CFP, quer enquanto uma das grandes novidades da exposição que marcou a recente reabertura da instituição, no dia 29 de Agosto de 2020.

Como pode ler-se numa página da Biblioteca Nacional de Portugal, (cf. a página seguinte: [https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios\\_autores/e03\\_pessoa\\_fernando.html](https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios_autores/e03_pessoa_fernando.html)), o espólio adquirido em 1979 constava de 58 caixas, totalizando 27 691 folhas e 251 documentos, incluindo não apenas uma fatia considerável da obra de Pessoa – entre poesia, prosa, correspondência e diversos documentos representativos da vida e da obra do autor –, mas também vários testemunhos de outros autores, nomeadamente de Mário de Sá-Carneiro. Esse conjunto foi ampliado entre 1982 e 2020 através de doações e de aquisições em leilões ou junto da família de Pessoa. Trata-se de um percurso que se situa entre a entrega do original do poema “Ella Canta Pobre

---

<sup>a</sup> Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do Projecto UIDP/00077/2020 [Rui Sousa].

Ceifeira”, por Mécia de Sena, e aqueles que são os dois grandes acontecimentos norteadores do presente artigo. Referimo-nos ao conjunto de 14 lotes adquiridos na sequência de um controverso leilão decorrido em 2008 e a um recente ajuste directo da Biblioteca Nacional de Portugal junto dos sobrinhos-herdeiros do poeta, que permitiu acrescentar mais de três centenas de documentos, incluindo autógrafos do autor e de terceiros, cuja disponibilização para consulta no computador patente na Sala de Reservados da BNP ocorreu no dia 22 de Fevereiro de 2022.

Como adiante se salientará, estes dois acontecimentos ajudam a redimensionar a mitologia em torno do espólio pessoano, na medida em que parecem corresponder a boa parte do conteúdo de outras “arcas” que haviam ficado ao cuidado da família depois de a arca mítica ter sido vendida ao Estado português em 1979. Longe de serem componentes menores de um acervo mais vasto, ou de serem meras curiosidades biográficas, muitos destes documentos revestem a maior importância: do conjunto fazem parte poemas inéditos, textos com conteúdos diversos e desconhecidos dos estudiosos da obra pessoana, muitas das cartas que constituem a interacção fulcral entre Fernando Pessoa e João Gaspar Simões, assim como diferentes testemunhos de obras tais como *The Mad Fiddler*.

Além desses documentos de Pessoa, devem ainda salientar-se elementos importantíssimos para o conhecimento do poeta e do seu contexto familiar, como as cartas do pai de Pessoa, Joaquim de Seabra Pessoa, à sua esposa, Maria Magdalena Pinheiro Nogueira, os poemas escritos pela mãe do poeta em diferentes momentos da sua vida, ou as cartas que foram dirigidas ao jovem Fernando Pessoa pelos seus irmãos Henriqueta (Teca), Luís e João, quando Pessoa já se encontrava em Lisboa e a família se deslocara de Durban para Pretória, na África do Sul.

O presente artigo propõe-se dar a conhecer um conjunto significativo destes documentos, abrindo caminho a futuras investigações. Para o efeito, o trabalho divide-se em três partes distintas, mas complementares:

- 1) uma breve, mas pormenorizada leitura panorâmica dos episódios marcantes do percurso que, entre 2008 e 2019, permitiram a inclusão destes documentos no espólio mais vasto ao qual por natureza pertencem e ao qual se espera poderem vir a acrescentar-se outros documentos dispersos ou ainda em posse dos herdeiros naturais de Pessoa;
- 2) a transcrição e reprodução de documentos seleccionados, representativos das diversas secções temáticas identificadas ao longo da investigação que conduziu ao presente artigo;
- 3) finalmente, uma apresentação sumária dos documentos adquiridos no leilão de 2008 e no ajuste directo de 2020, nomeadamente através da apresentação da totalidade das cotas dos referidos documentos e de uma breve descrição do seu conteúdo e da sua materialidade.

Deve assinalar-se que, além desses três contributos, este trabalho permitirá também o confronto entre as aquisições da Biblioteca Nacional de Portugal e os resultados de um outro trabalho de investigação levado a cabo em 2008, por Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Steffen Dix, entre outros, que conseguiram levar a cabo, com o acordo e a colaboração da família do poeta, a digitalização de muitos dos documentos constitutivos das campanhas aquisitivas de 2008 e 2020, mas também a documentos importantes aos quais a BNP continua a não ter acesso e que são igualmente preciosos, por exemplo as cartas de Teixeira de Pascoaes, de Mário Beirão, de Visconde de Vila-Moura e de Mário Saa para Fernando Pessoa ou as cartas do poeta para os irmãos Luís (Lhi) e João (John), de que transcrevemos alguns exemplos.

O leitor deste artigo poderá, portanto, ter a noção exacta de tudo aquilo que desde 2008 se foi acrescentando ao conhecimento da vida e da obra de Pessoa e que, pelo menos em suporte digital, pode ser consultado e disponibilizado ao público. São parcelas que ilustram diferentes âmbitos da produção literária e cultural de Pessoa, assim como aspectos da sua vida e da sua interacção com os familiares, ajudando a um cada vez mais amplo e consolidado conhecimento das múltiplas facetas da personalidade fascinante do criador do *drama em gente*, de *Mensagem*, do *Livro do Desassossego* e de uma plêiade de outros projectos em prosa e em verso. Não deve ainda esquecer-se a estreita ligação entre estas recentes aquisições e as que constituem um outro núcleo, o espólio N106, relativo à família Nogueira Rosa Dias, cuja descrição, patente na página da Biblioteca Nacional desde 2017, permite perceber quais os contributos que podem dar ao conhecimento da obra de Pessoa (cf. Fig. 1), como de resto dois artigos publicados no número anterior da *Pessoa Plural* permitem comprovar.<sup>1</sup>

The screenshot shows the website interface for the 'Coleções' section. The main heading is 'DIAS, Nogueira Rosa, Família'. Below it, the collection identifier 'BNP Esp. N106' is shown. The description states: 'Documentação centrada em Henriqueta Madalena Nogueira dos Santos Rosa Dias (Durban, África do Sul, 1896-Lisboa, 1992) e no seu cônjuge Francisco José Caetano Dias (1897-1969) enquanto representantes dos herdeiros do poeta Fernando Pessoa. Neste contexto representam também os outros meios irmãos, pelo lado materno, de Pessoa nomeadamente Luís Miguel Nogueira dos Santos Rosa (Durban, África do Sul, 1900-1975) e João Maria Nogueira dos Santos Rosa (Durban, África do Sul, 1903-1977) então a residir no Reino Unido. Coleção (1 cx.) constituída com documentação relativa a edições da obra de Fernando Pessoa, particularmente a edição das obras completas da editora brasileira Aguilar. Adquirida no mercado livreiro em 2017.' A sidebar on the right contains a navigation menu with items like 'Página inicial', 'Sobre o Arquivo', 'Acesso aos fundos', and 'Manuscritos Avulsos'. At the bottom, it says '© 2004 Biblioteca Nacional de Portugal. Actualizado a 2021-06-25'.

Documentação centrada em Henriqueta Madalena Nogueira dos Santos Rosa Dias (Durban, África do Sul, 1896-Lisboa, 1992) e no seu cônjuge Francisco José Caetano Dias (1897-1969) enquanto representantes dos herdeiros do poeta Fernando Pessoa.<sup>2</sup> Neste contexto representam também os outros meios irmãos, pelo lado materno, de Pessoa nomeadamente Luís Miguel Nogueira dos Santos Rosa (Durban, África do Sul, 1900-1975) e João Maria Nogueira dos Santos Rosa (Durban, África do Sul, 1903-1977) então a residir no Reino Unido. Coleção (1 cx.) constituída com documentação relativa a edições da obra de Fernando Pessoa, particularmente a edição das obras completas da editora brasileira Aguilar.

Adquirida no mercado livreiro em 2017.

Fig. 1. [https://acpc.bnportugal.gov.pt/colecoes\\_autores/n106\\_dias\\_nogueira.html](https://acpc.bnportugal.gov.pt/colecoes_autores/n106_dias_nogueira.html).

<sup>1</sup> Vejam-se os artigos de SOUSA (2021a) e de Fernando Carmino MARQUES (2021).

<sup>2</sup> Remete para: [https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios\\_autores/e03\\_pessoa\\_fernando.html](https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios_autores/e03_pessoa_fernando.html).

No ano de 2008, no âmbito de um polémico leilão em que foi vendido um número considerável de documentos de Fernando Pessoa, até então em posse dos seus herdeiros, foi publicado em *Diário da República* o anúncio 6352/2008, no qual a Biblioteca Nacional de Portugal anunciava o seguinte:

A Biblioteca Nacional de Portugal, na qualidade de instituição a quem o Estado conferiu a missão de garantir a classificação e inventariação do património bibliográfico nacional, considera que o Espólio documental de Fernando Pessoa deve ser qualificado de interesse nacional, nos termos do nº 3, do artigo 15.º da Lei 107/2001, de 8 de Setembro.

O testemunho do valor de civilização e de cultura que o Espólio documental de Fernando Pessoa representa deve ser alvo de especial protecção e valorização, nos termos do artigo 2.º da Lei de Bases do Património Cultural (Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro), atendendo ao relevante interesse cultural, designadamente, histórico; linguístico, documental, artístico e social, reflectindo valores de memória, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade e exemplaridade de:

Nos termos do nº 4, do artigo 25º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, a abertura do procedimento de classificação estabelece, desde logo, um conjunto de medidas especiais de protecção sobre os bens em vias de classificação.

Conhecendo-se a existência de partes e componentes do espólio, cuja localização se ignora, bem como os seus proprietários, detentores ou possuidores, notificam-se os interessados que para audiência prévia, a prevista nos termos do artigo 27.º da Lei 107/2001, de 8 de Setembro e dos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo, para, querendo, dizerem por escrito o que se lhes oferecer, no prazo de 20 (vinte) dias a contar da publicação do presente anúncio.

(DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2008: 43155)

Este anúncio histórico, visando proteger o espólio da possível dispersão a que estava sujeito, culminaria, após consulta de vários pareceres<sup>3</sup>, no decreto número 21/2009

<sup>3</sup> Apenas como exemplos, vejam-se os casos dos pareceres técnicos de Ivo Castro e de Jerónimo Pizarro. No Parecer de Castro, datado de 8 de Dezembro de 2008, merece destaque a relação entre o espólio pessoano e o entendimento que se pode ter da sua obra: “É determinante para a condução do processo de classificação uma singularidade do caso pessoano. Ao contrário da generalidade dos escritores, que deixaram obra publicada, Fernando Pessoa deixou um espólio de grande volume, constituído por autógrafos (manuscritos e dactiloscritos) e por uma biblioteca pessoal, com livros que contêm anotações de leitura e também albergam textos independentes. Enquanto quase todos os escritores são conhecidos através dos livros que publicaram, Pessoa só pode ser conhecido através dos livros que os editores publicam a partir dos materiais desse espólio. Enquanto o espólio da maioria dos escritores apenas interessa para estudos subsidiários sobre os seus processos criativos, o espólio de Pessoa constitui o fundamento único para as edições da sua obra, feitas e por fazer, e para a investigação aplicada e teórica que a produção de tais edições exige. O estudo do espólio de Pessoa não está concluído e, dadas a sua dimensão e a complexidade dos problemas, é de prever que prossiga por muitas gerações”. Ivo Castro assinalava, ainda, que algo que parecia um dado adquirido – a presença da quase totalidade dos documentos pessoanos no espólio E3 à guarda da Biblioteca Nacional e da biblioteca particular, integrada na Casa Fernando Pessoa – ter sido colocada em causa pelas informações que culminaram no leilão. Na mesma altura, Jerónimo Pizarro escreveu uma carta dirigida ao Dr. Jorge Couto, na altura Director da Biblioteca Nacional, dando especial destaque à conservação adequada do espólio: “De facto, o espólio pessoano é de uma importância indiscutível.

do XVII Governo Constitucional da República Portuguesa, segundo o qual o espólio de Fernando Pessoa, não só foi classificado como um bem de interesse nacional como também foi, por ser um bem móvel, considerado “tesouro nacional”. Como esclarece o decreto 21/2009:

É classificado como bem de interesse nacional o espólio de Fernando Pessoa, compreendido como a universalidade de facto composta por todos os documentos produzidos ou reunidos por Fernando Pessoa, seja na forma de manuscritos autógrafos, isolados ou integrados em documentos de terceiros, assinados ou não, de dactiloscritos ou tiposcritos, com ou sem intervenção autógrafa, assinados ou não, bem como todos os documentos biográficos de Fernando Pessoa ou que registem as suas técnicas e hábitos, assinados ou não, seja qual for o acabamento do texto ou textos neles contidos, e os documentos impressos que se reconheça terem pertencido à sua biblioteca e ostentem marcas autógrafas de utilização.

(DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2009: 6313)

No referido leilão, foram incluídos documentos de diferentes naturezas, agrupados em 70 lotes. Entre eles constava o célebre conjunto epistolar Crowley-Pessoa, mas também objectos de valor inestimável, como a famosa arca e várias fotografias relativamente conhecidas, assim como revistas e livros que estiveram na posse de Pessoa, contendo marcas de uso autoral.

Antecipando um ano pleno de debate e controvérsia, Luís Miguel Queirós, num texto publicado no dia 6 de Dezembro de 2007, designou todo este manancial de documentos como “a outra arca” de Fernando Pessoa. Segundo o jornalista, estavam em causa “Milhares de páginas escritas por Fernando Pessoa, incluindo correspondência, poesia inédita e uma grande variedade de outros textos [...] ainda na posse de familiares do poeta”, situação que deveria exigir da parte do Estado uma actuação atempada, dado que “é muito provável que alguns dos documentos comecem em breve a ser colocados no mercado. Hoje mesmo, vai a leilão o manuscrito do livro *Indícios de Ouro*, de Mário de Sá-Carneiro, que também se encontrava nas mãos da família de Pessoa” (QUEIRÓS, 2007). Queirós referia mesmo, ajudando a adensar a mitologia mobiliária pessoana, que esses documentos se encontravam guardados num “baú mais pequeno”, ou seja, uma extensão natural da aparentemente infinita arca deixada como legado por Fernando Pessoa.

---

O que agora está em causa é a sua integridade. Até há pouco tempo pensávamos – nós, os investigadores – que o espólio à guarda da BNP constituía a totalidade ou grande parte do Espólio de Fernando Pessoa. Não imaginávamos a dimensão do acervo que permanecia com os sobrinhos-herdeiros do escritor. A situação privilegiada que pensávamos ter – um grande espólio albergado e bem conservado numa instituição pública – deixou de ser tal, já que a situação real é outra: um espólio disperso entre os fundos da BNP e as ‘arcas’ da família de Fernando Pessoa. [...] Falei em integridade, porque do meu ponto de vista a integridade do espólio, quer na sua totalidade quer nas suas partes, está lesada. Com os sobrinhos-herdeiros de Pessoa permanecem documentos que ‘completariam’ praticamente todas as caixas e envelopes em que os papéis pessoanos estão guardados”.

Nesta ocasião, o texto dava também nota das duas grandes visões implicadas no processo ao longo do ano seguinte: os investigadores que tinham começado a reconhecer o valor desse manancial praticamente desconhecido, como Jerónimo Pizarro, Steffen Dix ou Richard Zenith; e Manuela Nogueira, sobrinha de Pessoa, que, representando os interesses legítimos da família, considerava também que, segundo a mãe, Henriqueta Madalena, “aquilo que o tio Fernando guardou nessa maleta eram coisas a que ele daria menos importância” (QUEIRÓS, 2007). O que não impedia que, como a notícia reforçava, a família tivesse permitido a consulta, situação que não se alterara apesar de ter chegado, segundo a própria, um momento decisivo, em queurgia decidir o futuro dos documentos dada a sua idade avançada e o gradual alargamento dos potenciais herdeiros, filhos, netos e bisnetos. Na ocasião, Manuela Nogueira assumia a vontade de que o Estado pudesse comprar a totalidade do acervo, apesar de assegurar que essa transacção teria de ser feita de acordo com os valores do próprio mercado.

Deve ainda observar-se que este texto, notável no modo como condensa com alguns meses de antecedência os tópicos nucleares de todo o debate decorrido a partir de meados de 2008, dava nota dos grandes expoentes do conjunto, nomeadamente o importante dossier Pessoa-Crowley, algumas peças cruciais da correspondência de Pessoa, a poesia inglesa inédita e a esboços de jogos, como “Strategy”. Tratava-se de um conjunto pleno de diversidade, “uma espécie de amostra reduzida do espólio já conhecido” (QUEIRÓS, 2007), menos arrumada do que a arca célebre, e que, segundo Jerónimo Pizarro, “Pode ter sido simplesmente um sítio onde ele ia guardando o que ainda estava por organizar” (QUEIRÓS, 2007). Essa singularidade desta extensão do espólio pessoano era, por esta altura, discutida pelos próprios investigadores, entre a opinião de Ivo Castro, que reconhecia o carácter potencialmente decisivo de qualquer papel desconhecido para a fixação de todos os projectos e livros já conhecidos e para uma síntese futura da originalidade de Pessoa (cf. QUEIRÓS, 2007), e os casos de Richard Zenith e Teresa Rita Lopes, menos impressionados com as hipotéticas descobertas a extrair, apesar de defenderem o imperativo de o Estado adquirir os papéis e de precisarem deles para biografar Pessoa (cf. QUEIRÓS, 2007).

Em Abril de 2008 teria início um aturado processo de digitalização da totalidade da biblioteca particular de Fernando Pessoa, através do labor de uma vasta equipa de investigadores coordenados por Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Esse processo corresponde de algum modo a um primeiro passo decisivo no actual panorama dos estudos pessoanos, vocacionados cada vez mais para a materialidade dos livros e dos papéis pessoanos, estando também em sintonia com a súbita urgência de conservar digitalmente o maior número de peças, numa altura em que o futuro dos livros e dos papéis era ainda incerto.

Por outro lado, uma reportagem de António Guerreiro publicada a 15 de Março de 2008 no suplemento *Actual*, do jornal *Expresso*, dava conta de que tinha

sido levado a cabo um processo de digitalização de muitos documentos conservados pela família, num “trabalho com carácter privado, feito com os meios técnicos básicos de que dispunham os dois investigadores [Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari] e que está obviamente na posse de quem o realizou e não na posse da Biblioteca Nacional nem da Casa Fernando Pessoa” (GUERREIRO, 2008a: 7). Pizarro e Ferrari assinalavam, ainda assim, que a mera digitalização dos materiais não era suficiente, urgindo que fossem considerados património nacional, para um mais amplo reconhecimento do seu valor e para que fosse possível o acesso a certos dados só permitidos pelo contacto directo com os papéis. Como Luís Miguel Queirós reiterava numa outra notícia publicada em 13 de Junho, o leilão de Dezembro de 2007 tinha despertado os investigadores para a urgência de um trabalho cuidadoso de conservação de papéis dispersos:

Foi justamente o primeiro leilão de materiais do espólio de Pessoa, organizado pela P4 em Dezembro do ano passado, que levou Pizarro a acordar com a família a digitalização, com carácter de urgência, de todos os papéis que esta ainda possuía. Durante uma semana, quatro ou cinco investigadores, cada um com um scanner de alta resolução, estiveram em casa da sobrinha de Pessoa, Manuela Nogueira, a digitalizar furiosamente os documentos que estavam na sua posse e na do seu irmão, Luís Miguel Rosa. [...] Acabaram por digitalizar cerca de 2300 documentos, que incluem o volumoso “dossier Crowley”, porventura a peça mais importante já anunciada para o leilão de Outubro.

Inicialmente, Pizarro pensou que faria sentido disponibilizar todo este material no site da Biblioteca Nacional (BN), onde está o essencial do espólio. No entanto, como não teve ainda resposta da BN, desenha-se agora a possibilidade de estes papéis virem a ser divulgados através do site do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, que Pizarro integra.

(QUEIRÓS, 2008a)

Em Junho de 2008 começaram a noticiar-se as primeiras manifestações de interesse por parte do Estado português em adquirir o espólio do poeta ou, pelo menos, em impedir que os documentos viessem a sair do país. Uma notícia publicada no Caderno *P2*, do *Público*, esclarecia no dia 11 de Junho (cf. NÃO ASSINADO, 2008d) que decorriam conversações formais entre a Biblioteca Nacional de Portugal, na altura dirigida por Jorge Couto, e os herdeiros de Pessoa, tendo em vista a aquisição do espólio, incluindo várias peças que já tinham sido depositadas na leiloeira Potássio4 para serem leiloadas em Outubro. A venda do conjunto dos documentos ao Estado português encontrava-se, nessa altura, totalmente fora de questão, dado que os herdeiros pretendiam vender os documentos peça a peça. Começa nesta altura a adquirir espessura a figura de Luís Trindade, o responsável pela leiloeira Potássio4, pouco complacente para com as intenções do Estado e para com as alegações dos investigadores. Trindade resumia o problema considerando que “Não compreendo muito bem porque é que as coisas do Pessoa não hão-de estar, também, fora daqui” e que “a família está farta de ter gente a entrar e a sair de casa, que depois vem falar destas coisas e passa, sem autorização, digitalizações de

documentos inéditos para a comunicação social” (NÃO ASSINADO, 2008d: 4). Trindade considerava-se na altura uma fonte alternativa de conservação e divulgação dos documentos em formato digital, na medida em que estava disposto a fazer digitalizações de todo o conjunto com grande resolução e a equacionar a inclusão de um CD com os documentos no catálogo em preparação para sair em meados de Setembro. O catálogo, como Isabel Lucas anunciava no *Diário de Notícias* de 18 de Setembro (cf. LUCAS, 2008), seria posto à venda, algo que nunca antes ocorrera nas actividades da Potássio4. Alguns dos especialistas que se opunham ao leilão não foram convidados a participar.

Por estes dias, também Inês Pedrosa, na altura directora da Casa Fernando Pessoa, reforçou a necessidade de o Estado adquirir os documentos, incluindo o conjunto de livros da biblioteca de Pessoa que ainda se encontrava em posse da família, depois da aquisição de 1200 volumes em 1993. No dia 25 de Junho, Inês Pedrosa propunha um esforço conjugado da Casa Fernando Pessoa e da Biblioteca Nacional de Portugal no sentido de se processar a aquisição desse conjunto de livros e também dos documentos que estavam a ser preparados para leiloar em Outubro. No dia seguinte, José António Pinto Ribeiro assegurava que “o Estado comprará o espólio de Fernando Pessoa – que deverá ir a leilão em Outubro – ‘porque é um objectivo essencial que este esteja todo reunido’” (NÃO ASSINADO, 2008c), assegurando que estaria disponível para estabelecer parcerias com particulares para garantir o esforço financeiro necessário. A questão foi também discutida internacionalmente, em periódicos de diferentes nacionalidades. No *La Nación* de 16 de Agosto, Luis Gruss escrevia no texto “El Legado de Pessoa” que, além de Inês Pedrosa, também Perfecto E. Cuadrado considerava que, a despeito do interesse que algumas peças despertariam certamente além-fronteiras, era obrigação do Estado português assegurar que “originales que pertenecen al patrimonio de Portugal no puedan salir de sus fronteras” (GRUSS, 2008).

O clima de urgência resultante do leilão conduziria em Setembro de 2009 à publicação do diploma n.º 21/2009 em *Diário da República*, no dia 14 de Setembro de 2009, um procedimento decisivo, com indiscutíveis repercussões futuras, além de também poder ser considerado um elemento determinante no reconhecimento de Pessoa como figura de proa da literatura e da cultura portuguesas, com estatuto incomparável. O documento classificava o espólio de Pessoa como bem de interesse nacional, abrangendo “todos os documentos produzidos ou reunidos por Fernando Pessoa, seja na forma de manuscritos autógrafos, isolados ou integrados em documentos de terceiros, assinados ou não, de dactiloscritos ou tiposcritos, com ou sem intervenção autógrafa, assinados ou não” (DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2009: 6313). Jorge Couto, representante da Biblioteca Nacional, informou na altura que todos os possuidores de documentos que haviam pertencido a Pessoa seriam notificados e que, a partir de 23 de Outubro, data em que o anúncio seria afixado em *Diário da República*, teriam vinte dias para protestar.

A decisão foi mal acolhida pelos familiares de Pessoa. No dia 17 de Outubro, Miguel Roza, sobrinho do poeta, afirmava no *Público* que a decisão era “uma ridicularia política”, na medida em que aqueles documentos não poderiam ser considerados particularmente relevantes (NÃO ASSINADO, 2008b). Apesar disso, no dia 18, Maria José Oliveira assinalava o aparente estabelecimento de um acordo entre o Ministério da Cultura e os herdeiros, no sentido de o Estado ficar com direito de preferência sobre os documentos postos a leilão. As negociações entre as partes pareciam ter chegado a um certo impasse, tendo Jorge Couto afirmado ao *Público* que a classificação do espólio de Pessoa parecia ser uma solução alternativa à impossibilidade de uma aquisição da totalidade, mas também a uma solução prejudicial para os interesses da família, a eventual expropriação. No dia seguinte, ao *Diário de Notícias*, Jorge Couto esclarecia o assunto:

Iniciei há dois anos um longo período de contactos para que a família apresentasse propostas ao conjunto de materiais que incluem 300 cartas entre Fernando Pessoa e a mãe, para as quais propus uma cláusula de consulta reservada. Nada se conseguiu. E como havia o risco de dispersão de um bem cultural, o Estado sentiu o dever de intervir, com a classificação. A família nunca abriu uma porta ao Estado, dando sempre respostas negativas ou evasivas, denotando sempre um grande ressentimento.

(FIGUEIREDO, 2008)

É este o quadro com que se chega ao leilão de 13 de Novembro, no qual foram adquiridos alguns dos documentos que neste artigo se dão a conhecer. A 9 de Novembro, Maria João Pinto e José Sena Goulão observavam, no *Diário de Notícias*, que o leilão poderia ascender aos 400 mil euros, mesmo excluindo os eventuais colecionadores estrangeiros impossibilitados de levar as aquisições para fora do país. A notícia assinalava algumas das maiores curiosidades, incluindo cartas astrológicas, traduções de Shakespeare, anotações várias, epistolografia e alguns livros e revistas, como primeiras edições dos *35 Sonnets* e números de *Orpheu*, *Contemporânea* e *Athena* (cf. PINTO; GOULÃO, 2008). Entre muitos outros lotes, constavam também desse leilão peças relevantes como a arca de Pessoa, o contrato de arrendamento da casa na Rua Coelho da Rocha, onde hoje se situa a Casa Fernando Pessoa, ou o polémico lote 21, que, conforme deixava claro o *Público* no dia 13 de Novembro, provocara a indignação de Inês Pedrosa. Tratava-se da contracapa de *As Doutrinas Anarquistas*, de Paul Eltzbache [CFP 3-21] (PIZARRO; FERRARI, 2011: 60), pertencente a um volume que havia sido vendido à Câmara Municipal de Lisboa em 1993 e que já estava entre os pertencentes à Casa Fernando Pessoa. Segundo Inês Pedrosa, “Já acho uma pouca-vergonha que estejam a leiloar livros de uma biblioteca que foi vendida em 1986, mas isto é de mais” (QUEIRÓS, 2008b). Não andaria longe da opinião de José Barreto, que condenou duramente o leilão, considerando que os herdeiros de Pessoa “eximiram uma parte importante do espólio ao arrolamento ordenado pelo ministro José Hermano Saraiva” (QUEIRÓS,

2008b). O despacho de Saraiva encontrava-se, por essa altura, perdido. O próprio Ministério da Cultura assinalava que, a despeito de ter recebido diferentes pareceres de especialistas da obra de Pessoa dando conta da necessidade de se preservar o maior número de documentos possível, embora com diferentes opiniões quanto aos lotes considerados absolutamente indispensáveis, não seria possível a aquisição de tudo o que foi a leilão, até porque o conteúdo de muitos documentos não precisaria de mais do que uma boa digitalização.

Na ressaca do leilão decorrido no Centro Cultural de Belém, que contou com uma tentativa de impugnação por parte de representantes do Ministério, só a arca de Fernando Pessoa pode considerar-se uma perda, pelo menos à luz dos planos publicamente divulgados pela Casa Fernando Pessoa e pela Biblioteca Nacional. O famigerado *Dossier Crowley*, vendido pelo valor base de licitação de 50 mil euros – o mesmo que foi atingido pela arca, vendida a um particular – foi acrescentado ao espólio pessoano, encontrando-se hoje publicado na íntegra no livro *O Mistério da Boca do Inferno* (PESSOA, 2019). Em anexo a este artigo, podem consultar-se os restantes documentos incluídos no espólio de Pessoa na sequência deste leilão. A Câmara Municipal de Lisboa exerceu também o direito de opção à compra do contrato de arrendamento da casa do poeta, na Rua Coelho da Rocha, que tinha sido arrematado por 3200 euros.

Nos meses subsequentes ao leilão, a Câmara Municipal de Lisboa e os herdeiros de Fernando Pessoa continuaram envolvidos em algumas polémicas, nomeadamente quanto à legitimidade da venda das quase duas centenas de livros provavelmente pertencentes à biblioteca particular já transaccionada em 1986 e incorporada na Casa Fernando Pessoa, que tem, entretanto, conhecido múltiplas incorporações graduais. Numa síntese da confusão que marcou todo o processo, com aparentes erros e equívocos de todas as partes, Luís Miguel Queirós e Isabel Coutinho consideravam no *Público* de 15 de Novembro que “a câmara sabia há muito que a família tinha ainda na sua posse diversos livros e revistas, já que foi em articulação com a Casa Fernando Pessoa (CPF) [sic] [...] que os pessoanos Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari estiveram na casa da sobrinha do poeta [...]” e antecipavam episódios futuros, dado que “Pizarro afirma ter encontrado no catálogo do leilão exemplares de revistas que a família não mostrou aos investigadores” (QUEIRÓS; COUTINHO, 2008).

No que concerne aos documentos que neste artigo se apresentam, a polémica não teria grande continuidade, apesar das lacunas que se tornam perceptíveis à luz da aquisição de documentos junto da família, em 2020 (a transacção foi efectuada no final do mês de Dezembro), e das digitalizações conseguidas antes do leilão em casa da família, que, como se demonstrará, revelam alguns papéis que não foram incluídos em nenhum desses conjuntos adquiridos pelo Estado. Com efeito, numa acesa disputa de argumentos expressa num artigo de António GUERREIRO (2008b) saído no *Expresso* de 22 de Novembro e numa resposta da família publicada na

edição de dia 29, são essencialmente os interesses específicos da Câmara Municipal de Lisboa que se encontram em discussão. No texto de 22 de Novembro, Jorge Couto justificou do seguinte modo as diferentes posturas das duas instituições:

Depois do arrolamento, em 1969, feito pelo então ministro da Educação, José Hermano Saraiva, que impediu assim que o espólio fosse vendido para o estrangeiro, foi feito um inventário e o contrato de aquisição, pelo Estado Português, em 1979, referia-se aos documentos que constavam do inventário e que foram depois depositados na Biblioteca Nacional.

(GUERREIRO, 2008b)

À luz dessa interpretação, quer os quatorze lotes adquiridos pelo Ministério da Cultura na sequência do leilão de 13 de Novembro de 2008, pelo preço da licitação, quer as mais recentes aquisições por ajuste directo junto da família, ou mesmo qualquer documento que venha futuramente a ser adquirido para o espólio pessoano conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, podem considerar-se legitimamente transaccionadas pela família de Pessoa. No entanto, o polémico artigo de António Guerreiro, “Estado paga a dobrar por espólio de Pessoa”, tomava como base para a argumentação a ideia de que em 1979 esse conjunto de documentos tinham de algum modo sido ocultados do Estado quando, através da Direcção Geral do Património Cultural, se procedeu à aquisição do espólio, na ignorância de outros materiais cuja extensão se passou a saber em 2008 ser significativa. O facto de a Câmara Municipal de Lisboa, tendo em vista que a Casa Fernando Pessoa e o Estado Português, tendo como horizonte a Biblioteca Nacional de Portugal, não coordenaram os procedimentos e o discurso adoptado aquando do leilão, encontra-se fielmente expresso no facto de a classificação do espólio de Pessoa, cujo prazo para contestação expirou a 23 de Novembro, não ter sido alargada aos impressos pertencentes ao poeta, apesar do interesse que a marginália começava a despertar já nessa altura. E apesar de os livros terem sido admitidos como parte de um património pessoano completo.

Não sendo interesse deste artigo aprofundar o diferendo que se prolongaria nas páginas dos jornais por alguns meses, importa salientar que o panorama com que hoje nos confrontamos ao apresentar os documentos considerados para este artigo não difere particularmente daquele que foi identificado na ocasião. A 26 de Novembro, o *Público* dava conta da intenção de a Casa Fernando Pessoa impugnar os livros e revistas incluídos no leilão e, recolhendo declarações de Jerónimo Pizarro sobre o incómodo sentido pela instituição, dado que tinha adquirido cerca de mil livros para depois perceber que outros duzentos continuavam em posse da família, focava também o conhecimento privilegiado que o investigador tinha dos materiais, dado o contacto directo com eles antes de decorrida a transacção:

Uma das coisas com que eu estou mais surpreendido, como investigador, é que nós, até há pouco tempo, pensávamos que o caso de Pessoa era um caso único, porque tínhamos todos os papéis na biblioteca, um arquivo, um espólio muito rico, e não tínhamos os problemas de outros autores, como o Flaubert ou o Joyce, cujos papéis estão em quatro, cinco lugares e até em mais de um país [...]

(NÃO ASSINADO, 2008a)

Ora, concluía Pizarro, o confronto com a realidade da ampliação do escopo do espólio de Pessoa levou-o a perceber que, mesmo depois do leilão de 2008, no qual tinham sido licitados “600 papéis e 20 livros”, o facto de a família ter consigo cerca de dez por cento do espólio do escritor – “quase 200 livros e mais de dois mil papéis” – permitia uma conclusão decisiva, que a recente aquisição de 2020, e os documentos ainda não adquiridos pela BNP, documentam: “há muitos mais livros, há muitos mais papéis para leilões do mesmo tamanho” (NÃO ASSINADO, 2008a).

Importa agora ver com mais pormenor o que está em causa nos documentos que temos estado a mencionar. Na catalogação da Biblioteca Nacional de Portugal, esses documentos estão identificados com cotas circunscritas, no espólio E3, entre 158 e 189, a que se soma o vasto dossier Pessoa-Crowley (190 a 389). No catálogo do leilão, *The Fernando Pessoa Auction*, constavam setenta lotes, sendo o primeiro o documento o 158 – provavelmente uma carta paródica que Pessoa dirige a si mesmo a respeito de um dos seus aniversários – e o último um álbum de selos que a mãe de Pessoa lhe ofereceu no 14.º aniversário.

Embora ultrapassem o escopo deste artigo, quer a correspondência entre Pessoa e Crowley quer as restantes peças envolvidas revelam uma grande diversidade. Resumidamente, o conjunto inclui documentos decisivos no quadro da intervenção pública do seu tempo, nomeadamente a carta enviada por Álvaro de Campos ao jornal *A Capital*, no qual se mencionava implicitamente o acidente que Afonso Costa sofrera e que de algum modo causou atritos entre os poetas do *Orpheu* (160); vários textos sobre assuntos culturais, religiosos e ocultistas; excertos inéditos de outros conjuntos já publicados, parcialmente, como “Fábulas para as Nações Jovens” (161); poemas inéditos, datados e não datados, em português e em inglês; novos exemplos dos planos de edições e de traduções idealizadas por Pessoa ao longo de toda a vida, por exemplo “Plan of translations” (168), “Para o livro EPISODIOS” (169) ou “Pequenas Edições”; vários documentos relacionados com o Grémio de Cultura Portuguesa, na sua maioria mal identificados no catálogo; a importante carta de Pessoa ao Ministro da Justiça Manuel Rodrigues, inédita até à sua publicação por José Barreto, em 2015; finalmente, um bastante completo elenco dactilografado de “Escriptos Orthonymos”, com amplos acrescentos manuscritos (189). Alguns dos documentos que constituem este acrescento significativo ao espólio de Fernando Pessoa permanecem ainda inéditos, embora alguns tenham sido publicados em livros e plataformas digitais nos anos subsequentes ao leilão.

Segundo o que pode ler-se na descrição do espólio de Fernando Pessoa (E3) que a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) tem disponível, “Em 2019 adquiriram-se por ajuste direto à família mais de três centenas de documentos, incluindo autógrafos do autor e de terceiros bem como correspondência recebida, enviada e de terceiros” ([https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios\\_autores/e03\\_pessoa\\_fernando.html](https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios_autores/e03_pessoa_fernando.html)). Contudo, um documento de assinalável rigor e notável qualidade informativa, no qual se encontram discriminados os documentos, intitula-se “Lista dos Documentos do Espólio de Fernando Pessoa | Aquisição 2020”, pelo que se depreende que a oficialização da compra anunciada na página da BNP para 2019 só deverá ter sido efectuada ou pelo menos oficializada no ano seguinte. De resto, logo no início da alínea “Síntese da documentação” dessa “Lista dos Documentos” salienta-se “Os documentos que agora são propostos para aquisição são diversificados quanto à tipologia”, informação que permite aferir que o processo de aquisição dos documentos ainda estava em curso nesta altura. Esta “Lista” corresponderá, portanto, a algo entre o inventário do espólio preparado em 1979 e os pareceres dos especialistas pessoanos, fornecidos ao Estado português em 2008, para que pudesse informar-se quanto ao conteúdo dos lotes à venda em leilão antes da sua realização.

O documento oficial da BNP apresenta as aquisições em seis alíneas (I-VI): “Manuscritos de Fernando Pessoa”, “Correspondência”, “Documentos Biográficos de Fernando Pessoa”, “Manuscritos de outros autores”, “Correspondência de terceiros” e “Impressos”. Segundo as fontes oficiais, trata-se de um conjunto de trezentos e setenta documentos, dos quais trezentos e cinquenta e seis são originais de Pessoa ou documentos que lhe foram dirigidos e quatorze correspondem a impressos (bilhetes-postais com paisagens de Durban, uma fotografia de Sidónio Pais, recortes de impressos coleccionados por Pessoa, entre outros). O conjunto inclui cinquenta e quatro cartas enviadas por Pessoa, sessenta e duas cartas recebidas, trinta e três textos poéticos, cinquenta textos de prosa, três testemunhos de traduções elaboradas por Pessoa, dezoito documentos pertencentes a outros autores, nove documentos cuja autoria se desconhece e um leque de quarenta e oito documentos que não têm Pessoa como o foco privilegiado.

Nos anexos, apresenta-se a relação entre os documentos incluídos em cada secção e as cotas que lhes foram atribuídas e a partir das quais deverão passar a ser referidos. Para já, procedemos a uma breve apresentação deste conjunto, salientando, de modo obviamente subjectivo, aqueles que no contexto do presente artigo se consideram mais relevantes. Para o efeito, segue-se a organização das seis secções definidas na referida “Lista”.

A primeira secção, “Manuscritos de Fernando Pessoa”, é constituída por trinta e três documentos identificados como “Poesia”, cinquenta documentos classificados como “Prosa”, setenta e sete documentos classificados como “Outros” e ainda três traduções – de Carlos Lobo de Oliveira (“Christmas Cake”, 767) de Almada Negreiros (“Invention of the Bright Day”, 768) e de William Shakespeare (“Tempest”, 769) – e

dois documentos considerados “transcrições” dos poemas “Serradura”, de Mário de Sá-Carneiro (761), e “Oui, dans un ile que l’air charge”, de Stéphane Mallarmé (762).

Na secção de “Poesia”, merecem particular nota duas versões do conjunto *The Mad Fiddler*, uma delas com capa, índice e os poemas dactilografados, com bastantes acrescentos manuscritos, num total de cinquenta folhas numeradas (580); e outra composta por vinte e uma páginas dactilografadas, sem anotações, das quais até há pouco tempo eram conhecidas apenas algumas folhas, digitalizadas em 2008 (581; cf. JACKSON, 2020).

O conjunto inclui ainda vários poemas ingleses, incluindo vários fragmentos inéditos do poema “Woman in Black”, e alguns poemas em língua portuguesa, como “Sobre as canções de um louco” (599) e uma série curiosa de poemas de sabor infantil ou popular, que deverão ser de uma fase tardia da vida de Pessoa, e que na “Lista” da BNP são reunidos com o título “Poesia para crianças” (590-597). Todos os poemas se encontram dactilografados e alguns apresentam algumas emendas manuscritas. Um dos poemas está datado de 29 de Abril 1934 (“Uma cebola | Que ia p’ra escola”, 590) e o título geral atribuído pela classificação da BNP parece relacionar-se não só com o tom dos poemas, mas também com o título de um deles, “Canções para acordar creanças” (591).

No conjunto de “Prosa”, encontram-se incluídos documentos de âmbito comercial, histórico-político e literário ou cultural. No que concerne às diversas actividades comerciais de Pessoa, podendo aproximar-se de algumas cartas enviadas para várias empresas, algumas tendo em vista os projectos da editora Olisipo ou o mais vasto projecto da Cosmópolis, merecem menção exemplos como um apontamento sobre a indústria da pólvora em Portugal (416), “Separar do relatório da Cosmopolis” (658) e “A theoria da organização commercial é apenas” (651). Ilustrando a diversa e constante dedicação de Pessoa à reflexão política, adquirem especial relevo alguns apontamentos dactilografados que parecem ser materialmente semelhantes, como “Com a queda da monarchia, e o desaparecimento de todo o prestígio e acção da Authoridade” (623), “Ha, por junto, só trez systemas verdadeiros de governo” (634), “Portugal tem a escolher entre deixar-se governar por um de dois principios” (643) ou “Quando a guerra findou – como se a guerra alguma vez findasse” (646). Em termos de planeamento literário e de crítica cultural, além de alguns documentos já publicados, como um significativo plano teórico intitulado “Documentos do Neo-symbolismo, do Futurismo e do Sensacionismo Portuguez” (629), destacam-se alguns documentos relacionados com a necessidade de afirmação da Olisipo no quadro cultural português – “Na incultura, que, quase sem excepção” (637) e apontamentos sobre projectos futuros, como a preparação de uma antologia de contos de todo o mundo (633) ou uma lista intitulada “Trechos portuguezes <antigos>”, que associa Ângelo de Lima e Mário de Sá-Carneiro, poetas do *Orpheu*, a uma série de autores portugueses que vão de Bandarra a Almeida Garrett (716). Neste artigo, dão-se também a conhecer apontamentos singulares,

relacionados com o interesse de Pessoa pelo ocultismo – “Psychology of Conversion” (645) – ou com a própria natureza do pensamento – “Todo o pensamento, por mais que eu queira fixal-o” (651).

Alguns documentos incluídos nesta alínea deveriam ter sido incluídos noutras secções, como “Damos hoje aos nossos leitores dois contos infantis do grande poeta portuguez Antonio Botto”, que se encontra acompanhado pela tradução para inglês (627 e 628), ou alguns fragmentos de “Confidences”, que pertencem aos planos de tradução de *A Invenção do Dia Claro*, de Almada Negreiros, para inglês. Também não é muito compreensível por que razão se estabeleceu uma distinção entre os vários projectos de antologias e outros projectos editoriais remetidos para a alínea “Outros” e um documento como “Excursos”, no qual se projecta um curioso elenco de títulos ou ideias para “Small Essays”, destinado a demonstrar que qualquer assunto, seja qual for a sua complexidade, pode discutir-se num texto de extensão reduzida (632).

Além de diferentes esboços de antologias, como “As Melhores Poesias Lyricas da Lingua Portuguesa” (713), “Anthologia Portuguesa” (714) e “A Portuguese Anthology” (715), encontram-se enquadrados nesta secção documentos muito variados, alguns de difícil classificação e relacionáveis com distintos âmbitos da obra de Pessoa. Apenas como exemplos, devem salientar-se documentos como uma lista de artigos variados, potencialmente relacionáveis com os artigos escritos na *Revista de Comercio e Contabilidade* (1926), mas incluindo também por exemplo uma “Chronica Colonial, por Colonias” (708), um “Scheme of organization” do Grémio de Cultura Portuguesa (748), uma lista de livros vendidos (700), uma lista de jornais portugueses (735) ou apontamentos bibliográficos vários, aproximáveis do contexto do Sebastianismo e do Quinto Império (644), mas também indiciadores de leituras efectuadas por Pessoa, caso do destaque de dois versos do poema “Saudades”, de António Nobre (755), ou da abrangência do seu interesse e conhecimento do meio literário português, como uma lista que começa com Teixeira de Pascoaes e que prevê sessenta e oito nomes, dos quais sessenta e quatro se encontram referidos (704).

A segunda secção da “Lista” da BNP refere-se à vasta e variada correspondência que, em 2020, foi acrescentada ao espólio de Fernando Pessoa e que, se não corrige algumas lacunas importantes neste domínio, ajuda a conservar alguns dos mais representativos diálogos epistolográficos do século XX português. O maior destaque, pela sua extensão invulgar, são as cópias de vinte e cinco cartas de Pessoa para João Gaspar Simões, datadas de entre 30 de Setembro de 1929 e 16 de Julho de 1932 (423-450), e as trinta cartas de Simões para Pessoa, datadas de entre 6 de Junho de 1929 e 27 de Maio de 1932. Algumas destas cartas não foram consultadas por Enrico Martines no decurso da preparação de *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença* (1997). Outro conjunto bastante relevante, afim daquele que tem Gaspar Simões como interlocutor, relaciona-se com a correspondência entre Pessoa e José Régio. Destinadas a Régio, contam-se sete cartas entre 26 de Janeiro de 1928 e 14 de

Março de 1929; no sentido inverso, encontram-se contempladas duas cartas, datadas de 24 de Janeiro de 1930 e de 9 de Junho de 1935 (465-466). Apesar da singularidade dessa interlocução, neste artigo privilegiam-se outras cartas menos conhecidas e igualmente muito significativas. Entre outras, salientem-se duas cartas dactilografadas datadas de 1927 e dirigidas a “Meu querido Antonio” (398-399), a carta da Advocates’ Library, assinada por William K. Dickinson, e dirigida à Olisipo (451), uma carta de Mário Beirão datada de 25 de Fevereiro de 1913 (453), uma carta de Adolfo Casais Monteiro datada de 13 de Agosto de 1935 e não incluída na já mencionada edição de Enrico Martines (461), um postal de Vitorino Nemésio dedicado “A Fernando Pessoa: para lhe mostrar quanto o admiro” (463) e uma carta do Visconde de Vilamoura, datada de Outubro de 1912 (517).

Além desta correspondência de índole editorial ou literária, foram incluídas no acervo várias missivas dirigidas pela mãe e pelos irmãos de Pessoa, que vão desde as primeiras notícias da chegada da família a Pretória, quando o futuro poeta já se encontrava em Lisboa, a diferentes informações úteis para a reconstituição das relações de Pessoa com a família. O mais antigo testemunho dessa comunicação à distância é um postal da mais velha dos três irmãos de Pessoa, Henriqueta Madalena (Teca), datado de 17 de Setembro de 1911 (469) e as mais tardias são as cartas trocadas entre Pessoa e o irmão João (John) ao longo de 1935, quando o segundo já residia em Inglaterra. A única excepção ao diálogo desde países estrangeiros é a carta de Teca datada de 3 de Dezembro de 1928 (472), a que poderia somar-se a carta de Henrique Rosa, irmão do padrasto de Pessoa, João Miguel Rosa, datada de 2 de Dezembro de 1922 (468). Estas missivas merecerão certamente um estudo muito mais aprofundado, em diálogo com a recente biografia da autoria de Richard ZENITH, *Pessoa: A Biography* (2021). Neste artigo, contempla-se apenas a transcrição de uma carta de cada um desses interlocutores filialmente ligados a Pessoa.

Na secção de “Documentos Biográficos de Fernando Pessoa”, encontram-se diferentes documentos que são sobretudo curiosidades biográficas. São os casos dos relatórios anuais com as notas escolares do jovem Pessoa e de outros testemunhos dessa etapa do seu percurso em Durban (770-774).

Na secção de “Manuscritos de Outros Autores”, encontram-se documentos escritos por, entre outros, Henriqueta Madalena, Augusto Ferreira Gomes, e Almada Negreiros. No caso deste último, trata-se de uma versão manuscrita de *A Invenção do Dia Claro*, que deverá relacionar-se com os fragmentos de traduções de Pessoa dispersos por outras secções desta “Lista” (808). A fatia mais significativa desta secção será, provavelmente, o conjunto de poemas escritos pela mãe de Pessoa entre 1894 e 1919, o último dos quais dedicado ao segundo marido na sequência da sua morte (809-819).

Na secção “Correspondência de Terceiros”, os dois conjuntos mais relevantes prendem-se com o volumoso acervo de quarenta e três cartas dirigidas por Joaquim Pessoa à esposa Maria, entre Abril de 1889 e Julho de 1993 (720-763), publicadas por

Manuel Cadafaz de MATOS no livro *Joaquim Seabra Pessoa ou o Engenho Sensível* (1989), acompanhadas por um sobrescrito preso com fita de seda com a indicação da pena de Maria “Cartas para entregar ao Fernando quando chegar á idade de tomar conta d’ellas”, o que não deixa dúvidas quanto a terem integrado o espólio pessoano, e as duas cartas trocadas entre A. Victor Lopes, responsável por uma chancela editorial para a qual Pessoa se propunha traduzir livros policiais ingleses, e a A. P. Watt & Son. Essa empresa foi a primeira e mais relevante agência literária, fundada em 1875 por Alexander Pollock Watt e que estabeleceu relações com autores como G. K. Chesterton, Winston Churchill, Joseph Conrad, Charles Dickens, Thomas Hardy, Rudyard Kipling, H. G. Wells, W. B. Yeats, entre outros. No espólio de Pessoa, encontram-se uma carta da A. P. Watt & Son dirigida a Victor Lopes, datada de 14 de Setembro de 1932, na qual se refere o interesse de Lopes na tradução de “The Case of Oscar Brodski”, primeira narrativa policial incluída no livro *The Singing Bone* (1912), de Austin Freeman. Freeman teria recebido uma carta de Victor Lopes na qual se mostrava interessado em publicar em português essa narrativa. Na resposta à A. P. Watt & Son, datada de 20 de Outubro de 1932, Lopes lamenta as verbas elevadas da aquisição dos direitos de tradução de obras como a de Austin Freeman, dando a entender que não poderia prosseguir os seus planos de traduzir, para português, autores anglo-saxónicos, ficando o seu projecto de editar policiais circunscrito a Edgar Poe.

Finalmente, na secção de “Impressos”, entre documentos que se consideram neste panorama de menor relevo, como postais ou recortes de notícias de jornais, encontra-se integrada a reprodução impressa de “Uma Canção de Antonio Botto”, com correcções manuscritas (795). Aparentemente não constando na “Lista”, mas podendo incluir-se nesta secção, deve dar-se o devido destaque a um outro documento relacionado com o poeta de *Canções*, um exemplar do caderno do terceiro número da *Contemporânea* relativo ao texto “Antonio Botto e o Ideal Esthetico em Portugal”, profundamente anotado por Fernando Pessoa, provavelmente depois da publicação desse número da revista dirigida por José Pacheco (618).

Apresentado o essencial do contexto que conduziu à aquisição de documentos na sequência do leilão de 13 de Novembro de 2008 e no ajuste directo com os herdeiros de Pessoa em 2020, importa lembrar que, apesar do número consideravelmente extenso dos acrescentos ao espólio à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, existem alguns documentos importantes que continuam em posse da família ou de algum particular que, entretanto, os poderá ter adquirido. São documentos que a família disponibilizou para consulta e digitalização no decurso da campanha que em 2008 antecedeu a entrega dos lotes para alienação à Potássio4, mas que depois não foram considerados, nem no âmbito do leilão, nem no ajuste directo mais recente. Esses documentos aproximam-se daqueles que até aqui se apresentaram, não apenas por terem sido disponibilizados pela família juntamente com vários daqueles que depois seriam escolhidos para venda, como também por revelarem a

mesma diversidade material, linguística, literária e temática que é, de resto, a grande marca de todo o arquivo de experiências legado por Fernando Pessoa. Alguns dos documentos que compõem este manancial dialogam, de resto, com aqueles que se apresentam, quer por serem variantes dos mesmos textos e projectos quer por pertencerem ao mesmo contexto, por exemplo no caso da correspondência.

Para uma descrição sucinta desses materiais, que passam a ser referidos com base na numeração resultante do processo de digitalização, como de resto ocorre na *Edição Digital de Fernando Pessoa* (<http://www.pessoadigital.pt/>), importa esclarecer que tipo de documentos constam neste manancial, de acordo com uma classificação afim daquela que a “Lista dos Documentos do Espólio de Fernando Pessoa” procurou seguir.

No que concerne à “Poesia”, o conjunto inclui, por exemplo, outros fragmentos inéditos do poema “Woman in Black” (CP 72) e outros poemas ingleses, como “And there were dreams sublime and clear” (CP 88-89) e “It spoke of love and spoke of joy” (CP 120-121), mas também poemas portugueses já publicados, como “Nas ruas por onde vão”, datado de 11 de Maio de 1928 (CP 343), e inéditos, como “Que posso eu dar ao teu destino? Nada”, datado de 16 de Junho de 1929 (CP 498) e “Conta a lenda que dormia”, datado de 9 de Julho de 1933 (CP 854).

Em termos de “Prosa”, a diversidade é substancial, predominando documentos relacionados com as diferentes actividades comerciais e empresariais a que Pessoa propôs dedicar-se, entre as quais o negócio de venda de conservas (CP 258-260), a produção de águas minerais (CP 261-262) ou o sistema de venda de tabaco (CP 270-271). Também nesse âmbito, contam-se mais alguns apontamentos de reflexão sobre a precária vida comercial portuguesa (CP 957-960) e sobre um recorrente tópico pessoano, a necessidade de uma organização eficaz e em contínuo aperfeiçoamento (CP 267-268). Merece uma menção particular uma série de documentos que remete para uma vertente curiosa da actividade empreendedora de Pessoa, a idealização de jogos propostos para comercialização, de que “Strategy” é um exemplo. Esse jogo, de cujo esboço detalhado a BNP adquiriu uma versão manuscrita (616), encontra-se representado neste conjunto por uma versão dactilografada (CP 157-161), somando-se a uma apresentação manuscrita daquelas que parecem ser as suas regras (CP 252-257) e uma carta datada de 15 de Julho de 1915, dirigida à A. W. Gamage, empresa especializada em jogos e brinquedos, na qual Pessoa apresenta dois projectos de jogos da sua autoria, procurando aliciar a empresa para o seu desenvolvimento comercial (CP 860-861). De natureza mais marcadamente literária, incluem-se um apontamento sobre diferentes tipos de nacionalismo que se inscreve no âmbito do contraponto com o paradigma representado por Teixeira de Pascoaes e pela Renascença Portuguesa (CP 626-627) e um apontamento sobre anarquismo no qual se declara que “O verdadeiro anarchista sou eu”, podendo relacionar-se com o texto *O Banqueiro Anarquista* (CP 798-799).

Quanto a correspondência, encontram-se neste manancial cerca de duas dezenas de cartas de e para Pessoa, cujo escopo temporal abarca quase toda a sua vida e remete para diferentes âmbitos da sua plural actividade. Dão-se aqui apenas alguns exemplos.

A vocação empresarial e empreendedora encontra-se representada, por exemplo, por uma carta enviada em nome da Olisipo à empresa African Realty Trust, uma importante empresa sul-africana especializada na produção e exportação de sumos, datada de 4 de Abril de 1921 (CP 850-851) e por uma carta da Companhia Portuguesa de Volframio dirigida a Pessoa no dia 24 de Maio de 1921 (CP 852-853). São também importantes as cartas relacionadas com Victor Lopes, que permitem perceber que os seus projectos editoriais remontam pelo menos a 1929, inclusive em termos de contactos com a A. P. Watt & Son, à qual enviou uma carta a 2 de Julho de 1929. Uma dessas cartas, por exemplo, está directamente relacionada com as já referidas, dado que é a missiva do editor português a Austin Freeman, datada de 29 de Julho de 1932, descrevendo os seus projectos editoriais e informando de que pensava começar a série de livros ficcionais com *Dr. Jekyll and Mr Hyde*, de Robert Louis Stevenson. De âmbito mais pessoal, encontram-se entre estes documentos uma carta dirigida ao irmão João [John] Nogueira Rosa, datada de 2 de Fevereiro de 1934 (CP 716-719), e dois documentos relacionados com Luís Miguel Rosa, ao qual Pessoa se dirige, tal como nas cartas que integram as aquisições de 2020, recorrendo ao diminutivo com que era tratado em família, Lhi (CP 565-566 e CP 608-609).

O mais interessante conjunto de cartas digitalizadas em 2008 e não incluídas nas duas vendas descritas neste artigo são, contudo, a nosso ver, as cartas inéditas de Teixeira de Pascoaes e de Mário Saa. As duas cartas de Pascoaes para Pessoa, datadas de 15 de Setembro de 1912 e de 21 de Outubro de 1912, dimensionam a interacção complexa entre os dois escritores, essencial para a compreensão dos mais decisivos debates implicados na futura afirmação do grupo de *Orpheu* (CP 424-429 e 462-469). A primeira carta, de 15 de Setembro, é particularmente importante, ajudando a compreender que o movimento da Renascença Portuguesa se debatia com querelas internas significativas e que, como Pascoaes clarifica, as grandes divisões se deviam ao contraponto entre um ponto de vista mais nacionalista, próprio da vertente saudosista pascoalina, e uma mundividência internacionalista ou cosmopolita, representada por Raul Proença, expoente de uma corrente da Renascença que Pascoaes considera representar o sul do país. Ora, como é conhecido, um dos eixos estruturantes da dissidência de Pessoa e de outros poetas associados ao *Orpheu* reside precisamente na noção de que o paradigma representado por Pascoaes era estreito e incapaz de se coadunar com os desenvolvimentos recentes da cultura europeia. A carta de Mário Saa, datada de 18 de Março de 1925, três dias depois da morte da mãe de Pessoa, exprime um dramático apoio ao amigo num momento que, como tem sido evidenciado pelos

biógrafos, seria marcado por uma relativa esterilidade criativa (CP 446-449). Devem também referir-se algumas cartas já conhecidas, mas muito relevantes, como a carta que Ângelo de Lima dirigiu aos directores de *Orpheu* no dia 8 de Abril de 1915 (CP 504-509) ou uma carta de José Régio datada de 9 de Junho de 1935, que ajuda a completar o conjunto já conservado no espólio de Pessoa (CP 494-495).

Finalmente, importa destacar um muito variado conjunto de documentos de mais difícil classificação, que revelam a diversidade dos interesses de Pessoa, incluindo apontamentos sobre as ideias do matemático alemão Georg Faber (CP 25 e CP 35-36), vários horóscopos (CP 498-499 e CP 594-595), referências bibliográficas de leituras efectuadas, por exemplo de livros de John M. Robertson, um dos autores mais representados na biblioteca de Pessoa (CP 881-882) ou documentos quase completamente constituídos por listas de números (CP 585-586 e CP 593). Foram também digitalizados em 2008 documentos relacionados com outros autores, como o testemunho dactilografado da “Tábua Bibliográfica” de Mário de Sá-Carneiro preparada por Pessoa para publicação no número 16 da *Presença*, de Novembro de 1928 (CP 198-199), e a reprodução de poemas como “Pergaminho”, do poeta naturalista Alexandre da Conceição (CP 324-329), “A Moça da Estaçãozinha Pobre”, do brasileiro Ribeiro Couto (CP 510-511), e “Á hora em que os cysnes cantam”, de Cecília Meireles (CP 510-511 e 1028-1028a).

Passa-se, em seguida, à transcrição de uma selecção de documentos, feita a partir dos três conjuntos referidos (documentos resultantes do leilão de 2008, documentos obtidos no ajuste directo de 2020 e documentos digitalizados em 2008 que nunca foram adquiridos para o espólio E3 da Biblioteca Nacional de Portugal). Esta escolha, acompanhada por alguns dados descritivos essenciais, pretende ser representativa destes importantes contributos para um estudo progressivamente mais abrangente do universo documental pessoano, não pretendendo, contudo, ser exaustivo na transcrição e na apresentação dos papéis. Os anexos que se seguem a esta antologia documental, ajudando a consolidar a panorâmica oferecida nesta introdução, com o elenco sumário dos documentos relativos aos três conjuntos em apreço e a indicação das respectivas cotas oficiais ou provisórias, tem também como principal intuito a clarificação do valor inerente a estas aquisições do Estado português. Novos contributos poderão partir destes dados e de outros que, entretanto, venham a ser acrescentados, como a descrição material de cada peça contemplada nestes três conjuntos.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Agradecemos a Astrid Guerrero Trujillo a transcrição inicial de alguns textos dactilografados.

## Anexo I

## Alguns documentos adquiridos em 2008



Fig. 2. Pormenor da primeira página do jornal *Público*, 6 de Dezembro de 2017.

## DOCUMENTO 1

**Título:** [Carta para *A Capital*].

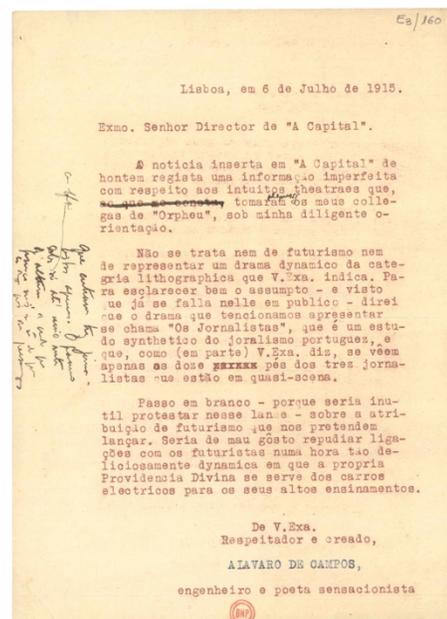
**Autor:** Fernando Pessoa [Álvaro de Campos].

**Cota:** BNP/E3, 160 [antigos Avulsos 136-137].

**Data:** 06-07-1915.

**Publicação:** Primeira publicação [fac-símile] em Fernando Pessoa, *El eterno viajero*, catálogo de uma exposição organizada por Teresa Rita Lopes e Maria Fernanda Abreu (1981). Publicado em *Sensacionismo e Outros Ismos* (PESSOA, 2009: 379), pouco depois da aquisição do documento no leilão de 2008 (cf. na Bibliografia, POTÁSSIO4).

**Materiais:** Meia folha de papel dactilografada no rosto a tinta vermelha, excepto a assinatura, a tinta azul. Apresenta acrescentos manuscritos a tinta preta.



Lisboa, em 6 de Julho de 1915.

Exmo. Senhor Director de “A Capital”.

<O>/A\ noticia inserta em “A Capital” de hontem regista uma informação imperfeita com respeito aos intuitos theatraes que, <ao que me consta,> tomaram [↑ alguns d]os meus collegas de “Orpheu”, sob minha diligente orientação.

Não se trata nem de futurismo nem de representar um drama dynamico da categoria lithographica que V.Exa. indica. Para esclarecer bem o assumpto – e visto que já se falla nelle em publico – direi que o drama que tencionamos apresentar se chama “Os Jornalistas”, que é um estudo synthetico do jornalismo portuguez, e que, como (em parte) V.Exa. diz, se vêem apenas <a>/o\s doze <pernas> pés dos trez jornalistas que estão em quasi-scena.<sup>a</sup>

Passo em branco – porque seria inútil protestar nesse lance – sobre a atribuição de futurismo que nos pretendem lançar. Seria de mau gosto repudiar ligações com os futuristas numa hora tão deliciosamente *dynamica* em que a própria Providencia Divina se serve dos carros electricos para os seus altos ensinamentos.<sup>b</sup>

De V.Exa.

Respeitador e creado,  
ALAVARO DE CAMPOS,  
engenheiro e poeta sensacionista

#### NOTAS

<sup>a</sup> Na margem esquerda, na vertical, pode ler-se o seguinte acrescento manuscrito: “que entram trez jornalistas apenas. O panno sobe com effeito só até meio metro d’altura, de modo que pouco mais se vê do que os doze pés das personagens”. Esse apontamento sugere que esta não terá sido a última versão da missiva enviada ao jornal.

<sup>b</sup> Para a contextualização do episódio a que Pessoa alude, cita-se a síntese do historiador Rui Tavares: “No dia 3 de julho de 1915 o líder do Partido Democrático (e ex-chefe de governo) Afonso Costa ia descansado a caminho de Algés. Viajava de carro eléctrico. Na Avenida 24 de Julho deu-se um curto-circuito no disjuntor da carruagem, que produziu um estrondo e um clarão. Julgando ser vítima de um atentado à bomba, ou encontrar-se no fogo cruzado de um tiroteio, Afonso Costa lançou-se da janela do eléctrico e ficou gravemente ferido, tendo sofrido um traumatismo craniano. O traumatismo político não foi menor. Os seus adversários riram-se daquele alarmismo e verberaram-lhe uma suposta cobardia [...]. Em contexto, Afonso Costa tinha boas razões para temer um atentado. Mês e meio antes tinha sido baleado numa carruagem de comboio outro líder republicano, João Chagas, também ex- (e futuro) Presidente do Ministério. João Chagas perdeu um olho; o autor dos disparos, que era o senador João José Freitas, de Trás-os-Montes, foi espancado pela multidão e morreu ali mesmo, aparentemente com o contributo de um disparo por uma carabina da GNR. Atentados e violência política havia; talvez se esperasse apenas que os políticos os sofressem estoicamente” (TAVARES, 2015).

## DOCUMENTO 2

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Ménard: “Hermès Trismégiste.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 162 [antigos Avulsos 15 a 17; 965 e 966].

**Data:** Sem data.

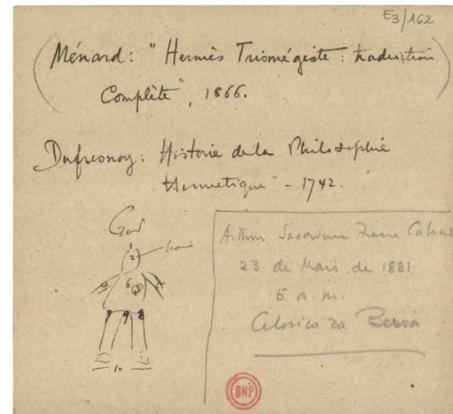
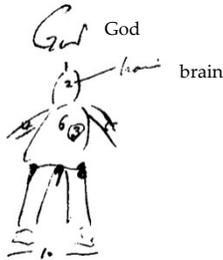
**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel bege, escrita a tinta preta (salvo um apontamento a lápis).

+ **Info:** Veja-se o documento seguinte, afim a este.

(Ménard: "Hermès Trismégiste: Traduction Complète, 1866.)

Dufresnoy: "Histoire de la Philosophie Hermétique" – 1742.<sup>a</sup>

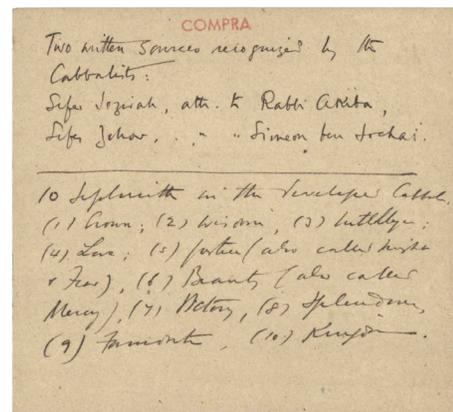


Two written sources recognized by the Cabbalists:

Sefer Jezirah, attr[ibuted] to Rabbi Akiba,  
Sefer Zohar, [attributed to] Simeon ben Jochai.

10 Sephiroth in the developed Cabbala:

- (1) Crown; (2) Wisdom, (3) Intelligence;
- (4) Love; (5) Justice (also called Might & Fear), (6) Beauty (also called Mercy), (7) Victory, (8) Splendour,
- (9) Foundation, (10) Kingdom.



#### NOTAS

<sup>a</sup> Veja-se a numeração de 1 a 10 dentro do corpo. No canto inferior direito do rosto da folha, a lápis, encontra-se o seguinte: "Arthur Sacadura Freire Cabral | 23 de Maio de 1881 | 5 a.m. | Celorico da Beira". Provavelmente, trata-se de indicações recolhidas para a composição de uma carta astral. Sacadura Cabral foi um dos dois responsáveis pela primeira travessia do Atlântico Sul, com partida de Lisboa no dia 30 de Março de 1922 e chegada ao Rio de Janeiro a 17 de Junho. Pessoa escreveu sobre o feito de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, associando-o à sua perspectiva histórico-literária de Portugal e à sua previsão de um momento futuro que daria continuidade ao grande contexto renascentista e à renovação literária iniciada com Antero de Quental: "Quando não tivesse o valor que lhe é próprio e directo, como feito científico e tentativa heróica, o voo oblíquo transatlântico dos dois aeronautas portugueses teria, ainda, a vantagem de nos ministrar, não só em si, como nas suas consequências no país três ensinamentos diversos. | O primeiro, que é aquele que se deriva do próprio acto, é mais simbólico que evidente. É como que um sinal celeste, porque aéreo, do ressurgimento do país. Neste facto, que, se civilizacionalmente vale pouco, nem pode ser comparado com a grandeza imperial e fatídica das descobertas, cientificamente vale muito e humanamente bastante, regressa subitamente à superfície da vida aquele tipo de feição espiritual que caracterizou e definiu os homens que estabeleceram pelos descobrimentos o nosso império transitório" (PESSOA, 1978: 94). No número 3 da revista *Athena*, de Dezembro de 1924, Pessoa dedicou também um poema a Sacadura Cabral, junto a "Gládio", poema que constaria de *Mensagem*, obra na qual a figura de Cabral poderia também ter constado (PESSOA, 1924: 81).

## DOCUMENTO 3

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Breath of the living God.

**Autor:** Fernando Pessoa.

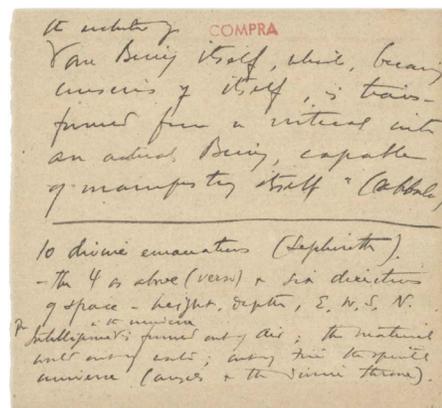
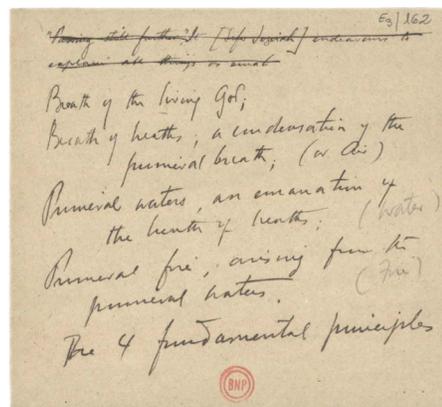
**Cota:** BNP/E3, 162 [antigos Avulsos 15 a 17] [Avulso 15 contém uma tradução “a melhorar” de Manuela Nogueira].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel bege, escrita a tinta preta com dois acrescentos a lápis.

+ **Info:** É provável que Pessoa tenha consultado os dados que neste documento anotou na *The New International Encyclopedia*, publicada desde 1902 por Harry Thurston Peck, Daniel Coit Gilman e Frank Moore Colby e que, tendo obtido grande sucesso, contou com sucessivas reimpressões nos anos seguintes e com quatro edições ampliadas até 1935. Pessoa reproduz frases inteiras dessa *Encyclopedia* (da entrada “Cabbala”), que não constava na primeira edição, seguindo uma organização das notas idêntica à adoptada (pp. 763-765).



Breath of the living God;<sup>a</sup>

Breath of breaths, a condensation of the primeval breath; (or Air)

Primeval waters, an emanation of the breath of breaths; [→ (Water)]

Primeval fire, arising from the primeval waters. [→ (Fire)]

The 4 fundamental principles [↑ the evolution of] one Being itself, which, becoming conscious of itself, is transformed from a virtual into an actual Being, capable of manifesting itself" (Cabbala)

10 divine emanations (Sephiroth).

– the 4 as above (verso) and six directions of space – height, depth, E[ast], W[est], S[outh], N[orth]

[↑ The] Intelligence [↑ in the universe] is formed out of air; the material world out of water; out of fire the spiritual universe (angels & the divine throne).

## NOTAS

<sup>a</sup> Na margem superior, riscado, pode ler-se: “Passing still further” It [Sefer Jezirah] endeavours to explain all things as emanations.

DOCUMENTO 4

Título: Anthologia Portugueza.

Autor: Fernando Pessoa.

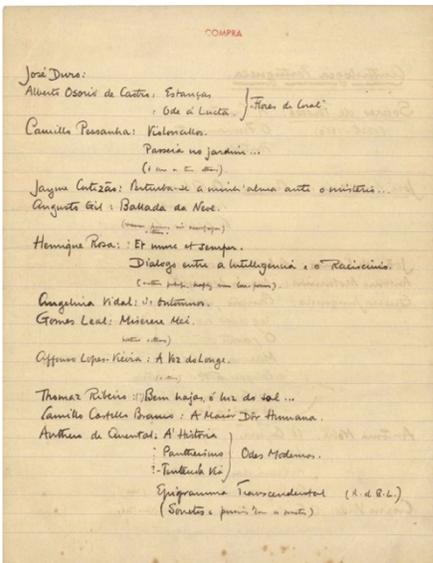
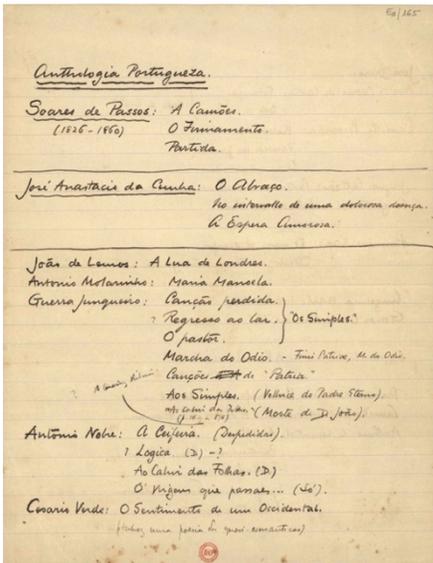
Cota: BNP/E3, 165.

Data: Sem data.

Publicação: Inédito.

Materiais: Uma folha de papel pautada manuscrita a tinta preta no rosto e no verso.

+ Info: Não faz parte de da digitalização de Avulsos, motivo pelo qual recebeu menos atenção. De Angelina Vidal, referida no verso, Pessoa conservou um recorte: 135-98 | O Seculo: revista litteraria, scientifica e artistica. Dir. Eduardo Schwalbach Lucci. [Recorte do artigo "Emancipações" - dedicado à "organisação das sociedades" e à "moral"].



humana, nas suas diversas relações e compravil a liberdade da pótra lara...
Ora o problema da liberdade feminista...

Emancipações
Perguntou-me em illustre colloquio...
Não, meu illustre amigo. Penso por conta propria e consagro o meu pensamento a sociedade humana sem especialisção de sexo...

Emancipações
Perguntou-me em illustre colloquio...
Não, meu illustre amigo. Penso por conta propria e consagro o meu pensamento a sociedade humana sem especialisção de sexo...

*Anthologia Portugueza.*

Soares de Passos: A Camões.  
 (1826-1860) O Firmamento.  
 Partida.

---

José Anastacio da Cunha: O Abraço.  
 No intervalo de uma dolorosa doença.  
 A Espera Amorosa.

---

João de Lemos: A Lua de Londres.

Antonio Molarinho: Maria Manoela.

Guerra Junqueiro: Canção perdida. }  
 ? Regresso ao lar. } "Os Simples."  
 O pastor. }  
 Marcha do Odio. – Finis Patriae, M. do Odio.  
 Canções <d' A> de "Patria."  
 Aos Simples. (Velhice do Padre Eterno).  
 "Ao Cahir das Folhas" (Morte de D. João).  
 (p. 169 a 175) [← ? A Queiroz Ribeiro?]<sup>a</sup>

Antonio Nobre: A Ceifeira. (Despedidas).<sup>b</sup>  
 ? Logica. (D[espedidas]) – ?  
 Ao Cahir das Folhas. (D[espedidas])  
 Ó Virgens que passaes... (Só).

Cesario Verde: O Sentimento de um Occidental.  
 (e talvez uma poesia das quasi-romanticas).

José Duro: □

Alberto Osorio de Castro : Estanças }  
 : Ode á Lucta. } "Flores de Coral".

Camillo Pessanha: Violoncellos.  
 Passeia no jardim...  
 (& one or two others).<sup>c</sup>

Jayme Cortezão: Perturba-se a minh'alma ante o misterio ...

Augusto Gil: Ballada da Neve.  
 (& newer poems in newspapers & others).

Henrique Rosa<sup>d</sup>: ? Et nunc et semper.  
 Dialogo entre a Intelligencia e o Raciocinio.  
 (& others perhaps, perhaps some love-poems).

Angelina Vidal: (?) Outomnos.

Gomes Leal: Miserere Mei.  
 (& satiric & others)

Affonso Lopes-Vieira: A Voz do Longe.

(& others)

Thomaz Ribeiro: (?) Bem hajas, ó luz do sol ...

Camilo Castelo Branco: A Maior Dôr Humana.

Anthero de Quental : A' Historia

: Pantheismo

?-: Tentanda Via

} Odes Modernas.

Epigramma Trascendental (R[aios] de E[xtincta] L[uz])

(Sonetos e poesias com [↑ e] os sonetos)

#### NOTAS

<sup>a</sup> Gaspar de Queiroz Ribeiro (1860-1928), poeta nascido na Guarda, com formação em Direito pela Universidade de Coimbra, teve ampla participação na vida parlamentar do seu tempo, de que resultou, por exemplo, o volume antológico *Resposta ao Discurso da Coroa e Medidas Económicas e Financeiras* (1908), que o levou a exilar-se em Espanha por desacordos com o Movimento Monárquico do Norte. Autor de seis livros de poesia – *Tardes de Primavera* (1889), *Cinzas* (1896), *Pedras Falsas* (1903), *Caminho do Céu* (1906), *Folhas Mortas* (1916) e *Imitação de Cristo* (1925) –, de um livro representativo das suas viagens, *Cartas de longe: França – Itália – Alemanha – Inglaterra – Espanha* (1920), de uma *Vida de Jesus* (1927) e de um livro de balanço, *Maximas e pensamentos: Propriedade do Autor* (1928). Foi amigo de escritores importantes do tempo, como Augusto Gil, António Feijó, Oliveira Martins, Luiz de Magalhães e, sobretudo, Guerra Junqueiro. O livro ao qual provavelmente Pessoa faz menção neste documento é o de estreia, *Tardes de Primavera*, com algum impacto na imprensa da época sobretudo em virtude de uma extensa carta-prefácio em verso de Guerra Junqueiro, conforme pode ler-se numa nota anónima publicada número de 11 de Maio de 1898 da revista *Occidente*: “*Tardes de Primavera* é um livro de proximamente duzentas páginas e que, além da conhecida carta-prólogo de Guerra Junqueiro que anda por ahi publicada em quase todos os jornaes do paiz, divide as suas poesias em três secções subordinadas aos títulos geraes de *Ideal perdido – Traducções – e folhas dispersas*” (*Occidente*, 11 de Maio de 1898, p. 112). A última secção aparecia dedicada a Junqueiro.

<sup>b</sup> *Despedidas* (1902) é o primeiro livro póstumo de poesias de António Nobre, organizado pelo irmão do poeta, Augusto Nobre, e acompanhado por um retrato original do poeta e prefaciado por Sampaio Bruno. Os poemas escolhidos por Pessoa são o primeiro e segundo poemas do volume, “Logica” (1895) e “Ao Cahir das Folhas” (1895) e o sugestivamente intitulado “A Ceifeira (Incompleta)”, não datado.

<sup>c</sup> Cf. em linha o artigo de João DIONÍSIO, “Pessoa, editor da poesia de Pessanha” (2021).

<sup>d</sup> Henrique Rosa (1850-1925) era irmão de João Miguel Rosa, o padrasto de Fernando Pessoa, que representou no seu casamento, por procuração, com D. Maria Madalena Nogueira Pessoa. Foi uma personalidade relevante para Pessoa na primeira fase de readaptação a Lisboa, incluindo em termos políticos, dada a sua mundividência anti-clerical e anti-monárquica, e ao nível da inclusão do jovem poeta em formação no ambiente cultural e literário português, tendo, por exemplo, estabelecido a ponte decisiva com Camilo Pessanha. Pessoa acabaria por reconhecer o relevo de Henrique Rosa, poeta de pouca dimensão, ao incluí-lo repetidamente em projectos antológicos e ao publicar um conjunto de oito sonetos no primeiro número de *Athena*, que Rosa, já muito doente, ainda conheceu. Na sua biografia, Richard Zenith sublinha o impacto da enfermidade precoce e da morte do tio por afinidade na vida de Pessoa, cerca de um mês antes da morte da mãe. O espólio de Henrique Rosa foi doado pelos herdeiros, D. Maria Manuela Nogueira Rosa Dias e Dr. Luís Miguel Nogueira Rosa, ao Estado português em 2007, estando à guarda do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (BNP/E50, [https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolicos\\_autores/e50\\_rosa\\_henrique.html](https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolicos_autores/e50_rosa_henrique.html)).

## Anexo II

## Alguns documentos adquiridos em Dezembro de 2020

## DOCUMENTO 5

**Título:** [Carta de 8 de Março de 1927].

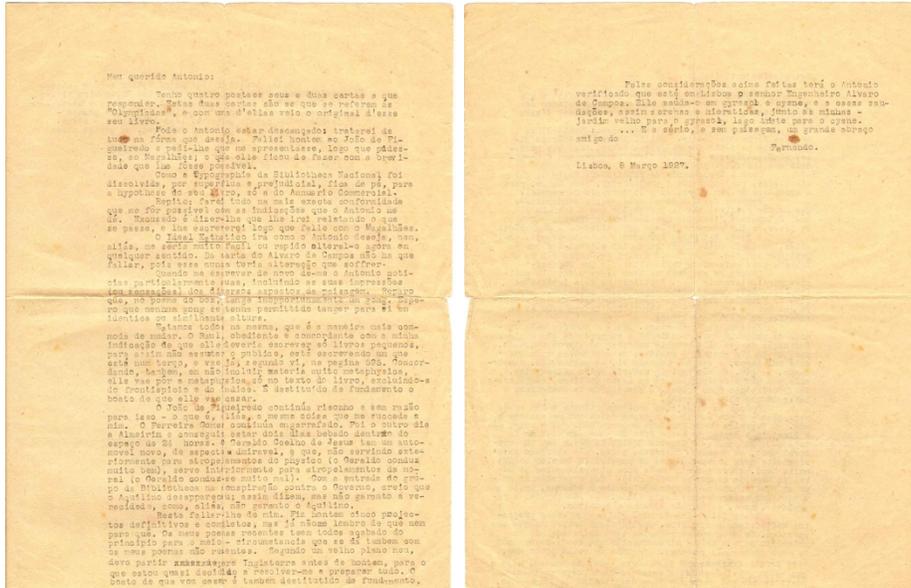
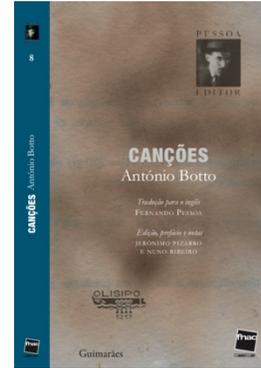
**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 398 [antigos Avulsos 386-387].

**Data:** 8 de Março de 1927.

**Publicação:** Carta de Fernando Pessoa para António Botto, revelada em BOTTO (2010: 155-157).

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta preta. Possível cópia a químico.



Meu querido Antonio:

Tenho quatro postaes seus e duas cartas a que responder. Estas duas cartas são as que se referem ás “Olympiadas”, e com uma d’ellas veio o original d’esse seu livro.

Pode o Antonio estar descansado: tratarei de tudo na fórmula que deseja. Fallei hontem ao João de Figueiredo<sup>a</sup> e pedi-lhe que me apresentasse, logo que p<i>/u \ desse, ao Magalhães; o que elle ficou de fazer com a brevidade que lhe fôsse possível.

Como a <T>/t\ ypographia da Bibliotheca Nacional foi dissolvida, por superflua e prejudicial, fica de pé, para a hypothese do seu livro, só a do Anuario Commercial.

Repito: farei tudo na mais exacta conformidade que me fôr possível com as indicações que o Antonio me dá. Excusado é dizer-lhe que lhe irei relatando o que se passa, e lhe escreverei logo que falle com o Magalhães.<sup>b</sup>

O *Ideal Esthetico* irá como o Antonio deseja, nem, aliás, me seria muito facil ou rapido alteral-o agora em qualquer sentido. Da carta do Alvaro de Campos não ha que fallar, pois essa nunca teria alteração que soffrer.

Quando me escrever de novo dê-me o Antonio noticias particularmente suas, incluindo as suas impressões (ou sensações) dos diversos aspectos da paisagem. Reparo que, no poema do box, tange inopportunamente um gong. Espero que nenhum gong se tenha permittido tanger para si em identica ou similhante altura.

Estamos todos na mesma, que é a maneira mais commoda de mudar. O Raul<sup>c</sup>, obediente e concordante com a minha indicação de que elle deveria escrever só livros pequenos, para assim não assustar o publico, está escrevendo um que está num terço, e vae já, segundo vi, na pagina 595. Concordando, tambem, em não incluir materia muito metaphysica, elle vae pôr a metaphysica só no texto do livro, excluindo-a do frontispicio e do índice. É destituído de fundamento o boato de que elle vae casar.

O João de Figueiredo continúa risonho e sem razão para isso – o que é, aliás, a mesma coisa que me succede a mim. O Ferreira Gomes<sup>d</sup> continúa engarrafado. Foi o outro dia a Almeirim e conseguiu estar dois dias bebado dentro do espaço de 24 horas. O Geraldo Coelho de Jesus tem um automovel novo, de aspecto admiravel, e que, não servindo exteriormente para atropelamentos do physico (o Geraldo conduz muito bem), serve interiormente para atropelamentos da moral (o Geraldo conduz-se muito mal). Com a entrada do grupo da Bibliotheca<sup>e</sup> na conspiração contra o Governo<sup>g</sup>, creio que o Aquilino<sup>h</sup> desapareceu; assim dizem, mas não garanto a veracidade, como, aliás, não garanto o Aquilino.

Resta fallar-lhe de mim. Fiz hontem cinco projectos definitivos e completos, mas já não me lembro de quê nem para quê. Os meus poemas recentes teem todos acabado do principio para o meio – circumstancia que se dá tambem com os meus poemas não recentes. Segundo um velho plano meu, devo partir <antes de> para Inglaterra antes de hontem, para o que estou quasi decidido a resolver-me a preparar tudo. O boato de que vou casar é tambem destituido de fundamento.

Pelas considerações acima feitas terá o Antonio verificado que está em Lisboa <p>/o\ senhor Engenheiro Alvaro de Campos. Elle saúda-o em gyrasol e cysne, e a essas saudações, assim serenas e hieraticas, junto as minhas – jardim velho para o gyrasol, lago triste para o cysne.

... E a sério, e sem paisagem, um grande abraço amigo do  
Fernando.

Lisboa, 8 Março 1927.

## NOTAS

<sup>a</sup> Embora não existam grandes indicações quanto à identidade de João de Figueiredo, é possível que Pessoa esteja a referir-se a João de Figueiredo Gaspar, que assinava apenas João Gaspar, e que no dia 14 de Dezembro de 1935 dirigiu o número único do jornal *Crise Teatral*. Foi também autor de monólogos, operetas e revistas, sobretudo em colaboração com José Mendes Rodrigues e com o maestro Camilo Rebocho: *Um Rapaz Apressado* (1934), *Procurador em Bolandas* (1937), *Por Ares e Ventos!...* (1937), *Cravos e Mangericos* (1937), *Em Foco* (1938), *De Raspão* (1938), *A Rosa do Valado* (1938), *O Bacalhau: Monólogo* [descrito como paródia de “O Melro”, de Guerra Junqueiro] (1942) e *Impossível* (1943); cf. <https://digitarq.arquivos.pt/>. Sabe-se que a 9 de Janeiro de 1935, João de Figueiredo, através de um cartão de visita, enviou a Pessoa “felicitações pelo seu premio nobel” (115<sup>8</sup>-54<sup>r</sup>), isto é, pelo prémio que *Mensagem* recebeu em 1934 (PESSOA, 2020: 228).

<sup>b</sup> José de Magalhães (1867-1959) foi uma figura proeminente no contexto daquela que é considerada a primeira fase do movimento negro em Portugal (1911-1933). Além de publicar em revistas e jornais como a *Seara Nova*, o *Jornal do Comércio*, o *Diário de Notícias* e o *Século*, participou na direcção de importantes periódicos associados ao movimento negro, como o *Correio de África*. Enquanto presidente da Liga Africana e presidente honorário do conselho do Movimento Nacionalista Africano, foi eleito deputado do parlamento português por São Tomé e Príncipe durante a década de 20. Nesse período, participou no II Congresso Pan-Africano, em Londres (1921) e organizou a visita de W. E. B. Du Bois a Portugal. Como amplamente ilustra o pioneiro trabalho de Pedro VARELA e José Augusto PEREIRA, José de Magalhães foi também um dos grandes implicados nas controvérsias entre diferentes direcções assumidas pelo movimento negro português durante a Primeira República, criticado por não reivindicar a autonomia nacionalista dos povos colonizados, optando por lutar sobretudo pelo seu digno reconhecimento num ideal patriótico mais vasto, alinhado com o do Governo português da época (cf. 2020: 16-24). Notabilizou-se também como médico, tendo estudado na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e desenvolvido estudos de neurologia em Paris. Desempenhou funções de médico da marinha em Cabinda, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Índia. Nas *Memórias de Este e do Outro Mundo*, o conhecido psiquiatra Luís CEBOLA recorda-o como um homem de grande cultura e sentido crítico, lembrando o momento em que José de Magalhães recomendou a Afonso Costa o seu nome para a direcção do Manicómio do Telhal (1957: 57-59). Agradecemos a Ernesto Rodrigues a sugestão de consultar na Torre do Tombo alguns trabalhos.

<sup>c</sup> Raul Leal (1886-1964), uma das mais polémicas personalidades associadas ao movimento da revista *Orpheu*, considerado por Mário de Sá-Carneiro como um exemplo excessivo do espírito do grupo. Leal participou no segundo número da revista, com o conto “O Atelier”. O primeiro momento em que Pessoa, Botto e Leal figuram associados remonta a 1923, altura em que Leal publicou na editora de Pessoa, a Olisipo, o polémico panfleto *Sodoma Divinizada*. Este documento surgiu no contexto de uma polémica que, a propósito da segunda edição de *Canções*, de António Botto, e da análise que Pessoa lhe dedicou no terceiro número da *Contemporânea* (“Antonio Botto e o Ideal Esthetico em Portugal”, Julho de 1922), motivou reacções na imprensa da época: por exemplo, o texto “Literatura de Sodoma: O Sr. Fernando Pessoa e o Ideal Estético em Portugal”, publicado no quarto número da *Contemporânea*, em Outubro de 1922. Leal construiu a sua volumosa e peculiar obra em torno da noção de “vertigem”, tendo também idealizado um sistema religioso e filosófico, o Paracletianismo, de que se considerava o profeta e apóstolo, com a designação de “Henoch”. Esses conceitos e teorias, valorizados por Pessoa pela sua originalidade e carácter heterodoxo, motivaram que LEAL (1959) se tivesse considerado próximo de concepções futuristas ou ultrafuturistas.

<sup>d</sup> Augusto Ferreira Gomes (1892-1953) foi um dos maiores amigos de Fernando Pessoa. Segundo Richard Zenith, a sua interacção terá começado em 1915, pouco depois de publicado o primeiro número de *Orpheu*. Chegou a ser equacionado para o terceiro número da revista, com o texto “Por esse crepusculo a morte de um fauno” (cf. VLACHOU, 2015). Entre 1917 e 1926, enquanto sócio de Pessoa e de Geraldo Coelho de Jesus, outro dos nomes referidos nesta carta, esteve à frente de

escritórios de comissões e de consignações. Partilhando com Pessoa o interesse por assuntos como a magia, o ocultismo e a identidade mítica portuguesa, foi também um prolífero jornalista e um espírito irreverente. Os dois maiores exemplos da cooperação entre Pessoa e Ferreira Gomes serão, provavelmente, a dimensão romanesca e policial da passagem de Aleister Crowley por Portugal, com a encenação do seu suposto suicídio na Boca do Inferno (cf. PESSOA, 2019), e a composição do livro de poemas *Quinto Império* (1934), prefaciado por Pessoa, e que se aproxima de muitas das concepções desenvolvidas pelo poeta, por exemplo em *Mensagem*, do mesmo ano. Em 1926, Álvaro de Campos respondera a um inquérito de Ferreira Gomes, publicado no jornal *A Informação* de 17 de Setembro. É também Ferreira Gomes que dirige, com o nome de Augusto de São Boaventura, a revista *Fama* (1932-1933), na qual Pessoa publicou dois textos, “O Caso Mental Português” (n.º 1, 1 de Novembro de 1932, pp. 45-47) e “O que um milionário americano fez em Portugal – A Colónia Infantil Macfadden em S. João do Estoril” (n.º 4, 10 de Março de 1933, pp. 22-24).

<sup>e</sup> Geraldo Coelho de Jesus, amigo de Pessoa desde pelo menos 1910, foi engenheiro e administrador de minas, tendo conhecido o poeta provavelmente enquanto agente da Anglo-Portuguese Mining Agency. Foi sócio de Pessoa desde 1917, em colaboração com Augusto Ferreira Gomes, num escritório referenciado como firma F. A. Pessoa, e colaborou com Pessoa na fundação do jornal sidonista *Acção*, órgão do chamado Núcleo de Acção Nacional (cf. o artigo “O Núcleo de Acção Nacional...”, de BARRETO, 2013: 97-112). Em 1919, Coelho de Jesus publicou o livro *Bases para um Plano Industrial*, de que existe um exemplar na Casa Fernando Pessoa (CFP 3-35). Foi proprietário de um stand de automóveis, indicação que ajuda a compreender as menções de Pessoa nesta carta.

<sup>f</sup> Do Grupo da Biblioteca Nacional – cuja acção pode situar-se entre 1919 e 1926 – derivaram algumas importantes manifestações culturais, com particular destaque para a constituição do ambiente de que germinou a *Seara Nova* (1921-). Como António Braz de Oliveira sugeriu em 1986, a persistência da aproximação crítica entre o grupo da Biblioteca Nacional e o grupo da *Seara Nova* condicionou a valorização adequada do encontro entre escritores, filósofos e artistas proporcionado pelo período em que, depois do assassinato de Sidónio Pais e da saída de Fidelino de Figueiredo da direcção da BNP, Jaime Cortesão assumiu o cargo, coadjuvado por Raul Proença (OLIVEIRA, 1985: 58-60). Apesar de, como recorda Guilherme d’Oliveira MARTINS, se poder dizer que “não houve apenas um Grupo da Biblioteca Nacional, que teria um papel decisivo da criação da ‘Seara Nova’, mas diversos grupos, que nasceram da formação e convívio dos intelectuais da ‘Renascença Portuguesa’, agora em torno de Jaime Cortesão (de 1919 a 1927)” (cf. 2022), o depoimento do próprio CORTESÃO, em 1960, recorda uma unidade programática singular: “Não se nos afigura excessivo relembrar também que da formação e convívio de intelectuais de A Renascença Portuguesa saiu e perdurou na quase década de 1919 a 1927 o chamado Grupo da Biblioteca. Já ali trabalhavam, quando fomos, naquele ano, nomeado seu director, Raúl Proença, que foi o seu Chefe dos Serviços Técnicos, e vieram depois e sucessivamente [...] Álvaro Pinto durante breve tempo, e António Sérgio e Aquilino Ribeiro, que permaneceram até abandonarmos o lugar. No meu gabinete juntava-se às vezes o escol das individualidades e das letras portuguesas de então: Pascoais, sempre que vinha a Lisboa, Raul Brandão (o mais assíduo), Reinaldo dos Santos, Afonso Lopes Vieira, José de Figueiredo, Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, David Lopes, Luciano Pereira da Silva, Agostinho de Campos, Carlos Malheiro Dias, Mário de Azevedo Gomes, Luís da Câmara Reis, etc., etc. Também por ali passaram políticos de tendências as mais diversas, bastando relembrar os nomes de Álvaro de Castro, do então general Gomes da Costa, de Machado dos Santos e, por mais estranho que possa parecer, Aires de Ornelas” (1960: 18-19).

<sup>g</sup> Para uma contextualização daquele que Raul Proença descreveu como “O Caso da Biblioteca”, no qual a sindicância de Proença e de Jaime Cortesão foi associada ao primeiro esboço de revolução contra a Ditadura, em Fevereiro de 1927, cf. a introdução de Daniel PIRES ao livro Raul PROENÇA, *O Caso da Biblioteca* (1988).

<sup>h</sup> Aquilino Ribeiro (1885-1963) foi um dos mais relevantes e influentes romancistas portugueses contemporâneos de Pessoa. Como lembra Serafina MARTINS (2008), não são conhecidos grandes testemunhos da interacção directa entre Aquilino e os modernistas portugueses, apesar de o romancista ter estado em França mais ou menos na mesma altura em que Sá-Carneiro ali residiu, testemunhando, e documentando-o por escrito, o mesmo ambiente cultural em que prosperaram os movimentos vanguardistas nos quais o autor de *A Confissão de Lúcio* absorveu parte da sua inspiração. O tom com que Pessoa se refere ao autor de *Terras do Demo* nesta carta, se parece suavizar um pouco o suposto afastamento entre os contextos do Modernismo e do sincretismo cultural proposto pelos romances de Aquilino, ajuda a situar um pouco melhor a menção de Sá-Carneiro a um livro de Aquilino, provavelmente *Jardim das Tormentas* (1913), numa carta dirigida a Pessoa em 10 de Maio de 1913, e as referências elogiosas com que Pessoa o apresenta ao espanhol Adriano del Valle, em cartas datadas de 1923.

## DOCUMENTO 6

**Título:** [Carta de 25 de Março de 1927].

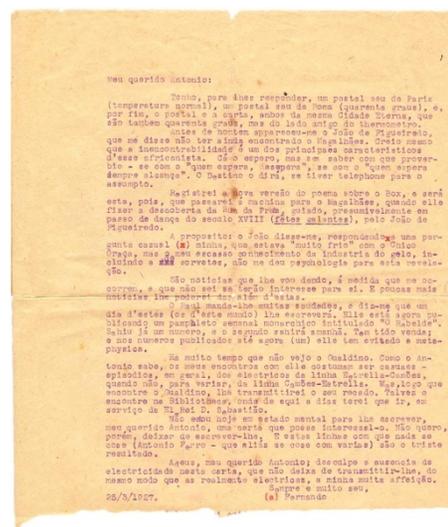
**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 399 [antigos Avulsos 388-389].

**Data:** 25 de Março de 1927.

**Publicação:** Carta de Fernando Pessoa para António Botto, revelada em BOTTO (2010: 161-163).

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta roxa. Aparente cópia a químico. Algumas poucas letras foram dactilografadas a vermelho. Talvez tinha um *post-scriptum*, que, nesse caso, foi rasgado.



Meu querido Antonio:

Tenho, para lhes responder, um postal seu de Paris (temperatura normal), um postal seu de Roma (quarenta graus), e, por fim, o postal e a carta, ambos da mesma Cidade Eterna, que são também quarenta graus, mas do lado amigo do termómetro.

Antes de hontem appareceu-me o João de Figueiredo, que me disse não ter ainda encontrado o Magalhães. Creio mesmo que a inencontrabilidade é um dos principaes caracteristicos d'esse africanista. Cá o espero, mas sem saber com que proverbio – se com o “quem espera, des<s>/e\pera”, se com o “quem espera <d>/s\empre alcança”. O Destino o dirá, se tiver telephone para o assumpto.

Registrei a nova versão do poema sobre o Box, e será esta, pois, que passarei á machina para o Magalhães, quando elle fizer a descoberta da Rua da Prata, guiado, presumivelmente em passo de dança do seculo XVIII (*fêtes galantes*), pelo João de Figueiredo.

A proposito: o João disse-me, respondendo **x** a uma pergunta casual (**x**) minha, que estava “muito frio” com o Chico Graça<sup>a</sup>, mas o meu escasso conhecimento

da industria do gelo, incluindo a <dos> [↑ de] sorvetes, não me deu psychologia para esta revelação.

São noticias que lhe vou dando, á medida que me occorrem, e que não sei se terão interesse para si. E poucas mais noticias lhe poderei dar além d'estas.

O Raul manda-lhe muitas saudades, e diz-me que um dia d'estes (os d'este mundo) lhe escreverá. Elle está agora publicando um pamphleto semanal monarchico intitulado "O Rebelde"<sup>b</sup>. Sahiu já um numero, e o segundo sahirá amanhã. Tem tido venda; e nos numeros publicados até agora (um) elle tem evitado a metaphysica.

Ha muito tempo que não vejo o Gualdino<sup>c</sup>. Como o Antonio sabe, os meus encontros com elle costumam ser casuaes – episodios, em geral, dos electricos da linha Estrella-Camões, quando não, para variar, da linha Camões-Estrella. Mas, logo que encontre o Gualdino, lhe transmittirei o seu recado. Talvez o encontre na Bibliotheca<sup>d</sup>, onde de aqui a dias terei que ir, em serviço de El-Rei D. Sebastião.

Não estou hoje em estado mental para lhe escrever, meu querido Antonio, uma carta que possa interessal-o. Não quero, porém, deixar de escrever-lhe. E estas linhas com que nada se cose (Antonio Ferro – que aliás se cose com varias) são o triste resultado.

Adeus, meu querido Antonio; desculpe a ausencia de electricidade nesta carta, que não deixa de transmittir-lhe, do mesmo modo que as realmente electricas, a minha muita affeição.

Sempre e muito seu,  
(a) Fernando

25/3/1927.

#### NOTAS

<sup>a</sup> Francisco [Francis] Florêncio Graça (1902-1980) foi um coreógrafo e bailarino português ligado a alguns importantes empreendimentos artísticos idealizados por António Ferro, tendo alcançado reconhecimento internacional. Aluno do Conservatório Nacional de Lisboa, onde estudou teatro e música, Francis percebeu cedo a vocação para a dança. No dia 2 de Junho de 1925, pela mão de António Ferro, Francis foi apresentado ao público no contexto da inauguração do Teatro Novo, tendo na altura despertado reacções ambivalentes por parte do público (cf. SANTOS, 1999: 13-15). Depois de um breve período em Paris, teria um papel importante no desenvolvimento de alguns espectáculos teatrais de revista, nos quais se destacou, por exemplo, Beatriz Costa. Foi, contudo, enquanto um dos principais elementos do colectivo responsável pelo Grupo de Bailados Portugueses Verde-Gaio que adquiriria estatuto internacional. O GBPVG foi desenvolvido no contexto da Exposição do Mundo Português, sendo Francis o responsável por boa parte do trabalho coreográfico do conjunto, incluindo nas várias digressões por Espanha, França e Suíça e pelas ex-colónias portuguesas, entre 1943 e a década de 60 (cf. FERRO, 1950: 73-109; PINTO, 2016). Com algumas interrupções motivadas por deslocações ao estrangeiro com a sua "partenaire", Ruth Walden, Francis esteve ligado ao Grupo até 1961.

<sup>b</sup> Pessoa refere-se a *O Rebelde – Panfleto Monárquico Independente*, um dos projectos de cariz monárquico em que Raul Leal se envolveu. Ao longo dos sete números publicados, Leal foi o director e único redactor. Como assinala Enrico MARTINES, Leal menciona esta intervenção política na carta enviada a José Régio, em Dezembro de 1927: "Peço-lhe que me diga se recebeu, ha tempos, os sete

numeros que publiquei do meu panfleto O Rebelde. Caso os não tenha recebido, mandar-lh'os-hei outra vez. | R. Leal" (cf. 2017: 101).

<sup>c</sup> Gualdino Gomes (1857-1948) ainda era em 1927 funcionário da Biblioteca Nacional. Personalidade irreverente e muito popular nos meios literários e nas tertúlias de cafés lisboetas ao longo de décadas, os contemporâneos descreviam-no como um espírito de singular cultura e capacidade crítica e como um núcleo agregador em torno do qual se concentraram personalidades como Marcelino Mesquita, Fialho de Almeida, Oliveira Martins, D. João da Câmara, Manuel Teixeira-Gomes, Manuel Pentead, António Arroio. Nos anos 20 e 30, participou em alguns dos mais proeminentes grupos literários portugueses, como o Grupo da Biblioteca Nacional ou as tertúlias do Café Montanha. Deixou uma escassa produção escrita, entre o primeiro número da coleção Os bem-visíveis de Lisboa, *O Pina* (1887), a colaboração em *O Repórter* (1887-1899) a co-edição literária da efémera revista *Balas... de Papel* (quatro números, entre Novembro de 1891 e Janeiro de 1892), a colaboração com Marcelino Mesquita na revista *A Tourada* (1894), o secretariado do jornal *Portugal Velho* (1894), a colaboração como crítico de teatro no jornal *A Tarde* (1889-1892), um poema publicado na *Seara Nova* ("Rua Alegre", *Seara Nova*, n.º 109, 10 de Novembro de 1927, p. 318) e a colaboração no inquérito sobre a Brasileira, publicado no primeiro número de *O Girasol* (1930), periódico em que Pessoa também assina "Aleister Crowley Foi Assassinado? Um Novo Aspecto do Caso da Boca do Inferno". Como José BARRETO deu a conhecer, era um dos vários destinatários dos panfletos pessoais de 1923 (cf. 2016: 354). Dos muitos testemunhos dedicados à memória de Gualdino Gomes, destaquem-se o de Raul BRANDÃO, que, no terceiro volume das *Memórias*, recorda a sua profunda proximidade com Fialho e a sua irreverência juvenil (1988: 167-168) e o importante opúsculo de Israel ANAHORY, que lembra um outro aspecto importante: "Quando Almada Negreiros, ainda estudante, fez na escola que frequentava uma exposição dos seus primeiros trabalhos, Gualdino Gomes durante dias seguidos deu largas à sua admiração, elogiando-o por toda a parte. | Quantas obras de Carvalhais, de Jorge Barradas, Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, Mário de Sá-Carneiro e de tantos outros, pintores, poetas, escritores, lhe arrancaram repetidas vezes calorosos louvores" (1951: 14).

<sup>d</sup> É conhecida a importância que que as leituras foram tendo na composição da obra de Pessoa e algumas das recentes aquisições, por exemplo BNP/E3, 644, transcrito neste artigo. Outros testemunhos do recurso à Biblioteca Nacional para a consulta de obras relacionadas com a questão do Sebastianismo encontram-se, por exemplo, em 144Q-4<sup>r</sup> a 6<sup>r</sup> (PESSOA, 2020: 160-170), em 93-29<sup>r</sup> e 30<sup>r</sup> ou em 144Q-3<sup>r</sup> (PESSOA, 2011b: 303-309).

## DOCUMENTO 7

**Título:** [Carta para revista *Atlantis*].

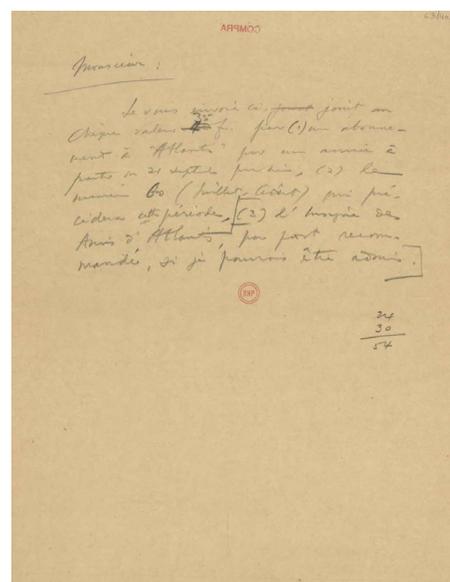
**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 403 [Avulsos 995-996].

**Data:** 1935.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha manuscrita a lápis. Por baixo do esboço de carta para os responsáveis pela *Atlantis*, encontra-se uma conta.



Monsieur:

Je vous envoie ci <joint> joint un chèque valeur <40> [↑ 35] f[rancs] pour (1) un abonnement à “Atlantis” pour un année à partir du 21 septembre prochain, (2) le numéro 60 (juillet, août) qui précédera cette période, [(3) l’Insigne des Amis d’Atlantis, per post[e] recommandée, si je pouvais être admis.]<sup>a</sup>

#### NOTAS

<sup>a</sup> A revista *Atlantis* foi lançada em Outubro de 1927 para ser o órgão editorial da Société d’études atlantéennes, criada pelo ocultista Paul Le Cour e pelo jornalista e romancista Roger Dévigne na Sorbonne, a 24 de Junho de 1926 (cf. LAGRANGE, 2008). De acordo com informações da página oficial, tinha o seguinte programa: “Héritière de l’esprit des sociétés savantes des temps passés, elle avait initialement pour objet l’étude des traditions, en vue d’approcher ce que toutes les civilisations ont appelé la Tradition primordiale, pour permettre une rénovation spirituelle de l’humanité après la tragédie de la Première guerre mondiale” (cf. disponível em linha: <https://www.association-atlantis.org/a-propos>). O documento é datável de 1935, dado que Pessoa se propõe assinar o periódico a partir de 21 de Setembro, correspondendo provavelmente ao número 61, cujo tema era “L’Éthiopie et l’Atlantide”, mas dá também como publicação futura o número anterior, que provavelmente lhe despertou o interesse pela revista, com o tema “Portugal – Açores – Atlantide” (n.º 60, Julho-Agosto de 1935). Juntamente com a assinatura da revista, Pessoa mostrou interesse em adquirir a insígnia dos “Amis d’Atlantis”, grupo descrito deste modo numa nota publicada na própria revista: “Le groupement des ‘Amis d’Atlantis’ ne comporte aucune obligation. Les ‘Amis d’Atlantis’ reçoivent le présent Bulletin; ils participent à des réunions, à des diners avec causerie; ils ont à leur disposition un centre de vacances au bassin d’Arcachon; ils peuvent nous demander de leur procurer des ouvrages, consulter sur place des documents, se rendre de mutuels services, emprunter des ouvrages, etc... | Ils doivent être présentés ou s’être présentés. | Est considérée comme faisant partie des ‘Amis d’Atlantis’ toute personne ayant effectué un versement supplémentaire, ce versement donnant droit à l’insigne sur demande. | Prix de l’insigne seul (le trident de Poséidon or sur azur) : 40 francs”.

## DOCUMENTO 8

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Abonnement “Atlantis”.

**Autor:** Fernando Pessoa.

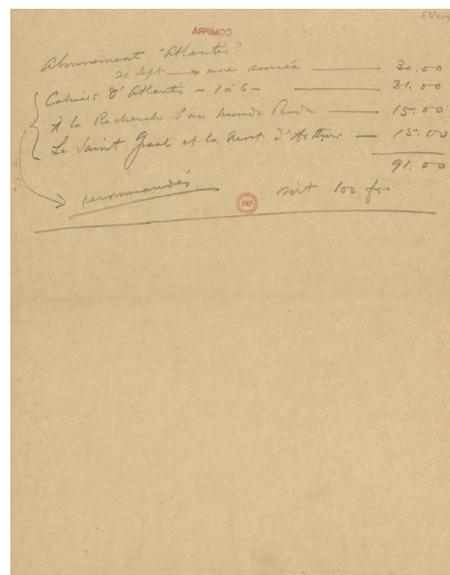
**Cota:** BNP/E3, 404 [Avulsos 997-998].

**Data:** 1935.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha manuscrita a lápis. Suporte afim ao anterior.

+ **Info:** Complementando o documento cotado 403, este documento ajuda a perceber que Pessoa tinha outros interesses relacionados com o tema da Atlântida, mas também com o ciclo mítico do Graal, tema do interesse dos Amis d’Atlantis.



## Abonnement “Atlantis”

	21 Sept[embre] → une année _____	30.00
{	Cahiers d’Atlantis – 1 á 6 <sup>a</sup> _____	31.00
	À la Recherche d’un Monde Perdu _____	15.00
	Le Saint Graal et la Mort d’Arthur <sup>b</sup> _____	15.00
		<u>91.00</u>

→ recommandés

soit 100 fr[ancs]

## NOTAS

<sup>a</sup> Les *Cahiers d’Atlantis* foi uma série de números anuais *hors-série* publicados entre 1929 e 1934, com os seguintes assuntos: *L’Atlantide et la métaphysique occidentale* (1929); *Le message d’Atlantis* (1930); *Le Septième sens: l’Aisthesis* (1931); *Christ ou Bouddha?* (1932); *La Chevalerie – La Queste del Saint-Graal* (1933); *Bourges et les Alchimistes – Le Palais Jacques Cœur et de Jehan Lallemand* (1934).

<sup>b</sup> Pessoa terá também adquirido ou pensado adquirir, nesta fase adiantada da vida, o quarto volume da série *Les romans de la Table Ronde*, do crítico e historiador literário Jacques Boulenger (1879-1944), que incluía os capítulos “Le Saint Graal” e “La Mort d’Arthur” (1923), assim como o primeiro livro de Paul Le Cour, *A la recherche d’un monde perdu. L’Atlantide et ses traditions* (1926; 2.<sup>a</sup> ed. 1931).

## DOCUMENTO 9

**Título:** [Carta de 23 de Maio de 1922].

**Autor:** Fernando Pessoa.

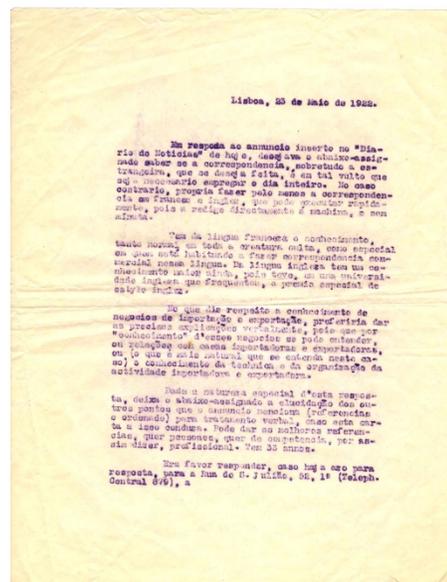
**Cota:** BNP/E3, 405 [antigos Avulsos 384-385].

**Data:** 23 de Maio 1922.

**Publicação:** Em *Pessoa Existe?* (PIZARRO, 2012: 167-169), junto com o recorte de jornal.

**Materiais:** Cópia a químico a tinta roxa de uma resposta dactilografada a um anúncio na imprensa.

+ **Info:** Eis o anúncio: “Correspondencia | PRECISA-SE empregado habilitado para fazer correspondencia em frances, ingles e portugues e que conheça os negocios exportação e importação. Carta indicando habilitações, referencias, idade e ordenado que deseja receber a agencia de anuncios, Rua do Retroseiros, 47, a A.E. 3188”.



**PLISSADOS**  
e à jour  
Rapidez e perfeição  
R. Amparo, 66, 3.º

**Correspondencia**

**Purgações**  
O ÚNICO remédio que he go ao dia no 2 ou 3 dias...  
Suaes—Caldada de Santa Ana, 103 e 64, na Drogeria Central da Praia, 195.

**Quinta**  
MENDIÇA, R. do Barro...  
O juiz sinoseante Antonio Amaro Alca...  
Antonio dos Santos Fernandes

**Professora**  
PRILESA SILVA...  
Rua Augusta, 244...  
Lisboa, a 11 de Maio de 1922.

**Menina**  
QUE vive com admir...  
Rua Augusta, 244...  
Lisboa, a 11 de Maio de 1922.

**Dactilografata**  
COM conhecimentos de...  
Lisboa, a 11 de Maio de 1922.

Lisboa, 23 de Maio de 1922.

Em resposta ao anuncio inserto no “Diario de Noticias” de hoje, desejava o abaixo-assignado saber se a correspondencia, sobretudo a estrangeira, que se deseja feita, é em tal vulto que seja necessario empregar o dia inteiro. No caso contrario, proporia fazer pelo menos a correspondencia em francez e inglez, que pode executar rapidamente, pois a redige directamente á machina, e sem minuta.

Tem da lingua franceza o conhecimento, tanto normal em toda a creatura culta, como especial em quem está habituado a fazer correspondencia commercial nessa lingua. Da lingua ingleza tem um conhecimento maior ainda, pois teve, em uma universidade ingleza que frequentou, o premio especial de estylo inglez.<sup>a</sup>

### Diário de Notícias

No que diz respeito a conhecimento de negocios de importação e exportação, preferiria dar as precisas explicações verbalmente, pois que por “conhecimento” d’esses negocios se pode entender, ou relações com casas importadoras e exportadoras, ou (o que é mais natural que se entenda neste caso) o conhecimento da technica e da organização da actividade importadora e exportadora.

Dada a natureza especial d’esta resposta, deixa o abaixo-assignado a elucidação dos outros pontos que e anuncio menciona (referencias e ordenado) para tratamento verbal, caso esta carta a isso conduza. Pode dar as melhores referencias, quer pessoas, quer de competencia, por assim dizer, profissional. Tem 33 annos.<sup>b</sup>

Era favor responder, caso haja azo para resposta, para a Rua de S. Julião, 52, 1ª (Teleph. Central 879), a

### NOTAS

<sup>a</sup> Na célebre “Tábua Bibliográfica”, publicada no número 17 da *Presença* (1928), PESSOA valorizara bastante este prémio, conferindo-lhe o estatuto de primeiro elemento merecedor de destaque, logo depois da data de nascimento: “Nasceu em Lisboa, em 13 de Junho de 1888. Foi educado no Liceu (HIGH SCHOOL) de Durban, Natal, África do Sul, e na Universidade (ingleza) do Cabo de Boa Esperança. Nesta ganhou o prémio Rainha Victória de estylo inglez; foi em 1903 – o primeiro anno em que esse prémio se concedeu”.

<sup>b</sup> Pessoa, nascido a 13 de Junho de 1888, tinha nesta altura quase trinta e quatro anos. Cf. a certidão de nascimento de Pessoa, incluída entre os documentos adquiridos junto da família (BNP/E3, 610-611).

## DOCUMENTO 10

**Título:** [Carta de 4 de Dezembro de 1924].

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 420 [antigos Avulsos 396-397].

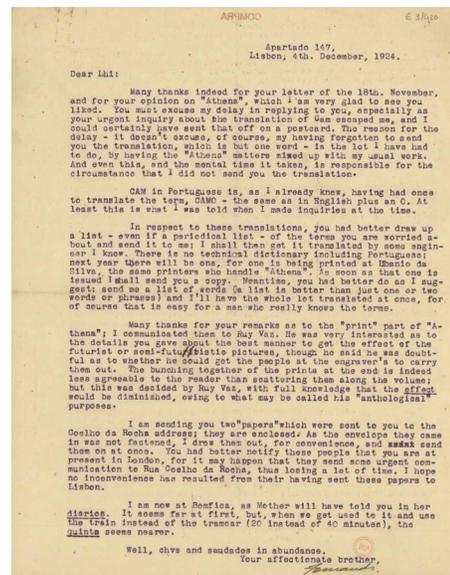
**Data:** 4 de Dezembro 1924.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta roxa e assinada no fim.

+ **Materiais:** Não se conserva um envelope.

+ **Info:** Sobre Lhi, cf. BNP/E3, 421, 422, 481, 482. Sobre Ruy Vaz, cf. BNP/E3, 484. Vaz esteve envolvido na direcção artística do décimo número da *Contemporânea*, com António Ferro na direcção literária (Março de 1924). Pouco depois, figurou ao lado de Pessoa como director da *Athena* (1924-1925).



Apartado 147,  
Lisbon, 4th. December, 1924.

Dear Lhi:<sup>a</sup>

Many thanks indeed for your letter of the 18th. November, and for your opinion on “Athena”<sup>b</sup>, which I am very glad to see you liked. You must excuse my delay in replying to you, especially as your urgent inquiry about the translation of Cam escaped me, and I could certainly have sent that off on a postcard. The reason for the delay – it doesn’t excuse, of course, my having forgotten to send you the translation, which is but one word – is the lot I have had to do, by having the “Athena” matters mixed up with my usual work. And even this, and the mental time it takes, is responsible for the circumstance that I did not send you the translation.

CAM in Portuguese is, as I already knew, having had once to translate the term, CAMO – the same as in English plus an O. At least this is what I was told when I made inquiries at the time.

In respect to these translations, you had better draw up a list – even if a periodical list – of the term you are worried about and send it to me; I shall then get it translated by some engineer I know. There is no technical dictionary including Portuguese; next year there will be one, for one is being printed at Libanio da Silva, the same printers who handle “Athena”<sup>c</sup>. As soon as that one is issued I shall send you a copy. Meantime, you had better do as I suggest: send me a list of words (a list is better than just one or two words or phrases) and I’ll have the whole lot translated at once, for of course that is easy for a man who really knows the terms.

Many thanks for your remarks as to the “print” part of “Athena”; I communicated them to Ruy Vaz<sup>c</sup>. He was very interested as to the details you gave about the best manner to get the effect of the futurist or semi-futurist pictures,

though he said he was doubtful as to whether he could get the people at the engraver's to carry them out. The bunching together of the prints at the end is indeed less agreeable to the reader than scattering them along the volume; but this was decided by Ruy Vaz, with full knowledge that the *effect* would be diminished, owing to what may be called his "anthological" purposes.

I am sending you two "papers" which were sent to you to the Coelho da Rocha address; they are enclosed. As the envelope they came in was not fastened, I drew them out, for convenience, and <sednt> send them on at once. You had better notify these people that you are at present in London, for it may happen that they send some urgent communication to Rua Coelho da Rocha, thus losing a lot of time. I hope no inconvenience has resulted from their having sent these papers to Lisbon.

I am now at Bemfica<sup>e</sup>, as Mother will have told you in her *diarios*. It seems far at first, but we get used to it and use the train instead of the tramcar (20 instead of 40 minutes), the *quinta* seems nearer.

Well, chvs and saudades in abundance.

Your affectionate brother,

Fernando.

#### NOTAS

<sup>a</sup> Luís Miguel Rosa (1900-1975), tratado em família por "Lhi", diminutivo mantido por Pessoa ao longo de toda a vida, conforme se percebe pela correspondência. Terceiro filho de D. Magdalena Nogueira Rosa e de João Miguel Rosa, fixou-se em Londres depois de uma breve estadia em Lisboa, em Abril e Maio de 1920. Formou-se em Engenharia Química, na Universidade de Londres, e desde cedo procurou incentivar o irmão para que se mudasse também para Inglaterra ou, pelo menos, para que organizasse a obra para publicação inglesa, tarefa para a qual chegou a propor-se como eventual agente literário. A confiança de Pessoa na opinião de Luís parece ser corroborada, por exemplo, pelo envio de um exemplar de um exemplar de *Athena* (1924) e, depois, do opúsculo *Defesa e Justificação da Ditadura Militar* (carta datada de 7 de Janeiro de 1929).

<sup>b</sup> *Athena* (1924-1925) foi um dos grandes projectos editoriais de Fernando Pessoa, do qual saíram cinco números entre Outubro de 1924 e Janeiro de 1925. Dirigida por Pessoa e por Ruy Vaz, responsável pela vertente artística, é a revista que dá a conhecer pela primeira vez os heterónimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis, apresentando também vertentes da obra pessoana como o Campos teórico e polémico, o tradutor de poesia anglo-saxónica (Edgar Allan Poe, O. Henry, Walter Pater e poemas da *Greek Anthology*), o editor compulsivo de poetas associados à revista *Orpheu* ou a outros contextos da sua vida pessoal e literária (Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Raul Leal, Luiz de Montalvor, António Botto, Mário Saa, Augusto Ferreira Gomes, Henrique Rosa) ou o centro de uma prática colectiva em torno da ficção heteronímica, neste caso com a participação de Mário Saa no debate entre Pessoa e Campos. Existe um exemplar da revista em linha: <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/0-28>.

<sup>c</sup> A este respeito, cf. o documento BNP/E3, 184 (c. 1924).

<sup>d</sup> Ruy Vaz (1891-1955) foi um artista e ilustrador gráfico com estreita ligação a outros conhecidos artistas plásticos, como José de Almada Negreiros, José Pacheco, Bernardo Marques e Jorge Barradas.

<sup>e</sup> Trata-se da casa em que Pessoa residiu brevemente, entre Outubro ou Novembro de 1919 e Março de 1920, na Avenida Gomes Pereira, Vila Gonçalves de Azevedo, em Benfica.

## DOCUMENTO 11

**Título:** [Carta de 4 de Dezembro de 1931].

**Autor:** Fernando Pessoa.

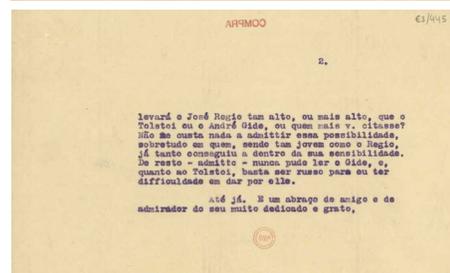
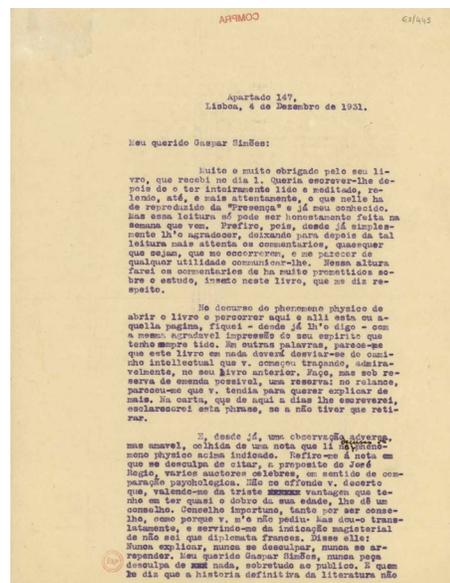
**Cota:** BNP/E3, 445 [antigos Avulsos 524-527].

**Data:** 4 de Dezembro de 1931.

**Publicação:** Publicado por João Gaspar Simões em PESSOA (1957: 87-89) e reproduzida a partir dessa fonte por Enrico Martines (PESSOA, 1998a: 169-170). No aparato genético, lê-se o seguinte: “Não está disponível nenhum testemunho desta carta, transcrita, para completar o diálogo epistolar, tal como foi publicada em *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, 1957, pp. 87-89” (PESSOA, 1998a: 373). Fernanda VIZCAÍNO, em “Quatro cartas de Fernando Pessoa revisitadas” (2017), fac-similou a carta enviada e assinada.

**Materiais:** Duas folhas de papel, de uma cópia a químico, dactilografadas a tinta roxa.

+ **Info:** Martines data a carta de 3 de Dezembro, provavelmente seguindo indicação errada de Gaspar Simões. Reproduz-se neste artigo o documento que serviu de base à edição de Simões e que Martines não conseguiu consultar.



Apartado 147,

Lisboa, 4 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito e muito obrigado pelo seu livro<sup>a</sup>, que recebi no dia 1. Queria escrever-lhe depois de o ter inteiramente lido e meditado, relendo, até, e mais attentamente, o que nelle ha de reproduzido da “Presença” e já meu conhecido. Mas essa leitura só pode ser honestamente feita na semana que vem. Prefiro, pois, desde já simplesmente lh’o agradecer, deixando para depois da tal leitura mais attenta os commentarios, quaesquer que sejam, que me ocorrerem, e me parecer de qualquer utilidade comunicar-lhe. Nessa altura farei os commentarios de ha muito promettidos sobre o estudo, inserto neste livro, que me diz respeito.

No decurso do phenomeno physico de abrir o livro e percorrer aqui e alli esta ou aquella pagina, fiquei – desde já lh’o digo – com a mesma agradável impressão do seu espirito que tenho sempre tido. Em outras palavras, parece-me que este livro em nada deverá desviar-se do caminho intellectual que v. começou traçando, admiravelmente, no seu livro anterior. Faço, mas sob reserva de emenda possivel, uma reserva: no relance, pareceu-me que v. tendia para querer explicar de mais. Na

carta, que de aqui a dias lhe escreverei, esclarecerei esta phrase, se a não tiver que retirar.

E, desde já, uma observação adversa, mas amavel, colhida de uma nota que li no [↑ decurso do] phenomeno physico acima indicado. Refiro-me á nota em que se desculpa de citar, a proposito de José Regio, varios auctores celebres, em sentido de comparação psychologica. Não se offende v. decerto que, valendo-me da triste vantagem que tenho em ter quasi o dobro da sua idade, lhe dê um conselho. Conselho importuno, tanto por ser conselho, como porque v. m'ó não pediu. Mas dou-o translatamente, e servindo-me da indicação magisterial de não sei que diplomata francez. Disse elle: Nunca explicar, nunca se desculpar, nunca se arrepender<sup>b</sup>. Meu querido Gaspar Simões, nunca peça desculpa de nada, sobretudo ao publico. E quem lhe diz que a historia definitiva da literatura não levará o José Regio tam alto, ou mais alto, que o Tolstoi ou o André Gide, ou quem mais v. citasse? Não me custa nada a admittir essa possibilidade, sobretudo em quem, sendo tam joven como o Regio, já tanto conseguiu a dentro da sua sensibilidade. De resto admitto – nunca pude ler o Gide, e, quanto ao Tolstoi, basta ser russo para eu ter dificuldade em dar por elle.

## NOTAS

<sup>a</sup> Trata-se de *O Mistério da Poesia — Ensaios de Interpretação da Génese Poética*, segundo livro de ensaios de João Gaspar Simões. Depois de ter incluído aquele que é o primeiro estudo sobre Pessoa publicado em livro (“Fernando Pessoa”, em *Temas*, 1929), cujo conteúdo foi favoravelmente acolhido por Pessoa e lhe deu uma primeira amostra expressiva do seu reconhecimento junto das novas gerações, Gaspar Simões publicaria no número 29 da *presença* (Novembro-Dezembro de 1930) o ensaio “Fernando Pessoa e as vozes da inocência”, incluído em *O Mistério da Poesia*. A reacção de Pessoa a este segundo ensaio é provavelmente o primeiro testemunho de um desencontro interpretativo entre Pessoa e as teses de Gaspar Simões, estruturantes da futura carreira hermenêutica daquele que seria o primeiro biógrafo do poeta dos heterónimos (cf. PATRÍCIO, 2012: 274-284).

<sup>b</sup> A origem da frase utilizada por Pessoa, segundo o *Oxford Dictionary of Quotations*, poderia ser atribuída a John Arbuthnot Fisher (1841-1920), um dos mais destacados almirantes da Marina Inglesa, considerado um mestre da inovação estratégica. Em carta enviada ao *Times*, a 5 de Setembro de 1919, Fisher teria conjugado um dos versos com que John Anster (1793-1867) traduzira uma passagem da secção “Prelude at the Theatre” (“Vorspiel auf dem Theater”) do *Fausto*, de Goethe (1835) com a frase utilizada por Pessoa, que assinalamos em itálico: “The moment one definitely commits oneself, then providence moves too. All sorts of things occur to help one that would never otherwise have occurred. A whole stream of events issues from the decision, raising in one's favor all manner of unforeseen incidents and meetings and material assistance which no man could have dreamed would have come his way. Whatever you can do or dream you can, begin it. *Boldness has genius, power and magic in it. Begin it now. Never contradict. Never explain. Never apologize*”. No entanto, a frase tem antecedentes, em particular as influentes “Maxims for Statesmen and others”, de Benjamin Jowett (*The Life and Letters of Benjamin Jowett*, vol. II, 1897, p. 78), provavelmente a fonte de Fisher.

## DOCUMENTO 12

**Título:** [Carta de 25 de Janeiro de 1913].

**Autor:** Mário Beirão.

**Cota:** BNP/E3, 453 [antigos Avulsos 410-415].

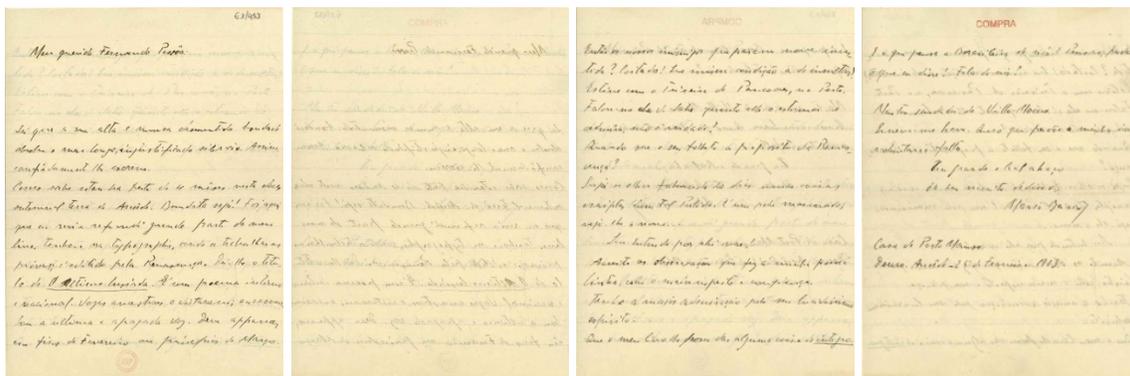
**Data:** 25 de Janeiro de 1913, embora Beirão tenha escrito “Fevereiro”.

**Publicação:** Parcialmente fac-similada e transcrita em NOGUEIRA (2005: 77).

**Materiais:** Um bifólio de papel tenuemente pautado manuscrito a tinta preta.

+ **Materiais:** Conserva-se o envelope da carta, endereçado ao “Ex<sup>mo</sup> Snr | Fernando Pessôa | Rua Passos Manoel, 24 – 3º E. | *Lisbôa*”. Tem selos dos correios dos dias 25 e 26 de Janeiro de 1913.

+ **Info:** Pessoa terá respondido a “1/2/13”, isto é, a 1 de Fevereiro de 1913.



Meu querido Fernando Pessôa:

Sei que a sua alta e nunca desmentida bondade absolve o meu longo, injustificado silencio. Assim, confiadamente lhe escrevo.

Como sabe estou ha perto de 4 mêses nesta doce, outomnal terra de Ancêde. Bemdita seja! Foi aqui que eu revi e refundi grande parte do meu livro. Tenho-o na typographia, ando a trabalhar as provas; é editado pela Renascença. Dei-lhe o titulo de *O Ultimo Lusíada*. É um poema intimo e nacional. Vozes ancestraes o dictaram; eu o escrevi. Sou a ultima e apagada voz. Deve apparecer em fins de Fevereiro ou principios de Março.<sup>a</sup>

Então os nossos inimigos preparam nova investida? Coitados! Que misera condição a de insultar! Estive com o Teixeira de Pascoaes, no Porto. Falou-me de V. Sabe quanto elle o estima e admira, não é verdade?

Quando sae o seu folheto a proposito da Renascença?

Sujei os olhos folheando ha dias umas coisas escriptas dum tal Pulido<sup>b</sup>. É um pobre mascarado; veja-lhe o nome...

Que Entrudo por ahí vae!  
 Aceito as observações que fez á minha poesia Cintra<sup>c</sup>, com o maior respeito e confiança.

Tenho a maior admiração pelo seu lucidissimo espirito.

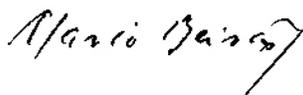
Que o meu livro lhe possa dar alguma coisa de *íntegro*.

E o que pensa a Brasileira de nós? Pensar, perdão, o que eu disse! Fala de nós?

Muitas saudades do Villa-Moura.<sup>d</sup>

Escreva-me breve. Quero que perdõe a minha involuntaria falta.

Um grande e leal abraço  
 do seu muito dedicado,



Casa de Porto Manso.

Douro. Ancêde – 25 de Fevereiro<sup>e</sup>. 1913.

#### NOTAS

<sup>a</sup> Esta indicação temporal reforça a datação da carta.

<sup>b</sup> Domingos Garcia Pulido (1892-1973). Terminou o bacharelato em Direito na Universidade de Coimbra, em 1916. Durante o período em Coimbra, participou em periódicos como *A Rajada: Revista de Critica, Arte e Letras*, dirigida por Afonso Duarte (1912). Publicou em 1912 o livro de crítica à vida intelectual portuguesa, *Rompendo fogo... (A Renascença e o Inquérito)*, provavelmente aquele que é mencionado por Mário Beirão nesta carta. Mais tarde publicou dois livros de poesia, *Nos Braços da Cruz* (1914) e *Fogo Sagrado* (1923), ambos oferecidos a Pessoa, tal como o livro sobre o célebre Inquérito Literário promovido por Boavida Portugal em 1912. Conservador, conviveu com Oliveira Salazar em Coimbra, mantendo ao longo da vida proximidade com o futuro Ministro das Finanças, estatuto que lhe permitiu ser o primeiro director do *Diário da Manhã*, órgão privilegiado da União Nacional (Abril de 1931). A sua relação com Pessoa encontra-se documentada no diário de 1913 (cf. PESSOA, 1966). A entrada de 11 de Março dá a perceber que Pessoa terá combinado com Garcia Pulido o panfleto “Jogo Franco”, em alusão a João Franco, panfleto semanal de carácter “republicano, anti-afonsista, anti-socialista” (PESSOA, 1966: 49). Já numa carta a Garcia Pulido, de 18 de Março, Pessoa promete o seguinte: “Até ao fim d’este mez prepararei os dois primeiros numeros meus. O primeiro d’estes é a ‘Historia Comica’ de que lhe fallei; o segundo deve ser, ou um outro ataque ao Af[fonso] C[osta], ou uma ‘Carta a um Monarchico’ (o titulo é provisorio) [...] N’essa Carta ponho de modo novo o problema politico actual, e mostro a necessidade de ser republicano com argumentos ainda virgens” (114<sup>3</sup>-23<sup>r</sup>; cf. PESSOA, 2013b: 355-357). Em 1923, Garcia Pulido era um dos destinatários dos panfletos de Pessoa (cf. BARRETO, 2016: 640).

<sup>c</sup> O poemeto “Cintra”, dedicado a Teixeira de Pascoaes, foi publicado numa *plaquette* editada pela Renascença Portuguesa em Novembro de 1912 e posteriormente incluído na terceira parte do livro *O Último Lusíada* (1913). Num artigo de Maio de 1974, Pedro da SILVEIRA deu a conhecer cartas inéditas de Teixeira de Pascoaes e de Camilo Pessanha, entre as quais se encontram três de Pascoaes para Mário Beirão datadas de 14 de Setembro, 4 de Outubro e 1 de Dezembro de 1912, nas quais menciona um folheto de Pessoa sobre o Inquérito Literário publicado no jornal *República*, projecto nunca concluído, e agradece o envio de “Cintra” (cf. 1974).

<sup>d</sup> Visconde de Vila-Moura (1877-1935) é o nome pelo qual se celebrou Bento de Oliveira Cardoso e Castro Guedes de Carvalho Lobo, poeta e escritor associado à Renascença Portuguesa. Político, foi

deputado às Cortes da Monarquia Constitucional Portuguesa. Um dos mais representativos exemplos do Decadentismo em Portugal, Vila-Moura notabilizou-se pelas polémicas derivadas da exploração, em romances, novelas e crónicas literárias, de um imaginário relacionado com a homossexualidade e a necrofilia, por exemplo em *Nova Safó* (1912), a sua obra mais conhecida. Foi um dos mais assíduos colaboradores da revista *A Águia*, tendo publicado entre Janeiro de 1912 e 1928, e o autor mais representado na chancela da Renascença Portuguesa, com vinte títulos publicados entre 1913 e 1924. António Cândido FRANCO destaca a independência intelectual de Vila-Moura, destacando-o do quadro ideológico da Renascença Portuguesa: “Assim como assim, esta marca não faz de Vila-Moura uma figura maximamente representativa da Renascença Portuguesa, onde nunca ingressou nos corpos gerentes, e muito menos do seu espírito, já que o ideário do autor, marcado pelo aristocratismo decadentista de Oscar Wilde e pelo tradicionalismo monárquico, não coincide com as raízes libertárias e republicanas da sociedade cultural portuense. Vila-Moura foi por isso um dos raros autores da Renascença Portuguesa que a partir de 1914 manifestou simpatias pelo Integralismo Lusitano, tornando-se colaborador conhecido da revista *Nação Portuguesa*, órgão do movimento” (2008: 896-897). Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, conservam-se dois livros de Vila-Moura, *Nova Sapho* (1912) e *Camilo Inédito* (1913).

e Possível lapso por Janeiro.

## DOCUMENTO 13

**Título:** [Carta de 13 de Agosto de 1935].

**Autor:** Adolfo Casais Monteiro.

**Cota:** BNP/E3, 461 [antigos Avulsos 490-493].

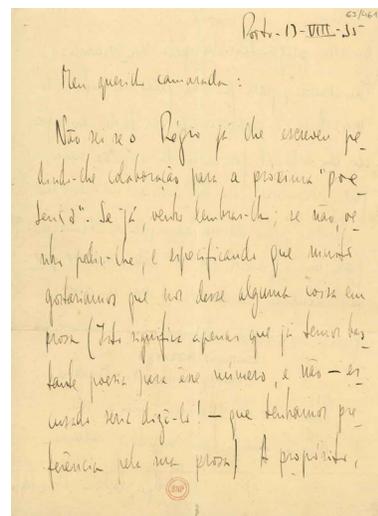
**Data:** 13 de Agosto de 1935.

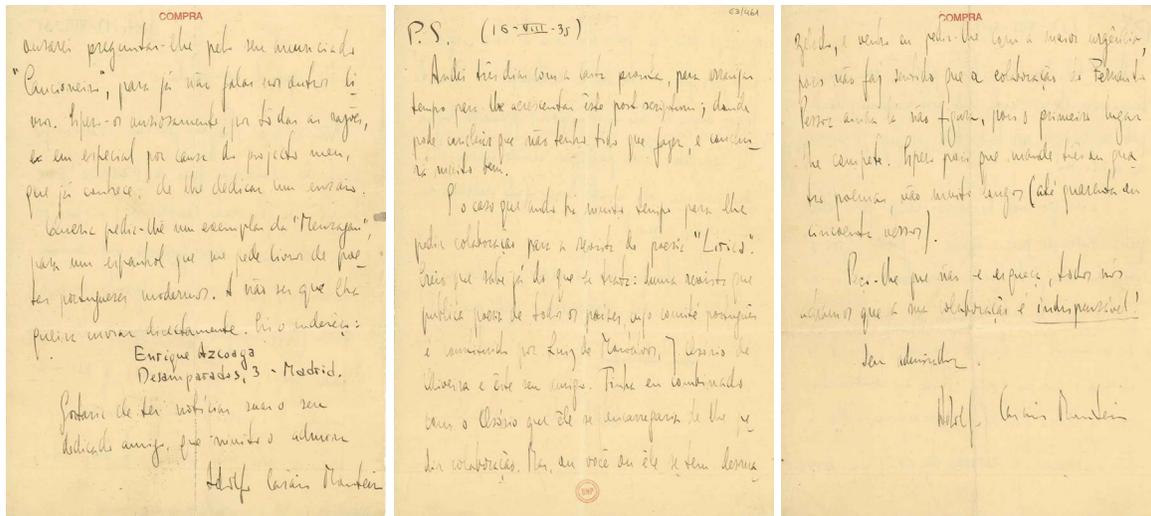
**Publicação:** Fac-similada em *Fernando Pessoa na Intimidade* (FRANÇA, 1987: 352-353) e, parcialmente, em *Fernando Pessoa: Imagens de uma Vida* (NOGUEIRA, 2005: 114).

**Materiais:** Duas folhas manuscritas a tinta preta.

+ **Materiais:** Não se conserva um envelope.

+ **Info:** A carta terá sido enviada pelos correios por volta de dia 16 ou 17 de Agosto de 1935. Não figura nas edições mais conhecidas do epistolário pessoano.





Porto – 13-VIII-35

Meu querido camarada:

Não sei se o Régio já lhe escreveu pedindo-lhe colaboração para a próxima "presença"<sup>a</sup>. Se já, venho lembrar-lhe; se não, venho pedir-lhe, e especificando que muito gostaríamos que nos desse alguma coisa em prosa (Isto significa apenas que já temos bastante poesia para êsse número, e não – escusado seria dizê-lo – que tenhamos preferência pela sua prosa). A propósito, ousarei perguntar-lhe pelo seu anunciado "Cancioneiro", para já não falar nos outros livros<sup>b</sup>. Espero-os ansiosamente, por tôdas as razões, e em especial por causa do projecto meu, que já conhece, de lhe dedicar um ensaio.

Queria pedir-lhe um exemplar da "Mensagem", para um espanhol que me pede livros de poetas portugueses modernos. A não ser que lha queira enviar directamente. Eis o endereço:

Enrique Azcoaga<sup>c</sup>  
Desamparados, 3 – Madrid.

Gostaria de ter notícias suas o seu dedicado amigo, que muito o admira

Adolfo Casais Monteiro

P.S. (16-VIII-35)

Andei três dias com a carta pronta, para arranjar tempo para lhe acrescentar êste post-scriptum; donde pode concluir que não tenho tido que fazer, e concluirá muito bem.

É o caso que ando há muito tempo para lhe pedir colaboração para a revista de poesia “Lírica”<sup>d</sup>. Creio que sabe já do que se trata: duma revista que publica poesia de todos os países, cujo comité português é constituído por Luiz de Montalvor, J. Osório de Oliveira<sup>e</sup> e êste seu amigo. Tinha eu combinado com o Osório que êle se encarregaria de lhe pedir colaboração. Mas, ou você ou êle se tem desmazelado, e venho eu pedir-lhe com a maior urgência, pois não faz sentido que a colaboração do Fernando Pessoa ainda lá não figure, pois o primeiro lugar lhe compete. Espero pois que mande três ou quatro poemas, não muito longos (até quarenta ou cinquenta versos).

Peço-lhe que não se esqueça; todos nós achamos que a sua colaboração é *indispensável!*

Seu admirador,



#### NOTAS

<sup>a</sup> Esta carta de Adolfo Casais Monteiro deve ser lida em relação com a última carta de José Régio para Fernando Pessoa, datada de 9 de Junho de 1935, na qual Régio se refere ao facto de Pessoa não ter publicado “no número anterior” da *presença* (provavelmente o número 44, de Abril de 1935) e convida Pessoa para participar no seguinte: “O Fernando Pessoa não consentirá que suceda o mesmo com êste, pelo menos tenho essa esperança quási como certeza (ou antes: como certeza) e portanto cá fico esperando e desde já me atrevo a agradecer a sua colaboração” (PESSOA, 1998a: 84). Deve, contudo, lembrar-se que as observações de Régio não são exactas, dado que a ausência de Pessoa na revista coimbrã remontava já ao número 41-42, de Maio de 1934, no qual se publicou “Eros e Psique”. A 25 de Outubro, Casais Monteiro voltou a lembrar os convites para que Pessoa colaborasse com a revista *Lírica* e com a *Presença* (p. 169), conhecendo-se um rascunho de uma carta de Pessoa na qual se anunciava a decisão de não voltar a publicar em periódicos portugueses, devido aos desenvolvimentos no projecto censório do Estado Novo de Salazar (p. 182).

<sup>b</sup> O *Cancioneiro* foi um dos muitos projectos idealizados por Pessoa ao longo das décadas. Como Manuela Parreira da SILVA lembra, em “Cancioneiro”, no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (2008: 131-132), esse título ocorre em diversos projectos editoriais. Um que figura em 48B-25, dá a entender que esse volume seria para reunir “as simples canções”, ficando para outros livros – como *Itinerário* ou *Poemas Portuguezes* – poemas de outra natureza. Parreira da Silva sintetiza a complexidade desses planos: “Em vários outros planos, encontramos listagens dos poemas que constituiriam o(s) livro(s), precisando mesmo, um deles, o conteúdo do Livro I (48-35), com a indicação de se tratar de 50 canções, e um outro, o conteúdo dos Livros I e II (48-39). Compulsando essas listagens, feitas certamente em momentos muito diferentes, pode verificar-se que o poeta muda muitas vezes de opinião quanto à inclusão deste ou daquele poema” (p. 131).

<sup>c</sup> Enrique Azcoaga (1912-1985) foi um escritor, poeta e crítico de arte espanhol ligado ao movimento conhecido como Geração de 36. Ganhou o Prémio Nacional de Literatura em 1933, com o livro *Línea y Acento*. A conhecida dedicação de Adolfo Casais Monteiro ao estabelecimento de ligações entre as

gerações poéticas da Península Ibérica ajuda a situar esta ligação a Azcoaga, que teria, nas décadas de 30 e de 40, um percurso afim ao do poeta português, ambos exilando-se da Península por motivos políticos, para se fixarem na América do Sul. Desconhece-se se Pessoa chegou a enviar *Mensagem* ao poeta espanhol ou se terá cedido algum exemplar para que Casais Monteiro o fizesse.

<sup>d</sup> A revista *Lirica, quaderni della poesia europea ed americana* foi um periódico bimensal publicado pela Degli Orfini, de Génova, entre Junho de 1934 e Outubro de 1938. O conselho directivo da revista era constituído por Giovanni Battista Angioletti, Filippo Burzio, Aldo Capasso, Elpidio Jenco, Carlo Linati, Giuseppe Ravegnani e Giovanni Titta Rosa, tendo como principal propósito, na formulação da própria revista, que deixa antever muitas das circunstâncias políticas e sociais do contexto imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial, dar a conhecer ao público italiano o essencial da poesia “nelle parti del mondo abitate da uomini di razza bianca”. A revista deu grande atenção a muitos dos grandes escritores italianos da época (Umberto Saba, Nicola Moscardelli, Filipp De Pisis, Ada Negri, Titta Rosa, Luigi Pirandello, entre outros) e procurou publicar poetas de diferentes nacionalidades em tradução para italiano. Como Enrico Martines assinala, são poucas as informações disponíveis sobre o periódico (PESSOA, 1998a: 269).

<sup>e</sup> José Osório de Oliveira (1900-1964) foi um importante jornalista e ensaísta, com um projecto amplo de constituição de um ideal nacionalista português e sobretudo lusófono, em que devem situar-se o seu interesse pela literatura brasileira e o pioneiro esforço de divulgação da literatura africana de expressão portuguesa. A sua visão mítica do nacionalismo português remonta pelo menos aos tempos do Sidonismo (o seu irmão, João de Castro Osório, publicou em 1919 um *Manifesto Nacionalista* e prefaciou em 1924 uma recolha de discursos e alocações de Sidónio Pais, *Um Ano de Ditadura*, cujo exemplar oferecido a Pessoa apresenta bastante marginalia. São vários os contextos em que interagiu com Pessoa, merecendo principal destaque o projecto da revista *Descobrimento* (1931-1932), dinamizado em parceria com o irmão, Castro Osório, e em que Pessoa colaborou com trechos do *Livro do Desassossego*, tendo também sido publicado um excerto de uma carta de Pessoa para Osório de Oliveira, datada de 23 de Outubro de 1932, na qual o poeta faz ampla menção a Paulino de Oliveira, o pai dos dois directores da *Descobrimento* (BNP/E3, 72-24 e 25); cf. SOUSA (2021b). Também em 1932, Pessoa respondeu a um inquérito de Osório de Oliveira sobre os livros que mais o haviam marcado, numa carta datada de 8 de Abril de 1932 (BNP/E3, 72-52 e 53). Na biblioteca particular de Fernando Pessoa, encontram-se exemplos dos livros que Osório de Oliveira dedicou ao seu programático nacionalismo cultural, como *Literatura Brasileira* (1926; CFP 8-393), *Espelho do Brasil* (1933; CFP 8-394) e *Psicologia de Portugal* (1934; CFP 8-395). Ao longo das décadas de 40 e de 50, esse projecto adensou-se, com aproximações ao nacionalismo do Estado Novo e às teses luso-tropicalistas, com livros como *Poesia de Cabo Verde* (1944), *Literatura Africana, Antologia* (1944), *Exame da Vida Portuguesa* (1944), *Visão da Literatura Portuguesa* (1946), *Panorama da Literatura Portuguesa* (1947), *Contribuição Portuguesa para o Conhecimento da Alma Negra* (1952), *Uma Acção Cultural em África* (1954), *As Ilhas Portuguesas de Cabo Verde* (1955). *Visão Incompleta de Meio Século de Literatura Portuguesa* (1955).

DOCUMENTO 14

Título: [Carta de 29 de Abril de 1916].

Autor: Guilherme de Santa Rita (Santa Rita Pintor).

Cota: BNP/E3, 564 [antigos Avulsos 398-401].

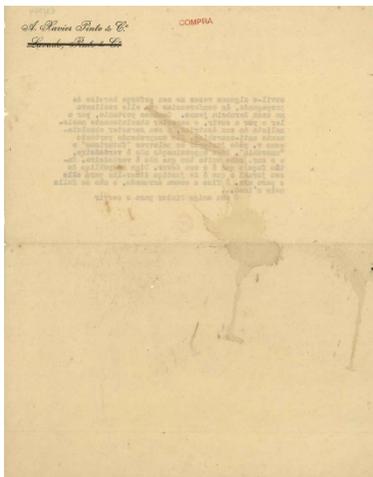
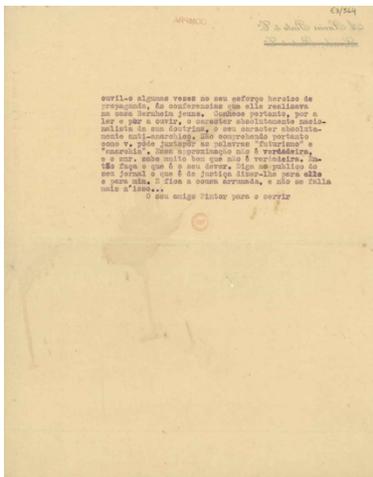
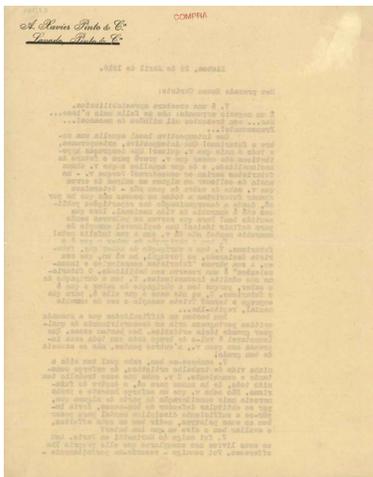
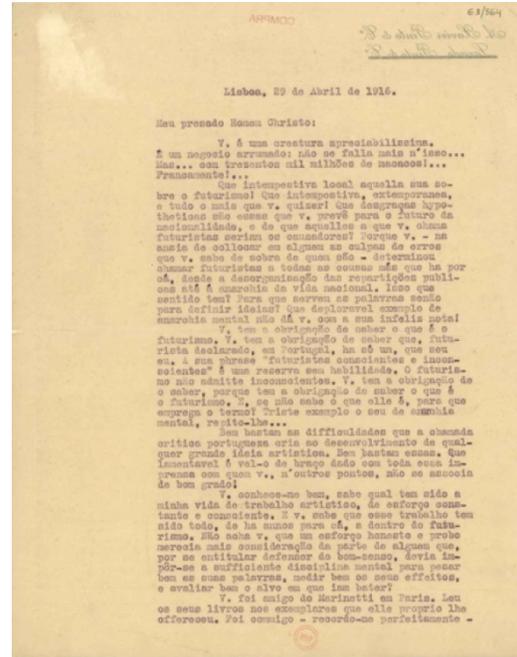
Data: 29 de Abril de 1916.

Publicação: Figura no volume *Sensacionismo e Outros Ismos* (PESSOA, 2009: 408-409).

Materiais: Duas folhas de papel dactilografadas a tinta roxa. No verso figuram os timbres das firmas Lavado, Pinto & C.ª (riscado) e A. Xavier Pinto & C.ª.

+ Materiais: Fernando Pessoa terá enviado cartas em folhas timbradas da firma A. Xavier Pinto & C.ª principalmente entre 1915-1916 (ver: *Fernando Pessoa: Empregado de Escritório*, de J. Rui de SOUSA, 1985: 18).

+ Info: Não sabemos qual foi a participação exacta que Pessoa teve na elaboração desta carta de Santa Rita Pintor, mas foi dactilografada em papel das duas firmas referidas e numa das máquinas de escrever que tinha disponíveis.



Lisboa, 29 de Abril de 1916.

Meu presado Homem Christo:

V. é uma creatura apreciabilissima<sup>a</sup>. É um negocio arrumado: não se falla mais n'isso... Mas... com trezentos mil milhões de macacos!... Francamente!...

Que intempestiva local aquella sua sobre o futurismo! Que intempestiva, extemporanea, e tudo o mais que v. quizer! Que desgraças hypotheticas são essas que v. prevê para o futuro da nacionalidade, e de que aquelles a que v. chama futuristas seriam os causadores? Porque v. – na ansia de collocar em alguém as culpas de erros que v. sabe de sobra de quem são – determinou chamar futuristas a todas as cousas más que ha por cá, desde a desorganisação das repartições publicas

até á anarchia da vida nacional. Isso que sentido tem? Para que servem as palavras senão para definir ideias? Que deploravel exemplo de anarchia mental não dá v. com a sua infeliz nota!<sup>b</sup>

V. tem a obrigação de saber o que é o futurismo. V. tem a obrigação de saber que, futurista declarado, em Portugal, ha só um, que sou eu. A sua phrase “futuristas conscientes e inconscientes” é uma reserva sem habilidade. O futurismo não admite inconscientes. V. tem a obrigação de o saber, porque tem a obrigação de saber o que é o futurismo. E, se não sabe o que elle é, para que emprega o termo? Triste exemplo o seu de anarchia mental, repito-lhe...

Bem bastam as difficuldades que a chamada critica portugueza cria ao desenvolvimento de qualquer grande ideia artistica. Bem bastam essas. Que lamentavel é vel-o de braço dado com toda essa imprensa com quem v., n’outros pontos, não se associa de bom grado!

V. conhece-me bem, sabe qual tem sido a minha vida de trabalho artistico, de esforço constante e consciente. E v. sabe que esse trabalho tem sido todo, de ha annos para cá, a dentro do futurismo. Não acha v. que um esforço honesto e probó merecia mais consideração da parte de alguém que, por se intitular defensor do bom-senso, devia impôr-se a sufficiente disciplina mental para pesar bem as suas palavras, medir bem os seus efeitos, e avaliar bem o alvo em que iam bater?

V. foi amigo do Marinetti em Paris. Leu os seus livros nos exemplares que elle proprio lhe offereceu. Foi commigo – recorde-me perfeitamente – ouvil-o algumas vezes no seu esforço heroico de propaganda, ás conferencias que elle realisava na casa Bernheim jeune.<sup>c</sup> Conhece portanto, por a ler e por a ouvir, o character absolutamente nacionalista da sua doutrina, o seu character absolutamente anti-anarchico. Não comprehendo portanto como v. pôde juxtapôr as palavras “futurismo” e “anarchia”. Essa approximação não é verdadeira, e o snr. sabe muito bem que não é verdadeira. Então faça o que é o seu dever. Diga ao publico do seu jornal o que é de justiça dizer-lhe para elle e para mim. E fica a cousa arrumada, e não se falla mais n’isso...

O seu amigo Pintor para o servir

#### NOTAS

<sup>a</sup> Homem Cristo Filho (1892-1928), filho de Francisco Manuel Homem Cristo, foi um grande polemista do final do século XIX. Defendeu os seus ideais próximos do anarquismo em periódicos como *O Povo de Aveiro*. Personalidade singular no contexto português da época, reconhecido por uma inteligência precoce, frequentou muito novo o curso de Direito, em Coimbra, que deixou por concluir na altura em que enveredou pelo jornalismo através do jornal *A República*. Tal como o pai, começou por estar associado ao movimento anarquista, sendo forçado a exilar-se no Brasil (1907), em Espanha e em França (1909), fixando-se em Paris e enveredando por um radicalismo monárquico contrário à sua filiação republicana juvenil. Notabilizou-se pelo pendor polémico dos seus comentários políticos e pelo radicalismo nacionalista das suas teorias, expressas em efémeras publicações como o jornal *Restauração* (1914), a revista *A Ideia Nacional* (Maio de 1915-Junho de 1916) ou o diário *A Informação* (1926), na sua aproximação ao Sidonismo, evidente por exemplo no livro *Les Porte Flambeaux*, de que se conserva um exemplar na Biblioteca particular de Fernando Pessoa (CFP 3-96), na sua colaboração

com representantes da extrema-direita francesa, como Paul de Cassagnac e Paul-Julien de Cassagnac (publicou o texto “La Contre-Révolution. Série de Pamphlets” no jornal *Autorité*, dirigido pelos Cassagnac) ou finalmente na sua aproximação a Mussolini, sobre quem escreveu *Mussolini Bâtisseur d’Avenir* (1923), e ao regime saído do 28 de Maio de 1926 (cf. *Singular Vida de Homem Cristo Filho* de GONÇALVES; GONÇALVES, 1972: *passim*). Em todos esses periódicos publicou com o seu nome ou recorrendo apenas às iniciais HCF e a pseudónimos como Alithinos e Libertador. Numa carta de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa, datada de 24 de Dezembro de 1915, a atmosfera cosmopolita em que vivia é assinalada: “Estive ontem em casa do Homem Cristo, Filho, que soube da minha estada em Paris e me escreveu pedindo p[ar]a eu ir a sua casa. [...] Mais uma vez *Orfeu* mundial, pois o H[omem] Cristo contou á assistência o barulho da revista, fez circular o nº 1 (único que tem) etc. Como sempre o H[omem] C[risto] vive em casa atapetada, com telefone, chauffage central, telefone e cigarros de luxo. [...] Mas ergue-se na verdade em Europa esta figura do Homem Cristo Filho, nascido em Aveiro!...” (SÁ-CARNEIRO, 2015: 441). Teve uma ligação mais próxima com Almada Negreiros, que conheceu e apoiou em Paris, tendo colaborado em *A Ideia Nacional*, por exemplo na polémica capa de 20 de Abril de 1916, “Semana Sancta”. A ruptura entre Homem Cristo e modernistas como Almada, Pacheco ou Santa-Rita Pintor deu-se, contudo, sete dias depois de publicada essa capa, em virtude da nota crítica do Futurismo, a que Santa-Rita se refere nesta carta.

<sup>b</sup> No dia 27 de Abril de 1916, Homem Cristo FILHO publicou, com as iniciais HCF, o seguinte texto intitulado “Ás armas, soldados do bom senso!”: “Desordem na politica, na litteratura, nos costumes, nas artes, nas industrias e no commercio, desordem geral em todas as manifestações da vida portugueza. | O futurismo, sem que nem nós nem ele dêssemos por isso invadiu e domina tudo, desde os cerebros dos governantes e as repartições do Estado até aos aspectos mais particulares da vida individual. | Novos arautos da anarchia, os senhores futuristas escouceiam a grammatica, a geometria, a arithmetica, a moral, a disciplina, os velhos principios immortaes que regem o mundo desde a noite dos séculos, ostentando um orgulho que só póde ser tomado como symptoma iniludível de loucura e um desprezo por todas as conquistas da civilisação e todas as maravilhas do Passado, para que só seria sufficiente castigo a prisão perpetua e o açoite na praça publica. | Fautores da desordem e da revolução, bastardos invejosos do genio creador, iconoclastas impenitentes sem Fé nem Patria, tendo no sangue o vírus desorganizador do mais perfeito individualismo, os futuristas conscientes ou inconscientes, officiaes ou officiosos, celebres ou anonymos que invadiram como uma praga daninha todo o mecanismo da nossa vida social, precisam ser corridos, á gargalhada quando inoffensivos, a chicote quando insolentes e perigosos, do nosso meio já corrompido e infectado por tantos germens de dissolução. | Estamos fartos de palavras loucas. Os futuristas das gerações passadas só encontravam, para lhes fazer frente, velhos de muito saber e boa vontade, mas de energias alquebradas. Felizmente, porém, a taça transbordou e a geração nova resgou, indignada, a bandeira da anarchia, para arvorar, na haste das suas lanças aguerridas, o estandarte victorioso do Bom Senso” (1916).

<sup>c</sup> Bernheim-Jeune era um conjunto de quatro galerias de que eram proprietários os irmãos Josse e Gaston Bernheim. A galeria, desde a abertura em 1906, foi gerida pelo conhecido crítico de arte Félix Fénéon e especializou-se em arte considerada progressiva, sobretudo em torno dos grandes círculos artísticos parisienses, tendo tido acesso privilegiado a artistas como Manet, Van Gogh e Matisse. Desde Outubro de 1911, Marinetti tratou directamente com Fénéon da realização de uma exibição de pintores futuristas (cf. RAINEY, POGGI e WITTMAN, 2009: 11). A exposição, contudo, só decorreu entre 5 e 24 de Fevereiro de 1912, tendo participado Luigi Russolo, Carlo Garra, F. T. Marinetti, Umberto Boccioni e Gino Severini. Como assinala Joshua C. TAYLOR, foi na sequência desse evento que o Futurismo adquiriu a projecção necessária para se expandir em exposições internacionais relevantes, nos anos subsequentes (1961: 41-56; cf. também PEZZINI, 2013).

DOCUMENTO 15

**Título:** [Carta de 14 de julho de 1904] | Sem título.

**Incipit:** Within a room in size immense.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 565 [antigos Avulsos 68].

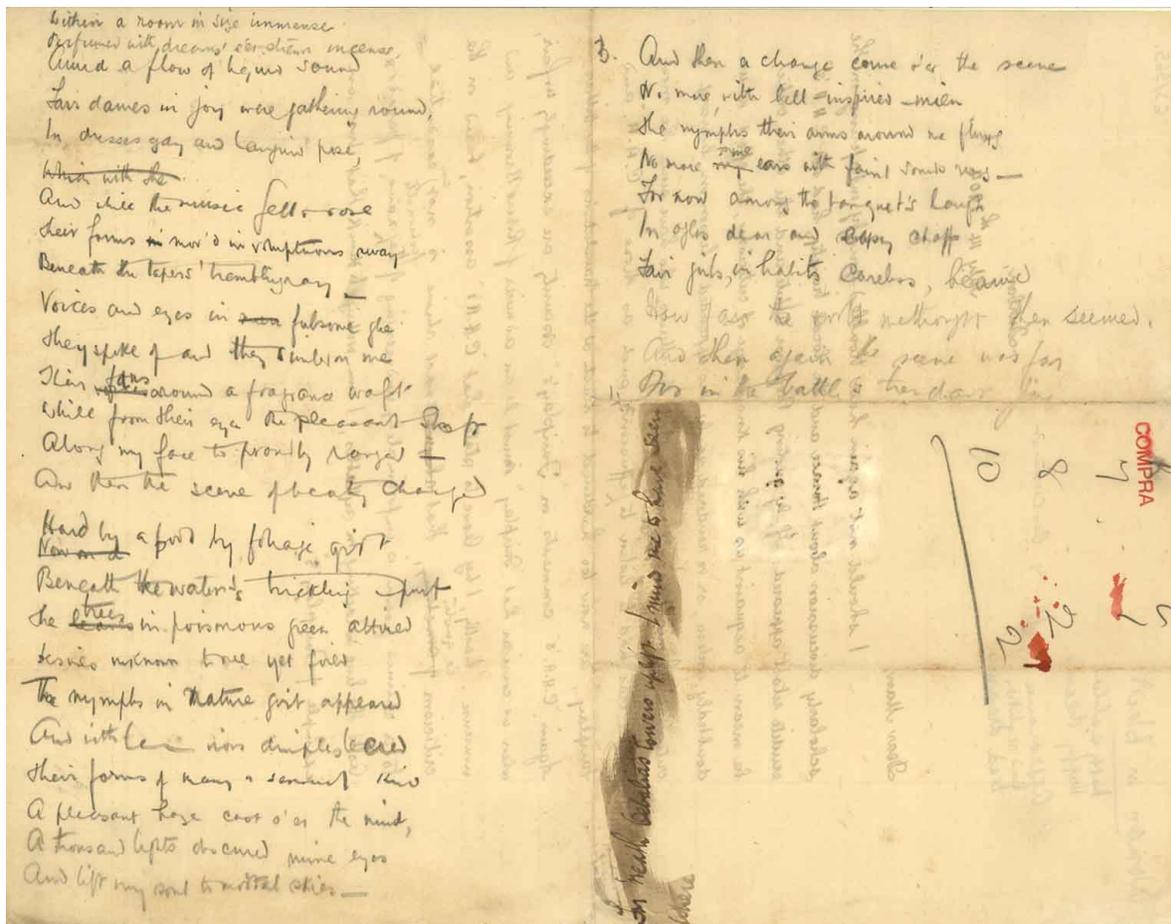
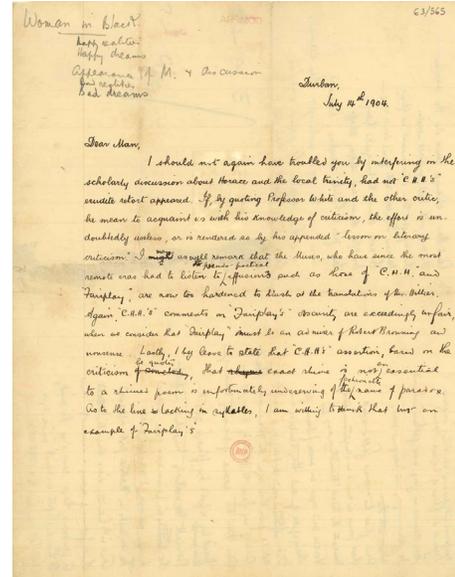
**Data:** 14 de julho de 1904.

**Publicação:** No artigo “Inéditos de um outro espólio” (ZENITH, 2009: 43-47).

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita, quase toda, a tinta preta (no rosto) e a lápis (no verso).

+ **Materiais:** Veja-se, em 565<sup>r</sup>, um esquema a lápis: “Woman in Black | Happy realities | Happy dreams | Appearance of M. & discussion | Bad realities | Bad dreams”.

+ **Info:** Em princípio, o testemunho contido no verso corresponde a um fragmento inédito do referido poema, “Woman in Black”, atribuído em diversos documentos a Alexander Search.



---

Durban, July 14<sup>th</sup> 1904<sup>a</sup>

Dear Man,

I should have not again have troubled you by interfering in the scholarly discussion about Horace and the local trinity, had not “C.H.H.’s”<sup>b</sup> erudite retort appeared. If, by quoting Professor White and the other critic, he mean to acquaint us with his knowledge of criticism, the effort is undoubtedly useless, or is rendered so by his appended “lesson on literary criticism”. I <might> [↑ may] as well remark that the Muses, who have since the remote eras had to listen to listen to [↑ <the> pseudo-poetical] effusions such as those of “C.H.H.” and “Fairplay”, are now too hardened to blush at the translations of Mr. Hillier. Again, “C.H.H.’s” comment on “Fairplay’s” obscurity are exceedingly unfair, when we consider that “Fairplay” must be an admirer of Robert Browning<sup>c</sup> and nonsense. Lastly, I beg leave to state that “C.H.H.’s” assertion, based on the criticism <of somebody> [↑ he quotes], that that <rhyme> exact rhyme is not [↑ an] essential to a rhimed poem is unfortunately underserving of the [↑ fashionable] name of paradox. As to the line <w> lacking in syllables, I am willing to think that but an example of “Fairplay’s”.

---

Within a room in size immense  
 Perfumed with dreams’ e’er-strewn incense,  
 Amid a flow of beyond sound  
 Fair dames in joy were gathering round,  
 In dresses gay and languid pose,  
 <While with the>  
 And while the music fell & rose  
 Their forms <in> mov’d in voluptuous sway  
 Beneath the tapers’ trembling ray —  
 Voices and eyes in <\*men> fulsome glee  
 They spoke of and they smiled on me  
 Their <voices> [↑ forms] around a fragrance waft  
 While from their eyes the pleasant shaft  
 Along my face to proudly ranged —  
 And then the scene of beauty changed  
 <Now on a> [↑ \*Heard] by a pool by foliage girt  
 Beneath the water’s trickling spirt  
 The <leaves> [↑ trees] in poisonous green attired  
 Desires unknown to me yet fired  
 The nymphs in Nature gist appeared  
 And with \*her iron dimples leered

Their forms of many a sensual kind  
 A pleasant haze cast o'er the mind,  
 A thousand thoughts obscured mine eyes  
 And lift<sup>d</sup> my soul to mortal skies —

3.

And then a change came o'er the scene  
 No more with hell inspired mien  
 The nymphs their arms around me flung  
 No more <my> [↑ mine] ears with faint sounds rung —  
 For now among the banquet's laugh  
 In ogles dear and easy chaff  
 Fair girls, in habits careless, beamed  
 How fair the † methought then seemed.  
 And then again the scene was far  
 † in the battle's \*trenchant \*jar.<sup>e</sup>

#### NOTAS

<sup>a</sup> Assim foi apresentada esta carta: “Em 9 de Julho de 1904, Fernando Pessoa, utilizando o nome de C.R. Anon, participou numa polémica espirituosa a propósito da tradução de uma ode horaciana realizada por um tal Sr. Hillier e publicada em *The Natal Mercury*, numa coluna do jornal intitulada ‘Man in the Moon’. Charles Robert Anon, o primeiro pré-heterónimo com uma obra de relevo, enviou ao jornal uma carta, juntamente com oito versos mordazes (a carta e os versos foram transcritos por H.D. Jennings no seu *Os Dois Exílios*, Porto, 1984). A presente carta, se tivesse sido terminada e enviada, teria prolongado a sua participação na animada discussão protagonizada por Hillier, C.H.H. (iniciais do Dr. Hagggar, director da Commercial School, frequentada por Pessoa em 1902-1903) e por alguém que assinava ‘Fairplay’. Note-se o inglês exímio da carta” (ZENITH, 2009: 44).

<sup>b</sup> Charles Henry Hagggar, fundador e responsável da Durban Commercial High School. ZENITH escreve na recente biografia: “Like Wilfrid Nicholas, the headmaster at Durban High, Hagggar was a kind of mentor for Pessoa, but a mentor whose intellectual stimulation was indirect and unintentional. Nicholas was the far better scholar, careful and concentrated, but Hagggar, besides nurturing a sincere interest in literature, actually wrote and published poetry. Unfortunately, C. H. Hagggar, as he invariably signed himself, was a lousy poet, useful to Pessoa only as a negative model—an example of how not to write” (2021: 128).

<sup>c</sup> Robert Browning (1812-1889), poeta dramático, muito influente na época vitoriana. Pessoa tinha dois livros dele na sua biblioteca: *Poems* (1907) e *Poetical Works* (1912).

<sup>d</sup> Forma obsoleta de “lifted”.

<sup>e</sup> Poema transcrito com o apoio de Carlos Pittella.

## DOCUMENTO 16

**Título:** Sem título.

**Incipit [duplo]:** and what art thou | O snr. Faustino Antunes

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 569 [antigos Avulsos 96-97].

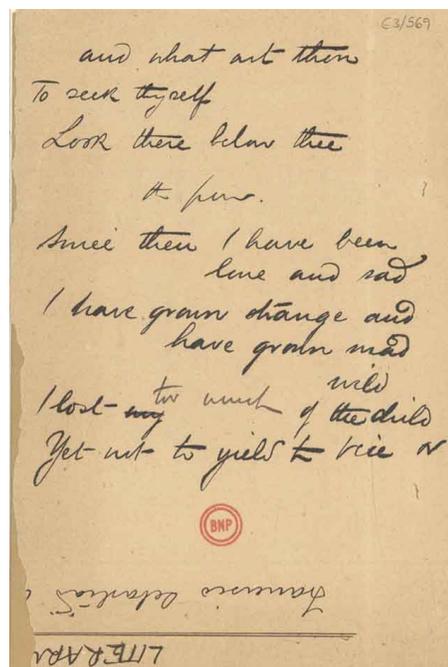
**Data:** c. 1907.

**Publicação:** Veja-se *Eu Sou Uma Antologia*: 136 *Autores Fictícios* (PESSOA, 2013b: 257).

**Materiais:** Uma pequena folha de papel manuscrita a tinta preta.

+ **Materiais:** Lê-se "LITERARI | Francisco Sebastião" na página com versos ingleses.

+ **Info:** Os versos são atribuíveis a Alexander Search, embora não se saiba a qual poema; poderia ser, por exemplo, a um projecto de elegia; cf. "Elegy (on the state of a Child)". Sobre Faustino Antunes, ver PESSOA (2013: 253-258).




---

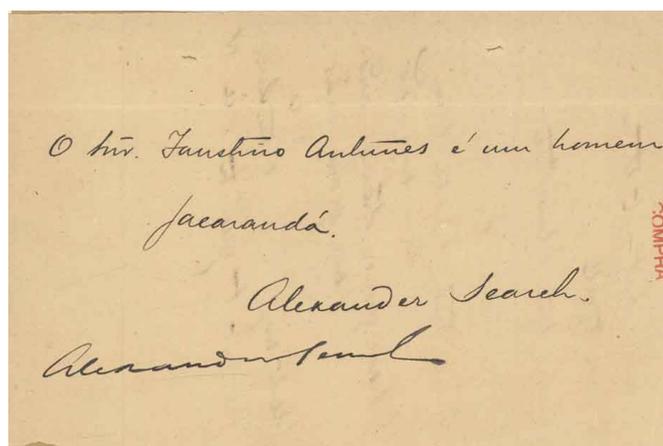
□ and what art thou  
 To seek thyself  
 Look there below thee the power.  
 Since then I have been lone and sad  
 I have grown strange and have grown mad wild  
 I lost <my> [↑ too much] of the child  
 Yet not to yield to vice or

---

O snr. Faustino Antunes é um homem  
 Jacarandá.

Alexander Search

Alexander Search



## DOCUMENTO 17

**Título:** Sem título.

**Incipit:** I heard the carol of the bird.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 576 [antigos Avulsos 100-101].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha dactilografada no rosto a tinta azul e roxa, com quatro versos manuscritos a lápis de carvão.

+ **Materiais** O suporte foi reutilizado; era de uma Agência Mercantil (R. G. Dun?); cf. o verso da folha.

+ **Info:** Este fragmento lírico lembra poemas de Christina Rossetti, como “Who Has Seen the Wind?”.

I heard the carol of the bird  
That in summer thicket heard  
Such melody<sup>a</sup> into night did <into> pour  
As made all human music seem,  
Awhile, the semblance of a dream,<sup>b</sup>  
That made the mind become a sense  
And the sense that sense be more.

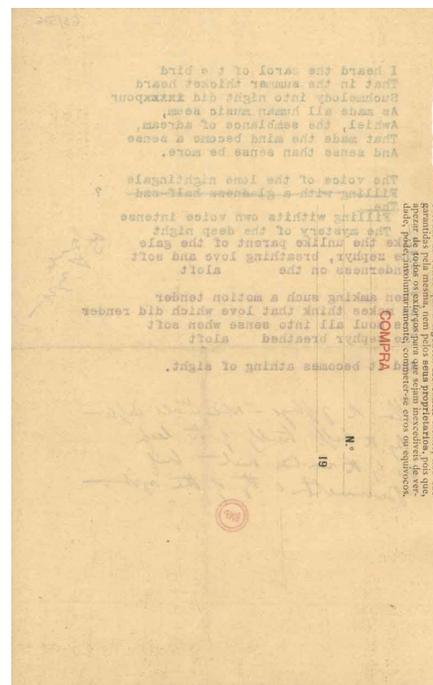
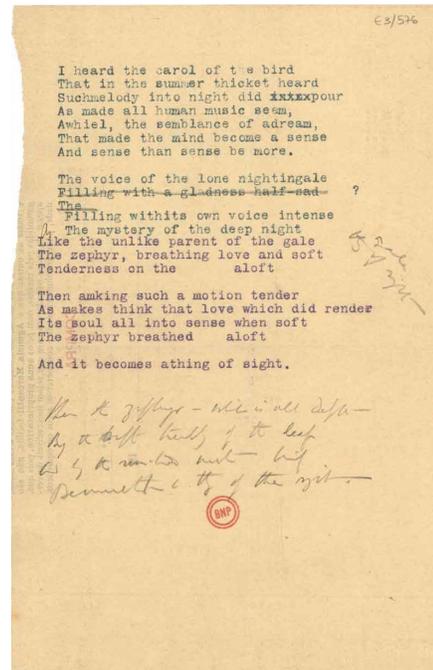
The voice of the lone nightingale  
<Filling with a gladness half-sad> ?  
<The>

Filling with its<sup>c</sup> own voice intense  
The mystery of the deep night  
Like [↑ As] the unlike parent of the gale  
The zephyr, breathing love and soft  
Tenderness on the □ aloft

Then making<sup>d</sup> such a motion tender  
As makes think that love which did render  
Its soul all into sense when soft  
The zephyr breathed □ aloft

And it becomes a thing<sup>e</sup> of sight.<sup>f</sup>

When the zephyr—which is all depth—<sup>g</sup>  
By the soft trembling of the leaf  
And by the \*rosebunds most brief  
Becometh a thing of the sight.



## NOTAS

<sup>a</sup> Suchmelody ] *no original*.

<sup>b</sup> Awhiel, the semblance of adream, ] *no original*.

<sup>c</sup> with its ] *no original*.

<sup>d</sup> amking ] *no original*.

<sup>e</sup> athing ] *no original*.

<sup>f</sup> gale | thing of sight ] *na margem direita*.

<sup>g</sup> depth ] “delight” rima com “sight”, mas parece “depth”.

## DOCUMENTO 18

**Título:** <GOBLIN> [↑ ELF] DANCE | Sem título.

**Incipit [duplo]:** First there was but the moon |  
Nada ha mais complexo.

**Autor:** Fernando Pessoa.

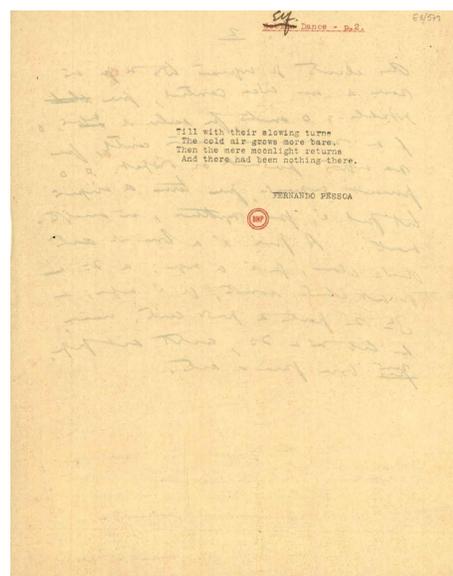
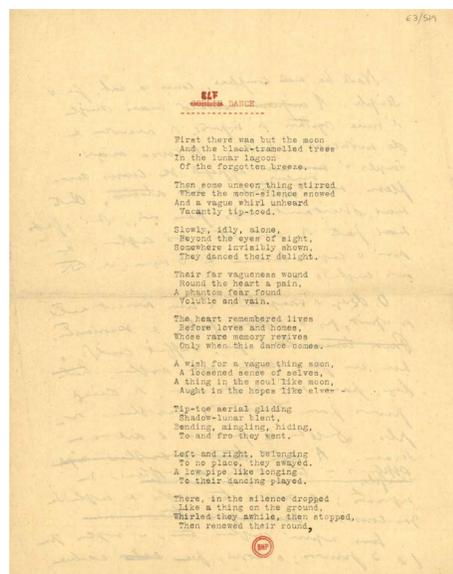
**Cota:** BNP/E3, 579 [antigos Avulsos 0-3].

**Data:** Do poema “Elf Dance”, pertencente a *The Mad Fiddler*, existe um testemunho datado de 20 de Abril de 1917 (BNP/E3, 31A-9<sup>r</sup>), e outros (BNP/E3, 49B<sup>2</sup>-100; 31-10<sup>r</sup> e 11<sup>r</sup>), como este, sem data. O poema será de c. 20-4-1917.

**Publicação:** O poema foi publicado em *Poesia Inglesa*, com organização, tradução e notas de Luísa Freire (PESSOA, 1995: 326-327), e na edição crítica de Marcus Angioni e Fernando Gomes (PESSOA, 1999b: 35-36).

**Materiais:** Duas folhas de papel dactilografadas a tinta preta (no rosto) e manuscritas a lápis (no verso).

+ **Info:** Em 2016, Kenneth David Jackson revelou vários testemunhos de poemas do livro *The Mad Fiddler*. Esses testemunhos faziam parte da colecção privada de Manuela Nogueira; no entanto, este, dactilografado, não figura em “‘The Mad Fiddler’: Unpublished documents” (JACKSON, 2016). Daí que mereça destaque nesta ocasião.



<GOBLIN> [↑ ELF] DANCE

First there was but the moon  
And the black-travelled trees  
In the lunar lagoon returns  
Of the forgotten breeze.

Then some unseen thing stirred  
Where the moon-silence snowed  
And a vague whirl unheard  
Vacantly tip-toed.

Slowly, idly, alone,  
Beyond the eyes of sight,  
Somewhere invisibly shown,  
They danced their delight.

Their far vagueness wound  
 Round the heart a pain,  
 A phantom fear found  
 Voluble and vain.

The heart remembered lives  
 Before loves and homes,  
 Whose rare memory revives  
 Only when this dance comes.

A wish for a vague thing soon,  
 A loosened sense of selves,  
 A thing in the soul like moon,  
 Aught in the hopes like elves –

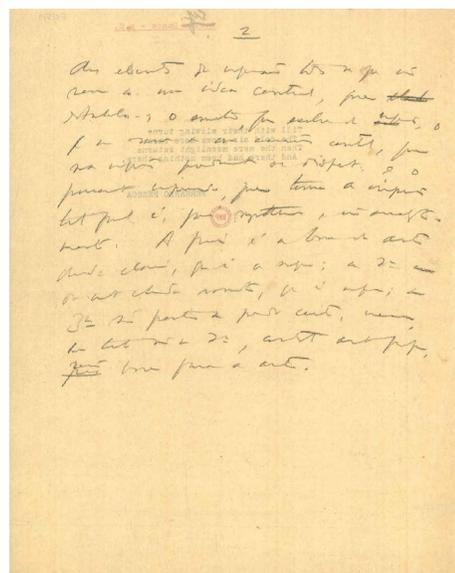
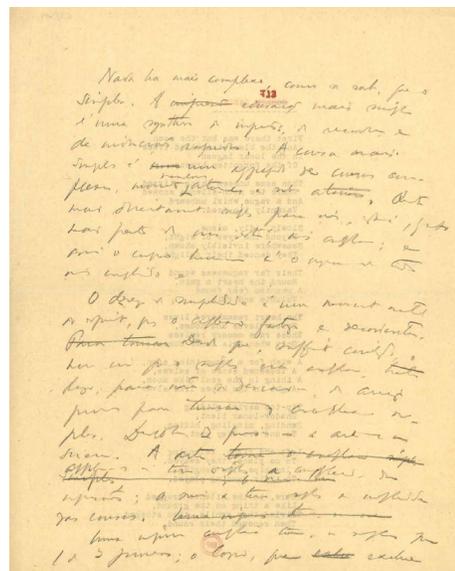
Tip-toe aerial gliding  
 Shadow-lunar blent,  
 Bending, mingling, hiding,  
 To and fro they went.

Left and right, belonging  
 To no place, they swayed.  
 A low pipe, like longing,  
 To their dancing played.

There, in the silence dropped  
 Like a thing on the ground,  
 Whirled they awhile, then stopped,  
 Then renewed their round[→,]

Till with their slowing turns  
 The cold air grows more bare.  
 Then the mere moonlight returns  
 And there had been nothing there.

FERNANDO PESSOA



Nada ha mais complexo, como se sabe, que o simples. A <impressão> sensação mais simples é uma synthese de impressões, de recordações e de inducções rapidas. A coisa mais simples é <uma> um aggregado de cousas complexas, movimentos [↑ \* nenhuns] atomicos e sub atomicos. Quanto mais directamente simples para nós, isto é, quanto mais perto de nós está, mais complexo; e assim o corpo humano é o \*orgão de todos mais \*complicado e □

O desejo de simplicidade é um movimento natural do espírito, pois o complexo fatiga e desorienta. <Para tornar> Desde que, suficiente civilizado, o homem viu que o simples era complexo, tratou logo, para não se desanimar, de arranjar processos para tornar o complexo simples. Descobriu 2 processos – a arte e a sciencia. A arte <torna o complexo simples> <simples □; a sciencia> [↑ applica-se a tornar simples a complexidade das] impressões; a sciencia a tornar simples a complexidade das cousas. <Uma impressão torna-se †>.

Uma impressão complexa torna-se simples por 1 de 3 processos; o logico, que <†> exclue dos elementos da impressão todos os que não servem a uma idea central, que <†> estabelece; o sentido, que exclue da <†> [↑ impressão] o que não serve a uma sensação central, que na impressão predominante se desperta; e o puramente \*imprimido, que torna a impressão tal qual é, porém synthetica e não analyticamente. A primeira é a base da arte chamada clássica, que é a superior; a 2ª da arte chamada romantica, que é inferior; a 3ª ††† certa, †††† a 2ª, constitue arte propria, <†> [↑ senão] base para a arte.

## DOCUMENTO 19

**Título:** Sobre as canções de um louco.

**Incipit:** Porque é que, sem ter razão.

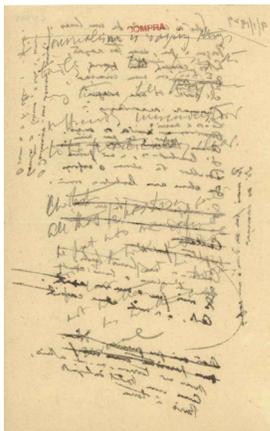
**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 599 [antigos Avulsos 112-113].

**Data:** 9 de Janeiro de 1929.

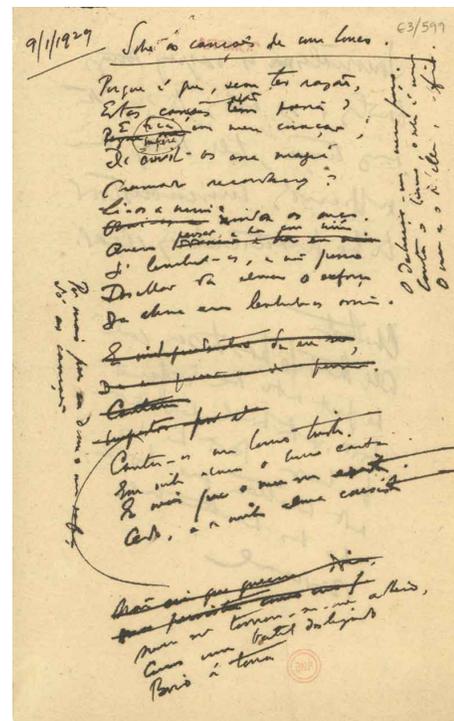
**Publicação:** Poema inédito, embora fac-similado em ZENITH (2009: 44).

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita a tinta preta, no rosto, e a lápis, no verso.



+ **Materiais:** No verso, a lápis, existem duas notas publicadas em *Apreciações Literárias* (PESSOA, 2013a: 99 e 393): (1) "Journalism is saying things badly & so having to say them many times, telling things sufficiently understood to be particularly clear."; (2) "Chesterton | All that he has to say could be put into one defined book, &

the book would not be large. But he has not written one book, he has written \*only several".



*Sobre as canções de um louco.*

Porque é que, sem ter razão,  
Estas canções têm [↑ são] poesia?  
<\*Pezae me> [↑ E fica] [↓ impera] em meu coração,  
De ouvir-as essa magia  
Chamada recordações?

<Ouvi-as> [↑ Li-as a mim e] <a>inda as ouço.  
Quero <e dormir e ha em mim> [↑ pensar e ha em mim].  
Só lebral-as, e não posso  
Descollar da alma o esforço  
Da alma em lebral-as assim

<E independentes de eu ser,>  
<De eu querer ou de eu pensar>  
<Cantam>

<Impostas por †>

Canta-as um louco triste.  
Em minha alma o louco canta  
E mais que o meu ser existe.  
Cedo, e a minha alma consiste  
□

<Não sei que querem dizer,>  
<Mas persistem como \*um \*fim>  
Meu ser tornou-se-me alheio,  
Como um batel deslizando  
Boio á tona □

Por mais que eu dome o meu esforço  
Só as canções □  
O debruçar-me num poço.  
Canta o louco, o sonho é nosso  
O meu e o d'elle, † fim.

## DOCUMENTO 20

**Título:** [Postal de 14 de Setembro de 1911].

**Autor:** Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias.

**Cota:** BNP/E3, 469.

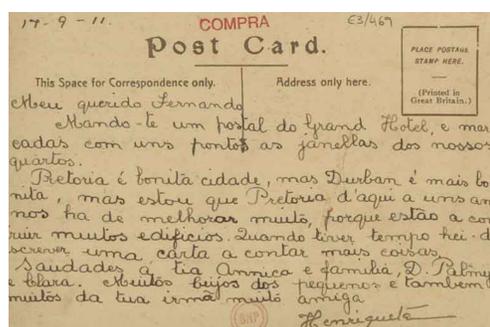
**Data:** 14 de Setembro de 1911.

**Publicação:** Reproduzido em fac-símile em FRANÇA (1987: [124]) e em NOGUEIRA (2005: 72).

**Materiais:** Postal manuscrito a tinta preta.

+ **Materiais:** Postal com ilustração do Grand Hotel de Pretória.

+ **Info:** Esta parece ser a mais antiga das cartas de Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias (1896-1992), do conjunto de quatro cartas que se conservam e que foram adquiridas em 2020 pela Biblioteca Nacional de Portugal. As outras são datadas de 13 de Junho de 1916, de 13 de Junho de 1919 e de 3 de Dezembro de 1928, as duas primeiras enviadas também de Pretória, África do Sul, e a última de Évora. “Lembro-me perfeitamente. Nos chegámos a Pretória precisamente a 12 de Setembro de 1911 depois de uma viagem de comboio que durou cerca de 26 horas. Da gare fomos directamente para o Grande Hotel, em Church Square, no centro da cidade” (Henriqueta, *apud* FRANÇA, 1987: 105)



14-9-11.

Meu querido Fernando

Mando-te um postal do Grand Hotel, e marcadas com uns pontos as janelas dos nossos quartos.

Pretoria é bonita cidade, mas Durban é mais bonita, mas estou que Pretoria d'aqui a uns anos ha de melhorar muito, porque estão a construir muitos edificios. Quando tiver tempo hei-de escrever uma carta a contar mais coisas.

Saudades á tia Annica e familia, D. Palmyra<sup>a</sup> e Clara. Muitos beijos dos pequenos e tambem muitos da tua irmã muito amiga.

Henriqueta

## NOTAS

<sup>a</sup> Cf. “A tia Palmira, uma amiga da avó Anica, que era açoriana e que viveu anos com ela, chamava o Fernando ‘ibis jesuítico’ porque ela dizia às vezes umas graças torcidas” (Helena da Costa Freitas, neta da tia Anica, *apud* FRANÇA, 1987: 115).

## DOCUMENTO 21

**Título:** [Postal de 18 de Fevereiro de 1912].

**Autor:** João Maria Nogueira Rosa.

**Cota:** BNP/E3, 475.

**Data:** 18 de Fevereiro de 1912.

**Publicação:** Fac-similado em NOGUEIRA (2005: 73).

**Materiais:** Postal manuscrito a tinta preta.

+ **Materiais:** Postal com ilustração da nova oficina dos correios de Pretória.

+ **Info:** Esta é a mais antiga de seis cartas enviadas por João (que mais tarde assinaria como John) ao seu irmão Fernando Pessoa. Tal como ocorre com as cartas de Henriqueta, as primeiras (esta e a datada de 13 de Junho de 1919) são enviadas de Pretória, sendo as outras (16 de Dezembro de 1922, 5 de Março de 1934, 31 de Dezembro de 1934 e 10 de Abril de 1935) remetidas de Londres, onde João entretanto se instalara, tal como o outro irmão, Luís. O aniversário de João (1903-1977) ocorreu cerca de um mês antes desta missiva, a 17 de Janeiro.



Pretoria 18-2-1912

Meu querido Fernando

Muito obrigado pelos teus parabens. Mando-te este postal para veres o correio de cá. É bonito?

Muitos beijos do teu irmão muito amigo.

*João*

## DOCUMENTO 22

**Título:** [Carta de 16 de Dezembro de 1922].

**Autor:** João Maria Nogueira Rosa.

**Cota:** BNP/E3, 477.

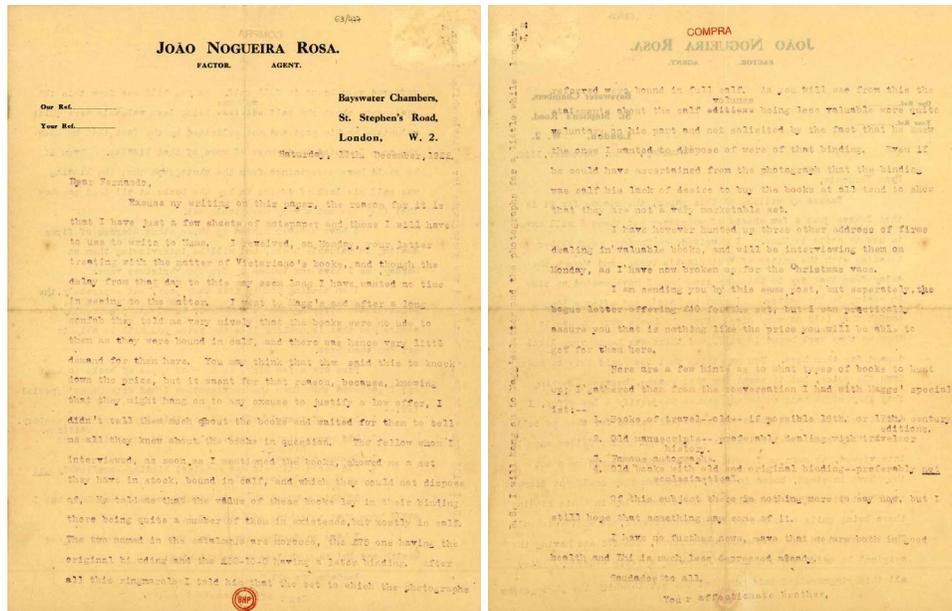
**Data:** 16 de Dezembro de 1922.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha amarelada dactilografada no rosto e no verso.

+ **Materiais:** Folha com a inscrição "JOÃO NOGUEIRA ROSA | FACTOR. AGENT || Bayswater Chambers | St. Stephen's Road | London, W. 2."

+ **Info:** Ver a descrição anterior.



Saturday, 16th. December, 1922

Dear Fernando,

Excuse my writing on this paper, the reason for it is that I have just a few sheets of notepaper and those I will have to use to write to Mums. I received, on Monday, your letter treating with the matter of Victoriano's book, and though the delay from that day to this may seem long I have wasted no time in seeing to the matter. I went to Magg's and after a long confab they told me the very nicely that the books were not so valuable to them as they were bound in calf, and there was hence very little demand for them here. You may think that they said this to knock down the price, but it wasn't for that reason, because, knowing that they might hang on to any excuse to justify a low offer, I didn't tell them much about the books and waited for them to tell me all they knew about the books in question. The fellow whom I interviewed, as soon as I mentioned the books, showed me a set they have in stock, bound in calf, and which they could not dispose of. He told me that the value of these books lay in their binding there being quite a number of them in existence, but mostly in calf. The two named in the catalogue are morocco, the £75 one having the original binding and the £52-10-0 having a later binding. After all this ringmarole [sic] I told him that the set to which the photographs referred were bound in full calf. As you will see from this the statements about the calf editions [↑ volumes] being less valuable were quite voluntary on his part and not solicited by the fact that he knew the ones I wanted to dispose of were of that binding. Even if he could have ascertained from the photograph that the binding was calf his lack of desire to buy the books at all tend to show that they are not a very marketable set.

I have however hunted up three other address of firms dealing in valuable books, and will be interviewing them on Monday, as I have now broken up for the Christmas vacs.

I am sending you by this same post, but separately, the bogus letter offering £40 for the set, but I can practically assure you that is nothing like the price you will be able to get for them here.

Here are a few hints as to what types of books to hunt up; I gathered them from the conversation I had with Maggs' specialist:--

1. Books of travel -- old -- if possible 16th. or 17th. Century editions.
2. Old manuscripts -- preferable dealing with travel or history.
3. Famous autographs.
4. Old books with old and original binding -- preferably *not* ecclesiastical.

Of this subject there is nothing more to say now, but I still hope that something may come of it.

I have no further news, save that we are both in good health and Lhi in much less depressed already.

Saudades to all.

Your affectionate brother,

P. S. I will hang on to Magg's letter and the photographs for a little while longer. J. R.

## DOCUMENTO 23

**Título:** [Postal de 18 de Fevereiro de 1912].

**Autor:** Luís Miguel Nogueira Rosa.

**Cota:** BNP/E3, 481.

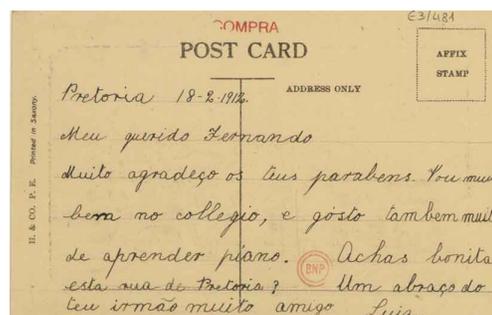
**Data:** 18 de Fevereiro de 1912.

**Publicação:** Fac-similado em NOGUEIRA (2005: 73).

**Materiais:** Postal manuscrito a tinta preta.

+ **Materiais:** Postal com ilustração de Church Street, em Pretória.

+ **Info:** Um de dois postais de Luís (1900-1975) para Pessoa, ambos enviados de Pretória (o outro é datado de 13 de Junho de 1919). O aniversário de Luís, que nas cartas que lhe são dirigidas por Pessoa é referido pelo nome familiar, Lhi, era a 11 de Janeiro.



Pretoria 18-2-1912.

Meu querido Fernando

Muito agradeço os teus parabens. Vou muito bem no collegio, e gosto tambem muito de aprender piano. Achas bonita esta rua de Pretoria?

Um abraço do teu irmão muito amigo

*Luiz*

## DOCUMENTO 24

**Título:** [Postal de 12 de Março de 1917.]

**Autor:** Maria Magdalena Pinheiro Nogueira.

**Cota:** BNP/E3, 483.

**Data:** 12 de Março de 1917.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Postal manuscrito a tinta preta.

+ **Materiais:** Um dos selos dos correios confirma a data manuscrita.

+ **Info:** A carta de Pessoa para a sua mãe, se for de 8 de Março de 1916, ainda não é conhecida. Em *Correspondência* (1902-1922) foram publicadas três cartas, duas datadas de 1914 (5 de Junho de 21 de Novembro) e uma de 20 de Dezembro de 1917, que parece ser um rascunho não enviado e talvez uma resposta a este postal da mãe. Recorde-se que, desde Dezembro de 1915, Magdalena se encontrava debilitada, na sequência de uma trombose que lhe paralisara o lado esquerdo.



Pretoria 12 Março 17.

Meu querido filho.

Recebi ha pouco o teu postal de 8 do passado e fiquei muito contente porque ha já bastante tempo que não tinha noticias tuas, e felizmente ellas foram boas no que te diz respeito. Entristeceu-me saber que a Magdalena tinha estado tão doente, mas graças a Deus, a não ser a magreza, já tudo ia a melhor. Diz ao Mario que lhe enviemos, assim como a sua mulher, m[ui]tos parabens pelos dias 24 do passado e 19 e 28 do corrente. A Teca ainda está no Cabo. Por cá tudo na mesma.

Saudades de todos.

Beijos da tua mãe m[ui]to amiga

*M. Magda*

## DOCUMENTO 25

**Título:** [Carta de 8 de Abril de 1932].

**Autor:** Ruy Vaz.

**Cota:** BNP/E3, 484.

**Data:** 8 de Abril de 1932.

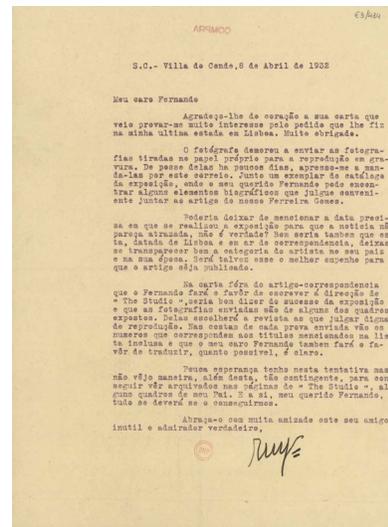
**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha dactilografada a tinta roxa apenas no rosto; assinatura manuscrita.

+ **Materiais:** Não se conserva o envelope.

+ **Info:** Desconhece-se a eventual resposta a esta carta.

Pessoa e Vaz foram directores da revista *Athena* (1924-1925), que teve cinco números. Vaz dirigia a secção dedicada às artes plásticas e à arquitectura.



Meu caro Fernando

Agradeço-lhe do coração a sua carta que veio provar-me muito interesse pelo pedido que lhe fiz na minha ultima estada em Lisboa. Muito obrigado.

O fotógrafo demorou a enviar as fotografias tiradas no papel próprio para a reprodução em gravura. De posse delas ha poucos dias, apresso-me a manda-las por este correio. Junto um exemplar do catálogo da exposição, onde o meu querido Fernando pode encontrar alguns elementos biográficos que julgue conveniente juntar ao artigo do nosso Ferreira Gomes.

Poderia deixar de mencionar a data precisa em que se realizou a exposição para que a noticia não pareça atrasada, não é verdade? Bom seria tambem que esta, datada de Lisboa e em ar de correspondencia, deixasse transparecer bem a categoria do artista no seu paiz e na sua época. Será talvez esse o melhor empenho para que o artigo sêja publicado.

Na carta fóra do artigo-correspondencia que o Fernando fará o favôr de escrever á direcção de "The Studio", seria bom dizer do sucesso da exposição e que as fotografias enviadas são de alguns dos quadros expostos. Delas escolherá a revista as que julgar dignas de reprodução. Nas costas de cada prova enviada vão os numeros que correspondem aos titulos mencionados na lista inclusa e que o meu caro Fernando tambem fará o favôr de traduzir, quanto possível, é claro.

Pouca esperança tenho nesta tentativa mas não vêjo maneira, além desta, tão contingente, para conseguir vêr arquivados nas páginas de "The Studio", alguns quadros de meu Pai. E a si, meu querido Fernando, tudo se deverá se o conseguirmos.

Abraço-o com muita amizade este seu amigo inutil e admirador verdadeiro,

Ruy Vaz

## DOCUMENTO 26

**Título:** [Carta de Outubro de 1912].

**Autor:** Visconde de Vila-Moura.

**Cota:** BNP/E3, 517.

**Data:** Outubro de 1912.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Envelope e bifólio manuscritos ambos a tinta preta.

+ **Materiais:** Alguém anotou no verso do envelope: "Carta dum amigo do Douro Visconde Villa-Moura". Um dos selos sugere a data de 14 de Outubro.

+ **Info:** Bento de Oliveira Cardoso e Castro Guedes de Carvalho Lobo, que assinava com o nome de Visconde de Vila-Moura (1877-1935), começou a colaborar com a revista *A Águia* em Janeiro de 1912, continuando até 1928.



Queridíssimo amigo:  
 Venho dizer-lhe que estou  
 muito grato à sua carta.  
 Os pontos de discordância que  
 elle abor no meu livro.  
 não encarecem a generalidade  
 como que são perigos para a  
 de uma casta e mais, bem mais,  
 de que a maior parte dos médicos  
 tem dito, de um rebelde da  
 medicina propria que lhes tem  
 merecido o título de deuses  
 gonzada interessante, muito in-  
 teressante mesmo, até pleurisy  
 dita alguns. Quase infame, e infame  
 de integridade e castidade de...

COMPRA  
 É certo de meu querido Fernando Terra  
 é um nobre documento de talento,  
 que a verdade e a verdade.  
 Mas o que eu tinha pensado dizer-lhe  
 eu era como sobre o ponto de  
 da obra de Terra, e respeito a outra  
 mostra que a litteraria - visto  
 para além do mais que a crítica  
 talvez...  
 Não, deixe-me aceitar como parte  
 a sua obra, o seu talento, e de  
 resto, deixe-me crer no estado  
 do dos nervos que sustentam  
 com a pessoa, arranca de  
 mi o mundo e o mundo  
 Terra e Terra de "jardim"

que vive para além de mi  
 a casta e quem as restitua  
 de ponto com um grande  
 abraço nas disposições!...

A propósito de discordâncias  
 talo das outras, visto que  
 as mesmas estão ligadas  
 das.  
 Que barbeiros apparecia  
 a de beber a nova pra-  
 ca!  
 e que bello artigo o seu!  
 Os meus melhores  
 respeitos a todos os seus  
 foram para o!  
 Ah, se a maldade por a

si vallesse!  
 meus meus queridos  
 Fernando Terra  
 Manuel e o seu  
 admirador e  
 amigo.  
 Visconde de Villa-Moura  
 Anceão Douro  
 1912 - Outubro  
 P. 1.  
 Muito affecto do meu amigo  
 que tanto a fortuna de ter como  
 hospede. Tem o palado de si, e  
 muita amizade e admiração.  
 Inalteravelmente  
 Villa-Moura

Queridissimo Amigo:

Venho dizer-lhe que estou muito grato á sua carta.

Os pontos de discordia que ella abre no meu livro não escurecem a generosidade com que, em geral, fala d'elle.

A sua carta é mais, bem mais, do que a maior parte das redacções tem dito d'elle – sobretudo da Maria Peregrina, que lhes tem merecido o titulo de *desavergonhada interessante, muito interessante mesmo, até genial* – teem dicto alguns. “Genial e infame,, têm informado. E a isto se tem resumido a critica de *Nova Sapho*.

A carta do meu querido Fernando Pessoa é um nobre documento de talento, generosidade e boa-fé.

Eis o que eu tinha pressa [↑ de] dizer-lhe – eu que, como sabe pelo prelude da *Nova Sapho*, e resposta ao ultimo *Inquerito Litterario* – vivo para alem do meio que a Critica baliza...

Sim, deixe-me acceitar como factos a sua fé, o seu talento; e, de resto, deixe-me crer no elasterio dos nervos que, entendidos com a penna, arrancam de mim o mundo extranho d'essas figuras de “pesadelo,, que vivem para alem de mim a Arte, e quem as restitue. E ponto com um grande abraço nas *discordias!*...

A proposito de discordias. Falo das outras – visto que as nossas estão liquidadas.

Que *barbeiros* appareceram a discutir a nova geração!

E que bello artigo o seu! Os nossos inimigos seriam terriveis senão fossem *parvos!*

Ah! Se a maldade por si só valesse!

Adeus, meu querido Fernando Pessoa.

\*Manda o seu admirador e \*am[ig]o.

*Vizconde de Atalaya*

Ancêde Douro

1912 – Outubro

P.S.

Muitos affectos do Mario Beirão que tenho a fortuna de ter como hospede. Temos falado de V. com muita amizade e admiração.

Fraternalmente seu,

*Vizconde de Atalaya*

## DOCUMENTO 27

**Título:** [Carta de 22 de Maio de 1889].

**Autor:** Joaquim Seabra Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 521.

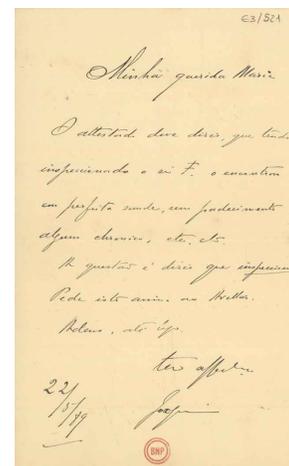
**Data:** 22 de Maio de 1889.

**Publicação:** Publicada em MATOS (1988: 80).

**Materiais:** Envelope e folha manuscritos a tinta preta.

+ **Materiais:** Envelope sem selos nem timbres.

+ **Info:** Uma das mais antigas missivas de Joaquim Pessoa a sua esposa, Maria Magdalena, num total de quarenta e três, enviadas entre 11 de Abril de 1888 e 12 de Julho de 1893. É provável que a carta faça menção a Fernando Pessoa, então com menos de um ano. Esta carta, como as outras de Joaquim, encontram-se publicadas em *Joaquim Seabra Pessoa ou o Engenho Sensível*, estudo de cariz biográfico da autoria de Manuel Cadafaz de Matos que inclui, além das quarenta e três cartas transcritas, uma rigorosa notícia dos textos de crítica musical publicados no *Diário de Notícias*, entre 1876 e 1893, de que são transcritos os textos publicados depois do nascimento de Pessoa. O volume inclui ainda informações sobre o avô paterno de Pessoa, Joaquim António de Araújo Pessoa, e o processo inquisitorial de Sancho Pessoa da Cunha, o mais antigo dos antepassados judeus do poeta (cf. MATOS, 1989: 67-148).



Minha querida Maria

O attestado deve diser, que tendo inspeccionado o sr. F. o encontrou em perfeita saude, sem padecimento algum chronico, etc. etc.

A questão é diser que *inspeccionou*.

Pede isto assim ao Avellar.

Adeus, até logo,

teu affectuoso

22/5/89

## DOCUMENTO 28

**Título:** MATHEMATICA DA CLARIDADE.

**Incipit:** Quando de noite se dorme.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 582.

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha dactilografada a tinta roxa apenas no rosto.

+ **Materiais:** Pode ser uma cópia a químico.

+ **Info:** Futuros estudos poderão propor uma datação crítica e uma análise deste poema, relacionável com outros de temática afim.

---

## MATHEMATICA DA CLARIDADE

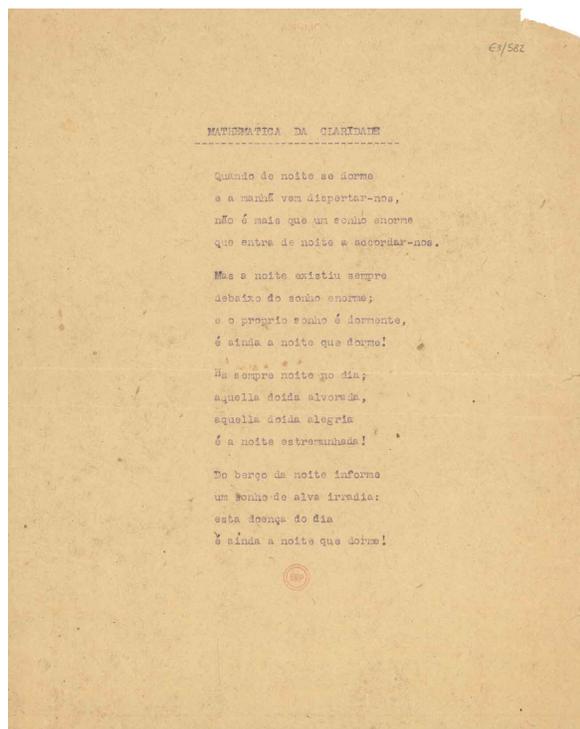
---

Quando de noite se dorme  
e a manhã vem despertar-nos,  
não é mais que um sonho enorme  
que entra de noite a acordar-nos.

Mas a noite existiu sempre  
debaixo do sonho enorme;  
e o proprio sonho é dormente,  
é ainda a noite que dorme!

Ha sempre noite no dia;  
aquella doida alvorada,  
aquella doida alegria  
é a noite estremunhada!

Do berço da noite informe  
um sonho de alva irradia:  
esta doença do dia  
é ainda a noite que dorme!



## DOCUMENTO 29

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Now and again a little band

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 585 [antigos Avulsos 122-125].

**Data:** c. 1907.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Três metades de folha, cortadas ao meio, dactilografadas a tinta azul e a lápis.

+ **Materiais:** Folhas timbradas da firma R. G. Dun & Co, de Barcelona, com presença em Lisboa.

+ **Info:** Versos divididos em três partes, sem data, sem título, sem atribuição.

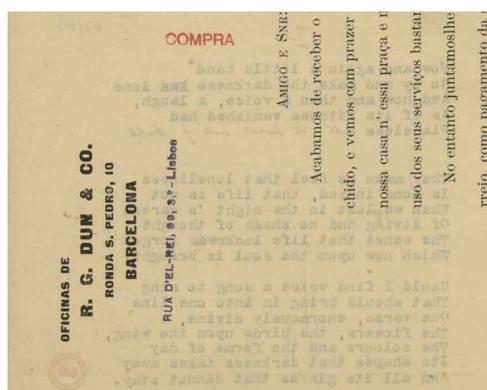
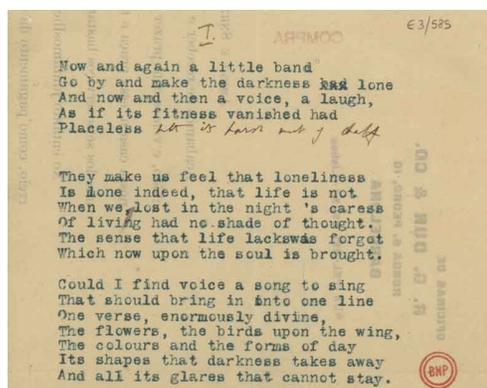
## I

Now and again a little band  
Go by and make the darkness <bad> lone  
And now and then a voice, a laugh,  
As if its fitness vanished had  
Placeless [→ with its harsh \*mote of chaff]

□

They make us feel that loneliness  
Is lone indeed, that life is not  
When we, lost in the night's caress  
Of living had no shade of thought.  
The sense that life lacks <is>/was\ forgot  
Which now upon the soul is brought.

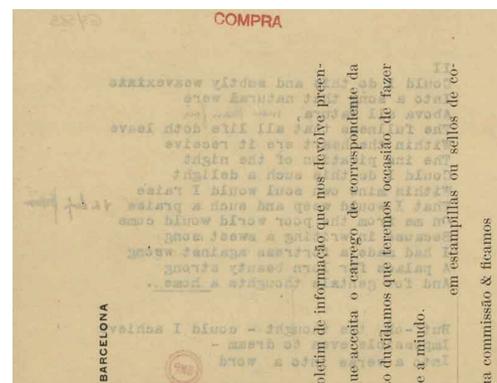
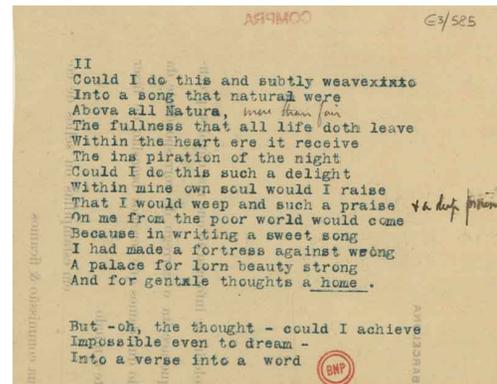
Could I find voice a song to sing  
That should bring in <o>/i\ into one line  
One verse, enormously divine,  
The flowers, the birds upon the wing,  
The colours and the forms of day  
Its shapes that darkness takes away  
And all its glares that cannot stay.



## II

Could I do this and subtly weave <into>  
 Into a song that natural were  
 Above<sup>a</sup> all Natura, [→ more than fair]  
 The fullness that all life doth leave  
 Within the heart ere it receive  
 The inspiration of the night  
 Could I do this such a delight  
 Within mine own soul would I raise  
 That I would weep & a deep praise<sup>b</sup>  
 On me from the poor world would come  
 Because in writing a sweet song  
 I had made a fortress against wrong  
 A palace for lorn beauty strong  
 Ans for gentle thoughts a home.

But –oh, the thought – could I achieve  
 Impossible even to dream –  
 Into a verse into a word

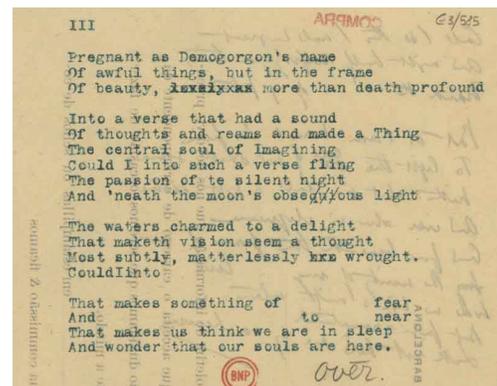


## III

Pregnant as Demogorgon's name  
 Of awful things, but in the frame  
 Of beauty, <lovely as> more than death profound

Into a verse that had a sound  
 Of thoughts and reams and made a Thing  
 The central soul of Imagining  
 Could I into such a verse fling  
 The passion of the<sup>c</sup> silent night  
 And 'neath the moon's obsequious light

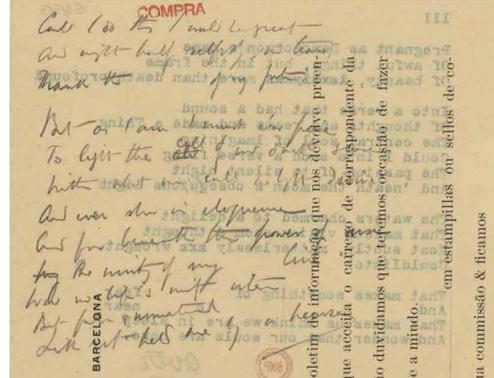
The waters charmed to a delight  
 That maketh vision seem a thought  
 Most subtly, matterlessly <bro> wrought.  
 Could I into □



That makes something of □ fear  
 And □ to □ near  
 That makes us think we are in sleep  
 And wonder that our souls are here.<sup>d</sup>

Could I do this I would be great  
 And might half selfishly, in tears,  
 Thank the □ of my fate:

But as I am I must e'er pine  
 To light the <ch> [↑ call] of our dark sense  
 With what one call a light divine  
 And ever \*shine in eloquence  
 And for beneath the power of \*sense  
 <My> The unity of my □ line  
 Were no life's unity \*inter  
 But false & immaterial □  
 Like rot held me by a hearse



#### NOTAS

<sup>a</sup> Abova ] *no original*.

<sup>b</sup> such a praise [→ & a deep praise] *variante*.

<sup>c</sup> te ] *no original*.

<sup>d</sup> Segue a indicação “over”, dado que o texto continua no verso.

#### DOCUMENTO 30

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Uma cebola. | O monstro de Loch Ness | A tampa da lata | Ha um monstro de Loch Ness | Bêbé

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 590.

**Data:** Sem data, mas com um poema, no verso, datado de 29 de Abril de 1934.

**Publicação:** Parcialmente, em *O Meu Tio Fernando Pessoa* (NOGUEIRA, 2015: 78).

**Materiais:** Uma folha dactilografada a tinta preta no rosto e, depois, a lápis, no verso.

+ **Materiais:** O poema do verso prolonga-se no rosto.

+ **Info:** Esse poema, “O sol bom doira as cores e as fragancias”, encontra-se inédito.

Uma cebola  
Que ia p'ra a escola  
Encontrou a senhora,  
Que era uma cenoura.

E então a batata,  
Vestida de bata,  
Veio lhes dizer  
Que fossem comer.

E foram lunchar  
Aranhas e ar,  
E beberam chá  
Por uma pá.

<o>

O monstro de Loch Ness<e>  
É aquelle e é esse.<sup>a</sup>  
É aquelle porque é  
O que esse tem ao pé.

E porisso o pescoço  
Que tem é pouco grosso,  
E nada todo nú  
Sem mostrar o tu-tu.

<Receita: cebola>

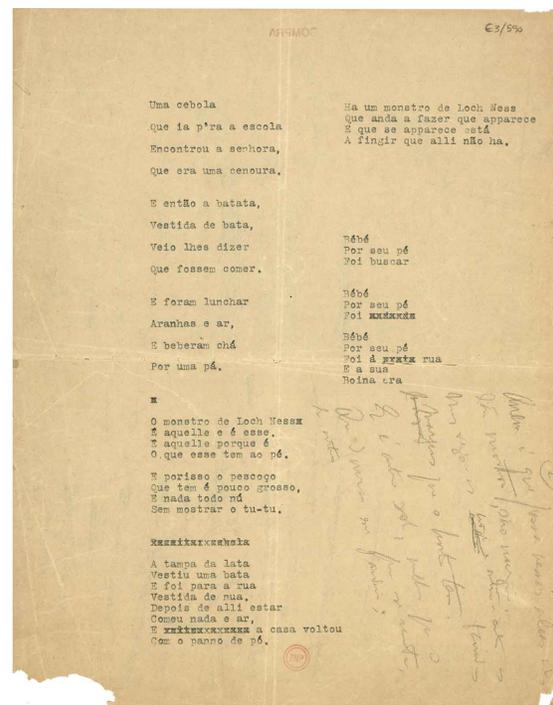
A tampa da lata  
Vestiu uma bata  
E foi para a rua  
Vestida de nua.  
Depois de alli estar  
Comeu nada e ar,  
E <voltou a casa> a casa voltou  
Com o panno de pó.

Ha um monstro de Loch Ness  
Que anda a fazer que apparece  
E que se apparece está  
A fingir que alli não ha.<sup>b</sup>

Bébé  
Por seu pé  
Foi buscar

Bébé  
Por seu pé  
Foi <andando>

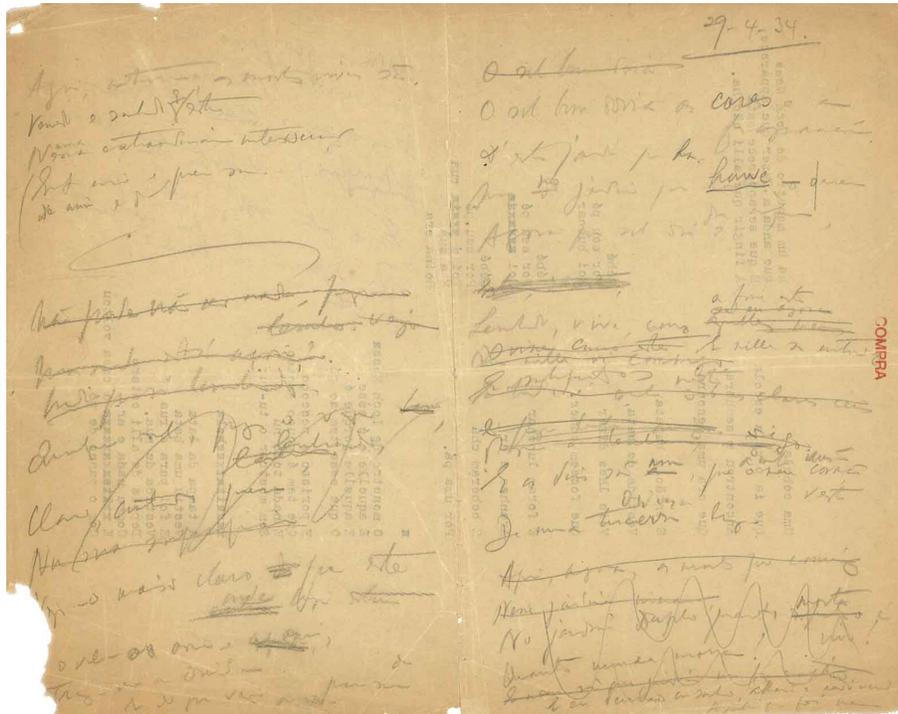
Bébé  
Por seu pé  
Foi à <praia> rua  
E a sua  
Boina era



## NOTAS

<sup>a</sup> Em NOGUEIRA (2015: 78), lê-se “É aquele que é esse”.

<sup>b</sup> Em NOGUEIRA (2015: 79), estes quatro versos são publicados depois de “Sem mostrar o tu-tu”.



## DOCUMENTO 31

**Título:** Canções para acordar crianças.

**Incipit [triplo]:** Levava eu um jarrinho | Pia, pia,  
pia | No comboio descendente.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 591.

**Data:** De “Pia, pia, pia” existe um testemunho de 9 de Novembro de 1924 (BNP/E3, 48E-36<sup>v</sup>); em *Sol: Diário Independente*, n.º 15, 13 de Novembro de 1926, apareceu “No comboio descendente”. Não se conhece a data deste documento, mas contém pelo menos dois poemas da década de 1920.

**Publicação:** Em *Quadras ao Gosto Popular* (PESSOA, 1965: 119-121). Nesta edição, de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, os poemas surgem na ordem inversa à do texto dactilografado de Pessoa que aqui se transcreve. “No comboio descendente” é o primeiro da sequência, seguido por “Pia, pia, pia” e por “Levava eu um jarrinho”.

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta preta.

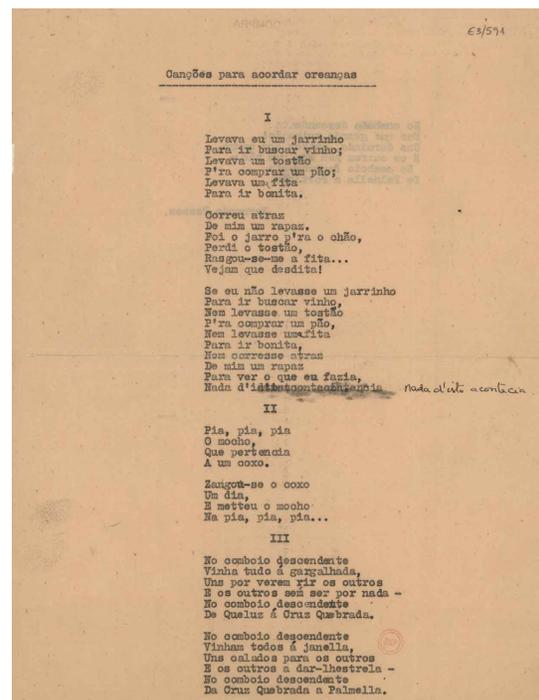
+ **Materiais:** O segmento manuscrito foi acrescentado por Manuela Nogueira.

+ **Info:** No “Prefácio” às *Quadras*, Georg Rudolf Lind considera o seguinte: “Uma palavra final sobre os ‘Poemas a Lili’, que incluímos nesta colectânea por terem o mesmo sabor das quadras. Encontrei 3 cópias dactilografadas das 3 primeiras poesias no espólio; uma das folhas trazia o título “Canções para embalar crianças”. Como é sabido, Fernando Pessoa gostava de brincar com as crianças, sobretudo com a sobrinha, filha do Ex.<sup>mo</sup>. Coronel Caetano Dias, D. Manuela Nogueira Rosa Dias Murteira. ‘Lili’ não era pròpriamente sobrinha, mas uma boneca que os pais tinham trazido da África para a sua filha. Estas poesias são inéditas, excepto a segunda, publicada por Carlos Queiroz na revista ‘Presença’ (1937, homenagem a Fernando Pessoa)” (Lind, em PESSOA, 1965: 13-14). A folha a que Lind se refere pode ser aquela que aqui se transcreve. O poema “Levava eu um jarrinho” fez parte, no início da década de 90, de manuais escolares do ensino primário. Estes poemas, de resto, são dos mais recorrentes na inclusão de Pessoa em antologias para a infância.

### Canções para acordar crianças

I<sup>a</sup>

Levava eu um jarrinho  
 Para ir buscar vinho;  
 Levava um tostão  
 P’ra comprar um pão;  
 Levava uma fita  
 Para ir bonita.  
 Correu atrás  
 De mim um rapaz.  
 Foi o jarro p’ra o chão,  
 Perdi o tostão,  
 Rasgou-se-me a fita...  
 Vejam que desdita!



Se eu não levasse um jarrinho  
 Para ir buscar vinho,  
 Nem levasse um tostão  
 P'ra comprar um pão,  
 Nem levasse uma fita  
 Para ir bonita,  
 Nem corresse atrás  
 De mim um rapaz  
 Para ver o que eu fazia,  
 Nada d'isto acontecia.<sup>b</sup>

## II

Pia, pia, pia  
 O mocho,  
 Que pertencia  
 A um coxo.

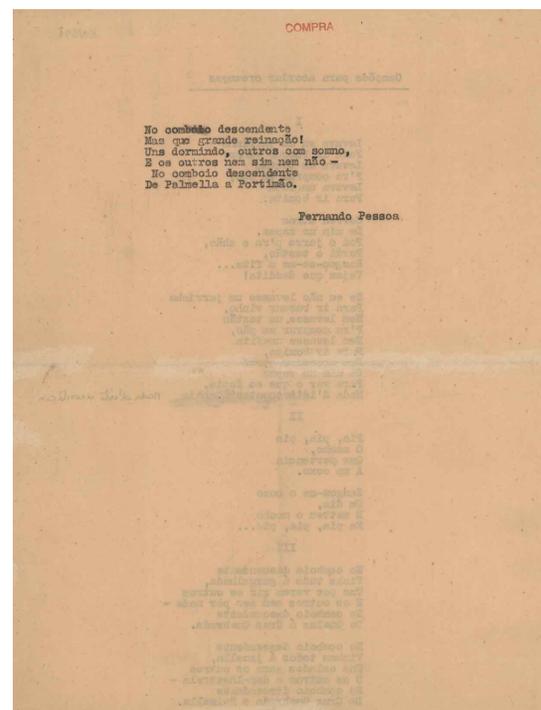
Zangou-se o coxo  
 Um dia,  
 E meteu o mocho  
 Na pia, pia, pia...<sup>c</sup>

## III

No comboio descendente  
 Vinha tudo á gargalhada,  
 Uns por verem rir os outros  
 E os outros sem ser por nada –  
 No comboio descende<t>/n\ te  
 De Queluz á Cruz Quebrada.

No comboio descendente  
 Vinham todos á janella,  
 Uns calados para os outros  
 E os outros a dar-lhestrela –  
 No comboio descendente  
 Da Cruz Quebrada a Palmella.<sup>d</sup>

No comb<io>/oi\o descendente  
 Mas que grande reinação!  
 Uns dormindo, outros com somno,



E os outros nem sim nem não –  
No comboio descendente  
De Palmella a Portimão.

Fernando Pessoa

#### NOTAS

<sup>a</sup> A versão publicada em *Quadras ao Gosto Popular* apresenta ligeiras diferenças em alguns versos. No quarto e quinto versos, pode ler-se: “P’ra comprar um pão | E levava uma fita”; no oitavo verso, pode ler-se “De mim um rapaz:”. A última estrofe é a que apresenta diferenças mais significativas, com a omissão de dois versos: “Se eu não levasse um jarrinho, | Nem fosse buscar vinho, | Nem trouxesse uma fita | Para ir bonita, | Nem corresse atrás | De mim um rapaz | Para ver o que eu fazia, | Nada disto acontecia” (PESSOA, 1965: 120-121).

<sup>b</sup> Nada d’isto acontecia. [→ nada d’isto acontecia.]

<sup>c</sup> Na versão publicada em *Quadras ao Gosto Popular*, não existe espaço entre as duas estrofes (PESSOA, 1965: 120).

<sup>d</sup> Na versão publicada em *Quadras ao Gosto Popular*, este verso e o último do poema têm reticências em vez de ponto final (PESSOA, 1965: 119).

#### DOCUMENTO 32

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Come-se sopa à colher.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 592.

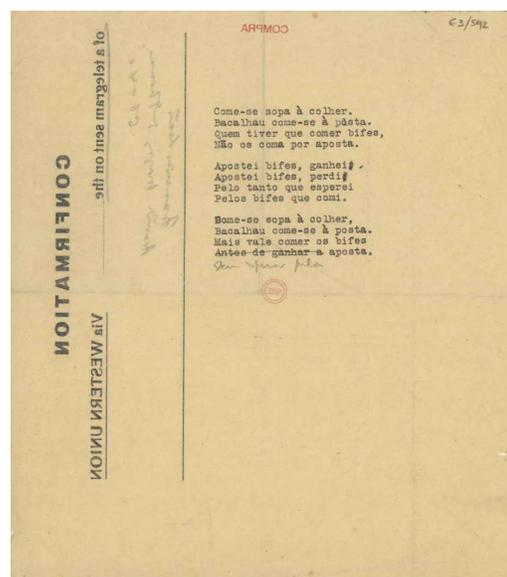
**Data:** Sem data.

**Publicação:** NOGUEIRA (2015: 80). Emenda-se a pontuação da segunda estrofe.

**Materiais:** Uma folha de papel de telegrama dactilografada a tinta preta na face não impressa, com algumas intervenções a lápis.

+ **Materiais:** Papel timbrado; ver fac-simile.

+ **Info:** Na face impressa figura, a lápis, uma morada: “Francisco Leão | Avenida Marquez de Thomar | 56-40”.



Come-se sopa à colher.  
Bacalhau come-se à pasta.  
Quem tiver que comer bifos,  
Não os coma por aposta.

Apostei bifés, ganhei.  
 Apostei bifés, perdi,  
 Pelo tanto que esperei  
 Pelos bifés que comi.

<B>/C\ome-se sopa à colher,  
 Bacalhau come-se à posta.  
 Mais vale comer os bifés  
 <Antes de ganhar a> [↓ Sem esperar pela] aposta.

### DOCUMENTO 33

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Havia um menino.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 593.

**Data:** Sem data.

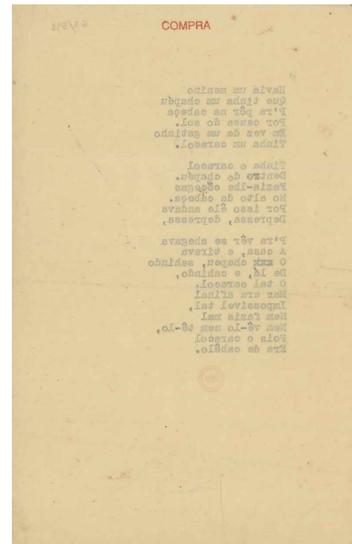
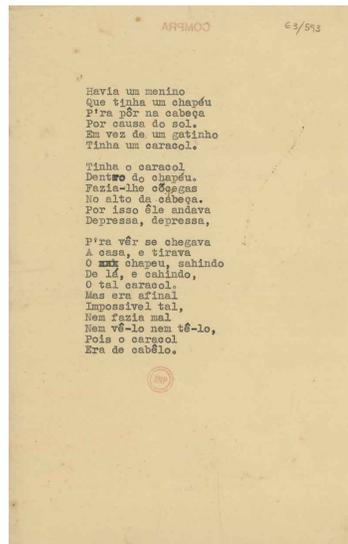
**Publicação:** No volume *O Melhor do Mundo São as Crianças* (NOGUEIRA, 1998: 17).

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada no rosto a tinta preta.

+ **Materiais:** Poema muito limpo, como os seguintes.

+ **Info:** “Dedicado ao sobrinho Luís Miguel – o Bebê – que não queria pôr o chapéu ‘por causa do sol’” (NOGUEIRA, 2005: 70).

Havia um menino  
 Que tinha um chapéu  
 P’ra pôr na cabeça  
 Por causa do sol.  
 Em vez de um gatinho  
 Tinha um caracol.  
 Tinha o caracol  
 Dent<e>/r\o do chapéu.  
 Fazia-lhe cõegas  
 No alto da cabeça.  
 Por isso êle andava  
 Depressa, depressa,



P'ara vêr se chegava  
 A casa, e tirava  
 O <cah> chapéu, sahindo  
 De lá, e cahindo,  
 O tal caracol.  
 Mas era afinal  
 Impossível tal,  
 Nem fazia mal  
 Nem vê-lo nem tê-lo,  
 Pois o caracol  
 Era de cabêlo.

## DOCUMENTO 34

**Título:** Sem título.

**Incipit:** E se, p'ra a estrada.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 594 e 595.

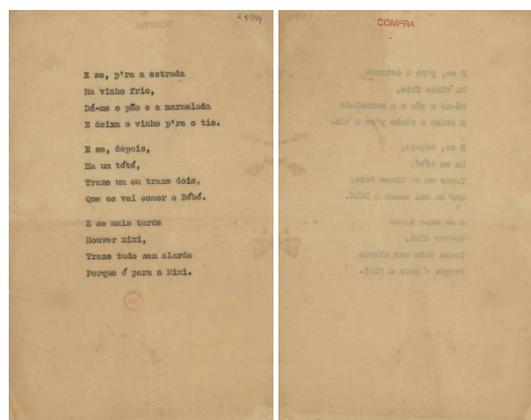
**Data:** Sem data.

**Publicação:** Transcrito e fac-similado em NOGUEIRA (2015: 79-80 e 89).

**Materiais:** Duas folhas de papel dactilografadas a tinta preta no rosto.

+ **Materiais:** Uma é cópia da outra.

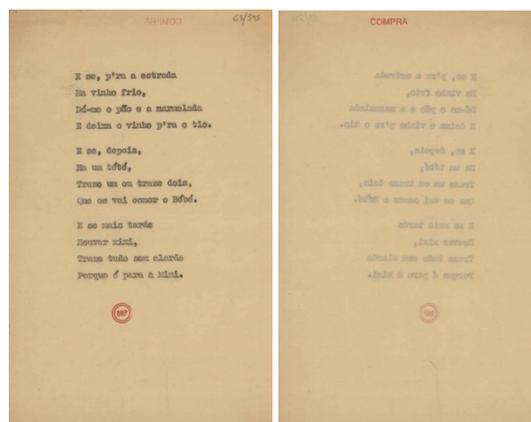
+ **Info:** Têm afinidades materiais com a seguinte: 596.



E se, p'ra a estrada  
 Ha vinho frio,  
 Dá-me o pão e a marmelada  
 E deixa o vinho p'ra o tio.

E se, depois,  
 Ha um tété,  
 Traze um ou traze dois,  
 Que os vai comer o Bébé.

E se mais tarde  
 Houver xixi,  
 Traze tudo sem alarde  
 Porque é para a Mimi.



## DOCUMENTO 35

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Xixi de gato.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 596.

**Data:** Sem data.

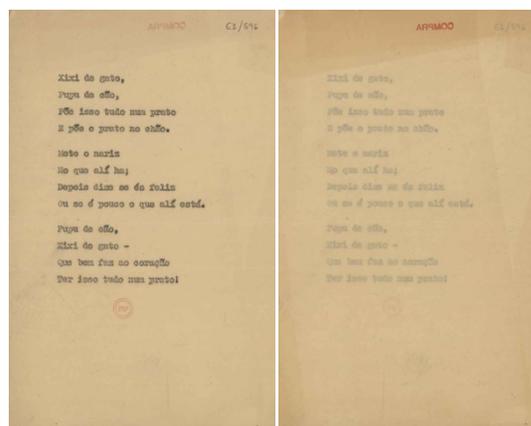
**Publicação:** NOGUEIRA (2015: 80).

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta preta no rosto.

+ **Materiais:** Testemunho único.

+ **Info:** Têm afinidades materiais com a seguinte: 597.

Xixi de gato,  
 Pupu de cão,  
 Põe isso tudo num prato  
 E põe o prato no chão.  
 Mete o nariz  
 No que alí há;<sup>a</sup>  
 Depois dize se és feliz  
 Ou se é pouco o que alí está.  
 Pupu de cão,  
 Xixi de gato –  
 Que bem faz ao coração  
 Ter isso tudo num prato!



## NOTAS

<sup>a</sup> Em NOGUEIRA (2015: 79), lê-se “No que aí há;”.

## DOCUMENTO 36

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Ó São João.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 597.

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Transcrito e fac-similado em NOGUEIRA (2015: 80 e 88).

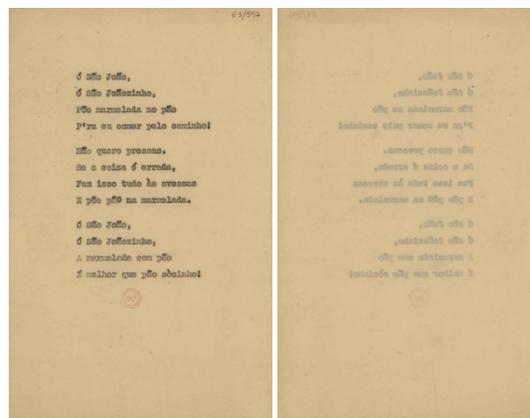
**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta preta no rosto.

- + **Materiais:** Testemunho único.  
 + **Info:** Têm afinidades materiais com as anteriores.

Ó São João,  
 Ó São Joãozinho,  
 Põe marmelada no pão  
 P'ra eu comer pelo caminho!

Não quero pressas.  
 Se a coisa é errada,  
 Faz isso tudo às avessas  
 E põe pão na marmelada.

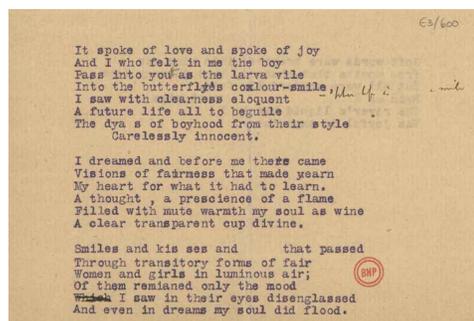
Ó São João,  
 Ó São Joãozinho,  
 A marmelada com pão  
 É melhor que pão sòsinho!



## DOCUMENTO 37

- Título:** Sem título.  
**Incipit:** It spoke of love and spoke of joy.  
**Autor:** Fernando Pessoa.  
**Cota:** BNP/E3, 600 [antigos Avulsos 120-121].  
**Data:** c. 1907.  
**Publicação:** Inédito.  
**Materiais:** Um recorte de folha dactilografada a tinta roxa no rosto e no verso.  
 + **Materiais:** Tem intervenções a tinta negra e a lápis.  
 + **Info:** Carece de atribuição.

It spoke of love and spoke of joy  
 And I who felt in me the boy  
 Pass into you[→th] as the larva vile  
 When life is □ smile<sup>a</sup>  
 I saw with clearness eloquent  
 A future life all to beguile  
 The dya s of boyhood from their style  
 Carelessly innocent.



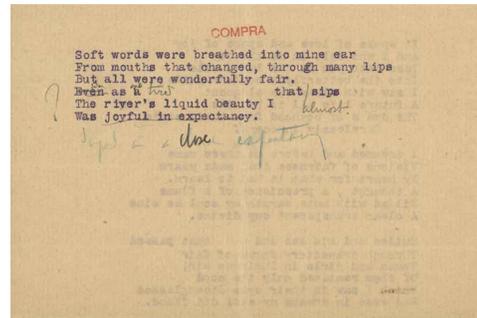
I dreamed and before me the<i>/r\ e came

Visions of fa<u>/i \r<m>/n \ess that made yearn  
 My heart for what it had to learn.  
 A thought, a prescience of a flame  
 Filled with mute warmth my souk as wine  
 A clear transparent cup divine.

Smiles and kisses and □ that passed  
 Through transitory forms of fair  
 Women and girls in luminous air;  
 Of them remianed<sup>b</sup> only the mood  
 <Which> I saw in their eyes disenglassed  
 And even in dreams my soul did flood.

Soft words were breathed into mine ear  
 From mouths that changed, throu<f>/g \h many lips  
 But all were wonderfully fair.

? <Even> [↑ Even] as <a> [↑ one] tired □ that [↓ almost] sips  
 The river's liquid beauty I  
 <Was joyful in expectancy.>  
 [↓ Joyed in a close expectancy]



#### NOTAS

<sup>a</sup> Into the butterfly<y>/i \es co<u>lour-smile, [↓ When life is □ smile]

<sup>b</sup> remianed ] *no original*.

## DOCUMENTO 38

**Título:** Sem título.

**Incipit:** I started in my dream, 'twas night.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 613 [antigos Avulsos 73-74].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha dactilografada a tinta roxa no rosto e no verso. Com acrescentos feitos a lápis de carvão, a lápis vermelho e a tinta negra.

+ **Info:** Deve ser um fragmento de "The Woman in Black", poema atribuído a Alexander Search; cf. "In black, all in black was she drest".

I started in my dream, 'twas night,  
 The moon that rose in air was bright  
 With all her freedom full of love  
 And deep and dark the sky above  
 Sparkled with many a distant light,  
 Loveliness, loveliness,  
 Jewels upon the matchless breast  
 That throbs not, of the infinite.

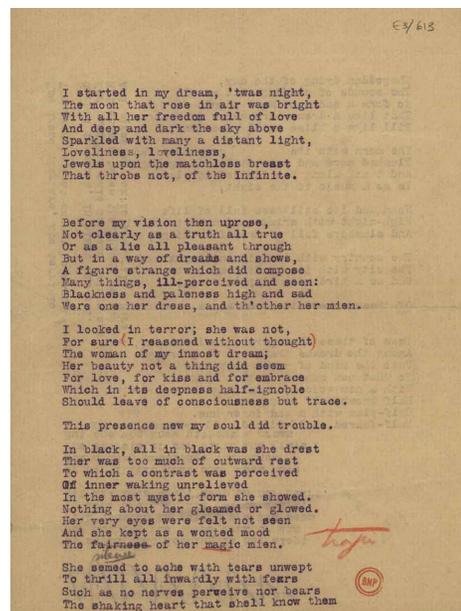
Before my vision then uprose,  
 Not clearly as a truth all true  
 Or as a lie all pleasant through  
 But in a way of dreams and shows,  
 A figure strange which did compose  
 Many things, ill-perceived and seen:  
 Blackness and paleness high and sad  
 Were one here dress, and th'other her mien.

I looked in terror; she was not,  
 For sure (I reasoned without thought)<sup>a</sup>  
 The woman of my inmost dream;  
 Her beauty not a thing did seem  
 For love, for kiss and for embrace  
 Which in its deepness half-ignoble  
 Should leave of consciousness but trace.

This presence new my soul did trouble.

In black, all in black was she drest  
 There<sup>b</sup> was too much of outward rest  
 To which a contrast was perceived  
 Of inner waking unrelieved  
 In the most mystic form she showed.  
 Nothing about her gleamed or glowed.  
 Her very eyes were felt not seen  
 And she kept as a wonted mood  
 The fairness [↓ silence]<sup>c</sup> of her *magic* [→ tragic]<sup>d</sup> mien.

She seemed<sup>e</sup> to ache with tears of unwept  
 To thrill all inwardly with fears  
 Such as no nerves perceive nor bears  
 The shaking heart that shall know them



The golden dying of the day,  
 The sounds of evening that mingle  
 To form a sad sentiment single<sup>f</sup>  
 That like a dream through us doth stray,  
 Till like a bliss twill pass away,  
 The morn with its □ grey that fades  
 Flushed more and more with rising light  
 And that along the fields and<sup>g</sup> glades  
 Is as a music to the sight,  
 Noon and its stillness full of life  
 High-night with <c>rimes<sup>h</sup> and mute tears rife  
 And slumbers full of dreadful things,  
 The country with its air and <light> taste,  
 The city with its healthless haste,  
 Sad as a bird with clipped wings,  
 Of these my <often> [↑ only]<sup>i</sup> sings.

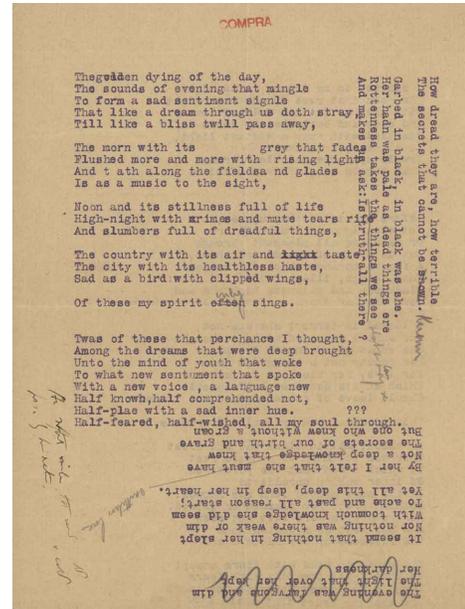
Tw'as of these that perchance I thought,  
 Among the dreams that were deep brought  
 Unto the mind of youth that woke  
 To what new sentiment<sup>j</sup> that spoke  
 With a new voice □, a language new  
 Half-plea<sup>k</sup> with a sad inner hue.<sup>l</sup>  
 Half-feared, half-wished, all my soul through.

<The evening was farvgone and dim  
 The light that over her kept  
 Her darkness>

It seemed<sup>m</sup> that nothing in her slept  
 Nor nothing was there weak or dim  
 With too much<sup>n</sup> knowledge she did seem  
 To ache and past all reason start;  
 Yet all this deep, deep in her heart.

By her I felt that she must<sup>o</sup> have  
 Not a deep <knowledge> [→ earthless love]<sup>p</sup> knew  
 The secrets of our birth and grave  
 But one who knew without a groan<sup>q</sup>

How dread they are, how terrible  
 The secrets that cannot be <shown> [→ known].<sup>r</sup>



Garbed in black, in black was she.  
 Her hand<sup>s</sup> was pale as dead things ere  
 Rottenness takes *the things we see* [→ what we may {↑ can} see]<sup>t</sup>  
 And make us ask: Is truth all there?

## NOTAS

- <sup>a</sup> (I reasoned without thought) ] os parenteses são adições manuscritas posteriores, a lápis vermelho.  
<sup>b</sup> Ther ] *no original*.  
<sup>c</sup> <fariness> [↓ silence] substituição a lápis cinzento.  
<sup>d</sup> magic [→ tragic] variante alternativa adicionada a lápis vermelho.  
<sup>e</sup> semed ] *no original*.  
<sup>f</sup> signle ] *no original*.  
<sup>g</sup> fieldsa nd ] *no original*.  
<sup>h</sup> <c>rimes ] importante emenda.  
<sup>i</sup> <often> [↑ only] substituição manuscrita a lápis cinzento.  
<sup>j</sup> sentument ] *no original*.  
<sup>k</sup> Half-plae ] *no original*.  
<sup>l</sup> A seguir ao espaço, encontram-se três pontos de interrogação.  
<sup>m</sup> seemd ] *no original*.  
<sup>n</sup> toomuch ] *no original*.  
<sup>o</sup> msut ] *no original*.  
<sup>p</sup> <knowledge> [→ earthless love] substituição a lápis cinzento.  
<sup>q</sup> Na margem esquerda existem dois versos lacunares, com rima ("old", "cold").  
<sup>r</sup> <shown> [→ known] substituição a lápis cinzento.  
<sup>s</sup> hadn ] *no original*.  
<sup>t</sup> *the things we see* [→ what we may {↑ can} see] variante manuscrita a lápis cinzento.

## DOCUMENTO 39

**Título:** The Book.

**Incipit:** I entered a bookshop.

**Autor:** Almada Negreiros / trad. Fernando Pessoa.

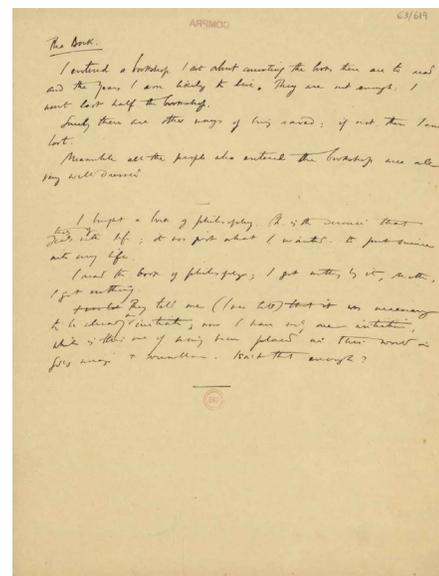
**Cota:** BNP/E3, 619 [antigos Avulsos 130-131].

**Data:** Post. 7 de Dezembro de 1921.

**Publicação:** Inédito, embora pudesse ter sido incluído em PIZARRO e FERREIRA (2009).

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto.

+ **Info:** Início da tradução de *A Invenção do Dia Claro*, de José de Almada Negreiros. Cf. BNP/E3, 625, 808.



## The Book.

I entered a bookshop. I set about counting the books there are to read and the years I am likely to live. They are not enough: I wont last half the bookshop.

Surely there are other ways of being saved: if not, then I am lost.

Meanwhile all the people who entered the bookshop once [are] all very well dressed.

I bought a book of philosophy. Ph[ilosophy] is the science that deals with [↑ treats of] life; it was just what I wanted – to put science into my life.

I read the book of philosophy; I got nothing by it, Mother, I got nothing.

<I was tol> They told me (I was told) that it was necessary to be already [↑ an] initiate; now I have only one initiation, which is this one of having been placed in this world in God's image & resemblance. Isn't that enough?

## DOCUMENTO 40

**Título:** Coisas da Lili.

**Incipit:** A Lili, que é muito má.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 622.

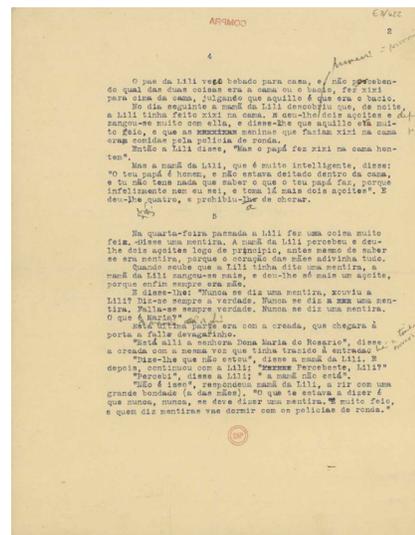
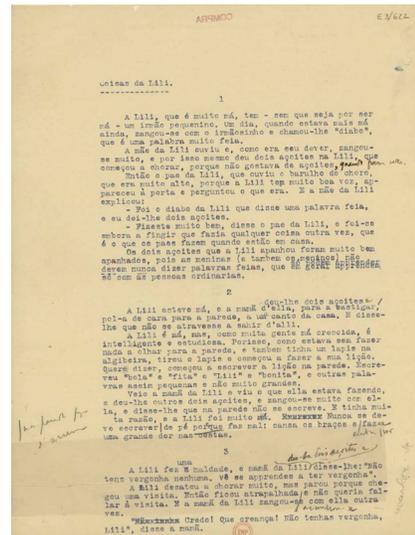
**Data:** Posterior a 1930.

**Publicação:** Fac-similado no número 30-31 da revista *Nova Renascença* (Primavera-Verão de 1988), pp. 132-137.

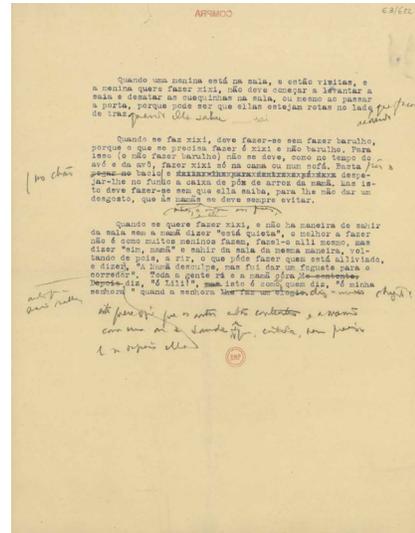
Maria Aliete Galhoz auxiliou Manuela Nogueira na decifração das poucas intervenções a lápis.

**Materiais:** Três folhas de papel dactilografadas no rosto, com alguns acrescentos manuscritos.

+ **Info:** No texto de apresentação de “Coisas da Lili”, Manuela Nogueira contextualiza este texto e lembra um momento de interação familiar de Fernando Pessoa: “Na época em que vivíamos todos na Rua Coelho da Rocha, entre 1930 e 1935, o tio Fernando compartilhava do nosso quotidiano. É curioso o sentir-se neste texto – digo melhor, sentir eu neste texto – a sua mecânica criativa, colhendo nos elementos vulgares diários o andaime para a sua obra; neste caso – ‘Coisas da Lili’ – ele transforma, recria, ironiza. | Herdei de minha mãe uma única boneca, a Lili. Como era diferente das outras, mais modernas, estimava-a muito. Ela era semelhante às que se vendem agora por preços fabulosos a colecionadores. | A Lili tinha cabelos castanhos e olhos



da mesma cor. A sua cara de loiça tinha um sorriso meio grave e o corpo, em massa, era articulado. | Eu tinha o péssimo costume, nessa época, de escrever nas paredes do terraço os meus pedidos ou desabafos que, por uma certa timidez, não ousava expressar directamente. É certo que recebi algumas reprimendas por o fazer. | Os polícias da ronda eram os ‘papões’ da época! | O tio Fernando compõe com estes dados, e tantos outros, a arquitectura da história, pondo a ridículo a educação que certos adultos ousam dar às crianças, cheia de contra-sensos. A hipocrisia, ironizada, apresenta-se de uma forma quase infantil na lógica deste escrito” (NOGUEIRA, 1988: 132). Importa assinalar uma curiosa intertextualidade que se estabelece com um poema infantil de Pessoa, também incluído neste contributo, no qual as palavras atribuídas a Lili no segundo fragmento são estruturantes (cf. BNP/E3, 591).



### Coisas da Lili.

#### 1

A Lili, que é muito má, tem – sem que seja por ser má – um irmão pequenino. Um dia, quando estava mais má ainda, zangou-se com o irmãozinho e chamou-lhe “diabo”, que é uma palavra<sup>a</sup> muito feia.

A mãe da Lili ouviu e, como era seu dever, zangou-se muito, e por isso mesmo deu dois açoites na Lili, que começou a chorar, porque não gostava de açoites<.>/,\ [→ quando fossem nella].

Então o pae da Lili, que ouviu o barulho do choro, que era muito alto, porque a Lili tem muito boa voz, appareceu à porta e perguntou o que era. E a mãe da Lili explicou:

– Foi o diabo da Lili que disse uma palavra feia, e eu dei-lhe dois açoites.

– Fizeste muito bem, disse o pae da Lili, e foi-se embora a fingir que fazia qualquer coisa outra vez, que é o que os pães fazem quando estão em casa.

Os dois açoites que a Lili apanhou foram muito bem apanhados, pois as meninas (e tambem os meninos) não devem nunca dizer palavras feias, que em geral apprendem [↑ só podem aprender]<sup>b</sup> só com as pessoas ordinarias.

#### 2

A Lili esteve má, e a mamã d’ella, para a castigar, [↑deu-lhe dois açoites e] pol-a de cara para a parede, a um canto da casa. E disse-lhe que não se atravesse a sahir d’alli.

A Lili é má, mas, como muita gente má crescida, é inteligente e estudiosa. Porisso, como estava sem fazer nada a olhar para a parede, e também tinha um lapis na algibeira, tirou o lapis e começou a fazer a sua lição. Quere dizer, começou a escrever a lição na parede. Escreveu “bola” e “fita” e “Lili” e “bonita”, e outras palavras assim pequenas e não muito grandes.

Veio a mamã da Lili e viu o que ella estava fazendo, e deu-lhe outros dois açoites, e zangou-se muito com ella, e disse-lhe que na parede não se escreve. E tinha muita razão, e a Lili foi muito má. <Escrever> Nunca se deve escrever [← na parede porque é escrever<sup>c</sup>] de pé e<sup>d</sup> faz mal: cansa os braços e [↓ acaba por] faz[→er] uma grande dor nas costas.

## 3

A Lili fez <a> [↑ uma] maldade, e mamã da Lili [↑ deu-lhe dois açoites e] disse-lhe: “Não tens vergonha nenhuma. Vê se aprendes a ter vergonha”.

A <m>/L\ili desatou a chorar muito, mas parou porque chegou uma visita. Então ficou atrapalhada [↓ e acanhou-se]<sup>e</sup> e não queria falar à visita. E a mãe da Lili zangou-se com ella outra vez.

“<Não tenha> Credo! Que creança! Não tenhas vergonha, Lili”, disse a mamã.

## 4

O pae da Lili ve<oi>/io\ bêbado para casa, e, não p<re>/er\ cebendo qual das duas coisas era a cama ou o bacio, fez xixi para cima da cama, julgando que aquillo é que era o bacio.

No dia seguinte a mamã da Lili descobriu que, de noite, a Lili tinha feito xixi na cama. E deu-lhe [↑ primeiro]<sup>f</sup> dois açoites e [→ depois]<sup>g</sup> zangou-se muito com ella, e disse-lhe que aquillo e <t>/r\ a muito <g>/f\ eio, e que as “<memninas> meninas que faziam xixi na cama eram comidas pela policia de ronda.

Então a Lili disse, “Mas o papá fez xixi na cama hontem”.

Mas a mamã da Lili, que é muito inteligente, disse: “O teu papá é homem, e não estava deitado dentro da cama, e tu não tens nada que saber o que o teu papá faz, porque infelizmente nem eu sei, e toma lá mais dois açoites”. E deu-lhe [↓ mais] quatro, e prohibiu-<lhe>[↓a] de chorar.

## 5

Na quarta-feira passada a Lili fez uma coisa muito feliz. Disse uma mentira. A mamã da Lili percebeu e deu-lhe dois açoites logo de principio, antes mesmo de saber se era mentira, porque o coração das mães adivinha tudo.

Quando soube que a Lili tinha dito uma mentira, a mamã da Lili zangou-se mais, e deu-lhe só mais um açoite, porque enfim sempre era mãe.

E disse-lhe: “Nunca se diz uma mentira, ouviu a Lili? Diz-se sempre a verdade. Nunca se diz <a men> uma mentira. Falla-se sempre verdade. Nunca se diz uma mentira. O que é Maria?”

Esta ultima parte [↑ A Maria <†> do fim] era com a criada, que chegara à porta a fallar devagarinho.

“Está alli a senhora Dona Maria do Rosario”, disse a criada com a mesma voz que tinha trazido à entrada<.>/e\ [→ não se tinha ouvido].

“Dize-lhe que não estou”, disse a mamã da Lili. E depois, continuou com a Lili: “<Percee> Percebeste, Lili?”

“Percebi”, disse a Lili; “a mamã não está”.

“Não é isso”, respondeu a<sup>h</sup> mamã da Lili, a rir com uma grande bondade (a das mães). “O que te estava a dizer é que nunca, nunca, se deve dizer uma mentira. “É muito feio, e quem diz mentiras vae dormir com os policias de ronda.”

Quando uma menina está na sala, e estão visitas, e a menina quiere fazer xixi, não deve começar a levantar a saia e desatar as cuequinhas na sala, ou mesmo ao passar a porta, porque pode ser que ellas estejam rotas no lado [→ redondo que fica] de traz<.>/q\ [→uando ella sahe.<sup>i</sup>]

Quando se faz xixi, deve fazer-se sem fazer barulho, porque o que se precisa fazer é xixi e não barulho. Para isso (o não fazer barulho) não se deve, como no tempo do avó e da avô, fazer xixi só na cama ou num sofá. Basta <pegar no> [→ pôr o] bacio [← no chão] e <deitar-lhe para dentro o pó da a> e despejar-lhe no fundo a caixa de pó<s> de arroz da mamã. Mas isto deve fazer-se sem que ella saiba, para lhe não dar um desgosto, que às mamãs [↓ mães, e mesmo {↓ e até} aos paes,] se deve sempre evitar.

Quando se quer fazer xixi, e não ha maneira de sahir da sala sem a mamã dizer “está quieta”, o melhor a fazer não é como muitos meninos fazem, fazel-o alli mesmo, mas dizer “sim, mamã” e sahir da sala da mesma maneira, voltando depois, a rir, o que póde fazer quem está alliviado, e dizer [← antes que a Mamã ralhe] “A Mamã desculpe, mas fui dar um foguete para o corredor”. Toda a gente r<u>/i\ e a mamã córa <de contente.><Depois> [↓ isto quiere dizer que os outros estão contentes e a mamã com um ar de saude, {↑ de} que, coitada, bem precisa. E se depois ella] diz, “ó Lili!”, <mas> isto é como [↑ só] quem diz, “ó minha senhora” quando a senhora <lhe faz um elogio.> [→ diz “muito obrigada”.]

#### NOTAS

<sup>a</sup> palavra ] *no original*.

<sup>b</sup> em geral apprendem [↑ só podem aprender] *variantes altervativas*.

<sup>c</sup> escrever ] *lido como “asneira” em 1988*.

<sup>d</sup> porque [↑ e] *optamos por suprimir o “porque”, sendo o “e” mais do que uma variante*.

<sup>e</sup> [↓ e acanhou-se] [→ acanhou-se] *a inclusão marginal parece ter sido feita por outra pessoa, provavelmente Manuela Nogueira, para clarificar a palavra utilizada pelo autor*.

<sup>f</sup> [↑ primeiro] [→ primeiro] *na margem esquerda, a leitura de Manuela Nogueira; em 1988, lido como “novamente”.*

<sup>g</sup> [→ depois] [↓ depois] *a segunda ocorrência escrita por M. Nogueira.*

<sup>h</sup> *respondeua ] no original.*

<sup>i</sup> [→ sahe] [↓ sai] *a segunda forma escrita por M. Nogueira.*

<sup>j</sup> *de pois ] no original.*

## DOCUMENTO 41

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Com a queda da monarchia.

**Autor:** Fernando Pessoa.

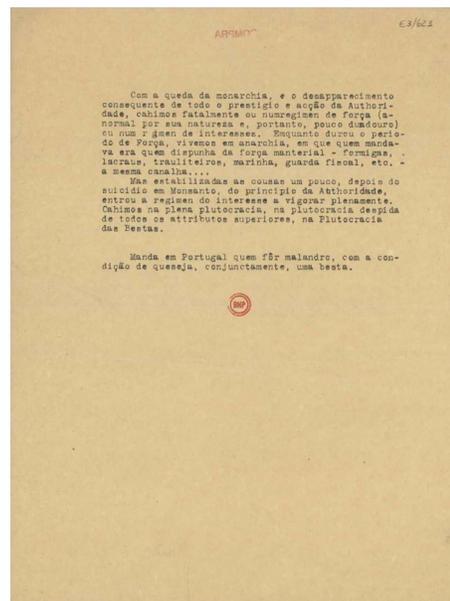
**Cota:** BNP/E3, 623 [antigos Avulsos 311-312].

**Data:** Post. 15 de Fevereiro de 1919.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta preta.

+ **Info:** Note-se a menção ao episódio da escalada de Monsanto, momento relevante do apoio lisboeta ao movimento revolucionário da Monarquia do Norte que teve lugar a partir da noite de 22 de Janeiro, quatro dias depois dos acontecimentos a Norte. A revolta das forças lisboetas que se concentraram no estratégico Forte de Monsanto durou apenas dois dias e correspondeu a uma parcela de um derradeiro impulso revolucionário da Monarquia Portuguesa, que se prolongaria até meados de Fevereiro, e que culminaria num período de predomínio do Partido Democrático de Afonso Costa, praticamente até ao 28 de Maio de 1926. Deve ainda lembrar-se que todos estes episódios se dão na sequência da morte de Sidónio Pais, a 14 de Dezembro.



Com a queda da monarchia, e o desaparecimento consequente de todo o prestígio e acção da Authority, cahimos fatalmente ou num regimen de força (anormal por sua natureza e, portanto, pouco duradouro) ou num regimen de interesses. Enquanto durou o periodo de Força, vivemos em anarchia, em que quem mandava era quem dispunha da força material – formigas, lacraus, trauliteiros, marinha, guarda fiscal, etc. – a mesma canalha ....

Mas estabilizadas as cousas um pouco, depois do suicidio em Monsanto, do principio da Authority, entrou a regimen do interesse a vigorar plenamente. Cahimos na plena plutocracia, na plutocracia despida de todos os attributos superiores, na Plutocracia das Bestas.

Manda em Portugal quem fôr malandro, com a condição de que seja, conjunctamente, uma besta.

NOTAS

<sup>a</sup> r gimen ] no original.

<sup>b</sup> manterial ] no original.

DOCUMENTO 42

Título: CONFIDENCES.

Incipit: Mother! The oleograph is pilling [...]

Autor: Almada Negreiros / trad. Fernando Pessoa.

Cota: BNPE/E3, 625 [antigos Avulsos 4-5, 8-9].

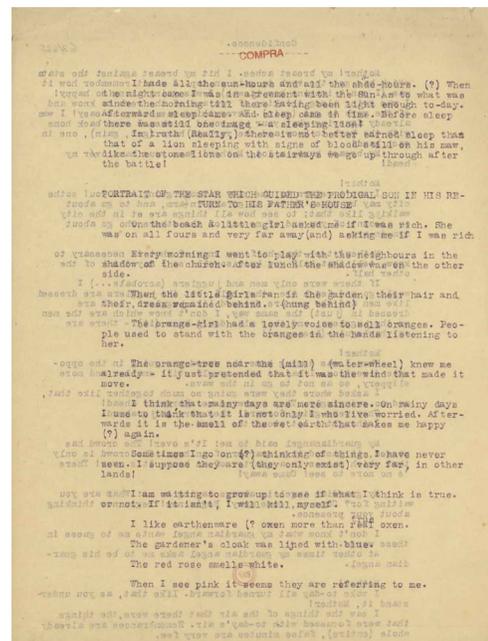
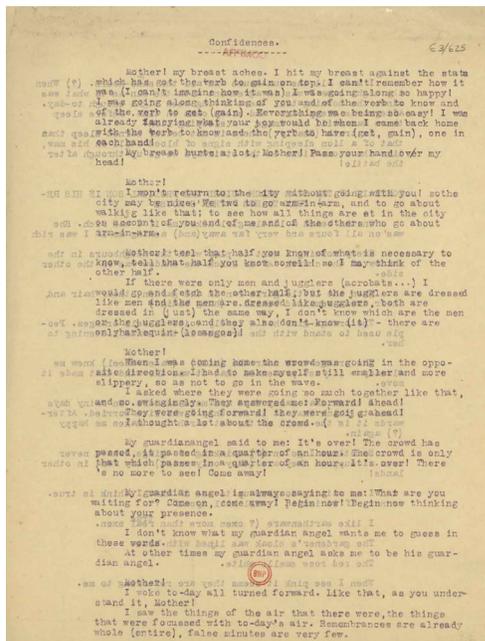
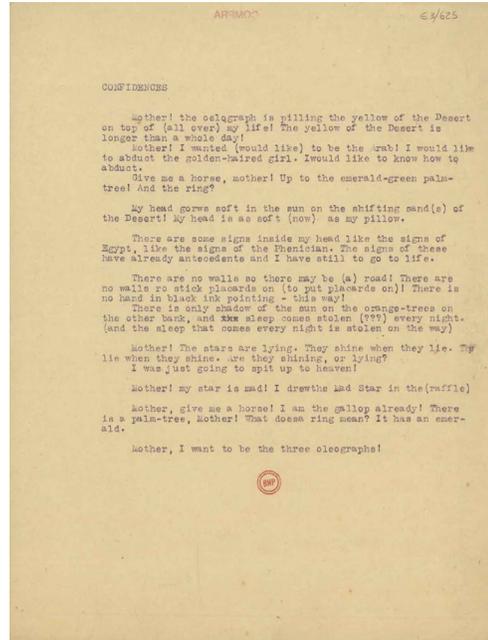
Data: Post. 7 de Dezembro de 1921.

Publicação: PIZARRO e FERREIRA (2009: 331-332).

Materiais: Duas folhas de papel de máquina (uma apenas no rosto) dactilografadas a tinta roxa.

+ Materiais: Entre parênteses, no texto, figuram algumas variantes alternativas.

+ Info: Tradução pessoana d' A Invenção do Dia Claro de José de Almada Negreiros. Texto apresentado no dia 3 de Março de 1921, como conferência, na Liga Naval de Lisboa, e publicado pela editora Olisipo, de Fernando Pessoa, em Dezembro de 1921 (PIZARRO e FERREIRA, 2009: 291-292). Cf. BNPE/E3, 619.



## CONFIDENCES

Mother! the oleograph is pilling the yellow of the Desert on top of (all over) my life! The yellow of the Desert is longer than a whole day!

Mother! I wanted (would like) to be the Arab! I would like to abduct the golden-haired girl. I would like to know how to abduct.

Give me a horse, mother! Up to the emerald-green palm-tree! And the ring?

My head grows<sup>a</sup> soft in the sun on the shifting sand (s) of the Desert. My head is as soft (now) as my pillow.

There are some signs inside my head like the signs of Egypt, like the signs of the Phoenician<sup>b</sup>. The signs of these have already antecedents and I have still to go to life.

There are no walls so there may be (a) road! There are no<sup>c</sup> stick placards on (to put placards on)! There is no hand in black ink pointing – this way!

There is only shadow of the sun on the orange-trees on the other bank, and <the> sleep comes stolen (???) every night. (and the sleep that comes every night is stolen on the way)

Mother! The stars are lying. They shine when they lie. The lie when they shine. Are they shining, or lying?

I was just going to spit up to heaven!

Mother! my star is mad! I drew the Mad Star in the (raffle)

Mother, give me a horse! I am the gallop already! There is a palm-tree, Mother! What does a ring mean? It has an emerald.

Mother, I want to be the three oleographs!<sup>d</sup>

Mother! my breast aches. I hit my breast against the stat<a>/e\ which has got the verb to gain on top. I can't remember how it was (I can't imagine how it was) I was going along so happy! I was going along thinking of you and of the verb to know and of the verb to get (gain). Everything was being so easy! I was already fancying what your joy would be when I came back home with the <l>/v\erb to know and the verb to have (get, gain), one in each head!

My breast hurts a lot, Mother! Pass your hand over my head!

Mother!

I won't return to the city without going with you! so the city may be nice. We two to go arm-in-arm, and to go about walking<sup>e</sup> like that; to see how all things are at in the city on account of you and me and of the others who go about arm-in-arm.

Mother! tell that half you know of what is necessary to know, tell that half you know so well! so I may think of the other half.

If there were only men and jugglers (acrobats...) I would go and fetch the other half, but the jugglers are dressed like men and the men are dressed like jugglers, both are dressed in (just) the same way, I don't know which are the men or the jugglers, and they also don't know (it) – there are only harlequin – (losangos)!

Mother!

When I was coming home the crowd was going in the opposite direction. I had to make myself still smaller and more slippery, so as not to go in the wave.

I asked where they were going on so much together like that, and so swingingly. They answered me: Forward! ahead!

They were going forward! they were going<sup>f</sup> ahead!

I thought a lot about the crowd.

My guardian angel said to me: It's over! The crowd has passed, it passed in a quarter of an hour. The crowd is only that which passes in a quarter of an hour. It's over! There's no more to see! Come away!

My guardian angel is always saying to me: What are you waiting for? Come on, come away! Begin now! Begin now thinking about your presence.

I don't know what my guardian angel wants me to guess in these words.

At other times my guardian angel asks me to be his guardian angel.

Mother!

I woke to-day all turned forward. Like that, as you understand it, Mother!

I saw the things of the air that there were, the things that were focused<sup>s</sup> with to-day's air. Remembrances are already whole (entire), false minutes are very few.

I made all the sun-hours and all the sh[↑a]de-hours. (?) When the night came I was in agreement with the Sun as to what was since the morning till there having been light enough to-day. Afterwards sleep came. And sleep came in time. Before sleep there was still one image – a sleeping lion!

In truth (Really,) there is not better earned sleep than that of a lion sleeping with signs of blood still on his maw, like the stone lions on the stairways we go up through after the battle!

#### PORTRAIT OF THE STAR WHICH GUIDED THE PRODIGAL SON IN HIS RETURN TO HIS FATHER'S HOUSE

On the beach a little girl asked me if I was rich. She was on all fours and very far away (and) asking me if I was rich

Every morning I went to play with the neighbours in the shadow of the church. After lunch the shadow was on the other side.

When the little girls ran in the garden, their hair and their dress remained behind (hung behind)

The orange-girl had a lovely voice to sell oranges. People used to stand with the oranges in the hands listening to her.

The orange-tree near the (mill) (water-wheel) knew me already – it just pretended that it was the wind that made it move.

I think that rainy days are more sincere. On rainy days I use to think that it is not only I who live worried. Afterwards it is the smell of the wet earth that makes me happy (?) again.

Sometimes I go on (?) thinking of things I have never seen. I suppose they are (they only exist) very far, in other lands!

I am waiting to grow up to see if what I think is true. Or not. If it isn't, I will kill myself.

I like earthenware (? oxen more than real [↑ true] oxen.

The gardener's cloak was lined with blue.

The red rose smells white.

When I see pin it seems they are referring to me.

## NOTAS

<sup>a</sup> gorws ] *no original*.

<sup>b</sup> Phenician ] *a terceira letra é um "e" sobre um "o"*.

<sup>c</sup> ro ] *no original*.

<sup>d</sup> Mudança de página e a indicação: "Confidences".

<sup>e</sup> walkijg ] *no original*.

<sup>f</sup> goijg ] *no original*.

<sup>g</sup> focussed ] *no original*.

## DOCUMENTO 43

**Título:** Sem título.

**Incipit [duplo]:** Damos hoje aos nossos leitores | We are to-day giving our readers.

**Autor:** António Botto.

**Cota:** BNP/E3, 627 e 628 [antigos Avulsos 545-546, 547-548].

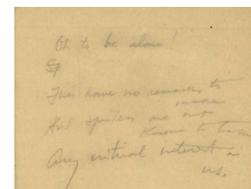
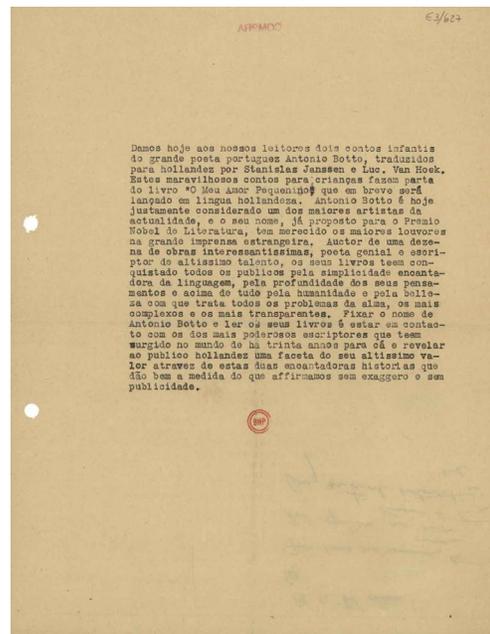
**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inéditos.

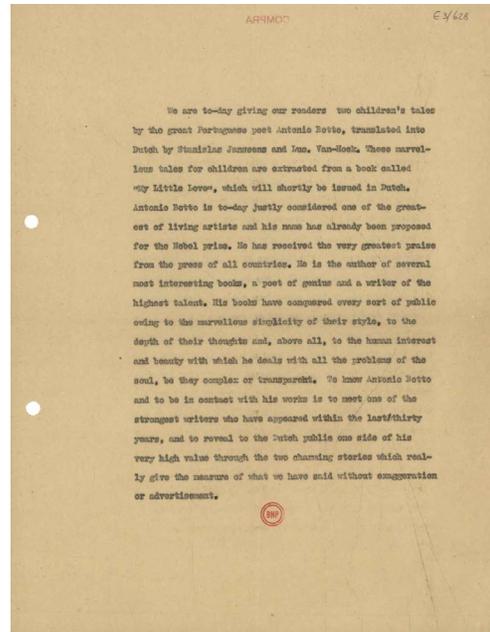
**Materiais:** Duas folhas de papel dactilografadas no rosto a tinta preta.

+ **Materiais:** No verso da folha 628, que contém a versão portuguesa do texto, encontram-se uns versos manuscritos: "Oh to be alone! | <+> | This have no remarks to make | And spiders are not know to take | Any critical interest in us."

+ **Info:** Muito provavelmente, o texto terá sido concebido (talvez não dactilografado e, com certeza, não traduzido) pelo próprio António Botto, tendo em conta o hábito de mistificação do escritor, tanto para relatar a admiração de personalidades mundiais pela sua obra, como para idealizar traduções nunca ocorridas. A esse respeito, diz Anna M. KLOBUCKA: "Como é sabido, principalmente nos últimos anos da vida Botto alegava (e vários comentadores,



geralmente jornalistas, portugueses e brasileiros, repetiam) que os seus livros tinham sido traduzidos para numerosos idiomas e editados em milhões de exemplares pelo mundo fora. [...] Botto afirmava igualmente que *O Livro das Crianças*, além de contar com a sanção oficial do cardeal patriarca de Lisboa, era também aprovado para uso escolar na Irlanda: ‘traduzido em inglês e aprovado oficialmente na Irlanda’ é, por exemplo, a descrição do livro na lista das obras do autor em frontispício da sua antologia de contos infantis *A Verdade e Nada Mais*, publicada em 1935. Tendo em conta a abundância mirabolante das afirmações bottianas fabricadas – até na mesma lista, onde *O Meu Amor Pequenininho*, por exemplo, aparece ‘traduzido em holandês, italiano, espanhol, inglês e alemão’ – assim como o facto de *The Children Book* ter sido editado em Portugal (e não na Grã-Bretanha), a hipótese da adoção escolar irlandesa [...] parecia destinada a ser remetida para a longa lista das invenções bottianas” (2018: 33).



Damos hoje aos nossos leitores dois contos infantis do grande poeta português Antonio Botto, traduzidos para hollandez por Stanislas Janssen e Luc. Van Hoek. Estes maravilhosos contos para crincas fazem parte do livro “O Meu Amor Pequenininho”, que em breve será lançado em lingua hollandeza. Antonio Botto é hoje justamente considerado um dos maiores artistas da actualidade, e o seu nome, já proposto para o Premio Nobel de Literatura, tem merecido os maiores louvores na grande imprensa estrangeira. Auctor de uma dezena de obras interessantissimas, poeta genial e escriptor de altissimo talento, os seus livros teem conquistado todos os publicos pela simplicidade encantadora da linguagem, pela profundidade dos seus pensamentos e acima de tudo pela humanidade e pela beleza com que trata todos os problemas da alma, os mais complexos e os mais transparentes. Fixar o nome de Antonio Botto e ler os seus livros é estar em contacto com os dois mais poderosos escriptores que teem surgido no mundo de ha trinta annos para cá e revelar ao publico hollandez uma faceta do seu altissimo valor atravez de estas duas encantadoras historias que dão bem a medida do que affirmamos sem exaggero e sem publicidade.

We are to-day giving our readers two children’s tales by the great Portuguese poet Antonio Botto, translated into Dutch by Stanislas Janssen and Luc. Van-Hoek. These marvellous tales for children are extracted from a book called “My Little Love”, which will shortly be issued in Dutch. Antonio Botto is to-day justly considered one of the greatest of living artist and his name has already been

proposed for the Nobel prize. He has received the very greatest praise from the press of all countries. He is the author of several most interesting books, a poet of genius and a writer of the highest talent. His books have conquered every sort of public owing to the marvellous simplicity of their style, to the depth of their thoughts and, above all, to the human interest and beauty with which he deals with all the problems of the soul, be they complex or transparent. To know Antonio Botto and to be in contact with his works is to meet one of the strongest writers who have appeared within the last thirty years, and to reveal to the Dutch public one side of his very high value through the two charming stories which really give the measure of what we have said without exaggeration or advertisement.

#### DOCUMENTO 44

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Fazer, para fins anthologicos futuros, uma selecta.

**Autor:** Fernando Pessoa.

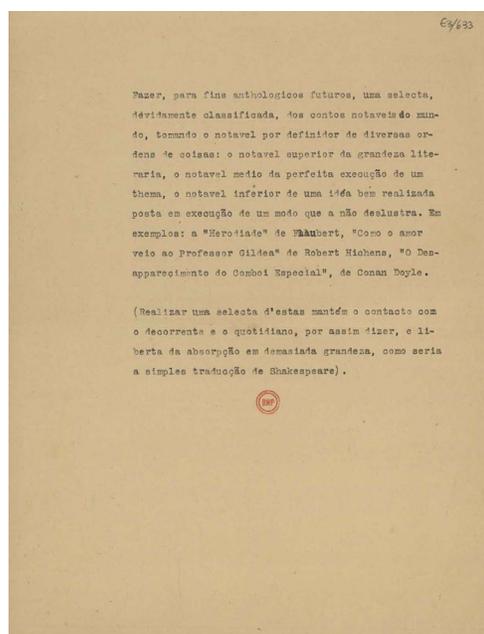
**Cota:** BNP/E3, 633 [antigos Avulsos 153-154].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada no rosto a tinta preta.

+ **Info:** Curioso apontamento de quem tencionou, desde muito cedo, traduzir Shakespeare (veja-se FILIPE, 2018, 2019).



Fazer, para fins anthologicos futuros, uma selecta, devidamente classificada, dos contos notaveis do mundo, tomando o notavel por definidor de diversas ordens de coisas: o notavel superior da grandeza literaria, o notavel medio da perfeita execucao de um thema, o notavel inferior de uma idea bem realizada posta em execucao de um modo que a não deslustra. Em exemplos: a "Herodiade" de Flaubert, "Como o amor veio ao Professor Gildea" de Robert Hichens, "O Desapparecimento do Comboi Especial", de Conan Doyle.

(Realizar uma selecta d'estas mantém o contacto com o decorrente e o quotidiano, por assim dizer, e liberta da absorpção em demasiada grandeza, como seria a simples traducção de Shakespeare).

## DOCUMENTO 45

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Ha, por junto, só trez systemas verdadeiros de governo.

**Autor:** Fernando Pessoa.

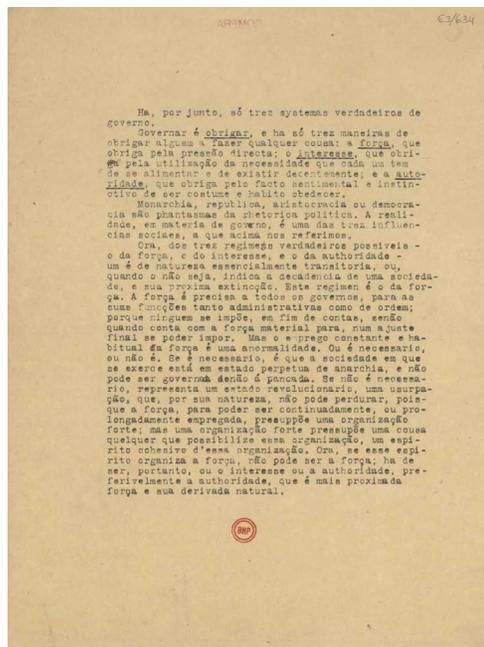
**Cota:** BNP/E3, 634 [antigos Avulsos 309-310].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada no rosto a tinta preta.

+ **Info:** Repare-se na aproximação entre alguns dos argumentos deste texto e os expostos, por exemplo, n' *O Interregno: Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal* (1928). Note-se a recusa da perpetuação no tempo por parte de um regime baseado na força e na imposição, um aspecto que lhe confere o mesmo carácter transitório que para Pessoa deveria ser o da Ditadura Militar.



Ha, por junto, só trez systemas verdadeiros de governo.

Governar é *obrigar*, e ha só trez maneiras de obrigar alguém a fazer qualquer cousa: a *força*, que obriga pela pressão directa; o *interesse*, que obriga pela utilização da necessidade que cada um tem de se alimentar e de existir decentemente; e a *autoridade*<sup>s</sup>, que obriga pelo facto sentimental e instinctivo de ser costume e habito obedecer.

Monarchia, republica, aristocracia ou democracia são phantasmas da rhetorica politica. A realidade, em materia de governo, é uma das trez influencias sociaes, a que acima nos referimos.

Ora, dos tres regimens verdadeiros possiveis – o da força, o do interesse, e o da *authoridade*<sup>b</sup> – um é de natureza essencialmente transitoria, ou, quando o não seja, indica a decadencia de uma sociedade, e sua proxima extincção. Este regimen é o da força. A força é precisa a todos os governos, para as suas funcções tanto administrativas como de ordem; porque ninguem se impõe, em fim de contas, senão quando conta com a força material para, num ajuste final se poder impor. Mas o emprego constante e habitual da força é uma anormalidade. Ou é necessario, ou não é. Se é necessario, é que a sociedade em que se exerce está em estado perpetua de anarchia, e não pode ser governada senão á pancada. Se não é necessario, representa um estado revolucionario, uma usurpação, que, por sua natureza não pode perdurar, poisque a força, para poder ser continuamente, ou prolongadamente empregada, presuppõe uma organização forte; mas uma organização forte presuppõe uma cousa qualquer que possibilize essa organização, um espirito cohesivo d'essa organização. Ora, se esse espirito organiza a força, não pode ser a força; ha de ser, portanto, ou o interesse ou a *authoridade*, preferivelmente a *authoridade*, que é mais proxima da força e sua derivada natural.

interesse ou a autoridade, preferivelmente a autoridade, que é mais proxima da força e sua derivada natural.

## NOTAS

<sup>a</sup> autoridade ] *sem th.*

<sup>b</sup> authority ] *com th.*

## DOCUMENTO 46

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Na incultura, que, quase sem excepção.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 637 [antigos Avulsos 192-193].

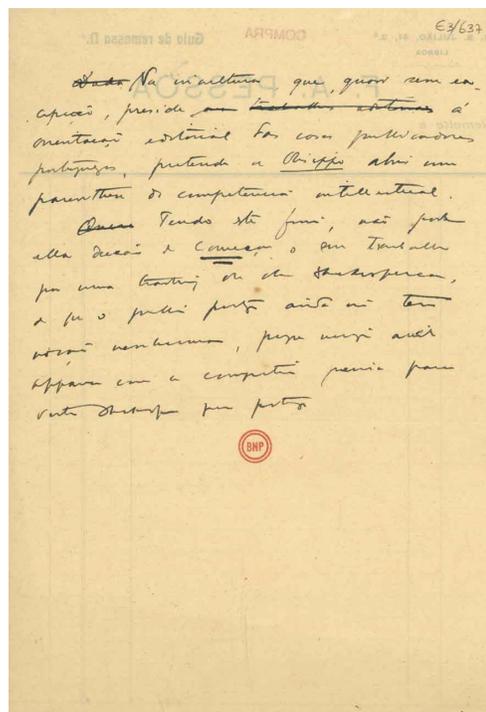
**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Texto manuscrito a tinta preta na face não timbrada de uma folha de escritório.

+ **Materiais:** Timbre da firma de comissões F. A. PESSOA | R. S. JULIÃO, 41, 3.º | LISBOA. O papel desta firma sugere uma possível datação crítica: 1917.

+ **Info:** A firma mudou-se para a Rua do Ouro, 87, 2.º, em Dezembro de 1917.



<Dada> Na incultura que, quasi sem excepção, preside <em trabalhos editoriaes> á orientação editorial das casas publicadoras portuguezas, pretende a *Olisippo* abrir um parenthese de competencia intellectual.

<Quere> Tendo este fim, não pode ella deixar de *começar* o seu trabalho por uma traducção da obra shakespeareana, de que o publico portuguez ainda não tem noção nenhuma, porque ninguem appareceu com a competencia previa para verter Shakespeare para portuguez

## DOCUMENTO 47

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Num fabulario ainda por encontrar.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 640 [antigos Avulsos 128-129].

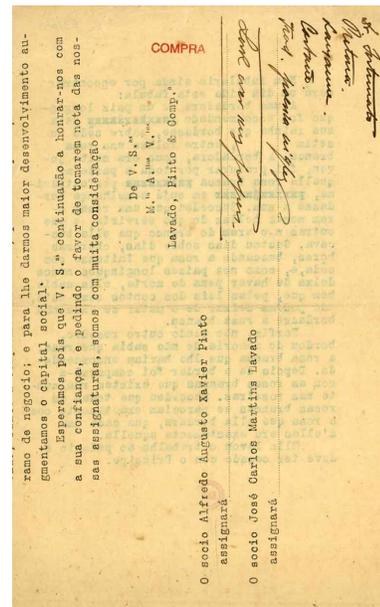
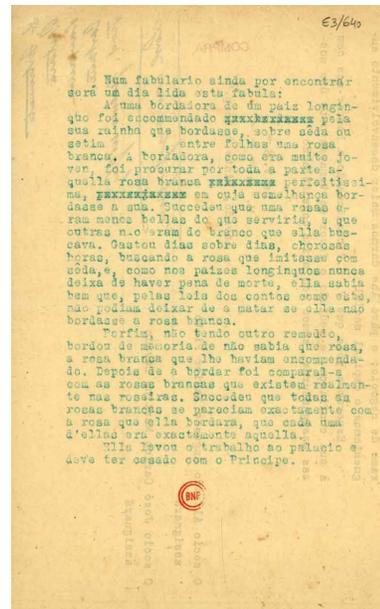
**Data:** c. 1915.

**Publicação:** Este breve texto foi publicado em *O Jornal*, n.º 1, a 4 de abril de 1915, mas não a partir deste testemunho quase desconhecido. Note-se que este carece de título.

**Materiais:** Texto dactilografado a tinta verde no verso de meia folha de uma circular que dá conta da constituição de uma sociedade em nome COLLECTIVO sob a firma LAVADO, PINTO & COMPANHIA. Outras folhas afins encontram-se descritas no aparato crítico do volume *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009).

+ **Materiais:** Existem uns apontamentos na face com o texto da circular: “Dr. Fortunato | Pretoria. | Lausanne. | Castañe. | Trad. poesia inglesa. | Look over my papers”.

+ **Info:** Luís Fortunato da Fonseca (1859-1934), que usou o pseudónimo Fausto de Azevedo, frequentava a tertúlia da Brasileira; é referido por Pessoa no diário de 1913. Adolfo Rodríguez Castañé (1887-1978), de origem espanhola, fez o único retrato de Fernando Pessoa em vida – uma pintura a óleo – e, também, uma caricatura, em 1912; e expôs a sua obra gráfica nos dois Salões de Humoristas Portugueses (1912 e 1913). Sobre estas figuras, veja-se BARRETO (2016) e SÁ (2012).



Num fabulario ainda por encontrar será um dia lida esta fabula:

A uma bordadora de um paiz longinquo foi encommendado <que bordasse> pela sua rainha que bordasse, sobre sêda ou setim □, entre folhas uma rosa branca. A bordadora, como era muito joven, foi procurar por toda a parte aquella rosa branca <pela seme> perfektissima, <por cuja sem> em cuja semelhança bordasse a sua. Succedeu que uma[s] rosas eram menos bellas do que serviria, e que outras não eram do branco que ella buscava. Gastou dias sobre dias, chorasas horas, buscando a rosa que imitasse com sêda, e, como nos paizes longinuos nunca deixa de haver pena de morte, ella sabia bem que, pelas leis dos contos como este, não podiam deixar de a matar se ella nao bordasse a rosa branca.

Porfim, não tendo outro remedio, bordou de memoria de não sabia que rosa, a rosa branca que lhe haviam encommendado. Depois de a bordar foi comparal-a com as rosas brancas que existem realmente nas roseiras. Succedeu que todas as rosas brancas se pareciam exactamente com a rosa que ella bordara, que cada uma d'ellas era exactamente aquella.

Ella levou o trabalho ao palacio e deve ter casado com o Principe.

## DOCUMENTO 48

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Portugal tem a escolher entre deixar-se governar por um de dois principios.

**Autor:** Fernando Pessoa.

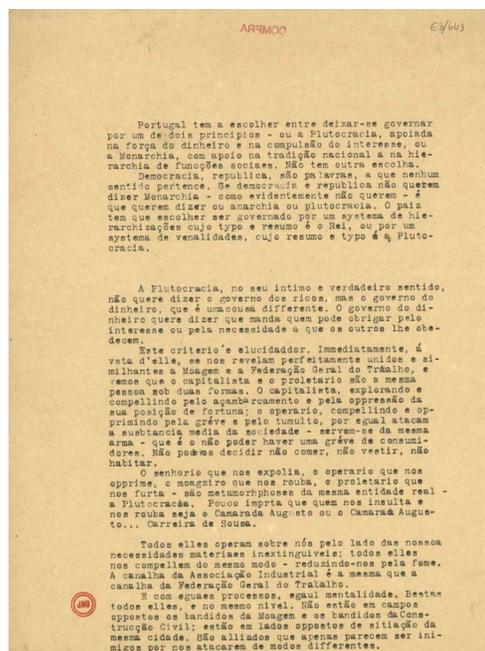
**Cota:** BNP/E3, 643 [antigos Avulsos 307-308].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel dactilografada a tinta preta no rosto.

**+ Info:** Existe uma interessante referência a Augusto Carreira de Sousa: “Pouco importa que quem nos insulta e nos rouba seja o Camarada Augusto ou o Camarada Augusto... Carreira de Sousa”.



Portugal tem a escolher entre deixar-se governar por um de dois principios – ou a Plutocracia, apoiada na força do dinheiro e na compulsão do interesse, ou a Monarchia, com apoio na tradição nacional e na hierarchia de funções sociaes. Não tem outra escolha.

Democracia, republica, são palavras, a que nenhum sentido pertence. Se democracia e republica não querem dizer Monarchia – como evidentemente não querem – é que querem dizer ou anarchia ou plutocracia. O paiz tem que escolher ser governado por um systema de hierarchizações cujo typo e resumo é o Rei, ou por um systema de venalidades, cujo resumo e typo é a Plutocracia.

A Plutocracia, no seu intimo e verdadeiro sentido, não quer dizer o governo dos ricos, mas o governo do dinheiro, que é uma cousa differente. O governo do dinheiro quer dizer que manda quem pode obrigar pelo interesse ou pela necessidade a que os outros lhe obedecem.

Este criterio é elucidador<sup>a</sup>. Inmediatamente, á vista<sup>b</sup> d'elle, se nos revelam perfeitamente unidos e semelhantes a Moagem e a Federação Geral do Trabalho, e vemos que o capitalista e o proletario são a mesma pessoa sob duas formas. O

capitalista, explorando e compellindo pelo açambarcamento e pela opressão da sua posição de fortuna; o operario, compellindo e opprimindo pela gréve e pelo tumulto, por igual atacam a susbtancia media da sociedade – servem-se da mesma arma – que é o não poder haver uma gréve de consumidores. Não podemos decidir não comer, não vestir, não habitar.

O senhorio que nos expolia, o operario que nos opprime, o moagziro que nos rouba, o proletario que nos furta – são metamorphoses<sup>c</sup> da mesma entidade real – a Plutocracia. Pouco importa<sup>d</sup> que quem nos insulta e nos rouba seja o Camarada Augusto ou o Camarada Augusto... Carreira de Sousa.

Todos elles operam sobre nós pelo lado das nossas<sup>f</sup> necessidades materiaes inextinguiveis; todos elles nos compellem do mesmo modo – reduzindo-nos pela fome. A canalha da Associação Industrial é a mesma que a canalha da Federação Geral do Trabalho.

E com eguaes processos, egual<sup>g</sup> mentalidade. Bestas todos elles, e no mesmo nivel. Não estão em campos oppostos os bandidos da Moagem e os bandidos da Construcção Civil; estão em lados oppostos de sítiação da mesma cidade. São alliados que apenas parecem ser inimigos por nos atacarem de modos diferentes.

## NOTAS

<sup>a</sup> elucidador ] *no original*.

<sup>b</sup> vsta ] *no original*.

<sup>c</sup> metamorphoses ] *no original*.

<sup>d</sup> imprta ] *no original*.

<sup>e</sup> Augusto Carreira de Sousa (1883-1933) foi um banqueiro bastante reconhecido em Lisboa. Cunhado de Fausto Cardoso de Figueiredo (1880-1950), com o qual idealizou o projecto da *Estoril – Estação Maritima, Climatica, Thermal e Sportiva* e a Sociedade Estoril, na qual exerceu as funções de director e de presidente do conselho de administração. É no âmbito desse projecto que se lançou o celebrado Casino do Estoril, cuja primeira pedra foi simbolicamente disposta no dia 16 de Janeiro de 1916, contando com a presença de Bernardim Machado. É este projecto que se encontra na origem da controversa lei do jogo que Pessoa chegou a comentar nos jornais (cf. SOUSA, 2020). Aquando da sua morte, era administrador da Companhia Agrícola Ultramarina e presidente do conselho de administração da Companhia Sintra-Atlântico. No *Diário de Notícias* de 18 de Setembro de 1933 (cf. em linha: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05751.015.04425#!5>), a notícia da sua morte encontra-se em destaque.

<sup>f</sup> nossoa ] *no original*.

<sup>g</sup> egaul ] *no original*.

## DOCUMENTO 49

**Título:** “Profecias que dizem respeito aos jesuitas e sebastianistas.”

**Incipit:** (manuscriptos) Bibl. Acad. Gab. 5º Gav. 18ª. Maço 7º.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Data:** Sem data.

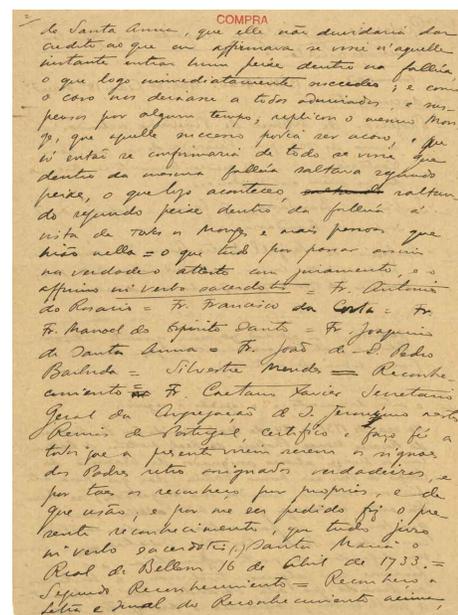
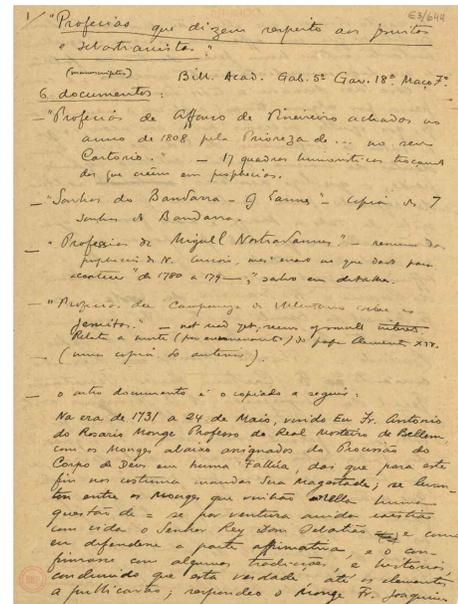
**Cota:** BNP/E3, 644 [antigos Avulsos 10-13].

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Duas folhas de papel manuscritas a tinta preta, hoje ligeiramente acastanhada.

+ **Materiais:** As folhas foram dobradas a meio; o verso da segunda folha contém vários esquemas.

+ **Info:** A cota foi alterada, mas o manuscrito que Pessoa consultou ainda existe na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Na altura em que Pessoa fez a consulta, o documento estava localizado em “Gab. 5º Gav. 18ª. Maço 7º”; hoje tem a cota “Vermelho 706”. Mas em vez de seis documentos, encontram-se três: dois são testemunhos do documento referido como “Profecias da Camponeza de Valentano sobre os jesuitas”; outro, o referido como “Profecias de Miguel Nostradamus”. Ora, o documento citado como “Sonhos do Bandarra – G Eannes” encontra-se na Academia das Ciências com a cota “Vermelho 434”. Refira-se que o documento intitulado “Profecias de Affonso de Pineireiro achadas no anno de 1808 pela Prioreza de... no seu Cartorio” ainda não foi localizado. Pessoa também utilizou estes suportes materiais para registar o título de uma profecia redigida em castelhano, publicada em 1762: trata-se de um tratado anónimo por vezes atribuído a Pierre Goudar.



“Profecias que dizem respeito aos jesuitas e sebastianistas.”

(manuscriptos) Bibl. Acad. Gab. 5º Gav. 18ª. Maço 7º.

6 documentos:

- “Profecias de Affonso de Pineireiro achadas no anno de 1808 pela Prioreza de... no seu Cartorio.” – 17 quadras humoristicas troçando dos que crêem em prophecias.
- “Sonhos do Bandarra – G Eannes” – copia dos 7 sonhos do Bandarra.
- “Profecias de Miguel Nostradamus.” – resumo das prophecias de N. Carneiro, mas errado no que dava para acontecer “de 1780 a 179 -,” salvo em detalhes.

– “Profecias da Camponeza de Valentano sobre os jesuitas.” – not read yet; seems of small interest. Relata a morte (por envenenamento) do papa Clemente XIV.

– (uma copia do anterior).

– o outro documento é o copiado a seguir:

Na era de 1731 a 24 de Maio, vindo eu Fr. Antonio do Rosario Monge Professo do Real Mosteiro de Bellem, com os Monges abaixo assignados da Procissão do Corpo de Deus em huma Fallúa, das que para este fim nos costuma mandar sua Magestade; se levantou entre os Monges que vinhão <t> nella huma questão de = se por ventura ainda existia com vida o Senhor Rey Dom Sebastião = <t> e como eu defendesse a parte affirmativa, e o confirmasse com algumas tradições, e historias, concluindo que esta verdade, até os elementos a publicarão; respondeo o Monge Fr. Joaquim de Santa Anna, que elle não duvidaria dar credito ao que eu affirmara se visse n’aquelle instante entrar hum peixe dentro na fallúa, o que logo immediatamente succedeo; e como o caso nos deixasse a todos admirados, e suspensos por algum tempo; replicou o mesmo Monge, que aquelle successo podia ser acaso, e que só então se confirmaria de todo se visse que dentro da mesma fallúa saltava segundo peixe, o que logo aconteceu, <saltando> saltando segundo peixe dentro da fallúa á visita de todos os Monges e mais pessoas que hião nella = o que tudo por passar assim na verdade o attesto com juramento, e o affirmo *in verbo sacerdotis* = Fr. Antonio do Rosario = Fr. Francisco da Costa = Fr. Manoel do Espirito Santo = Fr. Joaquim de Santa Anna = Fr. João de D. Pedro Barbuda = Silvestre Mendes = Reconhecimento = <t> Fr. Caetano Xavier Secretario Geral da Congregação de D. Jeron<y>/i\mo nestes Reinos de Portugal, certifico e faço fé a todos que a presente virem serem os signaes dos Padres retro assignados verdadeiros, e por taes os reconheço por proprios, e de que usão; e por me ser pedido fiz o presente reconhecimento, que tudo juro in verbo sacerdotis(.) Santa Maria o Real de Bellem 16 de Abril de 1733. = Segundo Reconhecimento = Reconheço a Letra e Sinal do Reconhecimento acima, ser do R<sup>do</sup> S. Fr. Caetano Xavier, nelle contendo. Lisboa Occidental 16 de Abril de 1733. – Lugar do Sinal Publico = Em testemunho de verdade. O Tabalião Antonio da Silva Freire = E tresladada a concertei com a propria a que me reporto, que me foi apresentada por parte do Sacristão Mor do Real Convento de Bellem, e esta copia porei em publica forma. Lisboa Occidental 16 de Abril de 1733, e a propria tornei a entregar a quem ma apresentou — E eu sobredito Tabalião Antonio da Silva Freire o fiz trasladar, subscrevi, e assignei em publico, e razo = Antonio da Silva de Freire =

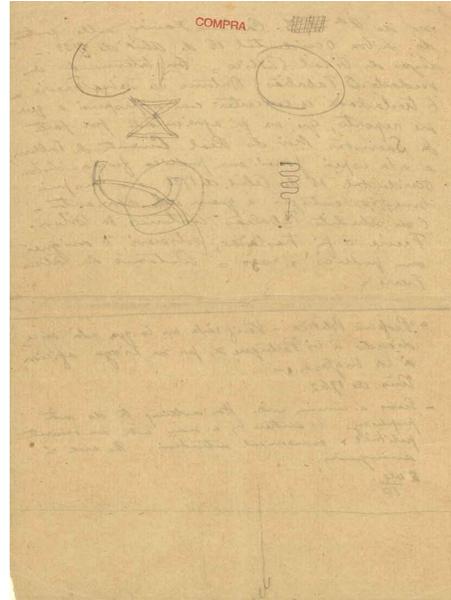
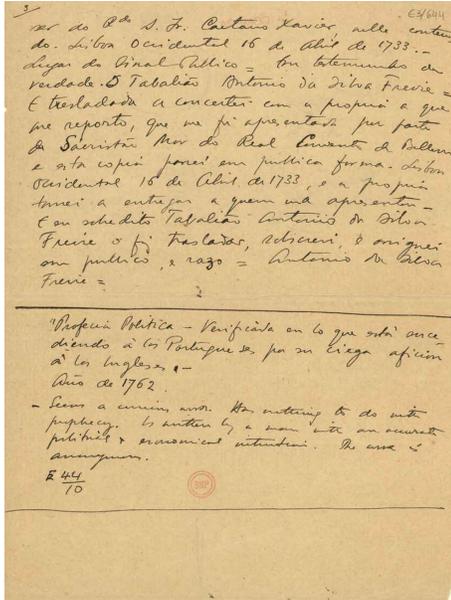
---

“Profecia politica — Verificada en lo que está sucediendo á los Portugueses por su ciega aficion à los ingleses -

Año de 1762.

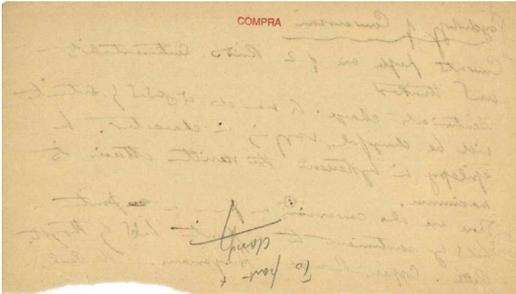
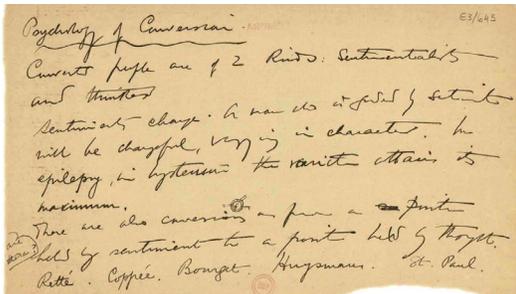
– Seems a curious work. Has nothing to do with prophecy. Is written by a man with an accurate political and economical intuition. The work is anonymous.

---



DOCUMENTO 50

**Título:** Psychology of Conversion.  
**Incipit:** Converted people are of 2 kinds.  
**Autor:** Fernando Pessoa.  
**Cota:** BNP/E3, 645 [antigos Avulsos 216-217].  
**Data:** c. 1907.  
**Publicação:** Inédito.  
**Materiais:** Um recorte de folha de papel manuscrito a tinta preta.  
**+ Materiais:** No verso, a lápis, pode ler-se: "To part & classify".  
**+ Info:** Este apontamento lembra textos e leituras de Fernando Pessoa de c. 1907.



*Psychology of Conversion*  
 Converted people are of 2 kinds: sentimentalists and thinkers.  
 Sentimentalists change. A man who is guided by sentiments will be changeful,  
 varying in character. In epilepsy, in hysteresism the variation attains its maximum.  
 There are also conversions as from a position hold by sentiment to a position hold  
 by thought.  
 Retté. Coppée. Bourget. Huysmans. St. Paul.

## DOCUMENTO 51

**Título:** Sem título.

**Incipit:** There are 3 men whom I wonder.

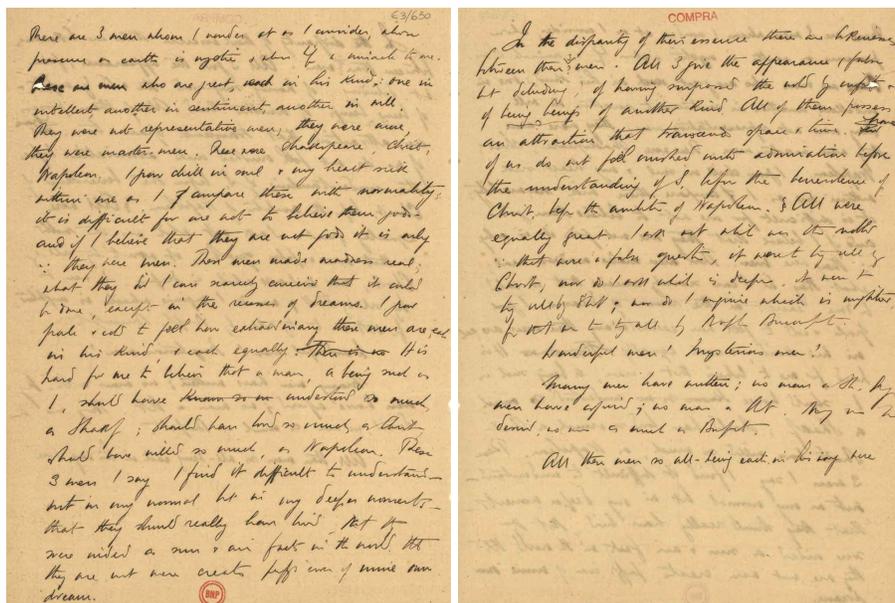
**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 650 [antigos Avulsos 344-345].

**Data:** 1907-1908.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita a tinta preta pelos dois lados do suporte.



There are 3 men whom I wonder as I consider, whose presence on earth is mystic & whose life a miracle to me. These are men who are great, each in his kind: one in intellect, another in sentiment, another in will. They were not representative men, they were more, they were master-men. These were Shakespeare, Christ, Napoleon. I grow chill in soul & my heart sick within me as I compare these with normality; it is difficult for me not to believe them gods – and if I believe that they are not gods it is only because they were men. These men made madness real; what they did I can scarcely conceive that it could be done, except in the recesses of dreams. I grow pale & cold to feel how extraordinary these men are, each in his kind, & each equally. There is no It is hard for me to believe that a man, a being such as I, should have known so much, as Shakesp[ea]; should have loved so much, as Christ; should have willed so much, as Napoleon. These 3 men I say I find it difficult to understand – not in my normal but in my deeper moments – that they should really have lived. Not [that] they were indeed as sun & air facts in the world, that they are not mere creatures \*puffing ever of mine own dream.

In the disparity of their essence there are likenesses between other [↑ /3/] men. All 3 give the appearance (false but deluding) of having surpassed the world by infinity & of /being beings/ of another kind. All of them possess an attraction that transcends space & time. Few [↑ None] of us do not feel crushed unto admiration before the understanding of S[hakespeare], before the benevolence of Christ, before the ambition of Napoleon. § All were equally great. I ask not which was the nobler, ∴ [because] that were a false question, it were to try all by Christ, nor do I ask which is deeper, it were to try all by Shak[espeare]; nor do I inquire which is mightier, for that was to try all by Napoleon Bonaparte.

Wonderful men! Mysterious men!

Many men have written; no men as Sh[akespeare]. Many men have aspired; no man as Christ. Many men have desired, no man as much as Bonaparte.

All these men so all-being each in his way were □

## DOCUMENTO 52

**Título:** Sem título.

**Incipit:** É evidente que um empreendimento.

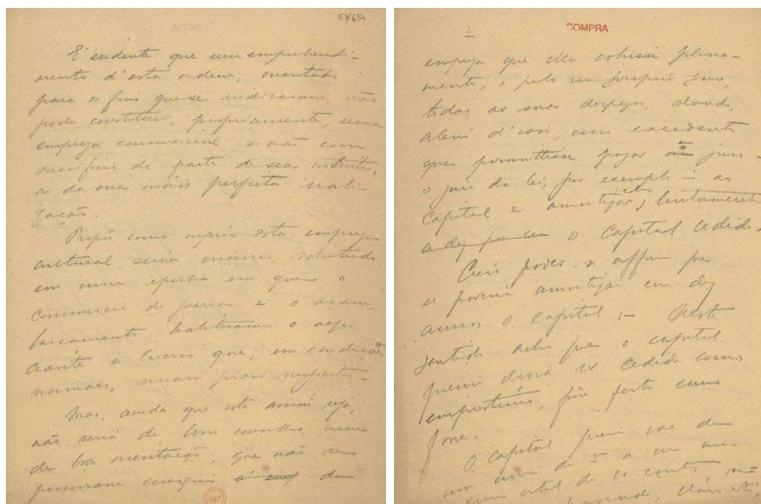
**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 654 [antigos Avulsos 692-693].

**Data:** Sem data, mas cf. “em uma epocha em que o commercio de guerra”.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Um troço de folha manuscrito a lápis no rosto e no verso.



É evidente que um empreendimento d’esta ordem, orientado para os fins que se indicaram, não pode constituir, propriamente, uma empresa commercial, se não com sacrificio de parte de seus intuitos, ou da sua mais perfeita realização.

Propôr como negocio esta empresa cultural, seria irrisorio, sobretudo em uma epocha em que o commercio de guerra e o açambarcamento habituaram o negociante a lucros que, em condições normaes, seriam quasi suspeitos.

Mas, ainda que isto assim seja, não seria de bom conselho, nem de boa orientação, que não se procurasse conseguir <á emp> da empresa que ella cobrisse plenamente, e pelo seu proprio giro, todas as suas despesas, dando, além d’isso, um excedente que permittisse pagar em <†> [↑ <0>] [↑ um] juro – o juro da lei, por exemplo – ao capital e amortizar [↑ \*claro], lentamente, <a dez por cento> o capital cedido.

Creio poder-se affirmar que se poderia amortizar em dez annos o capital: – Neste sentido acho que o capital previo devia ser cedido como emprestimo, fosse feito como fosse.

O capital previo vae de um minimo de 5 a um máximo util de 10 contos, não havendo, claro está, □

## DOCUMENTO 53

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Estas trez partes, em que o presente relatorio se divide.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 655 [antigos Avulsos 517-519].

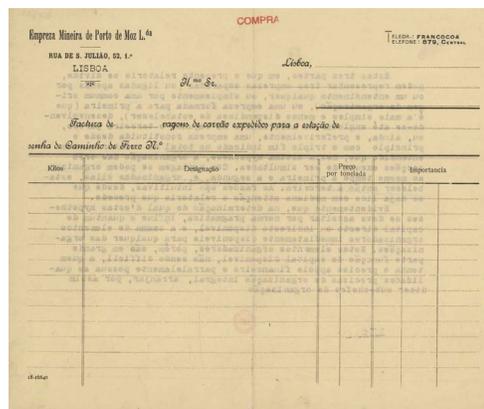
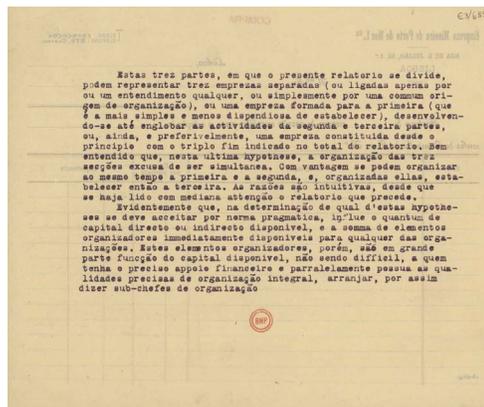
**Data:** Sem data.

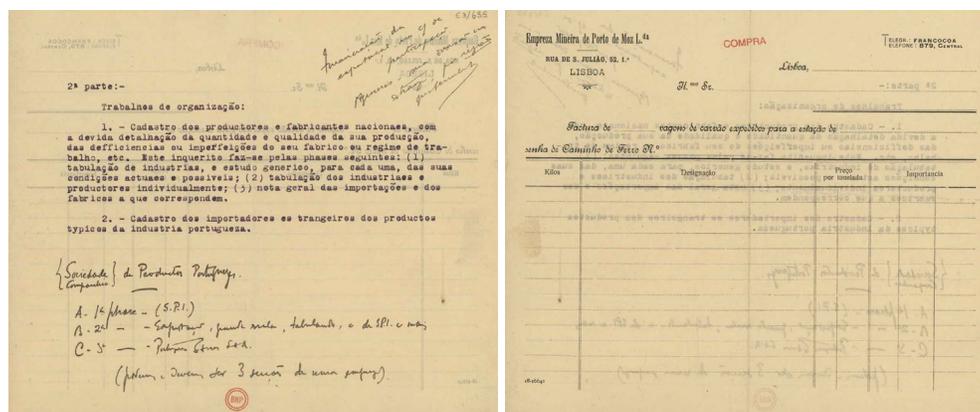
**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Duas folhas de factura de uma empresa mineira de Lisboa dactilografadas a tinta preta e ainda manuscritas no fim.

+ **Materiais:** Factura para determinado número de “vagens de carvão” expedidos em determinada estação de comboios, da Empresa Mineira de Porto de Moz L.<sup>da</sup> | RUA DE S. JULIÃO, 52, 1.º | LISBOA.

+ **Info:** Geraldo Coelho de Jesus era o administrador das Minas Porto de Mós. Alguma correspondência referente a estas minas é de 1919-1921.





Estas trez partes, em que o presente relatorio se divide, podem representar trez empresas separadas (ou ligadas apenas por ou um entendimento qualquer, ou simplesmente por uma commum origem de organização), ou uma empresa formada para a primeira (que é a mais simples e menos dispendiosa de estabelecer), desenvolvendo-se até englobar as actividades da segunda e terceira partes, ou, ainda, e preferivelmente, uma empresa constituida desde o principio com o triplo fim indicado no total do relatorio. Bem entendido que, nesta ultima hypothese, a organização das trez secções excusa de ser simultanea. Com vantagem se podem organizar ao mesmo tempo a primeira e a segunda, e, organizadas ellas, estabelecer então a terceira. As razões são intuitivas, desde que se haja lido com mediana atenção o relatorio que precede.

Evidentemente que, na determinação de qual d'estas hypotheses se deve acceitar por norma pragmatica, influe o quantum de capital directo ou indirecto disponivel, e a somma de elementos organizadores immediatamente disponiveis para qualquer das organizações. Estes elementos organizadores, porém, são em grande parte funcção do capital disponivel, não sendo difficil, a quem tenha o preciso apoio financeiro e paralelamente possua as qualidades precisas de organização integral, arranjar, por assim dizer sub-chefes de organização

2ª parte: -

Trabalhos de organização:

1. - Cadastro dos productores e fabricantes nacionaes, com a devida detalhação da quantidade e qualidade da sua producção, das defficiencias ou imperfeições do seu fabrico ou regime de trabalho, etc. Este inquerito faz-se pelas phases seguintes: (1) tabulação de industrias, e estudo generico, para cada uma, das suas condições actuaes e possiveis; (2) tabulação dos industriaes e productores individualmente; (3) nota geral das importações e dos fabricos a que correspondem.

2. - Cadastro dos importadores es trangeiros dos productos typicos da industria portugueza.

[Sociedade ] de Productos Portuguezes.  
[Companhia]

A – 1ª phase – (S.P.I.)

B – 2ª [phase] – Exportação, grande escala, tabulando, a de S.P.I. e mais

C – 3ª [phase] – Portugal ▼† Lda).

(podem e devem ser 3 secções de uma empresa)

Financiação da exportação em c/[aso] de participação.

Agencias – sua divisão no estrangeiro, por regiões preferivelmente]

## DOCUMENTO 54

**Título:** Sem título.

**Incipit:** I. Antepaginas.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 695.

**Data:** c. 1923.

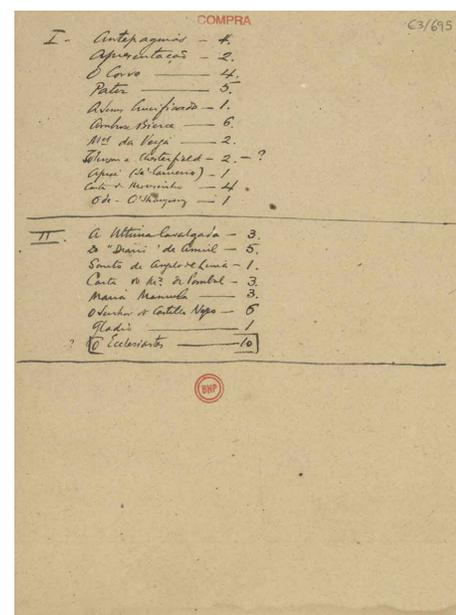
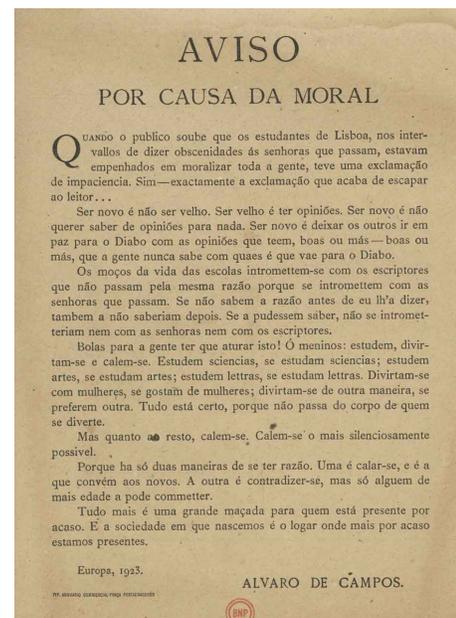
**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Texto manuscrito a tinta preta no verso de um impresso do “Aviso por Causa da Moral”, de Álvaro de Campos.

+ **Materiais:** Pessoa procura calcular o número de páginas que ocuparia cada texto em cada número de uma publicação não identificada; provavelmente a *Athena* ou uma revista na génese da *Athena*.

+ **Info:** No documento BNP/E3, 731, muitos destes textos encontram-se incluídos numa lista de várias traduções a efectuar.

I.	Antepaginas	4. <sup>a</sup>	
	Apresentação		2.
	O Corvo		4.
	Pater		5.
	A Jesus Crucificado		1.
	Ambroce Bierce		6.
	M <sup>el</sup> da Veiga		2.
	Johnson a Chesterfield		2. – ?
	Apice (Sá-Carneiro)		1
	Carta de Mousinho		4
	Ode – O’Shaughnessy		1



- II. A Última Cavalgada \_\_\_\_\_ 3.  
 Do “Diário” de Amiel \_\_\_\_\_ 5.  
 Soneto de Angelo de Lima \_ 1.  
 Carta do M<sup>z</sup> de Pombal \_\_\_\_ 3.  
 Maria Manuela \_\_\_\_\_ 3.<sup>b</sup>  
 O Senhor do Castello Negro \_ 6  
 Gladio \_\_\_\_\_ 1  
 ? [O Ecclesiastes] \_\_\_\_\_ 10]<sup>c</sup>

## NOTAS

<sup>a</sup> Este documento parece ser o esboço de uma revista a organizar em dois tomos, com conteúdos muito diversos, denunciando o habitual pendor sincrético de Pessoa, em termos de conjugação entre autores de diferentes nacionalidades, de géneros literários díspares e de textos de épocas e conteúdos e índole muito diversos. No primeiro número, figurariam sobretudo autores anglo-saxónicos, como: Edgar Allan Poe (*O Corvo*); Walter Pater (provavelmente publicado mais extensamente extensão do ocorreria no segundo número de *Athena*); Ambrose Bierce, poeta e autor de *short stories* e de narrativas fantásticas; Samuel Johnson (a carta dirigida a Lord Chesterfield em 1755); e Arthur O’Shaughnessy (“Ode”, poema publicado 1873 na recolha *Music and Moonlight*); e ainda autores de língua portuguesa de diferentes épocas, incluindo o poeta barroco brasileiro Gregório de Matos (o poema “A Jesus Crucificado” refere-se provavelmente à composição sua com esse nome), Manuel Tagarro (provavelmente o poeta seiscentista Manuel da Tagarro, autor de *Laura de Anfriso*, de 1627), Mousinho de Albuquerque (a carta escrita ao infante D. Luís de Bragança em 1900 ou 1901, que só seria publicada em 1908 e que se tornaria num reconhecido emblema do patriotismo nacional) e Mário de Sá-Carneiro (o poema “Ápice” seria publicado no número 5 da *presença*, de 4 de Junho de 1927, e em *Indícios de Oiro*, de 1937). No segundo número, seriam incluídos: *A Última Cavalgada*, de Robert Browning (1855); excertos do *Journal Intime* de Amiel, crítico e filósofo suíço mencionado no *Livro do Desassossego*; um soneto de Ângelo de Lima, provavelmente “Pára-me de repente o Pensamento”, muito apreciado por Pessoa e publicado no terceiro número de *Sudoeste* (1935); uma carta de Sebastião José de Carvalho e Melo, o celebrado Marquês de Pombal; “Maria Manuela” ou “Maria Manoela”, de António Molarinho; “o Senhor do Catello Negro”, de Conan Doyle; o poema “Gládio”, única composição de Pessoa contemplada; e talvez excertos do *Ecclesiastes*.

<sup>b</sup> António Molarinho (1860-1890) foi um poeta oitocentista influenciado por Antero de Quental, também pintor, escultor e forjador de medalhas, com formação na Faculdade de Belas Artes do Porto. A sua obra poética só foi publicada em 1921, por intervenção do futuramente muito celebrado Aristides de Sousa Mendes e de Adelaide Molarinho, irmã do poeta, contendo como prefácio a carta escrita por Antero a 26 de Agosto de 1889, edição que parece próxima da equacionada por Pessoa nos tempos da *Íbis* (144V-4), plano que prosseguiu sobretudo em torno do poema “Maria Manuela” (BNP/E3, 48-18 e 19<sup>r</sup>, 48-20<sup>r</sup>, 48-8, 48B-108<sup>r</sup>, 165 e 715), incluído em 1929 na *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*, organizada em colaboração com António Botto (nas pp. 63-68). No documento 14<sup>a</sup>-62 a 64, Pessoa observa a respeito desse poema: “I know no poem so perfect in its kind as this heart-rending one. It is so simple a child can feel it; so cleverly worked that only the artist can feel its workmanship to the full”.

<sup>c</sup> Este último item, “O Ecclesiastes”, interrogado, está ainda dentro de parênteses rectos; estas marcas indicam um tipo de dupla hesitação.

## DOCUMENTO 55

**Título:** Notas de endereços e números telefônicos.

**Incipit:** Anjos & C<sup>a</sup> [riscado].

**Autor:** Fernando Pessoa.

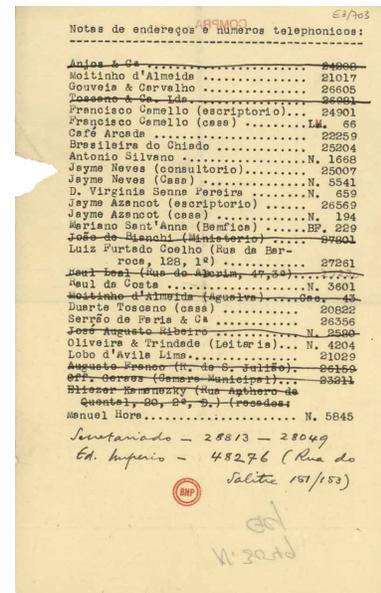
**Cota:** BNP/E3, 703.

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Texto dactilografado a tinta preta numa folha de papel, tendo alguns itens riscado a tinta preta, com a mesma caneta que foi utilizada para acrescentar duas linhas no fim.

+ **Info:** No verso figura outro número, "N. 3049", e duas ou três letras.



*Notas de endereços e números telephonicos:<sup>a</sup>*

<Anjos & C <sup>a</sup> .....	24208>
Moitinho d'Almeida .....	21017
Gouveia & Carvalho .....	26605
<Toscano & Ca. Lda. ....	26981>
Francisco Camello (escritorio) .....	24901
Francisco Camello (casa) .....	LM. 66
Café Arcada .....	22259
Brasileira do Chiado .....	25204
Antonio Silvano .....	N. 1668
Jayme Neves (consultório) .....	25007
Jayme Neves (Casa) .....	N. 5541
D. Virginia Senna Pereira .....	N. 659
Jayme Azancot (escritorio) .....	26569
Jayme Azancot (casa) .....	N. 194
Mariano Sant'Anna (Bemfica) .....	BF. 229
<João de Bianchi (Ministerio) .....	27801>
Luiz Furtado Coelho (Rua da Barroca, 128, 1º) .....	27261
<Raul Leal (Rua do Aboim, 47, 3º .....	[→27230]>
Raul da Costa .....	N. 3601
<Moitinho d'Almeida (Aqualva) .....	Cac. 43>
Duarte Toscano (casa) .....	20822
Serrão de Faria & C <sup>a</sup> .....	26356
<José Augusto Ribeiro .....	N. 2580> <sup>b</sup>
Oliveira & Trindade (Leitaria) .....	N. 4204

Lobo d'Avila Lima .....	21029
<Augusto Franco (R. de S. Julião) .....	26159
<Off. Geraes (Camara Municipal) .....	23211>
<Eliezer Kamenezky (Rua Anthero de Quental, 20, 2º, D.) (recados:>	
Manuel Hora .....	N. 5845
[↓ Secretariado – 28813 – 28049]	
[↓ Ed. Imperio – 48276 (Rua do Salitre 151/153)]	

## NOTAS

<sup>a</sup> Esta lista de contactos oferece uma panorâmica relativamente representativa da rede de contactos de Pessoa nos últimos anos da sua vida. Encontram-se contempladas algumas das empresas em que trabalhava, alguns vizinhos e comerciantes com os quais lidava quotidianamente, médicos e advogados, alguns familiares e amigos. Assim, Luís Pedro Moitinho de Almeida (1912-2005) era filho de um dos seus primeiros empregadores, Carlos Moitinho de Almeida, tendo convivido de perto com os amigos que visitavam Pessoa na Moitinho de Almeida, Ltd., contexto que terá influenciado a publicação de um livro de poemas prefaciado por Pessoa, *Acrónios* (1932). Podem reconhecer-se na lista outras firmas para as quais Pessoa trabalhou sobretudo nos anos 30 e em cujos impressos escreveu parte da sua obra, como a Anjos & C<sup>a</sup> (mencionada numa carta enviada a Gaspar Simões a 26 de Maio de 1931; BNP/E3, 439), a Gouveia & Carvalho Lda. (propriedade de Francisco Gouveia e Victor da Silva Carvalho, presentes no momento da morte de Pessoa), a Toscano e Cia. Lda. (o sócio principal, Duarte Toscano, consta da lista também a título pessoal) e a Sociedade Portuguesa de Explosivos (da qual era sócio Francisco Camello, que, como é comum aos empregadores do poeta, desenvolveu com ele uma relação de confiança ou amizade) e a Serrão de Faria & C<sup>a</sup> (o proprietário enviou a Pessoa um telegrama no dia 2 de Janeiro de 1935, dando os parabéns pelo prémio atribuído a *Mensagem*; BNP/, E3 115<sup>2</sup>-25). Estão presentes alguns estabelecimentos de eleição de Pessoa, como os cafés Martinho da Arcada e Brasileira do Chiado ou a leitaria Oliveira & Trindade, assim como uma vizinha, a tia-avó do futuro poeta Jorge de Sena, conforme este recorda no texto “Vinte e cinco anos de Fernando Pessoa” (SENA, 2000: 129-137). Merecem também destaque amigos de longa data, como o filósofo Raul Leal, e algumas ligações familiares, como António Maria Silvano, um general retirado e marido da tia-avó Carolina, Raul da Costa, marido de Maria (a filha da tia Anica), ou Jaime Andrade Neves (1866-1955), médico e primo de Pessoa. Este último seria chamado na derradeira crise de saúde que conduziu à hospitalização e posterior falecimento de Pessoa e que terá diagnosticado como causa principal uma obstrução intestinal. Finalmente, uma palavra para a diversidade de personagens que adensam o panorama biográfico de Pessoa e evidenciam a multiplicidade dos seus interesses, por vezes surpreendentes. Assim, temos: Jaime Levy Azancot, advogado e poeta que colaborou na *Contemporânea* (sonetos “Bucólica” e “Solidão”, n.º 8, Fevereiro de 1923, pp. 111-112) e publicou em 1920 o livro de poesia *Recordar: 1918-1920*, noticiado nas páginas da *Ilustração Portuguesa* (cf.: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1920/N773/N773\\_master/N773.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1920/N773/N773_master/N773.pdf)), de 11 de Dezembro de 1920, tendo também sido casado com Judith Teixeira. Mariano Santana, um ocultista que frequentava os mesmos círculos intelectuais lisboetas que Pessoa e que conhecia o poeta desde pelo menos 1916, tendo estado também implicado no delicado processo de internamento de Alberto da Cunha Dias (cf. BARRETO, 2012c). João António de Bianchi (1884-1969), diplomata madeirense que por esta altura seria provavelmente Ministro Plenipotenciário em Washington (1933-1944), depois de ter desempenhado essas funções em Pequim entre 1925 e 1929. Luís Furtado Coelho (1863-1956), treinador de ginástica do infante D. Manuel, conhecido por ter sido um dos grandes divulgadores da ginástica sueca em Portugal, seguidor de Pehr Henrik, que foi recomendado por Egas Moniz em 1907 como solução para a desordem nervosa sofrida por Pessoa (nesse mesmo ano

publicou um livro intitulado precisamente *A Ginástica Sueca*) e que ainda teria contacto com o poeta em 1932, quando lhe ofereceu o *Manual Teórico e Prático da Ginástica Respiratória* (1931). José Caetano Lobo de Ávila (1885-1956), professor de Direito entre 1910 e 1913, maçom e deputado monárquico em 1918, seria por esta altura membro da Comissão Nacional de Educação, director do Banco de Portugal, Ministro Plenipotenciário em Berna (1933) ou em Roma (1935), autor de uma obra prolífera, de que se destacam alguns livros sobre política europeia (*Politica Internacional: O Imperialismo Italiano, a Cruzada dos Balkans, o Futuro da Europa*, 1913; *Portugal e a Guerra das Nações*, 1915; *Alguns Problemas Internacionais*, 1921; *Da Sociedade das Nações*, 1927; ou *Alguns problemas internacionais*, 1931) sobre a epopeia de Sacadura Cabral e Gago Coutinho (*Contribution des portugais au développement de la navigation aérienne*, 1928) um artigo sobre economia e finanças internacionais para o *Financial Times* (137F-4<sup>r</sup> a 10<sup>r</sup>). Augusto Cisneiro Franco, Vice-Presidente da Associação Industrial Portuguesa, sócio de Pessoa, Albano da Silva e Júlio Moura na Companhia União do Príncipe, incluído entre os destinatários dos panfletos pessoais de 1923 (cf. BARRETO, 2016). Eliezer Kamenesky (1888-1957), o singular judeu russo emigrado em Lisboa e praticante de naturismo e vegetarianismo, autor do livro de poemas *Alma Errante* (1932), prefaciado por Pessoa, e de um romance autobiográfico intitulado *Eliezer*, que chegou a ser atribuído ao poeta português, responsável por uma tradução para inglês conservada no espólio à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP/E3, 80 a 82). Uma nota ainda para a célebre Tipografia Império, na qual, em notas de Maria Aliete Galhoz recentemente dadas a conhecer por Ivo Castro, se teria conservado o chamado original da *Mensagem* (cf. CASTRO, 2022: 145).

<sup>b</sup> Não se conseguiram maiores informações sobre José Augusto Ribeiro.

## DOCUMENTO 56

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Editions of the type.

**Autor:** Fernando Pessoa.

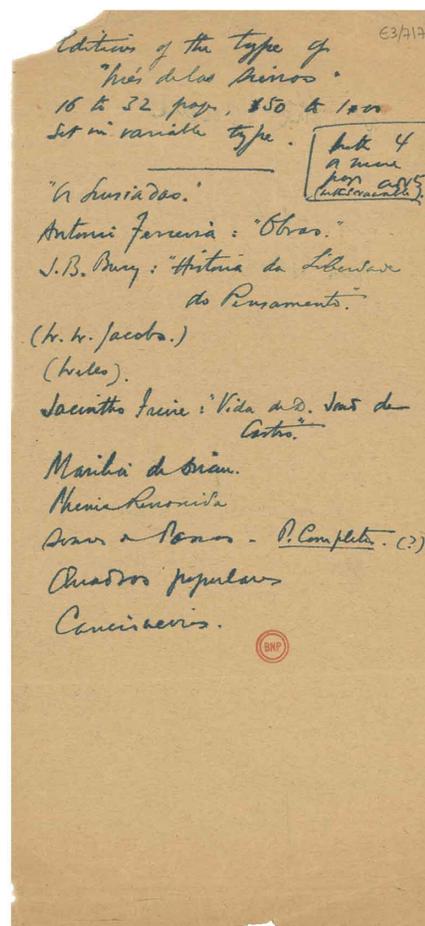
**Cota:** BNP/E3, 717 [antigos Avulsos 976].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Duas tiras de papel manuscritas a tinta azul no rosto e ainda no verso.

+ **Info:** Este documento constitui mais um exemplo dos ecléticos projectos de edição e tradução de obras de autores de épocas, nacionalidades e âmbitos muito distintos. Além de alguns exemplos de autores da história literária portuguesa recorrentes nas listas de projectos de Pessoa (Luís de Camões, António Ferreira e Soares de Passos) e de outras inclusões surpreendentes em língua portuguesa: *Vida de Dom João de Castro quarto Viso-Rey da India*, de Jacinto Freire de Andrade (1597-1657), de 1651; e *Marília de Dirceu*, poema maior do arcádico Tomás António Gonzaga (1744-1810), cujo início da publicação data de 1792. A lista inclui ainda obras que se encontram ou poderiam encontrar conservadas na Biblioteca particular de Fernando Pessoa, casos de *A History of Freedom of Thought* (1913), do irlandês John B. Bury (CFP 1-17), de W. W. Jacobs, dramaturgo e autor de



*short stories* (sete livros conservados), e de H. G. Wells, o prolífero autor conhecido pelas obras de ficção científica (treze volumes conservados). “Quadras populares” e “Cancioneiro” podem ser, quer designações para antologias a preparar, quer projectos do próprio Fernando Pessoa. *Inés de las sierras* é o nome de uma novela gótica do romancista francês Charles Nodier (1780-1844), personalidade importante no desenvolvimento do Romantismo em França, publicado em 1837 e traduzido para espanhol logo em 1839.

Editions of the type of

“Inés de las Sierras”

16 to 32 pages, \$50 to 1\$00  
set in variable type.

With 4  
or more  
pages advts  
[advertisements]  
(\*withdrawable).

“Os Lusíadas.”

Antonio Ferreira: “Obras.”

J[ohn] B[ernard] Bury: “Historia da Liberdade  
do Pensamento.”

(W[illiam] W[ymark] Jacobs.)

(Wells).

Jacinto Freire: “Vida de D. João de Castro.”

Marília de Dirceu.

Soares de Passos – P[oemas] Completos. (?)

Quadras Populares

Cancioneiros.

Or the same

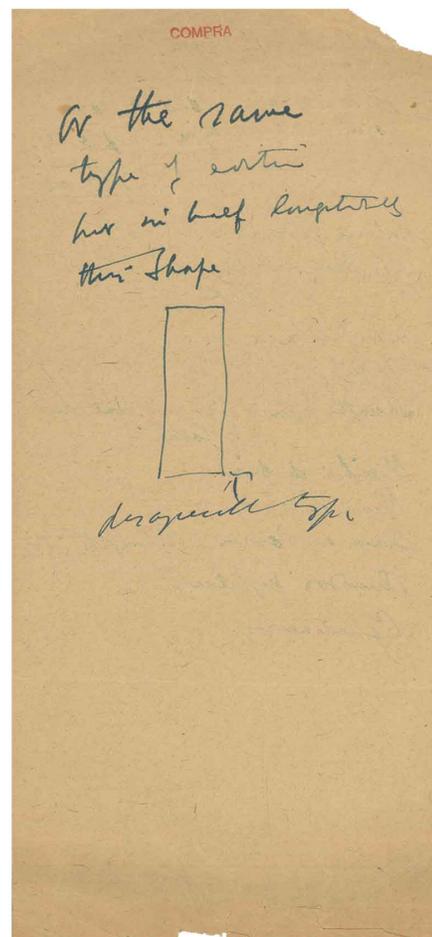
type of edition

but in half longitudinally

this shape



\*disagreeable type



## DOCUMENTO 57

**Título:** Give Mad Fiddler to.

**Autor:** Fernando Pessoa.

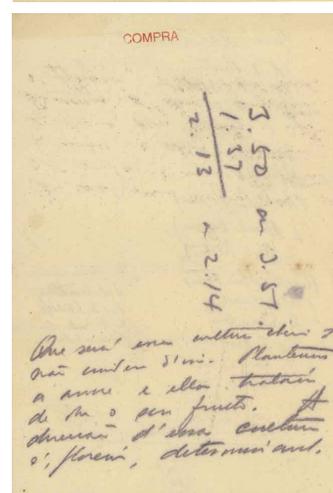
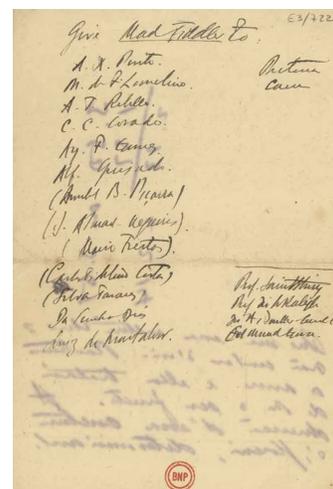
**Cota:** BNP/E3, 722 [antigos Avulsos 976-977].

**Data:** Sem data; c. 1917.

**Publicação:** *Ibéria* (PESSOA, 2012: 152-153).

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita a tinta preta, no rosto, e a lápis roxo, no verso.

+ **Info:** Além de Alfredo Guisado (1891-1975) e José de Almada Negreiros (1890-1970), dois dos mais importantes poetas do grupo de *Orpheu*, esta lista de destinatários de Pessoa inclui, como é recorrente, nomes de vários contextos da sua vida e do seu projecto enquanto autor. No verso lê-se: “Que será essa cultura iberica? Não cuidemos d’isso. Plantemos a arvore e ella tratará de dar o seu fructo. A direcção d’essa cultura é, porém, determinavel” (PESSOA, 2012: 47). “O mais curioso da lista anexa é que *The Mad Fiddler* não foi publicado e não imaginamos que Pessoa tenha oferecido cópias do dactiloscrito; talvez só estava a projectar antes o que haveria que concretizar depois. Este caso exemplifica bem o que não se pode concluir dum manuscrito. Os críticos ingleses referidos também são listados em 142-46<sup>v</sup> (*Critics*), 48G-9<sup>r</sup> (*To be sent to critics*), 64-99<sup>r</sup> (“Eng. Poems”) e 92W-69<sup>v</sup> (*Critics to send poems to*)” (PESSOA, 2012: 152).



Give *Mad Fiddler* to:

A[ugusto] X[avier] Pinto.<sup>a</sup>

Pretoria

M[auricio] de F[reitas] Lomelino.<sup>b</sup>

Caen

A[rmando] T[eixeira] Rebello.<sup>c</sup>

C[arlos] C[elestino] Corado.<sup>d</sup>

Aug[usto] F[erreira] Gomes.

Alf[redo] Guisado.

(Annibal B[arbosa] Piçarra)<sup>e</sup>

(J[osé] Almada Negreiros).

(Mario Freitas).<sup>f</sup>

(Carlos Fidelino Costa)<sup>g</sup>

Prof. Saintsbury<sup>i</sup>

(Silva Tavares).<sup>h</sup>

Prof. Sir W[alter] Raleigh<sup>j</sup>

Da Cunha Dias.

Sir A[rthur] Quiller-Couch.<sup>k</sup>

Luiz de Montalvor.

Edmund Gosse.<sup>l</sup>

## NOTAS

<sup>a</sup> Alfredo Augusto de Xavier Pinto, um dos sócios das firmas *Lavado, Pinto & C<sup>a</sup>*. e *A. Xavier Pinto & C<sup>a</sup>*., firmas empregadoras de Pessoa (cf. FERREIRA, 2005: 159-160). A 6 de Março de 1913, Augusto Xavier Pinto encontra-se mencionado como interlocutor no “Diário” desse ano (PESSOA, 2003: 120). O seu escritório foi um dos primeiros a servir de base para o envio e a recepção da correspondência pessoal de Fernando Pessoa.

<sup>b</sup> Maurício Andrade de Freitas Lomelino (1877-1955) foi, juntamente com Xavier Pinto e com Mário Nogueira de Freitas, sócio da firma *A. Xavier Pinto & C<sup>a</sup>*.

<sup>c</sup> Armando Teixeira Rebelo (1883-1972) foi colega de Pessoa no Curso Superior de Letras em 1905-1907 e talvez o mais durável dos contactos estabelecidos nesse contexto. Com passagem por Pretoria, tinha, como a esposa Beatriz Osório de Albuquerque, um domínio apreciável do inglês, aspecto que aproximaria Pessoa do casal. Pessoa aceitou ser padrinho de Signa Teixeira de Rebelo, filha do casal nascida no final de 1911. Como a recente biografia de Richard Zenith largamente documenta, Teixeira Rebelo foi uma presença constante na vida de Pessoa, mesmo que o facto de residir perto de Queluz não propiciasse encontros frequentes. Teixeira Rebelo visitou Pessoa pouco antes da sua morte, tendo estado presente no funeral.

<sup>d</sup> Carlos Celestino Corado (1886-) foi outro dos amigos de Pessoa nos anos do Curso Superior de Letras e é muito mencionado nos diários de 1909 e de 1913. Bacharel em Letras pela Universidade de Lisboa, em 1911 era 2.º Conservador da Biblioteca da Assembleia Nacional, ascendendo rapidamente na carreira até se tornar, no dia 1 de Novembro de 1924, Chefe de Secção e posteriormente Director dos Serviços de Biblioteca e Arquivo. A 24 de Abril de 1941 aposentou-se precocemente, devido a incapacidade física. Pessoa considerava-o, em Maio de 1906, alguém “far more read and a far better thinker than I” (PESSOA, 2003: 44), estatuto que lhe permitiu ser ao longo de 1913 um dos mais regulares companheiros de tertúlias. Apesar de Richard Zenith considerar que não é certo a relação entre ambos ter perdurado para além dos anos da revista *Orpheu* (PESSOA, 2003: 441), o facto de estar entre os destinatários dos panfletos pessoanos de 1923 comprova que ainda fazia parte das relações do poeta cerca de uma década depois desse período (BARRETO, 2016).

<sup>e</sup> Aníbal Urbano Barbosa Piçarra (1884-1961), professor efetivo do 3.º grupo no Liceu de Sá da Bandeira de Santarém, viveu em Londres e em Leipzig em 1929. A sua obra é essencialmente dedicada ao ensino das línguas inglesa e alemã em Portugal, com títulos como *Primeiras Lições de Alemão* (1927), *Curso Prático de Alemão Comercial* (1928), *Quadros Auxiliares de Gramática Inglesa...: II e III classes* (1928), *Nova Gramática Elementar da Língua Alemã* (1931), *Novo Método de Alemão* (1933), entre outros.

<sup>f</sup> Mário Nogueira de Freitas (1891-1932), filho da tia Anica, manteve uma relação estreita com Pessoa, que parece ter incentivado a sua vocação empreendedora desde a juventude. Foi sócio de alguns dos mais importantes escritórios empregadores de Pessoa e participou nas mais conhecidas empresas falhadas do poeta, casos da Íbis e da Olisipo. Encontram-se no espólio de Pessoa menções a outros empreendimentos comerciais, como M. N. de Freitas, Agência Mineira Anglo-Portuguesa (92D-78<sup>v</sup>), Agência Internacional de Minas e Félix ou Valladas & Freitas, nas quais Pessoa trabalhou (PESSOA, 2003: 453-459; FERREIRA, 2005: *passim*).

<sup>g</sup> Carlos Fidelino Freire Costa foi um jornalista que colaborou com os jornais *O Mundo*, órgão do Partido Democrático de Afonso Costa, *A Tarde* (no dia 8 de Julho de 1916, o jornal *A República* anunciava o regresso desse jornal) e, sobretudo, *O Notícias da Madeira*, um dos periódicos fundamentais no contexto das revoltas contra o golpe militar de 28 de Maio de 1926. Foi fundado no dia 8 de Abril e prolongou-se até 2 de Maio; teve Carlos Costa como director e proprietário (cf. LEMOS, 2020). Costa publicou nesse jornal artigos como “República Imortal” (n.º 1) e “A Ditadura dos Escândalos” (n.º 3), nos quais comenta o ambiente censório vivido nos últimos anos e a necessidade de um órgão representativo da liberdade de pensamento. Costa teria também ligações ao “Grupo dos Budas” (ou Grupo de Madrid), designação pela qual ficou conhecido um conjunto de opositores que se refugiaram em Madrid, tendo sido preso por intervenção de Jaime de Morais (PAULO, 2011: 262).

<sup>h</sup> João Silva Tavares (1893-1964), dramaturgo, poeta e escritor português. Colaborou como letrista de fado com Amália Rodrigues e com Alfredo Marceneiro. Esteve ligado à Emissora Nacional entre 1934 e 1963. Foi condecorado Cavaleiro da Ordem Militar de Santiago da Espada, pela sua obra de poeta nacionalista, em 1932, e Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, pelos seus serviços prestados ao serviço da Emissora Nacional. Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, encontram-se quatro exemplares representativos da sua prolífera e multifacetada obra que, atendendo ao arco temporal em que foram editadas, denunciam uma amizade prolongada (*Luz Poirenta*, 1916, CFP 8-654; *Poemas do Olympo*, 1917, CFP 8-540; com uma carta-prefácio de Eugénio de Castro; *Claustro*, 1918, CFP 8-539; e *Vida amorosa de D. Pedro IV*, 1934, CFP 9-67).

<sup>i</sup> Pessoa tinha também em mente enviar *Mad Fiddler* para quatro dos mais célebres críticos anglo-saxónicos da época, a maioria dos quais contemplados nos livros da sua biblioteca à guarda da Casa Fernando Pessoa. George Saintsbury (1845-1933) é considerado o mais influente historiador literário do início do século XX, tendo contribuído com trinta e cinco biografias para a nona edição da *Encyclopædia Britannica* (1875–89). Começou por notabilizar-se com importantes livros sobre literatura francesa, casos de *Primer of French Literature* (1880), *A Short History of French Literature* (1882) e *Specimens of French Literature from Villon to Hugo* (1883), dedicando-se depois a estudos de literatura inglesa, como o estudo sobre *Dryden* (1881) e os compêndios *Specimens of English Prose Style from Malory to Macaulay* (1885), *A History of Elizabethan Literature* (1887), *A Short History of English Literature* (1898), *A History of English Prosody from the Twelfth Century to the Present Day* (3 vols., 1906-1910), *History of English Prose Rhythm* (1912), entre muitos outros. Uma das obras que mais lhe granjeou fama internacional foi *A History of Criticism and Literary Taste in Europe from the Earliest Texts to the Present Day*, (3 vols., 1900-1904), um dos primeiros compêndios com a magnitude proposta no título. Conserva-se na Biblioteca Particular de Pessoa um exemplar de *Poems of John Donne*, prefaciado por Saintsbury (CFP 8-158).

<sup>j</sup> Sir Walter Alexander Raleigh (1861-1922) foi um proeminente crítico escocês com ligação à Universidade de Oxford desde 1904. Autor de livros como *Style* (1897), *Wordsworth* (1903), *Shakespeare* (1907) ou *Six Essays on Johnson* (1910). Foi um dos mais dinâmicos académicos de Oxford na época.

<sup>k</sup> Sir Arthur Thomas Quiller-Couch (1863-1944) foi um poeta e novelista inglês particularmente reconhecido pela sua vocação de antologista, com destaque para as compilações *The Oxford Book of English Verse 1250-1900* (1900; reed. em 1939) e *The Oxford Book of Ballads* (1910). Publicou livros de crítica como *On the Art of Writing* (1916), *Shakespeare's Workmanship* (1918), *Studies in Literature* (três séries: 1918, 1922, 1929) ou *The Poet as Citizen, and Other Papers* (1934). Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa conserva-se um exemplar de *The Oxford Book of Victorian Verse* (1912, CFP 8-405).

<sup>l</sup> Sir Edmund Gosse (1849-1928) foi um tradutor e historiador literário, responsável por introduzir junto do público inglês uma série de autores continentais, com proeminência para Henrik Ibsen, do qual traduziu *Hedda Gabler* (1891) e *The Master Builder* (1892). Bibliotecário da House of Lords entre 1904 e 1914. Autor dos volumes *Modern English Literature* (1897) e *French Profiles* (1905). Foi também poeta, tendo Pessoa conservado na sua Biblioteca Particular um volume de *Poems* (1925; CFP 8-230).

## DOCUMENTO 58

**Título:** Sem título.

**Incipit:** 1 Unamuno.

**Autor:** Fernando Pessoa [no rosto da folha].

**Cota:** BNP/E3, 728 [antigos Avulsos 916-917].

**Data:** 1915.

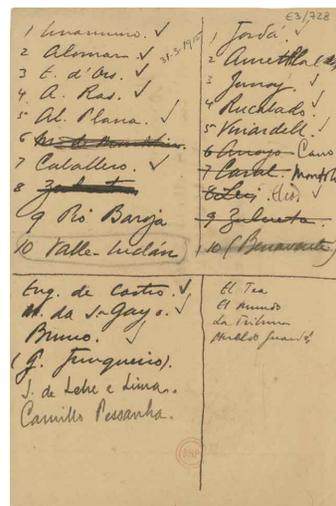
**Publicação:** PESSOA (2009, 454).

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso.

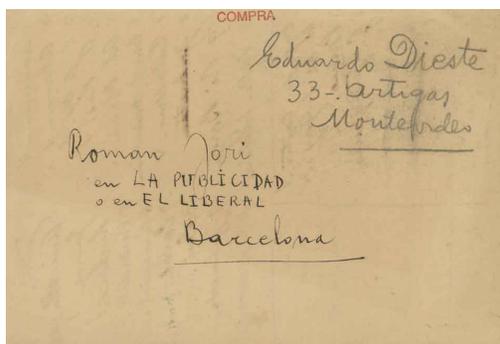
+ **Materiais:** As moradas no verso da folha não terão sido registadas por Pessoa.

+ **Info:** Entre os nomes listados, figuram: Miguel de Unamuno, Gabriel Alomar i Villalonga, Juan Barcia Caballero, Luis de Zulueta y Escolano, Josep Maria Jordà i Lafont, Claudi Ametlla, Josep Maria Junoy, Ramón Rucabado, Santiago Vinardell i Palau, Jesus Cano, Enrique Casal e Manuel de Montoliu. No verso da folha, encontram-se as moradas de Roman Jori e de Eduardo Gieste. Foi em Março de 1915 que “Fernando Pessoa entregou dois artigos (a) e (b) a Enrique Dieste para publicar em jornais de Espanha” (PESSOA, 2003: 152).

1	Unamuno. <sup>a</sup> ✓	1	Jordá. <sup>k</sup> ✓
2	Alomar. <sup>b</sup> ✓	2	Ametlla <sup>l</sup> (<*1>). ✓
3	E[ugenio] d’Ors. <sup>c</sup> ✓	3	Junoy. <sup>m</sup> ✓
4	A[urelio] Ras. <sup>d</sup> ✓	4	Rucabado. <sup>n</sup> ✓
5	Al[ejandro] Plana. <sup>e</sup> ✓	5	Vinardell. <sup>o</sup> ✓
6	<M[anuel] de Montoliu.> <sup>f</sup>	6	<Arroyo.> Cano <sup>p</sup> ✓
7	Caballero. <sup>g</sup> ✓	7	<Casal.> Montoliu <sup>q</sup> ✓
8	<Zulueta.> <sup>h</sup>	8	<*Leis.> Elias ✓
9	Pio Baroja <sup>i</sup>	9	<Zulueta.>
10	Valle-Inclán <sup>j</sup>	10	(Benavente.) <sup>r</sup>
	Eug[enio] de Castro. <sup>s</sup> ✓		El Tea
	M[anuel] da S[ilv]a Gayo. <sup>t</sup> ✓		El Mundo
	Bruno. <sup>u</sup>		La Tribuna
	Carlos de Oliveira. <sup>v</sup>		Heraldo Guardés
	(G[uerra] Junqueiro). <sup>w</sup>		
	J[oa]o de Lebre e Lima. <sup>x</sup>		
	Camillo Pessanha.		



Roman Jori<sup>z</sup>  
en LA PUBLICIDAD  
o en EL LIBERAL  
Barcelona



Eduardo Dieste<sup>y</sup>  
33 - Artigas  
Montevideo

## NOTAS

<sup>a</sup> Miguel de Unamuno (1864-1936) Um dos mais importantes pensadores espanhóis do século XX, com amplas ligações a Portugal, foi amigo de poetas como Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoaes e Manuel Laranjeira, com os quais se correspondeu. Autor de obras marcantes, como o ensaio filosófico *Del sentimiento trágico de la vida* (1913) ou os livros dedicados a Portugal, *Por tierras de Portugal y de España* (1911), que inclui o célebre ensaio de 1908 escrito em Lisboa, “Un Pueblo Suicida”. Em 1915, Unamuno foi um dos destinatários da revista *Orpheu*, tendo Pessoa escrito uma carta datada de 26 de Março de 1915 solicitando um comentário crítico que provavelmente nunca foi feito. Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa conserva-se um exemplar da edição original de *Por tierras de Portugal y de España* (CFP 8-660).

<sup>b</sup> Gabriel Alomar Villalonga (1873-1941). Jornalista e ideólogo espanhol, professor de língua e literatura espanhola e poeta ligado à corrente parnasiana. O seu trabalho mais conhecido terá sido a publicação do ensaio resultante da conferência “El Futurisme” (1904), no qual exprime considerações próximas de algumas teses pessoanas, como a noção de que o homem superior deve ser naturalmente inactual, de modo a exprimir mais adequadamente o seu tempo e o futuro literário e cultural do seu país.

<sup>c</sup> Eugenio d’Ors (1881-1954) foi um importante filósofo e estudioso do Barroco natural de Barcelona. Em 1915, tornou-se Director da Educação Superior do Conselho de Pedagogia da Catalunha. Apesar de ter começado a escrever em espanhol a partir de 1920, o seu ideário profundamente nacionalista permaneceu. Os seus textos tiveram ampla visibilidade internacional, decisiva para a promoção do movimento regeneracionista catalão. O seu influente estudo sobre o movimento barroco enquanto categoria trans-histórica, *Lo Barroco*, data de 1944. Foi amigo de Eugénio de Castro, de Teixeira de Pascoaes, de António Sardinha e de António Ferro, do qual prefaciou a tradução espanhola da biografia de Salazar.

<sup>d</sup> Aurelio Ras. Colaborador regular do jornal *La Cataluña* e director da revista *Estudio – Revista mensual* (Barcelona, 1913-1920), na qual se publicaram vários artigos de reflexão sobre as identidades catalã, espanhola e ibérica. Participou no n.º 58-60 d’*A Águia* com o texto “La orientación de España” (Outubro-Dezembro de 1916, pp. 184-195). Autor de obras como *Consideraciones sobre los sindicatos capitalistas* (1911), *Panhispania* (1922) e *Reflexiones sobre el estilo* (1944).

<sup>e</sup> Alexandre Plana (1889-1940). Escritor e jurista catalão, conhecido sobretudo pela sua actividade de crítico de arte e de teatro. Publicou em 1914 uma *Antologia de poetas catalans moderns*, procurando oferecer uma panorâmica das novas correntes da poesia catalã. Provavelmente terá sido esta antologia a despertar o interesse de Fernando Pessoa.

<sup>f</sup> Manuel de Montoliu (1877-1961) foi um crítico literário e tradutor para catalão com importante projecção nos meios literários modernistas da época. Tal como Pessoa, considerava fundamental para o desenvolvimento da literatura catalã um trabalho de divulgação dos grandes clássicos europeus, tendo dado a conhecer autores alemães, ingleses, franceses, italianos e greco-latinos, com traduções de autores tão diversos como Pascal, Dante, Molière, Hölderlin, Novalis, Goethe, Chateaubriand, Ruskin, Dickens, Wilde, Nietzsche, Wagner, Anatole France e Nathaniel Hawthorne, entre outros.

<sup>g</sup> Juan Barcia Caballero (1852-1926). Médico anatomista e neuropsiquiatra, foi também jornalista e político. Com particular interesse pelas patologias mentais, leccionou na Universidad de Granada uma pioneira cadeira sobre neuropatia, desde 1882. Em termos políticos, foi um activo regionalista ligado ao grupo Regionalista Compostelano. Tradutor, romancista e poeta, escreveu vários artigos para jornais como *El Libredón* e *El Eco de Santiago*, no qual publicou, em Abril de 1915, uma nota sobre a revista *Orpheu* (cf. PAZOS JUSTO, 2011: 50-51; SÁEZ DELGADO, 2022: 119-165).

<sup>h</sup> Luis de Zulueta y Escolano (1878-1964). Ministro, embaixador e escritor catalão, foi muito próximo de Miguel de Unamuno, com quem se correspondeu entre 1903 e 1933. Na década de 1930 exilou-se na Colômbia e depois nos EUA, onde faleceu. Colaborou em periódicos como *El Liberal*, *El Sol*, *La Libertad* e a *Revista de Occidente*.

<sup>i</sup> Pío Baroja y Nessi (1872-1956). Romancista espanhol ligado à conhecida Generación del 98. Autor de uma obra muito prolifera, organizada maioritariamente em trilogias e tetralogias, como *La tierra vasca* (1900, 1903 e 1909), *La vida fantástica* (1901, 1902 e 1906), *El pasado* (1905, 1906 e 1907); *La raza* (1908, 1909 e 1911), *Las ciudades* (1910, 1912 e 1920) e *El mar* (1911, 1923, 1929 e 1930).

<sup>j</sup> Ramón del Valle-Inclán (1866-1936). Contista e dramaturgo galego, destacou-se sobretudo a partir da publicação de *Sonata de Outono* (1902), que inaugurou um ciclo internacionalmente reconhecido, em especial pela composição da personagem do Marquês de Bradomín. Com a série *Comedias Bárbaras* (1907-1909) iniciou um estilo de deformação dramática para o qual na década de 1920 cunhará o conceito de *esperpento*. Como Ricardo Marques assinala, em 1916 chegou a ser cogitado para o segundo número da revista *Centauro*, tal como o simbolista brasileiro Eduardo Guimaraens (em linha: <https://modernismo.pt/index.php/centauro>).

<sup>k</sup> Josep Maria Jordà y Lafont (1870-1936) foi um letrista de revistas musicais, também crítico e *marchand* de arte de origem catalã. Colaborou com o Teatre Líric Català, no qual procurou apresentar traduções de dramaturgos europeus contemporâneos, como Ibsen, Björnson e Maeterlinck. Traduziu Shakespeare, Wilde, Meyer-Förster, Roberto Bracco e Bernard i Gavault.

<sup>l</sup> Claudio Ametllá y Coll (1886-1968). Jornalista e político catalão, afiliado desde muito cedo à Unió Catalana Republicana. Trabalhou como redactor no órgão nacionalista *El Poble Català* (1906-1914), no diário *El Diluvio Ilustrado* (1914-1915) e na revista *Iberia*, fortemente vocacionada para a defesa da causa aliada durante a I Guerra Mundial (1915-1918), entre muitas outras publicações periódicas nas décadas subsequentes.

<sup>m</sup> Josep Maria Junoy i Muns (1887-1955). Poeta, caricaturista e crítico de arte catalão, um dos mais destacados elementos da primeira vanguarda catalã, sobretudo a partir de 1912, quando se associou à revista *Arte & Artistas* e fundou a revista *Correo de las letras & de las artes*, de que saíram três números. Nessa altura, foi também discípulo de Charles Maurras em Paris. Tal como Ametlla, colaborou na revista *Iberia*, onde em 1915 publicou um caligrama inspirado na forma celebrizada por Apollinaire. Fundou e dirigiu a importante revista *Troços* (1916-1918). Como salienta Asís Lazcano Nebreda, a sua actuação vanguardista levou-o a aproximar-se de Joan Miró, a ser considerado por Tristán Tzara como representante do Dadaísmo europeu e a produzir uma obra combativa e experimental (em linha: <https://dbe.rah.es/biografias/118119/josep-maria-junoy-i-muns>).

<sup>n</sup> Ramón Rucabado Comerma (1884-1966). Economista e periodista catalão. Em 1908, inaugurou, como conferencista, a cátedra livre de Economía Política, na Sociedad de Estudios Económicos de Barcelona. Polemista católico, colaborou em vários jornais e dirigiu, entre 1921 e 1936, *Catalunya Social*.

<sup>o</sup> Santiago Vinardell i Palau (1884-1936). Jornalista catalão, considerado um dos mais destacados representantes da época dourada da imprensa escrita. Prolífero escritor de convicções republicanas, trabalhou na imprensa madrilena a partir de 1915, nos sectores cultural e político. Publicou também livros de poesia, como *Plomas i bolvas* (1904), e o álbum ilustrado *Aleluyas* (1919).

<sup>p</sup> Jesús Cano, redactor do jornal galego *La Concordia*, foi um dos críticos que deram alguma expressão ao *Orpheu* no contexto espanhol, em Maio de 1915, num artigo em que considerou a revista um exemplo de genuína revelação modernista e em que se distanciou do quadro de incompreensão sofrido em Portugal (cf. PAZOS JUSTO, 2011: 52-53)

<sup>q</sup> Enrique Casal y Torregimeno (1883-1929). Jornalista e escritor espanhol. Colaborou com jornais como *El Universo*, *La Mañana*, *El Día de Madrid*, *Heraldo de Madrid*, *El Debate* ou *La Moda Elegante*. Fundou e dirigiu a revista *Vida Aristocrática*, a que se somou a publicação de volumes do jornal *Año Aristocrático* (1914-1918). Nesses locais, popularizou os pseudónimos Léon-Boyd e Miramar.

<sup>r</sup> Jacinto Benavente y Martínez (1866-1954). O mais popular dramaturgo espanhol da primeira metade do século XX, destacando-se sobretudo pela capacidade de introduzir no contexto espanhol uma série de referentes do panorama europeu, como Gabriele D'Annunzio, Oscar Wilde, Maurice Maeterlinck, Henrik Ibsen ou Bernard Shaw. A sua obra tem aproximações ao modernismo e à Generación del 98. Prémio Nobel da Literatura em 1922.

<sup>s</sup> Eugénio de Castro (1869-1944). Um dos mais representativos poetas simbolistas portugueses, contemporâneo de António Nobre e de Camilo Pessanha, com os quais manteve algumas polémicas nos anos de Coimbra, em que proliferaram periódicos como *Bohemia Nova* e *Os Insubmissos* (1889). Os livros *Oaristos* (1890) e *Horas* (1891) são verdadeiros ícones programáticos do Simbolismo português, antecipando, como salienta Paula MORÃO, uma parte importante dos experimentalismos presentes em *Orpheu*, sobretudo na sua vertente de continuidade relativamente ao passado recente nacional e internacional (2011). Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa conserva-se um exemplar das *Poesias Escolhidas* (1902), com prefácio de Manuel da Silva Gaio (CFP 8-98).

<sup>t</sup> Manuel da Silva Gaio (1860-1934). Poeta, teorizador e ensaísta português com ligações ao neolusitanismo, na esteira de António Nobre e de Alberto de Oliveira. Exerceu grande influência nas novas gerações poéticas, sobretudo devido ao magistério ideológico expresso no seu nacionalismo regionalista. Participou com o texto “Poente do Romantismo em labaredas de sonho” no primeiro número da revista *Folhas de Arte*, dirigida por Augusto de Santa-Rita (1924), no qual Pessoa também participou com “Visão Retrospectiva...”.

<sup>u</sup> José Pereira Sampaio (Bruno) (1857-1915). A sua influência fez-se notar desde *A Geração Nova* (1886), livro marcante de leitura do contexto literário português, que complementaria com a abordagem à cultura europeia, inaugurada em *Notas do Exílio* (1893), escrito num momento em que o seu republicanismo o levava a exilar-se em Paris e em Amesterdão. Para Pessoa, contudo, os livros mais relevantes terão sido provavelmente *A Ideia de Deus* (1902) e *O Encoberto* (1904), cristalizadores das teses de Bruno em torno da necessidade de uma reconversão ideológica do republicanismo e de uma série de aspectos da mitologia profunda da cultura portuguesa que teriam impacto também em Teixeira de Pascoaes e em Jaime Cortesão. Como defende António Cândido Franco, uma compreensão do sebastianismo pessoano, lido como “cosmopolitismo situado”, ajuda a explicar a carta enviada a 8 de Setembro de 1914, na qual Pessoa procurou indicações para aprofundar as suas leituras sebastianistas (em linha: <https://modernismo.pt/index.php/s/803-sampaio-bruno>).

<sup>v</sup> Carlos Lobo de Oliveira. Cf. BNP/E3, 464.

<sup>w</sup> Guerra Junqueiro (1850-1923). Um dos mais proeminentes poetas portugueses na segunda metade do século XIX e no princípio do século XX. A sua obra evidencia uma série de tendências peculiares da época, entre o anti-romantismo partilhado com a Geração de 70, a apologia da causa republicana ou a reflexão sobre a decadência nacional, ângulos de observação acompanhados por uma veia satírica apreciável e por alguns exemplos clandestinos de literatura pornográfica na esteira de Bocage. *A Morte de D. João* (1874) é o seu primeiro grande poema, a que se seguiriam obras essenciais do nacionalismo português, como *Finis Patriae* (1890) e *Pátria* (1896). *A Oração à Luz* (1904) merece um destaque significativo nos artigos pessoanos de 1912. Conserva-se na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa um exemplar da edição original de *O Encoberto* (1904; CFP 8-75).

<sup>x</sup> João Lebre e Lima (1889-1959). Estudou Direito e Psicologia Experimental. Diplomata de carreira. Destinatário de uma carta, datada de 3 de Maio de 1914, em que Pessoa alude a um livro de poesia, *Livro do Silêncio* (1913). Dirigiu, com Aarão de Lacerda, a revista *Dionysos – Revista Mensal de Philosophia, Ciência e Arte* (1912-1913). Além do *Livro do Silêncio*, elogiado por Pessoa (1913; CFP 8-319), conservam-se na Biblioteca Particular outros dois livros: *O Claro Riso Medieval* (1916; CFP 8-318) e *Da Pena de Morte* (1920; CFP 3-40), cujas datas permitem perceber que a amizade se prolongou.

<sup>y</sup> Román Jori y Llobet (1877-1921). Jornalista, crítico de arte e pintor. Esteve associado às vanguardas catalãs. Dirigiu o diário *El Liberal* (1916) e o jornal republicano *La Lucha* (1916-1919); ainda trabalhou como crítico literário na revista de divulgação artística *Vell i Nou* (1915-1921), que também chegou a dirigir, e na revista aliadófila *Iberia* (1915-1919), na qual se destacaram nomes como os de Miguel de Unamuno, Gabriel Alomar, López Picó, A. Rovira i Virgili, Ramón Pérez de Ayala, José Sánchez Rojas, Émile Boutroux ou Luis Araquistain (cf. URRUTIA LÉON, 2010). Em 1917, alcançou prestígio internacional, aquando da organização da *Exposició d’Art Francès* na Catalunha (Abril de 1917), ao convidar para o jornal francófilo *La Publicidad* uma série de autores consagrados, como Guillaume

Apollinaire, André Salmon, Pierre Reverdy, Max Jacob ou o conhecido curador do Louvre, André Michel (cf. CAIZERGUES, 2018).

<sup>z</sup> Eduardo Dieste Gonçalves (1882-1954). Escritor, crítico literário e diplomata de nacionalidade uruguaia, que viveu na Galiza entre 1888 e 1911. Estudou Filosofia e Letras na Universidade de Santiago de Compostela. No Uruguai, foi um dos principais animadores do grupo poético Asociación Teseo (1925-1930). Enquanto diplomata, foi cônsul em Londres entre 1927 e 1931 e em várias cidades espanholas nas décadas de 1930 e de 1940, tendo passado ainda por São Francisco, Nova Iorque e Santiago do Chile. Dramaturgo, romancista e ensaísta muito prolífero, com uma vertente crítica reunida em *Teseo: discusión estética y ejemplos* (1923), *Teseo: crítica de arte* (1925) e *Teseo: crítica literaria* (1930).

## DOCUMENTO 59

**Título:** *Olavo Bilac – Poesias | Sonetos.*

**Autor:** Fernando Pessoa.

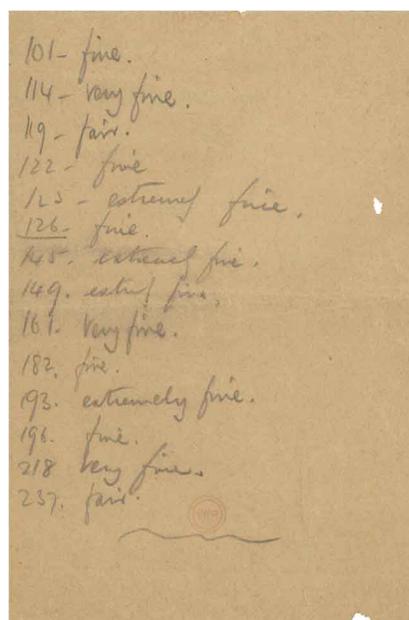
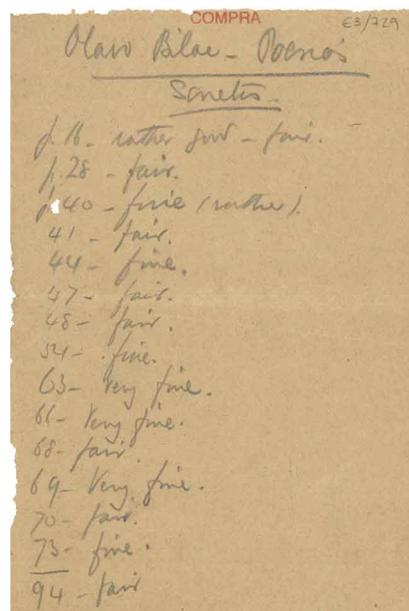
**Cota:** BNP/E3, 729 [antigos Avulsos 33-34].

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita a lápis.

+ **Info:** Comentários de Pessoa a vários sonetos de Olavo Bilac (1865-1918), um dos mais importantes poetas brasileiros do final do século XIX, sobretudo enquanto representante do Parnasianismo. As notas de Pessoa lembram as que figuram no livro *Sonnets from this Century* (1902), estudado no artigo de PITTELLA (2017), “Sonnet 101 with Prof. Pessoa: Fernando Pessoa’s marginalia on an anthology of 19th-century English sonnets”. A edição a que Pessoa recorreu para os comentários que faz aos poemas de Olavo Bilac terá sido a segunda edição de *Poesias: edição definitiva* (Rio de Janeiro: H. Garnier), de que existe um exemplar na BNP. Os poemas que nessa edição correspondem às páginas indicadas por Pessoa são, de facto, todos sonetos: “Guerreira” (p. 16), “A Ronda Nocturna” (p. 28), sonetos “II”, “III”, “VI”, “IX”, “X”, “XVI”, “XXV”, “XXVIII”, “XXX”, “XXXI”, “XXXII” e “XXXV” da sequência “Via Láctea” (o poema XXV é dedicado a Bocage), “Rio Abaixo” (p. 94), “Vestigios” (p. 101), “Sahara Vit. E” (p. 114), “Pomba e Chacal” (p. 119), “No Carcere” (p. 122), “Olhando a Corrente” (p. 123), “Nel Mezzo del Camin...” (p. 126), “Inania Verba” (p. 145), “Incontentado” (p. 149), “Ida” (p. 161), “Desterro” (p. 182), “Peccador” (p. 193), “So” (p. 196), “Tedio” (p. 218) e o décimo primeiro poema do conjunto “As Viagens”, “O Polo”.



## Olavo Bilac – Poesias

## Sonetos

p. 16 – rather good – fair.	101 – fine.
p. 28 – fair.	114 – very fine.
p. 40 – fine (rather).	119 – fair.
41 – fair.	122 – fine.
44 – fine.	123 – extremely fine.
47 – fair.	126 – fine.
48 – fair.	145 – extremely fine.
54 – fine.	149. extremely fine.
63 – very fine.	161. very fine.
66 – very fine.	182. fine.
68 – fair.	193. extremely fine.
69 – very fine.	196. fine.
70 – fair.	218 very fine.
73 – fine.	237. fair.
94 – fair.	

## DOCUMENTO 60

**Título:** Sem título.

**Incipit:** lator – proposer of a law.

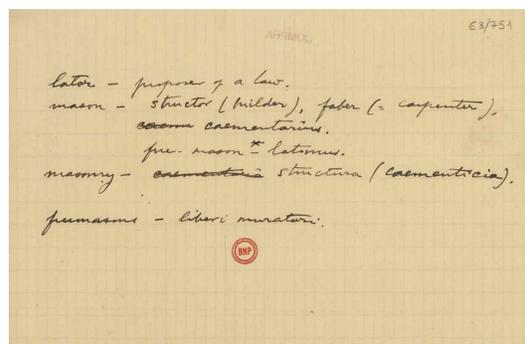
**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 751.

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Meia folha de papel de quadrícula; só o rosto foi manuscrito (a tinta preta).



lator – proposer of a law.<sup>a</sup>

mason – structor (builder), faber (= carpenter),

<caem> caementarius.<sup>b</sup>

free-mason \* latomus.<sup>c</sup>

masonry – <caementaria> structura (caementicia).<sup>d</sup>

freemasons – liberi muratori.

## NOTAS

<sup>a</sup> Pessoa parece neste documento recorrer a diferentes designações históricas da Maçonaria, nas quais fica evidente a origem arquitectónica do vocabulário maçónico. Como observa Alberta Mackey, no contexto medieval, “To build a church, cathedral, gildhall, castle, town hall it was necessary to call in from outside builders trained and skilled in architecture, or building as a fine art. The evidences everywhere indicate that these latter workmen were called Freemasons; they indicate also that these Freemasons were in guilds or fraternities apart from the small guilds of local workmen, just as at the present time local carpenters and bricklayers are not members of the American Society of Architects. [...] In the Middle Ages each trade or craft was locally organized as a gild, fraternity, society, etc.; in each instance the technologies, or making or mixing of materials, use of tools, etc., were a trade secret. The local stone-masons, carpenters, wailers, paviors, roofers likewise had their own local organizations, and in them preserved their own trade secrets. The Freemasons had societies, fraternities, lodges of their own, apart from local builders; the methods and principles of architecture, which at that time was necessarily Gothic architecture, were their great trade secret” (em linha: <https://www.freemason.pt/globe-grammar/>). Segundo J. G. FINDEL, “Freemasonry, in the present meaning of the word, did not strike root in Italy before 1733, neither has it, since then, been able to fix itself firmly in the soil. The first lodge in Florence was called together by Br. Charles Sackville, Duke of Middlesex, in that same year, and in his honor, the brethren had a medal struck, by Lorenz Natter. At first, the Fraternity was known under the name of ‘*Compania della Cucchiara*’ (Company of the Trowel), and afterwards they assumed the appellation of *Franchi Muratori*” (1866: 355).

<sup>b</sup> *Caementarius* era, em latim, “A builder of walls, a mason, from *caementum*, a rough, unhewn stone as it comes from the quarry. In medieval Latin, the word is used to designate an Operative Mason [...] It has been adopted by some modern writers as a translation of the word Freemason. Its employment for that purpose is perhaps more correct than that of the more usual word *latomus*, which owes its use to the authority of Thory” (MACKEY, 2016: 300).

<sup>c</sup> *Latomus* era, Segundo MACKEY, “used as a translation of Freemason into Latin [...]. This word was not used in classical Latinity. In the Slow Latin of the Middle Ages it was used asequivalent to *lapmda*” (2016: 420).

<sup>d</sup> *Structurae caementiciae*, segundo Cyril M. HARRIS, correspondiam a “Concrete masonry walls constructed with *caementa*, of either of two types: *opus incertum* or *opus reticulatum*” (1977: 82; cf. também CURL e WILSON, 2016: 537).

## DOCUMENTO 61

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Execution is the chariot of genius.

**Autor:** Fernando Pessoa.

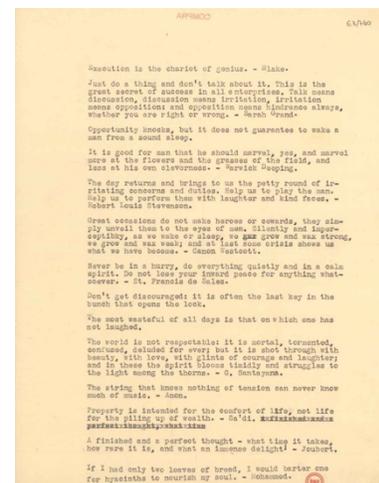
**Cota:** BNP/E3, 760 [antigos Avulsos 533-540].

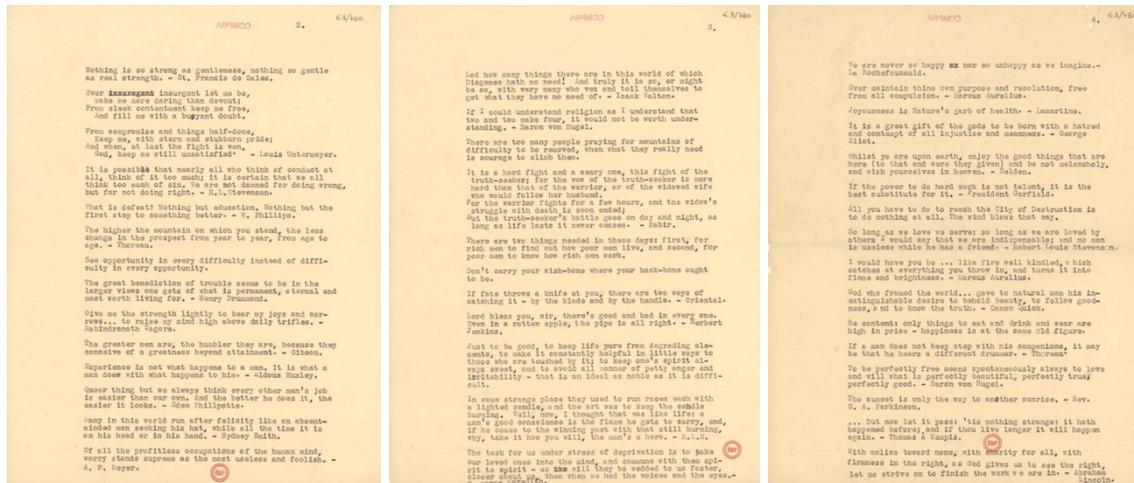
**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Quatro folha de papel dactilografadas a tinta preta no rosto.

+ **Materiais:** Folhas numeradas a partir da segunda.





Execution is the chariot of genius. – Blake.

Just do a thing and don't talk about it. This is the great secret of success in all enterprises. Talk means discussion, discussion means irritation, irritation means opposition: and opposition means hindrance always, whether you are right or wrong. – Sarah Grand.

Opportunity knocks, but it does not guarantee to wake a man from a sound sleep.

It is good for a man that he should marvel, yes, and marvel more at the flowers and the grasses of the field, and less at his own cleverness. – Warwick Deeping.

The day returns and brings to us the petty round of irritating concerns and duties. Help us to play the man. Help us to perform them with laughter and kind faces. – Robert Louis Stevenson.

Great occasions do not make heroes or cowards, they simply unveil them to the eyes of men. Silently and imperceptibly<sup>a</sup>, as we wake or sleep, we <gor> grow and wax strong, we grow and wax weak; and at last some crisis shows us what we have become. – Canon Westcott.

Never be in a hurry, do everything quietly and in a calm spirit. Do not lose your inward peace for anything whatsoever. – St. Francis de Sales.

Don't get discouraged: it is often the last key in the bunch that opens the lock.

The most wasteful of all days is that on which one has not laughed.

The world is not respectable: it is mortal, tormented, confused, deluded for ever; but it is shot through with beauty, with love, with glints of courage and laughter; and in these the spirit blooms timidly and struggles to the light among the thorns. – G. Santayana.

The string that knows nothing of tension can never know much of music. – Anon.

Property is intended for the comfort of life, not life for the piling up of wealth. – Sa'di. <A finished and a perfect thought, what time>

A finished and a perfect thought – what time it takes, how rare it is, and what an immense delight! – Joubert.

If I had only two loaves of bread, I would barter one for hyacinths to nourish my soul. – Mohammed.

Nothing is so strong as gentleness, nothing so gentle as real strength. – St. Francis de Sales.

Ever <insuregent> insurgent let me be,  
    Make me more daring than devout;  
From sleek contentment keep me free,  
    And fill me with a buoyant doubt.

From compromise and things half-done,  
    Keep me, with stern and stubborn pride;  
And when, at last the fight is won,  
    God, keep me still unsatisfied – Louis Untermeyer.

It is possible that nearly all who think of conduct at all, think of it too much; it is certain that we all think too much of sin. We are not damned for doing wrong, but for not doing right. – R. L. Stevenson.

What is defeat? Nothing but education. Nothing but the first step to something better. – W. Phillips.

The higher the mountain on which you stand, the less change in the prospect from year to year, from age to age. – Thoreau.

See opportunity in every difficulty instead of difficulty in every opportunity.

The great benediction of trouble seems to be in the larger views one gets of what is permanent, eternal and most worth living for. – Henry Drummond.

Give me the strength lightly to bear my joys and sorrows... to raise my mind high above daily trifles. – Rabindranath Tagore.

The greater men are, the humbler they are, because they conceive of a greatness beyond attainment. – Gibson.

Experience is not what happens to a man. It is what a man does with what happens to him. – Aldous Huxley.

Queer thing but we always think every other man's job is easier than our own. And the better he does it, the easier it looks. – Eden Phillpotts.

Many in this world run after felicity like an absent-minded man seeking his hat, while all the time it is on his head or in his hand. – Sydney Smith.

Of all the profitless occupations of the human mind, worry stands supreme as the most useless and foolish. – A. F. Meyer.

Lod how many things there are in this world of which Diogenes hath no need! And truly it is so, or might be so, with very many who vex and toil themselves to get what they have no need of. – Izaak Walton.

If I could understand religion as I understand that two and two make four, it would not be worth understanding. – Baron von Hugel.

There are too many people praying for mountains of difficulty to be removed, when what they really need is courage to climb them.

It is a hard fight and a weary one, this fight of the truth-seeker; for the vow of the truth-seeker is more hard than that of the warrior, or of the widowed wife who would follow her husband.

For the warrior fights for a few hours, and the widow's struggle with death is soon ended;

But the truth-seeker's battle goes on day and night, as long as life lasts it never ceases. – Kabir.

There are two things needed in these days: first, for rich men to find out how poor men live, and second, for poor men to know how rich men work.

Don't carry your wish-bone where your back-bone ought to be.

If fate throws a knife at you, there are two ways of catching it – by the blade and by the handle. – Oriental.

Lord bless you, sir, there's good and bad in every one. Even in a rotten apple, the pips is all right. – Herbert Jenkins.

Just to be good, to keep life pure from degrading elements, to make it constantly helpful in little ways to those who are touched by it; to keep one's spirit always sweet, and to avoid all manner of petty anger and irritability – that is an ideal as noble as it is difficult.

In some strange place they used to run races each with a lighted candle, and the art was to keep the candle burning. Well, now, I thought that was like life: a man's good conscience is the flame he gets to carry, and, if he comes to the winning post with that still burning, why, take it how you will, the man's a hero. – R. L. S.

The task for us under stress of deprivation is to take our loved ones into the mind, and commune with them spirit to spirit – so <the> will they be wedded to us faster, closer about us, than when we had the voices and the eyes. – George Meredith.

We are never so happy <or> nor so unhappy as we imagine. – La Rochefoucauld.

Ever maintain thine own purpose and resolution, free from all compulsion. – Marcus Aurelius.

Joyousness is Nature's garb of health. – Lamartine.

It is a great gift of the gods to be born with a hatred and contempt of all injustice and meanness. – George Eliot.

Whilst ye are upon earth, enjoy the good things that are here (to that end were they given) and be not melancholy, and wish yourselves in heaven. – Selden.

If the power to do hard work is not talent, it is the best substitute for it. – President Garfield.

All you have to do to reach the City of Destruction is to do nothing at all. The wind blows that way.

So long as we love we serve; so long as we are loved by others I would say that we are indispensable; and no man is useless while he has a friend. – Robert Louis Stevenson.

I would have you be ... like fire well kindled, which catches at everything you throw in, and turns it into flame and brightness. – Marcus Aurelius.

God who framed the world... gave to natural man his inextinguishable desire to behold beauty, to follow goodness, and to know the truth. – Canon Quick.

Be content: only things to eat and drink and wear are high in price – happiness is at the same old figure.

If a man does not keep step with his companions, it may be that he hears a different drummer. – Thoreau.

To be perfectly free means spontaneously<sup>b</sup> always to love and will what is perfectly beautiful, perfectly true; perfectly good. – Baron von Hugel.

The sunset is only the way to another sunrise. – Rev. G. A. Parkinson.

... But now let it pass: 'tis nothing strange: it hath happened before; and if thou live longer it will happen again. – Thomas à Kempis.

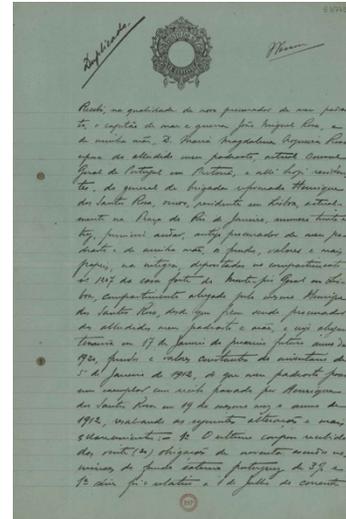
With malice toward none, with charity for all, with firmness in the right, as God gives us to see the right, let us strive on to finish the work we are in. – Abraham Lincoln.

NOTAS

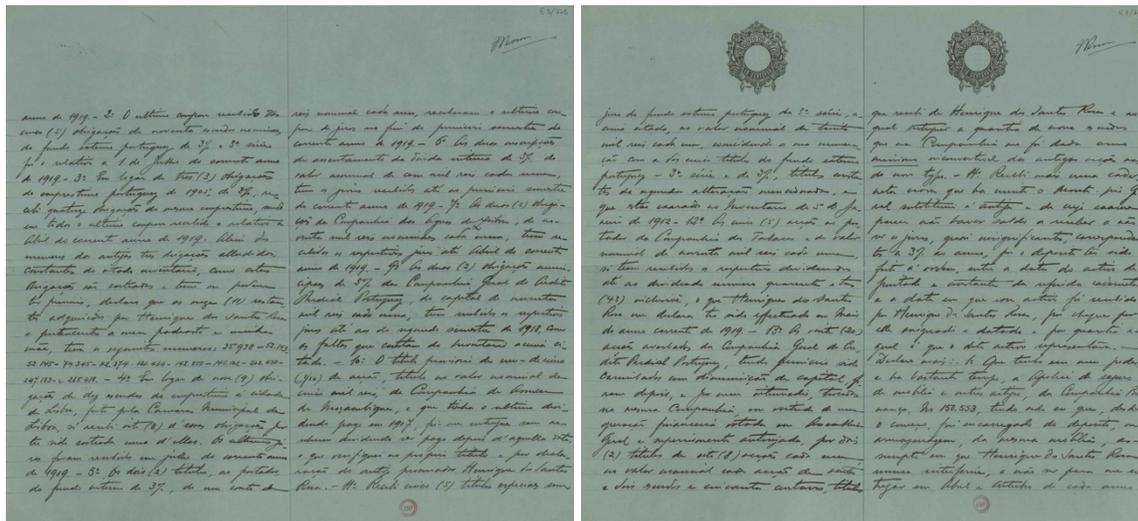
- <sup>a</sup> imperceptibly ] *no original.*
- <sup>b</sup> spontaneously ] *no original.*

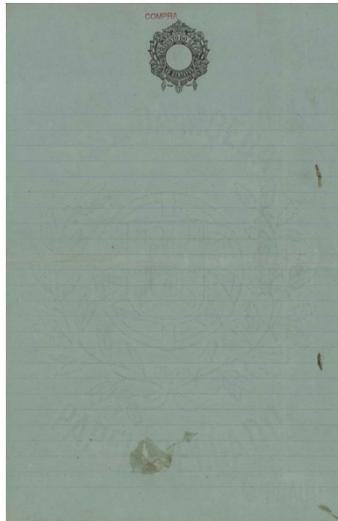
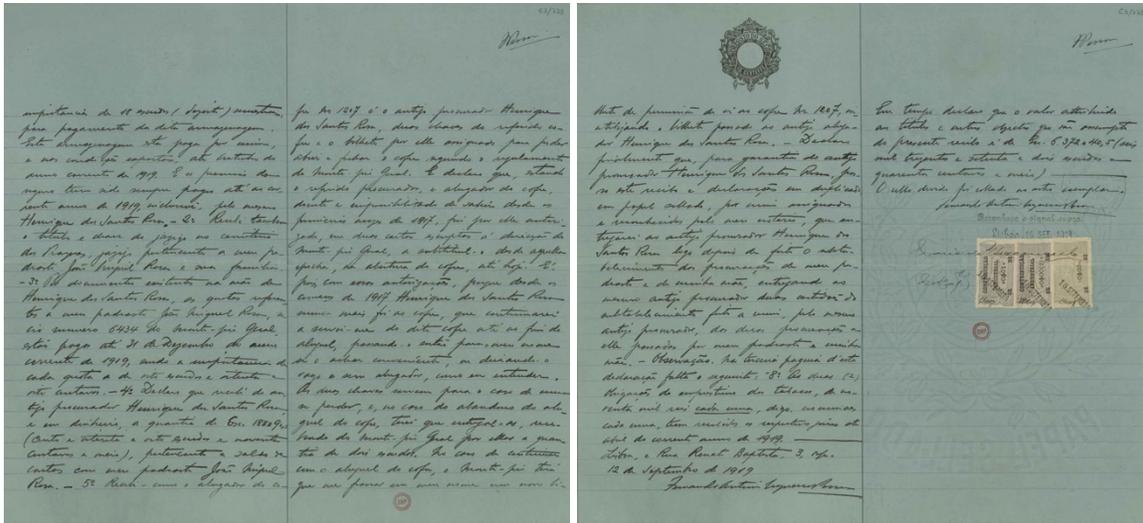
DOCUMENTO 62

**Título:** Sem título.  
**Incipit:** Recebi, na qualidade de novo procurador de meu padrao.  
**Autor:** Fernando Pessoa.  
**Cota:** BNP/E3, 775.  
**Data:** 12 de Setembro 1919.  
**Publicação:** Inédito.  
**Materiais:** Cinco folhas, com pautas e marca d'água, manuscritas a tinta preta.  
**+ Materiais:** Sobre a coroa da marca d'água, lê-se "CASA DA MOEDA"; sob a coroa, "PAPEL SELLADO". Folhas reunidas e ainda furadas.  
**+ Info:** Trata-se de um duplicado. Existe outra cópia (antigos Avulsos 567-573), que não consta das novas aquisições da BNP (cf. "O sello devido foi collado no outro exemplar"). Documento reconhecido em Lisboa, a 16 de Setembro de 1919. Sobre os selos assina "Mario de Vasconcellos".



pormenor





Recebi, na qualidade de novo procurador de meu padraсто, o capitão de mar e guerra João Miguel Rosa, e de minha mãe, D. Maria Magdalena Nogueira Rosa, esposa do alludido meu padraсто, actual Consul Geral de Portugal em Pretoria, e alli hoje residentes, do general de brigada reformado Henrique dos Santos Rosa, viuvo, residente em Lisboa actualmente na Praça do Rio de Janeiro, numero trinta e trez, primeiro andar, antigo procurador de meu padraсто e de minha mãe, os fundos, valores e mais papeis, na integra, depositados no compartimento nº 1207 da casa forte do Monte-pio Geral em Lisboa, compartimento alugado pelo mesmo Henrique dos Santos Rosa, desde que ficou sendo procurador dos alludidos meu padraсто e mãe, e cujo aluguel termina em 17 de Janeiro do proximo futuro anno de 1920, fundos e valores constantes do inventario de 5 de janeiro de 1912, de que meu padraсто possui um exemplar com recibo passado por Henrique dos Santos Rosa em 19 do mesmo mez e anno de 1912, ressaltando as seguintes alterações e mais esclarecimentos: – 1º O ultimo coupon recebido das vinte (20) obrigações de noventa escudos nominaes do fundo externo portuguez de 3% e da 1ª série foi o relativo a 1

de Julho do corrente anno de 1919; – 2º O ultimo coupon recebido das cinco (5) obrigações de noventa escudos nominaes do fundo externo portuguez de 3% e 3ª serie foi o relativo a 1 de Julho do corrente anno de 1919; – 3º Em lugar de tres (3) obrigações do emprestimo portuguez de 1905, de 3%, recebi quatorze obrigações do mesmo emprestimo, sendo em todas o ultimo coupon já recebido o relativo a Abril do corrente anno de 1919. Além dos numeros das antigas tres obrigações alludidas, constantes do citado inventario, como estas obrigações são sorteadas e teem ou podem ter premios, declaro que as onze (11) restantes adquiridas por Henrique dos Santos Rosa e pertencentes a meu padrasto e minha mãe, teem os seguintes numeros: 25.938 – 52.143 – 52.145 – 74.345 – 112.374 – 121.464 – 142.855 – 145.102 – 203.450 – 247.183 – e 265.418 – 4º Em lugar das nove (9) obrigações de dez escudos do emprestimo á cidade de Lisboa, feito pela Camara Municipal de Lisboa, só recebi oito (8) d’essas obrigações por ter sido sorteadada uma d’ellas. Os ultimos juros foram recebidos em Julho do corrente anno de 1919. – 5º Os dois (2) titulos, ao portador, do fundo interno de 3%, de um conto de reis nominal cada um, receberam o ultimo coupon de juros no fim do primeiro semestre do corrente anno de 1919. – 6º As duas inscrições de assentamento da divida interna de 3%, do valor nominal de cem mil reis cada uma, teem os juros recebidos até ao primeiro semestre do corrente anno de 1919. – 7º As duas (2) obrigações da Companhia das Aguas de Lisboa, de noventa mil reis nominaes cada uma, teem recebidos os respectivos juros até Abril do corrente anno de 1919. – 9º As duas (2) obrigações municipaes de 5% da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez, do capital de noventa mil reis cada uma, teem recebido os respectivos juros ate aos do segundo semestre de 1918, com as faltas que constam do inventario acima citado. – 10º O titulo provisorio de um-decimo (1/10) de acção, titulo no valor nominal de cinco mil reis, da Companhia do Assucar de Moçambique, e que tinha o ultimo dividendo pago em 1907, foi-me entregue sem nenhum dividendo ser pago depois d’aquella data, o que verifiquei no proprio titulo e por declaração do antigo procurador Henrique dos Santos Rosa. – 11º Recebi cinco (5) titulos especiaes sem juros do fundo externo portuguez da 3ª série, acima citada, no valor nominal de trinta mil reis cada uma, coincidindo a sua numeração com a dos cinco titulos do fundo externo portuguez – 3ª serie e de 3%, titulos constantes da segunda alteração mencionada, e que estão exarados no Inventario de 5 de Janeiro de 1912. – 12º As cinco (5) acções ao portador da Companhia dos Tabacos e do valor nominal de noventa mil reis cada uma, só teem recebido os respectivos dividendos até ao dividendo numero quarenta e tres (43) inclusivè, o que Henrique dos Santos Rosa me declara ter sido effectuado em Maio do anno corrente de 1919. – 13º As vinte (20) acções averbadas da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez, tendo primeiro sido carimbadas com diminuição de capital, foram depois, e por meu intermedio, trocadas na mesma Companhia, em virtude de uma operação financeira votada em Assembleia Geral e superiormente autorizada, por dois (2) títulos de oito (8) acções cada um, no valor nominal cada acção de vinte e

dois escudos e cincuenta centavos, titulos que recebi de Henrique dos Santos Rosa e ao qual entreguei a quantia de nove escudos que na Companhia me foi dada como *minimo* inconvertivel das antigas acções nas do novo typo. – 14º Recebi mais uma caderneta nova que ha muito o Monte-pio Geral substituiu á antiga e de cujo exame parece não haver saldo a receber a não ser os juros, quasi insignificantes, correspondentes a 3% ao anno, pelo deposito ter sido feito á ordem, entre a data do activo depositado e constante da referida caderneta, e a data em que esse activo foi recebido por Henrique dos Santos Rosa, por cheque por elle assignado e datado e por quantia igual á que o dito activo representava.

Declaro mais: – 1º Que tenho em meu poder, e ha bastante tempo, a Apolice de seguro de mobilia e outros artigos, da Companhia Bonança, nº 150.553, tendo sido eu que, desde o começo fui encarregado do deposito, ou armazenagem, da mesma mobilia, assumpto em que Henrique dos Santos Rosa nunca interferiu, a não ser para me entregar em Abril e Outubro de cada anno a importancia de 18 escudos (dezoito) semestraes, para pagamento da dita armazenagem. Esta armazenagem está paga por mim, e nas condições expostas, até Outubro do anno corrente de 1919. E os premios do seguro tem sido sempre pagos até ao corrente anno de 1919, inclusivè, pelo mesmo Henrique dos Santos Rosa. – 2º Recebi tambem o titulo e chave do jazigo no cemiterio dos Prazeres, jazigo pertencente a meu padrasto João Miguel Rosa e sua família. – 3º Por documentos existentes na mão de Henrique dos Santos Rosa, as quantias referentes a meu padrasto João Miguel Rosa, socio numero 6434 do Monte-pio Geral, estão pagas até 31 de dezembro anno corrente de 1919, sendo a importancia de cada quota de oito escudos e oitenta e oito centavos. – 4º Declaro que recebi do antigo procurador Henrique dos Santos Rosa, e em dinheiro, a quantia de Esc. 188.90,5 (cento e oitenta e oito escudos e noventa centavos e meio), pertencente a saldo de contas com meu padrasto João Miguel Rosa. – 5º Recebi, como alugando do cofre nº 1207 é o antigo procurador Henrique dos Santos Rosa, duas chaves do referido cofre e o bilhete por elle assignado para poder abrir e fechar o cofre segundo o regulamento do Monte-pio Geral. E declaro que, estando o referido procurador, e alugador do cofre, doente e impossibilitado de sahir desde os primeiros mezes de 1917, fui por elle autorizado em duas cartas escriptas á direcção do Monte-pio Geral, a substituil-o desde aquella epocha na abertura do cofre, até hoje. É, pois, com essas autorizações, porque desde os começos de 1917 Henrique dos Santos Rosa nunca mais foi ao cofre, que continuarei a servir-me do dito cofre até ao fim do aluguel, passando-o então para o meu nome se o achar conveniente, ou deixando-o vago e sem alugador, como eu entender. As duas chaves servem para o caso de uma se perder, e, no caso do abandono do aluguel do cofre, terei que entregal-as, recebendo do Monte-pio Geral por ellas a quantia de dois escudos. No caso de continuar com o aluguel do cofre, o Monte-pio terá que me passar em meu nome um novo bilhete de permissão de si ao cofre nº 1207, inutilizando o bilhete passado ao antigo alugador Henrique dos Santos Rosa. – Declaro finalmente que, para garantia do

antigo procurador Henrique dos Santos Rosa, passo este recibo e declarações em duplicado em papel sellado, por mim assignados e reconhecidos pelo meu notario, que entregarei ao antigo procurador Henrique dos Santos Rosa logo depois de feito o substabelecimento das procurações de meu padrao e de minha mãe, entregando ao mesmo antigo procurador duas certidões de substabelecimento feito a mim, pelo mesmo antigo procurador, das duas procurações a elle passadas por meu padrao e minha mãe. – Observação. Na terceira pagina d’esta declaração falta o seguinte: - 8.º As duas (2) obrigações do emprestimo dos tabacos, de noventa mil reis *cada uma*, digo, nominaes cada uma, teem recebidos os respectivos juros até Abril do corrente anno de 1919.

Lisboa, e Rua Renato Baptista, 3, esq.

12 de Septembro de 1919

*Fernando Antonio Augusto Pessoa*

Em tempo declaro que o valor attribuido aos titulos e outros objectos que são assumpto do presente recibo é de Esc. 6.372.40,5 (seis mil trezentos e setenta e dois escudos e quarenta centavos e meio).

O sello devido foi collado no outro exemplar.

*Fernando Antonio Augusto Pessoa*

Reconheço o signal supra

Lisboa, 15 SET 1919

*Francisco de Aguiar*

*Notario*

CONTRIBUICAO INDUSTRIAL \*0\$01\* DE DE \*0\$03\* DE

CONTRIBUICAO INDUSTRIAL \*0\$00(2)\* DE DE 15 SETEMBRO 1919

## DOCUMENTO 63

**Título:** *Sem título.*

**Incipit:** A Aguia.

**Autor:** Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 778.

**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Manuscrito a lápis em três páginas (de quatro possíveis).

+ **Info:** Lista de publicações em *A Aguia* (1912) e na *Renascença Portuguesa*, (1913). É bastante completo este elenco de publicações. As páginas indicadas por Pessoa, excepto no caso de “As Caricaturas de Almada Negreiros” (pp. 134-135), correspondem

rigorosamente à paginação da revista portuense. Veja-se o interesse de Pessoa por uma publicação do final do século XIX, *Ave Azul. Revista de Arte e Crítica*, revista lançada em Viseu no dia 19 de Janeiro de 1899, com direcção de Beatriz Pinheiro e Carlos Lemos. Os poemas listados são: do segundo número, de 15 de Fevereiro de 1899, “O ceu de perola velado”, de Carlos de Mesquita (pp. 58-59); do quinto número, de 15 de Março de 1899, “Dança Macabra”, de Carlos de Mesquita (pp. 195-196) e “Psyche”, de Beatriz Pinheiro (pp. 199-201); e, do sexto número, de 15 de Junho de 1899, a sequência “Lirismo Frustré”, de Camilo Pessanha (pp. 229-230). Cf.: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/> (*Ave Azul*).

---

A Águia

1912

Abril – “A Nova Poesia Portuguesa  
Sociologicamente Conside[rada]  
pp. 101-107

Maio – Reincidindo – p. 137-144

Set[embro] – A Nova Poesia Portuguesa  
<Psy> no seu Aspecto Psychologico  
86-94

e

<Out[ubro]> [↑ Nov.º] id[em] pp. 153-157

e

Dez[embro] [idem] pp. 188-192.

---

1913

Abril p. 134 As Caricaturas de  
Almada Negreiros

---

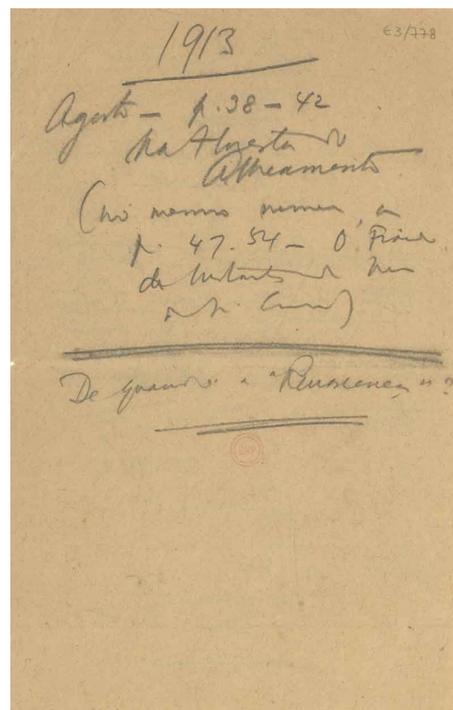
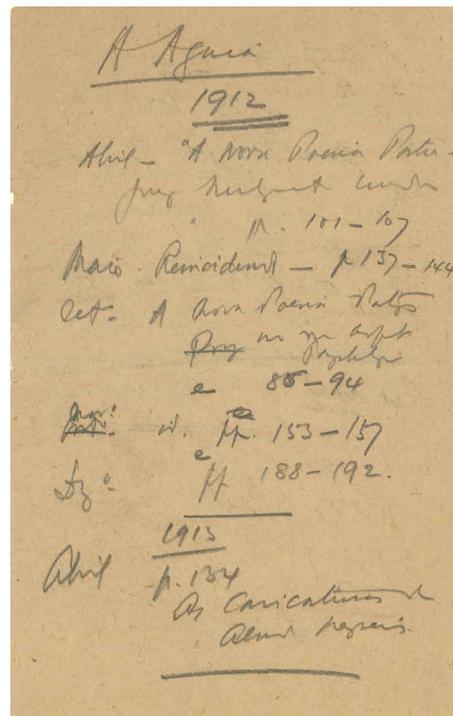
1913

Agosto – p. 38-42 Na Floresta  
do Alheamento (no mesmo numero,  
a p. 47-54 – O Fixador de Instantes  
de Mario de Sá-Carneiro)

---

De quando e “Renascença”?

---



1. Artigos na *Aguia*.
2. Resposta ao Inquerito de Boavida.
3. Manifesto sobre Raul Leal.
4. □

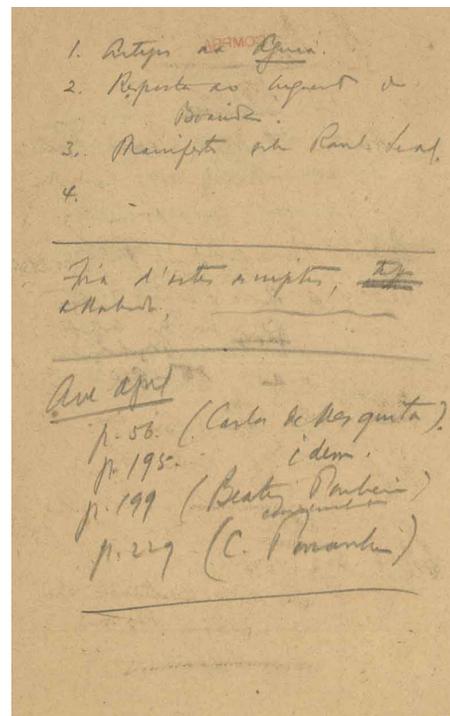
---

Fóra d'estes escriptos,  
<+> [↑ \*tenho] collaborado, □

---

*Ave Azul*

- p. 56 (Carlos de Mesquita)  
 p. 195 idem.  
 p. 199 (Beatriz Pinheiro) †  
 p. 229 (C[amilo] Pessanha)<sup>a</sup>
- 



NOTAS

<sup>a</sup> A *Ave Azul* (1899-1900) é uma das últimas revistas relevantes do século XIX, contando com um espírito bastante eclético, reunindo nomes que participaram numa série de revistas publicadas sobretudo em Coimbra, como *Revista Nova* (1893), *Os Novos* (1893-1894), *Arte* (1895-1896), *Argus* (1896-1897) ou a etapa de *O Instituto* associado aos novistas, a partir de 1895. Publicam na *Ave Azul*, Eugénio de Castro, Silva Gaio, Afonso Lopes Vieira, Henrique de Vasconcelos, António Correia de Oliveira, Camilo Pessanha, Carlos de Lemos ou os irmãos Carlos de Mesquita e Roberto de Mesquita, além do francês Philéas Lebesgue (cf. GUIMARÃES, 2004: 163; PEREIRA, 1975: 249-255). Segundo Óscar Lopes, é a Carlos de Mesquita que se deve a singular convergência de personalidades presentes na *Ave Azul*, dada a influência que terá tido na sua geração, apesar de uma obra escassa de romancista, crítico importante e incursões poéticas como as publicadas nesta revista e que Pessoa assinala (LOPES, 1987: 109-110; cf. também PEREIRA, 1995: 490-491). Pessoa destaca da revista: “O ceu de perola velado”, de Carlos de Mesquita (n.º 2, 15 de Fevereiro de 1899; que existe em linha: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N002/N002\\_item1/P8.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N002/N002_item1/P8.html)). Esse texto já tinha sido publicado anteriormente em *O Instituto*, num conjunto intitulado “Paizagens Interiores” (vol. XLII, n.º 5, Maio de 1895; em linha: [https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41\\_v042/UCBG-A-24-37a41\\_v042.pdf](https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v042/UCBG-A-24-37a41_v042_item1/UCBG-A-24-37a41_v042.pdf)). Também destaca: “Dança Macabra”, novamente de Carlos de Mesquita (n.º 5, 15 de Março de 1899; em linha: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N005/N005\\_item1/P1.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N005/N005_item1/P1.html)); “O que buscam meus olhos ansiosos”, primeiro soneto da série “Psyche”, de Beatriz Pinheiro (n.º 5, 15 de Março de 1899; em linha: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N005/N005\\_item1/P23.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N005/N005_item1/P23.html)); e, de Camilo Pessanha, a página inicial da série com título genérico “Lirismo Fruste”, reunindo dois poemas éditos, “Depois das bodas d’oiro” e “Foi um dia de inuteis agonias” e um poema inédito, “Na Cadeia” (n.º 6; 15 de Junho de 1899; que também existe em linha: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N006/N006\\_item1/P5.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AveAzul/1899/N006/N006_item1/P5.html)), o segundo dos quais seria publicado em *Centauro* (1916) num conjunto erroneamente intitulado “Poemas Ineditos de Camilo Pessanha”. Da *Ave Azul* saíram onze fascículos na primeira série (1899) e doze fascículos na segunda série (1900).

## DOCUMENTO 64

**Título:** Desejos!

**Incipit:** A luz que vem dos teus olhos.

**Autor:** Maria Madalena Nogueira Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 809.

**Data:** 26 de Agosto de 1894.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Quatro páginas manuscritas a tinta preta.

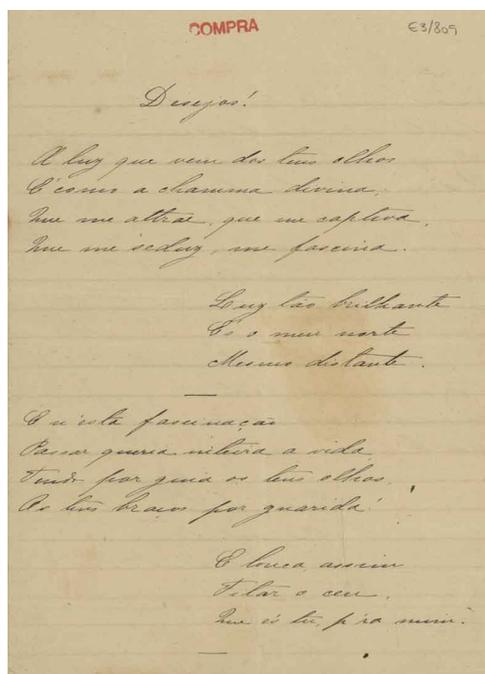
+ **Info:** Primeiro de uma série de poemas da mãe de Pessoa, escrito pouco mais de um ano depois da morte de Joaquim Seabra Pessoa e num período em que Maria se encontrava fascinada por João Miguel Rosa, que conheceu em Janeiro de 1894. No espólio pessoano conservam-se outros dez poemas: oito encontram-se datados; e sete são de um período relativamente produtivo do enamoramento com o segundo marido, entre Agosto de 1894 e Maio de 1895, que culminaria no casamento por procuração no dia 30 de Dezembro. Há um poema de 6 de Novembro de 1919, semanas depois da morte de João Miguel Rosa.

## Desejos!

A luz que vem dos teus olhos  
É como a chamma divina,  
Que me attrae, que me captiva,  
Que me seduz, me fascina.  
Luz tão brilhante  
És o meu norte  
Mesmo distante.

E se ésta fascinação  
Passar queria inteira a vida,  
Tendo por guia os teus olhos,  
Os teus braços por guarida!

E louca, assim  
Fitar o ceu,  
Que és tu, p'ra mim.



Queria, nem tu bem sabes  
 O ardor dos meus desejos,  
 Morrer, sentindo em meus lábios  
 A doçura dos teus beijos!

Caricias loucas,  
 Tão desejadas  
 Mas sempre poucas!

Eu queria depois da morte  
 Ter ainda tal poder,  
 Que a loucura dos meus beijos  
 Não te podesse esquecer.

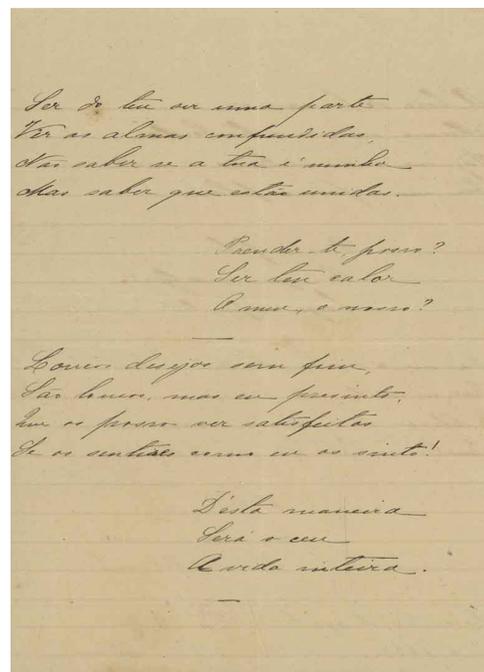
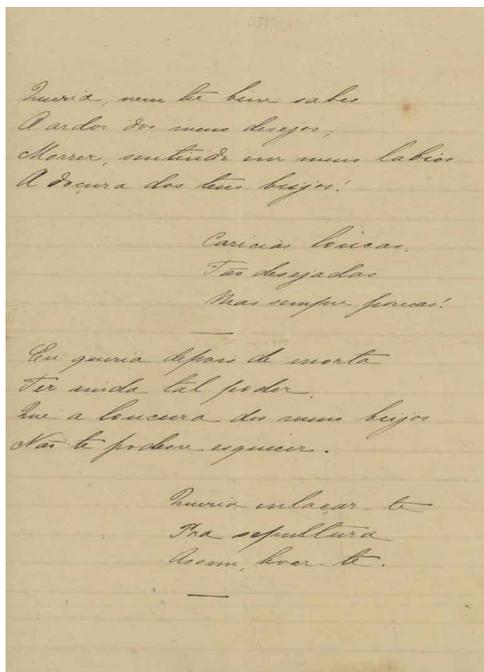
Queria enlaçar-te  
 P'ra sepultura  
 Assim, levar-te.

Ser do teu ser uma parte  
 Vêr as almas confundidas,  
 Não saber se a tua é minha  
 Mas saber que estão unidas.

Prender-te, posso?  
 Ser teu calor  
 O meu, o nosso?

Loucos desejos sem fim,  
 São loucos, mas eu pressinto,  
 Que os possa ver satisfeitos  
 Se os sentisses como eu os sinto!

D'esta maneira  
 Será o ceu  
 A vida inteira.



A taça do teu amor  
Mesmo, mesmo a trasbordar.  
Faz-me mais intensa a sêde  
Que nem a posso fitar.

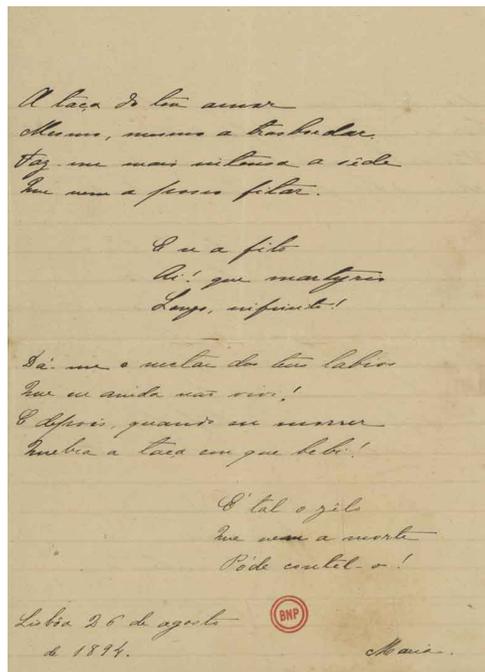
E se a fito  
Ai! que martyrio  
Longe, infinito!

Dá-me o nectar dos teus labios  
Que eu ainda não vivo!  
E depois, quando eu morrer  
Quebra a taça em que bebi!

É tal o zêlo  
Que nem a morte  
Póde contel-o!

Lisbôa 26 de agosto  
de 1894.

Maria.



## DOCUMENTO 65

**Título:** Sem título.

**Incipit:** Jamais te verei marido adiado.

**Autor:** Maria Madalena Nogueira Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 817.

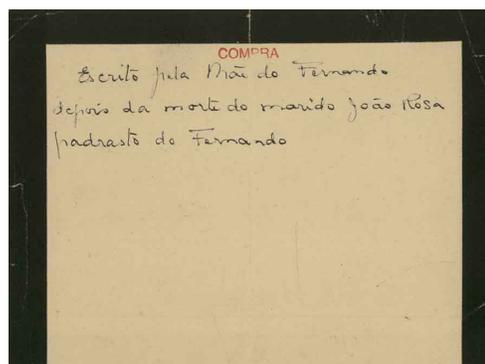
**Data:** Junho 1919.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha com moldura preta, de luto, manuscrita no rosto.

+ **Materiais:** Existe uma nota no verso do suporte.

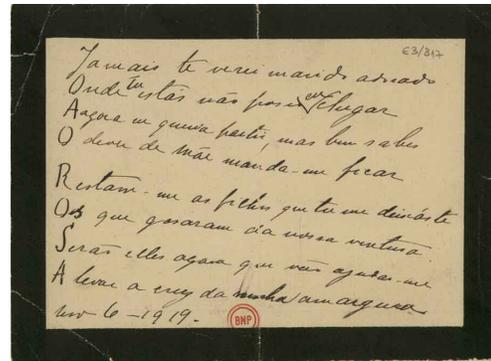
+ **Info:** João Miguel Rosa morreu no dia 7 de Outubro de 1919, um mês antes do poema que a esposa lhe dedica. Note-se que através das primeiras letras de cada estrofe é possível ler o nome do homenageado, João Rosa.



Jamais te verei marido adorado  
 Onde [↑tu] estás não posso [↑eu] chegar  
 Agora eu queria partir, mas bem sabes  
 O dever de mãe manda-me ficar

Restam-me os filhos que tu me deixáste  
 Os que gosaram da nossa ventura.  
 Serão eles agora que vão ajudar-me  
 A levar a cruz da minha amargura

Nov. 6-1919.



## DOCUMENTO 66

**Título:** As letras do Alfabeto (às crianças)

**Incipit:** Cada letra que vê o nosso olhar e igual.

**Autor:** Mayer Garção / Fernando Pessoa.

**Cota:** BNP/E3, 829.

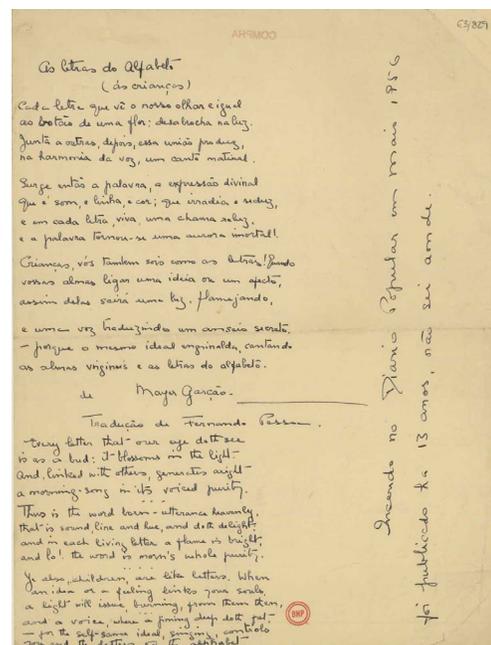
**Data:** Sem data.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha de papel manuscrita a tinta preta apenas no rosto.

+ **Materiais:** A transcrição do poema e da tradução do mesmo, realizadas por Henriqueta, têm a seguinte indicação: "Inserido no *Diário Popular* em Maio 1956 | foi publicado há 13 anos, não sei onde".

+ **Info:** Este soneto de Mayer Garção foi publicado na *Gazeta de Espinho* de 22 de Dezembro de 1912 (cf. <https://bibliotecamunicipal.espinho.pt>). A tradução de Pessoa, no *Diário Popular* de Maio de 1956, não foi localizada, mas foi incluída na recolha póstuma *Cantos da Esperança e da Morte: Inéditos e Dispersos* (1932) e publicada, em 1973, no *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, publicação fundada em Goa, em 1926, e que se prolongou até 1995.



As letras do alfabeto  
 (às crianças)

Cada letra que vê o nosso olhar e igual  
 ao botão de uma flor: desabrocha na luz.  
 Junta as outras, depois, essa união produz,  
 na harmonia da voz, um canto matinal.

Surge então a palavra, a expressão divinal  
que é som, e linha, e cor; que irradia e seduz,  
e em cada letra, viva, uma chama reluz,  
e a palavra tornou-se uma aurora imortal!

Crianças, vós também sois como as letras! Quando  
vossas almas ligar uma ideia ou um afecto,  
assim delas sairá uma luz, flamejando,

e uma voz traduzindo um anseio secreto,  
– porque o mesmo ideal engrinalda, cantando  
as almas virginais e as letras do alfabeto.

de Mayer Garção<sup>a</sup>

---

Tradução de Fernando Pessoa

Every letter that our eye doth see  
is as a bud: it blossoms in the light.  
And, linked with others, generates aright  
a morning-song in its voiced purity.

Thus is the word born-utterance heavenly,  
that is the sound, line and hue, and doth delight:  
and in each living letter a flame is bright,  
and lo! the word is morn's whole purity.

Ye also, children, are like letters. When  
an idea or a feeling links your souls,  
a light will issue, burning, from them then,

and a voice, where a fining deep doth fret,  
– for the self-same ideal, singing, controls  
you and the letters of the alphabet.

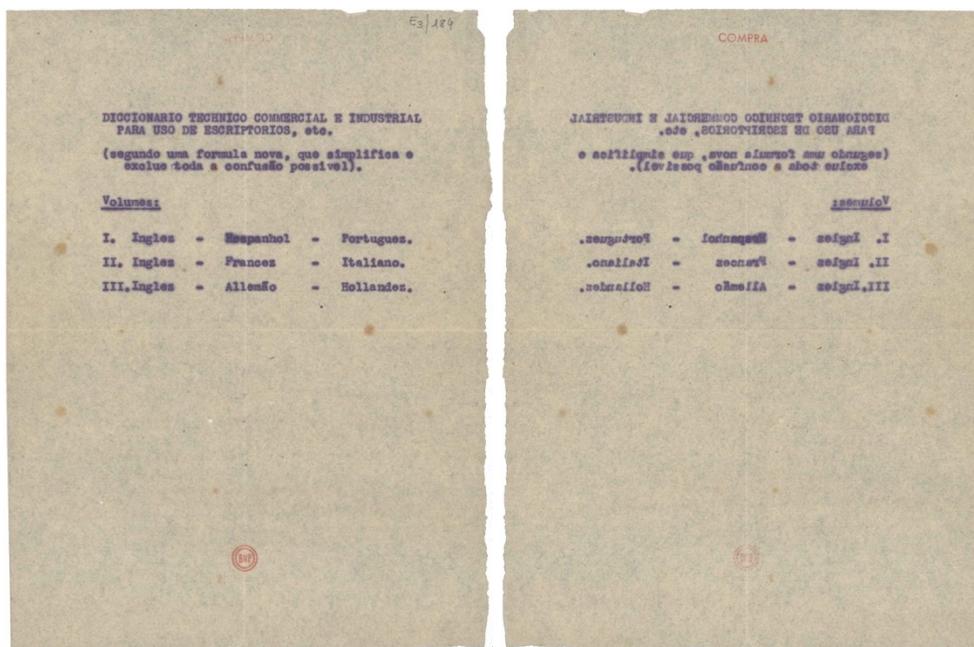
#### NOTAS

<sup>a</sup> Francisco Mayer Garção foi um jornalista e escritor português que participou no grupo da *Revista Nova* (oito números entre Abril de 1901 e Janeiro de 1902). Esta revista contou com autores como Baldemónio, Heliodoro Salgado, Guilherme Braga, Silva Pinto, José Duro e Moniz Barreto, entre outros. Mayer Garção organizou a antologia poética, *Os Cem Sonetos*, em 1920, na qual incluiu um prefácio, que constitui uma longa contextualização crítica, em que aproxima os poetas portugueses do contexto internacional. Como assinala José Barreto, Mayer Garção encontra-se entre os destinatários dos dois panfletos produzidos por Pessoa no âmbito da polémica relacionada com a designada *Literatura de Sodoma*, na qual se opôs à campanha moralizadora da chamada Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa (cf. BARRETO, 2016).

**Anexo III****Descrição global**

- BNP/E3, 158 (antigos Avulsos 151-152). “Com a regularidade do costume, faz o Dr. annos”. Manuscrito. Aparentemente esboço de carta dirigida por Pessoa a si mesmo, num aniversário.
- BNP/E3, 159 (antigos Avulsos 655-670). “Le commencement de la foi”. Texto longo em francês, de difícil leitura, manuscrito com diferentes materiais em folhas de um calendário de 1910 (17 a 19 e 31 de Março, 14 a 17 de Abril, 26 de Abril a 3 de Maio).
- BNP/E3, 160 (antigos Avulsos 136-137). Carta de Álvaro de Campos enviada ao jornal *A Capital*, dactilografada, com acrescentos manuscritos Lisboa, de 6 de Julho de 1915 (cf., neste artigo, Documento 1).
- BNP/E3, 161 (antigos Avulsos 624-625). “Fab[ulas] [para] [as] N[ações] J[ovens]”. Texto dactilografado com várias emendas manuscritas. O conjunto completo destas fábulas foi publicado em *Pessoa Existe?* (PIZARRO, 2012: 321-336).
- BNP/E3, 162 (antigos Avulsos 15-17, 965-966). “Menard” / “Breath of the living God”. Manuscrito a tinta preta (cf., neste artigo, Documento 2, Documento 3).
- BNP/E3, 163 (antigos Avulsos 941). “Quem spera sempre, spera sempre em vão”. Poema manuscrito a tinta preta, datado de 22-4/-1922. Inédito. Existem dois poemas datados do mesmo dia: “Adeus, Maria! Todos nós” (45-8<sup>r</sup>) e “Canço. Ter que viver com estes todos!” (45-8) (PESSOA, 2001: 22-24)
- BNP/E3, 164 (antigos Avulsos 978-982). “Hamlet”, fragmento manuscrito da tradução da peça para português (cf. FILIPE, 2018). No verso, poema em inglês datado de 6 de Novembro de 1920, riscado.
- BNP/E3, 165 (provável lapso em antigos Avulsos). “Anthologia Portugueza”. Lista manuscrita de autores portugueses a constar numa antologia de Fernando Pessoa (cf., neste artigo, Documento 4).
- BNP/E3, 166 (antigos Avulsos 705-710). “Receita”. Três folhas manuscritas; texto relacionado com o projecto do Grémio de Cultura Portuguesa, sobre o qual existem outros escritos importantes neste acervo.
- BNP/E3, 167 (antigos Avulsos 791). “Book-plans, notes, etc.”. Manuscrito.
- BNP/E3, 168 (antigos Avulsos 837-838). “Plan of translations”. Texto dactilografado. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 168r”).
- BNP/E3, 169 (antigos Avulsos 823-824). “EPISODIOS”. Dactilografado. Publicado em BARRETO (2012b: 249; <https://doi.org/10.7301/Z0ZW1J4H>).
- BNP/E3, 170 (antigos Avulsos 825-826). Sem título. Lista dactilografada em que figuram certos livros e traduções. Publicada por BARBOSA LÓPEZ (2016: 405 e 544; <https://doi.org/10.7301/Z07P8WKJ>). Datável de c. 1931.
- BNP/E3, 171 (antigos Avulsos 862-863). Sem título. Manuscrito. Lista de cinco pontos que refere jornais e revistas em que Pessoa publicou e um nome: Mascarenhas. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 171r”).

- BNP/E3, 172 (antigos Avulsos 878-879). “Year Books”. Lista manuscrita de anuários e de códigos comerciais, rosto e verso.
- BNP/E3, 173 (antigos Avulsos 885-886). Lista manuscrita com indicações diversas, como, por exemplo, “Provas do P[ortugal] Futurista”. No verso figuram palavras riscadas e o nome de Francis Atterbury (leia-se: Milton Keynes, 1663-1732).
- BNP/E3, 174 (antigos Avulsos 801-802). “THE BEST ENGLISH EPIGRAMS AND POETIC TRIFLES”. Lista dactilografada. Notável referência a *The Art of Versification and the Technicalities of Poetry* (cf. <https://archive.org/details/orthometryartofv00brewuoft>), livro de Robert Frederick Brewer, de 1912. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 174r”).
- BNP/E3, 175 (antigos Avulsos 810-811). Lista dactilografada de traduções a fazer. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 175r”).
- BNP/E3, 176 (antigos Avulsos 898-899). “EPIGRAMMAS PORTUGUEZES”. Epigramas de Bocage, António Feliciano de Castilho e Luís de Camões. Texto dactilografado. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 176r”).
- BNP/E3, 177 (antigos Avulsos 803-806). “DRAWING ROOM STORIES”. Duas folhas dactilografadas a tinta preta no rosto.
- BNP/E3, 178 (antigos Avulsos 835-836). “Os Grandes Contos de Horror e Angustia”. Lista dactilografada de contos a traduzir. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 178r”).
- BNP/E3, 179 (antigos Avulsos 833-834). “Pequenas Edições”. Lista dactilografada de autores e obras muito diversos, muitos dos quais anglo-saxónicos; figuram títulos de Mário de Sá-Carneiro. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 179r”).
- BNP/E3, 180 (antigos Avulsos 816- 817). “Ficções do Interlúdio”. Esboço manuscrito da organização editorial das obras dos heterónimos em vários volumes. Ver [http://www.pessoadigital.pt](http://www.pessoadigital.pt/) (“BNP E3 180r”).
- BNP/E3, 181 (antigos Avulsos 820-821). Lista manuscrita de projectos e traduções. Revelada na edição crítica de *A Educação do Stoico* (PESSOA, 2007: 64-65).
- BNP/E3, 182 (antigos Avulsos 812-813). “Edições do GCP”. Lista manuscrita de obras a editar no âmbito do Grémio de Cultura Portuguesa. Veja-se o documento em: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 182r”).
- BNP/E3, 183 (antigos Avulsos 829-830). “Booklets”. Lista dactilografada de textos de diferente índole e conteúdo. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 183r”). Sobre o “Esboço de uma Geometria dos Coexistentes e dos Antisolídos”, ver *Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis* (PIZARRO, 2009: 375).
- BNP/E3, 184 (antigos Avulsos 831-832). “DICCIONARIO TECNICO COMMERCIAL E INDUSTRIAL PARA USO DE ESCRITORIOS, etc.”. Plano manuscrito dos volumes a incluir no projecto do Dicionário. Inédito. Ver fac-símile.
- BNP/E3, 185 (antigos Avulsos 827-828). Lista dactilografada de projectos em inglês. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 185r”).



Dicionário Technico Commercial e Industrial (BNP/E3, 184).

BNP/E3, 186 (antigos Avulsos 814-815). “3 secções”. Plano manuscrito das secções em que deveria organizar-se a estrutura do já referido Grémio de Cultura Portuguesa. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“BNP/E3 186r”).

BNP/E3, 187 (antigos Avulsos 49-60). Sete folhas de papel manuscritas a tinta preta. Documento relacionado com o discurso do Ministro da Justiça, Manuel Rodrigues, na sequência da ruptura pública entre Fernando Pessoa e o Estado Novo, depois da publicação de “Associações Secretas”. Veja-se *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar* (PESSOA, 2015: 39-41, 303-307, 406-407).

BNP/E3, 188 (antigos Avulsos 901-906). “G[remio] C[ultura] P[ortuguesa]”. Três folhas manuscritas no rosto, a tinta preta, expondo as diferentes valências do projecto do Grémio. Inclui referência a *Portugal*, “revista da vida portuguesa para o estrangeiro”.

BNP/E3, 189 (antigos Avulsos 628-629). “Escriptos orthonyms”. Plano dactilografado com muitos acrescentos manuscritos. Trata-se de um rascunho da célebre “Tábua Bibliográfica” de Fernando Pessoa, contendo na última linha o nome “G. B. Angioletti”. Veja-se o artigo “Mussolini é um louco” (BARRETO, 2012b: 246).

[Entre 190 e 390 figuram os documentos do dossier Pessoa-Crowley.]

BNP/E3, 391 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para Pierre Hourcade, 24/XII/1931, manuscrita, rosto e verso. Revelada em *A Mais Incerta das Certezas* (HOURCADE, 2016: 424-427).

BNP/E3, 392 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema manuscrito a tinta preta, “To B Signa”, de Maio de 1929, e envelope endereçado a “Miss Signa Teixeira

- Rebello”, a filha de Armando Teixeira Rebelo. Ver o artigo “Livros, objectos, manuscritos e fotografias: doação e venda” (PIZARRO e FILIPE, 2020: 341-342; <https://doi.org/10.26300/0wqk-qf64>).
- BNP/E3, 393 (não estava no conjunto de Avulsos). Folha com a ilustração de um “Aguadeiro”, no rosto, com um poema manuscrito no verso, “To Signa”, datado de 31-12-1932. Ver: PIZARRO e FILIPE (2020: 340-341).
- BNP/E3, 394 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta manuscrita, assinada por “F. Nogueira Pessôa”, Hotel Brito, Portalegre, de 24 de Agosto de 1909, em inglês. Ver: PIZARRO e FILIPE (2020: 343-345).
- BNP/E3, 395 (antigos Avulsos 342-343). Cópia de carta dactilografada para Alexandre de Mendonça Alves, datada de Lisboa, 5 de Março de 1928. Ver: “A publicação de ‘O Interregno’ no contexto político de 1927-1928” (BARRETO, 2012a: 198-199; <https://doi.org/10.7301/Z0BC3X1Q>). No verso da folha encontra-se um poema riscado, do dia 11 de Março de 1928, que começa: “Nas ruas por onde vão | Os outros para um destino”. O poema foi publicado na edição crítica da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em *Poemas 1921-1930*, a partir de outro testemunho: BNP/E3, 60-23 (cf. PESSOA, 2001: 124). A carta encontra-se transcrita em VIZCAÍNO (2018: 315-316). Mencionam-se José Alfredo Mendes de Magalhães (1870-1957), médico, professor de Medicina, publicista e político republicano com actividade no período da Primeira República Portuguesa e do Estado Novo, e Manuel Martins da Hora (1896-1981), fundador da primeira agência de publicidade portuguesa (1927), com a qual Pessoa colaborou criando slogans como “Uma cinta Pompadour, veste bem e ajuda sempre a vestir bem” e sobretudo o célebre anúncio para a Coca-Cola, “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”.
- BNP/E3, 396 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, doc. 4). Carta para Madge Anderson. Plenamente editada e estudada por José Barreto, em “A última paixão de Fernando Pessoa” (BARRETO, 2017b: 604-605; <https://doi.org/10.7301/Z0QJ7FJ9>).
- BNP/E3, 397 (antigos Avulsos 721-722). Carta para Madge Anderson, datada de 9-10-1935. Dactilografada, com bastantes emendas manuscritas. Ver: BARRETO (2017b: 606-609).
- BNP/E3, 398 (antigos Avulsos 386-387). Carta a “Meu querido Antonio”, datada de 8-3-1927. Dactilografada, rosto e verso (cf., neste artigo, Documento 5).
- BNP/E3, 399 (antigos Avulsos 388-389). Carta a “Meu querido Antonio”, datada de 25-3-1927. Dactilografada, rosto e verso (cf., neste artigo, Documento 6).
- BNP/E3, 400 (antigos Avulsos 294-295). Breve missiva de apresentação da longa carta seguinte, para The Burley Tobacco Grower’s Co-Operative Association, datada de “Lisbon, 6th. January, 1927”.
- BNP/E3, 401 (antigos Avulsos 296-297 e 272-293). Carta dactilografada, inédita, mas referida na biografia de Richard Zenith, para The Burley Tobacco Grower’s Co-Operative. Veja-se esta passagem: “Since Moitinho de Almeida was the agent

for half a dozen foreign suppliers of tobacco to the monopoly, Pessoa, the trusted employee who handled all the pertinent correspondence, had become intimately acquainted with the not very transparent system for awarding purchase contracts. Armed with this knowledge, he wrote an audacious letter on January 6, 1927, in which he proposed to act as an agent for the Burley Tobacco Growers' Co-operative. In thirteen typed, single-spaced pages—mailed to the cooperative's head office in Lexington, Kentucky, as well as to its European office, in Brussels—he described in detail the history and workings of the monopoly, explained that he had successfully 'deciphered' the 'occult conditions' governing the purchase of foreign tobacco, and assured his prospective client that he possessed 'the influence and the inner knowledge' necessary to represent it or any other tobacco firm vis-à-vis the Companhia dos Tabacos. After transcribing several pages of 'secretly and confidentially' procured information about recent, successful bids for purchase contracts, Pessoa went on to explain, in a section of his letter bizarrely subtitled 'The Inner Technique of Purchases,' that the award of such contracts basically depended on three or four individuals, at least one of whom he had good connections with, or so he implied. He proposed a 5 percent commission on the sale price should he, as Burley's agent, successfully land a purchase contract. Presented with this semi-esoteric, semi-Sherlockian account of Portugal's tobacco trade, the Burley office in Brussels cautiously replied that no decision could be made except in consultation with the head office in Lexington" (ZENITH, 2021: 695).

BNP/E3, 402 (antigos Avulsos 298-301). Carta dactilografada para The Burley Tobacco Grower's Co-Operative Association, datada de "Lisbon, 20th. January, 1927". 2 folhas, rosto.

BNP/E3, 403 (antigos Avulsos 995-996). Rascunho manuscrito a lápis de uma carta em francês, mencionando o "abonnement à Atlantis", isto é, à revista surgida em 1927: <https://www.association-atlantis.org/revue> (cf., neste artigo, Documento 7).

BNP/E3, 404 (antigos Avulsos 997-998). Segunda folha manuscrita a lápis referente ao projecto de "abonnement" (assinatura) à revista francesa *Atlantis* (cf., neste artigo, Documento 8).

BNP/E3, 405 (antigos Avulsos 384-385). Carta datada de Lisboa, 23 de Maio de 1922. Resposta de Pessoa a um anúncio publicado no *Diário de Notícias* (cf., neste artigo, Documento 9).

BNP/E3, 406 (antigos Avulsos 382-383). Carta para Augusto Ferreira Gomes, datada de 22 de Outubro de 1930. Folha de papel dactilografada no rosto. Transcrita em *O Mistério da Boca do Inferno* (PESSOA, 2019: 150-151).

BNP/E3, 407 (antigos Avulsos 364). Carta para José Régio, datada de 26-1-1928. Dactilografada, rosto e verso. Publicada em *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença* (PESSOA, 1998a: 61-63).

- BNP/E3, 408 (antigos Avulsos 362). Carta para José Régio, datada de 31-1-1928. Dactilografada, rosto e verso. Publicada em PESSOA (1998a: 64-65).
- BNP/E3, 409 (antigos Avulsos 361). Carta para José Régio, datada de 3-05-1928. Dactilografada, rosto e verso. Publicada em PESSOA (1998a: 67-68).
- BNP/E3, 410 (antigos Avulsos 359). Carta para José Régio, datada de 15-11-1928. Dactilografada, rosto e verso. Publicada em PESSOA (1998a: 69).
- BNP/E3, 411 (antigos Avulsos 360). Carta para José Régio, datada de 6-12-1928. Dactilografada, rosto e verso. Publicada em PESSOA (1998a: 73-75).
- BNP/E3, 412 (antigos Avulsos 363). Carta para José Régio, datada de 1-1-1929. Dactilografada, rosto e verso, Publicada em PESSOA (1998a: 76).
- BNP/E3, 413 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, docs. 411-412). Carta para José Régio, datada de 14-3-1929. Dactilografada, rosto e verso. Publicada em *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença* (PESSOA, 1998a: 77). Fac-similada em *Argumentos para Filmes* (PESSOA, 2011a: 13; cf. 14 e 101).
- BNP/E3, 414 e 415 (antigos Avulsos 390-393). Carta dactilografada de Fernando Pessoa para o seu irmão João (“My dear John”), datada de “Lisbon, 2<sup>nd</sup>. February, 1934”. Duas folhas numeradas; duas cópias do mesmo documento. ZENITH explica sobre este material inédito: “Pessoa rarely wrote to his two brothers, relying on his sister for news about their lives in England, but in 1934 he exchanged a few letters with João, now known as John, who had studied at the London School of Economics and now worked for a British merchant bank. Acting as an informal agent for a couple of Portuguese firms where his usual occupation was to draft letters in English, Pessoa wanted some advice on a few business proposals. Without coming out and saying so, he hoped they might be of interest to the bank where his brother worked. To the first proposal—the expansion of a Portuguese gunpowder factory with investment capital from Great Britain—John Rosa answered in March that it fell outside the scope of his bank’s interests, and he gently reminded Fernando of previous propositions of his that had proven to be half baked or unfeasible”; e em nota acrescenta: “Carbon copies of Pessoa’s letters (dated 2 Feb., 28 Feb., and 24 Oct. 1934) and the original letters of John Rosa (dated 5 Mar. and 31 Dec. 1934) are in CPH [Collection of Pessoa’s Heirs]; facsimiles of the carbon copies viewable in the Hubert Jennings Papers (“Transcriptions by Xerox [T2b]”), Brown University Digital Repository, Brown University Library, Providence. In the case of the gunpowder factory, Pessoa was acting on behalf of Francisco Camelo, proprietor of the Sociedade Africana de Pólvora. For the other business proposals, he was an intermediary for the firm Gouveia and Carvalho” (2021: 857 e 1013). A revista *Pessoa Plural*, n.º 8, que teve Carlos Pittella como editor convidado, foi dedicada a Jennings, autor de *Os Dois Exílios: Fernando Pessoa na África do Sul* (1984). Veja-se: [https://repository.library.brown.edu/studio/collections/id\\_722/](https://repository.library.brown.edu/studio/collections/id_722/).

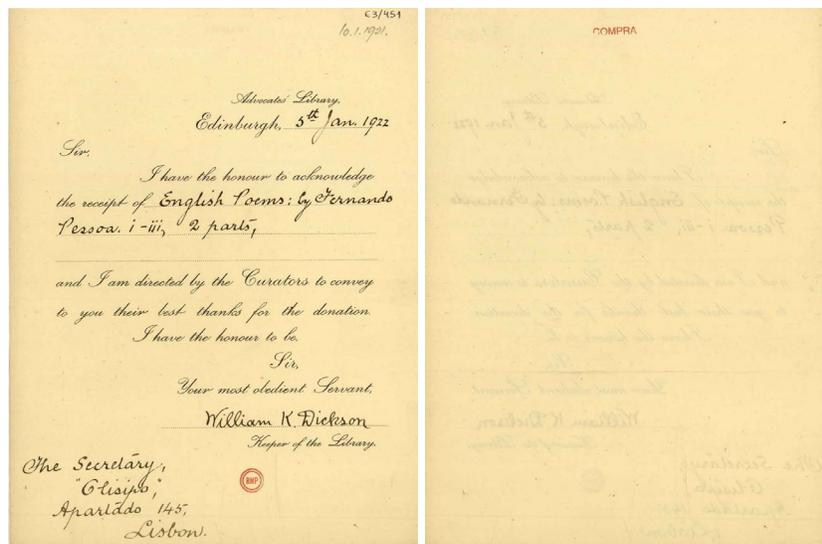
- BNP/E3, 416 (antigos Avulsos 394-395). “The Gunpowder Industry in Portugal”. Uma folha de papel de máquina dactilografada a tinta preta no rosto.
- BNP/E3, 417 e 418 (antigos Avulsos 727-746). Carta de Fernando Pessoa para o seu irmão João (“Dear John”) datada de “Lisbon, 24<sup>th</sup> October, 1934”. Cinco folhas numeradas, dactilografadas no rosto; duas versões do mesmo documento.
- BNP/E3, 419 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, doc. 10). Segunda folha de uma carta a um irmão (talvez John), sobre a Unión Española de Explosivos. Dactilografada no rosto, com a indicação “page 2”.
- BNP/E3, 420 (antigos Avulsos 396-397). Carta de Fernando Pessoa para o seu irmão Luís (“Dear Lhi”), datada de “Lisbon, 4<sup>th</sup>. December, 1924”. Dactilografada no rosto, com ligeiras intervenções manuscritas (cf., neste artigo, o Documento 10).
- BNP/E3, 421 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, docs. 6-9). Carta de Fernando Pessoa para o seu irmão Luís (“Dear Lhi”), datada de “7<sup>th</sup> January, 1929”. Duas folhas dactilografadas a tinta preta no rosto. Parcialmente publicada em PESSOA (2015: 139-141).
- BNP/E3, 422 (antigos Avulsos 724-725). Carta de Fernando Pessoa para o seu irmão Luís (“Dear Lhi”), datada de “10<sup>th</sup> October, 1935”. Uma folha dactilografada no rosto, apenas com a sequência “TTTTttttt” no verso. “As soon as he got back to England, Louis Michael wrote Fernando to remind him that he had promised to prepare his English-language works for possible publication in Great Britain. ‘What I said to you still holds good—I am quite prepared to act as your literary agent here and feel that you ought to have a try at least. The English market is tremendous and once you have become at all established you will find it immensely profitable. There is another point I want to emphasize. Should you ever get another chance to come to England don’t miss it. Let us know as soon as you can and we will fix things for you.’ [BNP/E3, 115<sup>2</sup>-109; *Correspondência Inédita*, p. 128] Despite his brother’s encouragement, Pessoa no longer seemed interested in going to England, but he was amenable to his proposal to act as a literary agent. On October 10 he wrote back to say that he was busily ‘sorting and grouping’ all his papers, spreading them out on tables, chairs, and even the floor in order to accomplish the task, which he claimed was three-quarters of the way done. Only when his papers were all in order would he be ready to start trying to publish his works, in English as well as in Portuguese. Before closing his letter, he asked Louis Michael whether he could find out whatever became of Aleister Crowley. Since they had fallen out of touch, Pessoa had never read anything more about him. It would have been hard for Michael to learn much about Crowley, who had been declared bankrupt in April, lived a quiet life, and was no longer a newsworthy subject. Today he has thousands of followers and many of his books are back in print, but when he died in 1947 only a dozen people attended his funeral” (ZENITH, 2021: 909; cf. PESSOA, 2022: 221-224).

- BNP/E3, 423 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 30 de Setembro de 1929. Duas folhas dactilografadas no rosto, com numeração na segunda, cópia a papel químico. Publicada a partir de cópia em PESSOA (1998a: 96-99) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 350-354).
- BNP/E3, 424 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 17 de Outubro de 1929. Duas folhas dactilografadas no rosto, com numeração na segunda, e ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 103-104) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 355-356).
- BNP/E3, 425 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 6 de Dezembro de 1929. Duas folhas dactilografadas, com numeração na segunda, e ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 108-110) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 357-359).
- BNP/E3, 426 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 10 de Janeiro de 1930. Três folhas dactilografadas, com numeração na segunda e na terceira. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 113-116) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 360-365).
- BNP/E3, 427 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 28 de Junho de 1930. Três cartas dactilografadas, numeradas na segunda e na terceira, com ligeiras correcções manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 118-121) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 376-379).
- BNP/E3, 428 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 4 de Julho de 1930. Uma folha dactilografada no rosto, com ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 124) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 380-381).
- BNP/E3, 429 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 16 de Outubro de 1930. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 129) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 385-386).
- BNP/E3, 430 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 22 de Outubro de 1930. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 131-132) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 387-388).
- BNP/E3, 431 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 26 de Outubro de 1930. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 134-135) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 389).
- BNP/E3, 432 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 18 de Novembro de 1930. Duas folhas dactilografadas no rosto, com

- numeração na segunda, e ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 137-139) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 390-392).
- BNP/E3, 433 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada 3 de Dezembro de 1930. Uma folha dactilografada no rosto, com ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 141) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 393-395).
- BNP/E3, 434 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 6 de Dezembro de 1930. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 143-144) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 396-398).
- BNP/E3, 435 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 19 de Dezembro de 1930. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 145) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 399-400).
- BNP/E3, 436 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 4 de Janeiro de 1931. Uma folha dactilografada no rosto, com ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 147-148) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 401-403).
- BNP/E3, 437 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 7 de Fevereiro de 1931. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 150) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 404-405).
- BNP/E3, 438 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 4 de Abril de 1931. Duas folhas dactilografadas, com numeração na segunda. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 153-154) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 407-408).
- BNP/E3, 439 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 26 de Maio de 1931. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 157) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 409).
- BNP/E3, 440 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 6 de Junho de 1931. Uma folha dactilografada no rosto, com ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 159) e, também, em VIZCAÍNO (2018: 410).
- BNP/E3, 441 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 5 de Outubro de 1931. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 161) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 411-412).
- BNP/E3, 442 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 1 de Novembro de 1931. Duas folhas dactilografadas no rosto.

- Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 163-164) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 413-415).
- BNP/E3, 443 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta João Gaspar Simões, datada 3 de Novembro de 1931. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 165) e em VIZCAÍNO (2018: 416).
- BNP/E3, 444 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta João Gaspar Simões, datada 20 de Novembro de 1931. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 168) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 419-420).
- BNP/E3, 445 (antigos Avulsos 524-527) Carta para João Gaspar Simões, data de 4 de Dezembro de 1931. Duas folhas dactilografadas no rosto, com ligeiras emendas manuscritas. Publicada em PESSOA (1998a: 169-170) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 421-423). Enrico Martines, que transcreve o documento a partir de *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, 1957, pp. 87-89, data erradamente a carta de 3-12-1931.
- BNP/E3, 446 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 11 de Dezembro de 1931. Oito folhas dactilografadas no rosto, numeradas a partir da segunda, com emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 171-182) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 424-437).
- BNP/E3, 447 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 14 de Dezembro de 1931. Duas folhas dactilografadas no rosto, com numeração na segunda, e ligeiras emendas manuscritas. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 183-185) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 438-441).
- BNP/E3, 448 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 12 de Maio de 1932. Duas folhas dactilografadas no rosto, com numeração na segunda. Publicada a partir de cópia a papel químico em PESSOA (1998a: 186) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 447-449).
- BNP/E3, 449 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 25 de Maio de 1932. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico PESSOA (1998a: 190-191) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 451-453).
- BNP/E3, 450 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta para João Gaspar Simões, datada de 16 de Julho de 1932. Uma folha dactilografada no rosto. Publicada a partir de cópia a papel químico PESSOA (1998a: 194-195) e a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 454-455).
- BNP/E3, 451 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de William K[irk] Dickson dirigida a "The Secretary, | Olisipo, | Apartado 145, | Lisbon", datada de "Edinburgh, 5th. Jan. 1922". Impresso. Esta carta confirma a recepção de *English Poems*, que não se encontra no catálogo em linha da Advocate's Library.

Reprodução fac-similada em NOGUEIRA (2005: 98). Dickson estudou na Universidade de Edimburgo, onde se formou em 1880. Conhecido por ter sido responsável pela Advocate's Library de Edimburgo (1906-1925) e sobretudo por ter sido o primeiro bibliotecário da Biblioteca Nacional da Escócia (1925-1931). Autor de livros sobre a cultura escocesa, como *The life of Major-General Sir Robert Murdoch Smith* (1901), *Historical Geography of the Clans of Scotland* (1899) e *The Register of the Great Seal of Scotland under the Commonwealth* (1904), além de um livro sobre Napoleão, *The Surrender of Napoleon* (1904).



Carta de William K. Dickinson (BNP/E3, 451).

BNP/E3, 452 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Madge Anderson. Inédita. Falta no artigo da revista *Pessoa Plural*, de BARRETO (2017b: 604-605). Não referida na biografia de ZENITH (2021).

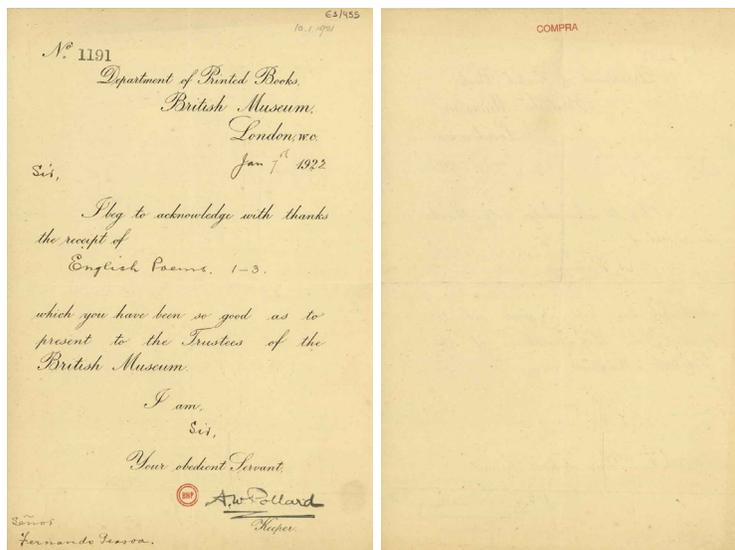
BNP/E3, 453 (antigos Avulsos 410-415). Envelope e carta de Mário Beirão, datada de 25 de Fevereiro de 1913. Os selos do envelope são de Janeiro. Cf., neste artigo, Documento 12. Esta carta é provavelmente a resposta à carta enviada por Pessoa no dia 6 de Dezembro de 1912, publicada em PESSOA (1998b: 56-58) e transcrita a partir do testemunho enviado em VIZCAÍNO (2018: 95-97). Teve como resposta a carta publicada em VIZCAÍNO (2018: 101-103).

BNP/E3, 454 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Ernest A. Belcher<sup>5</sup> para “Dear Sir” [Faustino

<sup>5</sup> “Em 1904 Belcher era Senior Master da High School [...] comandava os mais jovens e era supervisor dos internos; ensinava inglês à classe mais avançada e considerava Macaulay o maior estilista vivo da língua” (JENNINGS, 1984: 47). Ernest Albert Belcher (1871-1949) foi o responsável pela British Empire Exhibition, que ocorreu em 1924 e 1925, depois de uma tour promocional um pouco por todo o mundo ao longo de 1922, acompanhado por um grupo que incluía, por exemplo, Agatha CHRISTIE

Antunes], datada de “Durban High School, July, 14, 07”. Ocupa oito páginas manuscritas. Publicada, em fac-símile, em *Os Dois Exílios* (JENNINGS, 1984: 197-198) e, com tradução, em *Escritos Autobiográficos* (PESSOA, 2003: 390-393). Veja-se também *Fernando Pessoa: Entre Génio e Loucura* (PIZARRO, 2007: 72-76).

BNP/E3, 455 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de A. W. Pollard<sup>6</sup> dirigida a “Señor Fernando Pessoa”, com datas de “10.1.1921” (canto superior direito) e “Jan 1<sup>st</sup> 1922” (no impresso). A missiva dá conta da recepção de “English Poems. 1 – 3”.



Carta de Alfred W. Pollard (BNP/E3, 455).

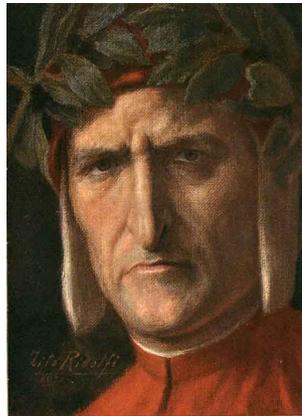
BNP/E3, 456 e 457 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizados na altura). Dois postais. Um ostenta o retrato de Dante realizado, em 1927, por Tito Ridolfi (1886-1956), com estes versos impressos: “IL POEMA SACRO | AL QUALE HA POSTO MANO E CIELO E TERRA | SÌ CHE M’HA FATTO PER PIÙ ANNI MACRO”; e tem, no verso, uma nota manuscrita pelo remetente, Raul da Costa<sup>7</sup>: “Muito bom dia, ou tarde (boa), ou noute (boa também). | Raul”; e ainda uma nota a lápis de Manuela Nogueira: “é do primo Raul quando estava a especializar-se em Italia (eng.º naval)”. Outro ostenta uma ilustração de “Pegli – Castello Wianson” e tem, no verso, este poema: “Cahiu a noute soberba | A lua subiu ao ceu | Levei a mão à cabeça | Tirei, solemne, o chapéu. | Sondei depois

(2013). Professor em Inglaterra até entrar no serviço naval, em 1902, tornou-se professor assistente na Durban High School e, em 1912, dirigiu o Christ College na Nova Zelândia.

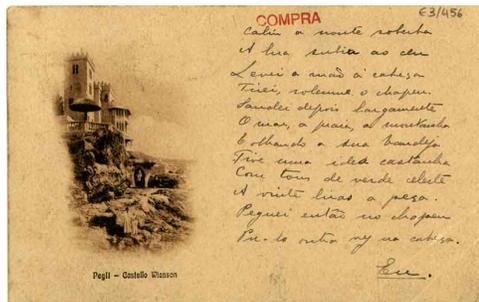
<sup>6</sup> Alfred William Pollard (1859-1944), bibliógrafo inglês, membro da Academia Britânica, reconhecido pelos seus trabalhos na área dos estudos shakespearianos.

<sup>7</sup> “Raul Soares da Costa (1890-[1959]). Engenheiro naval, marido de Maria Nogueira de Freitas, prima de Fernando Pessoa (filha da tia Anica). Fernando Pessoa anotou os seus dados para fins astrológicos (S6-52v)” (BARRETO, 2016: 689).

largamente | O mar, a praia, a montanha | E olhando a sua bandeja | Tive uma  
 idea castanha | Com tons de verde celeste | A vinte liras a peça. | Peguei então  
 no chapéu | Pu-lo outra vez na cabeça | Eu”.



Reproduttore velle.  
 Edito: Giorgio Berti - Roma.  
 IL POEMA SACRO  
 AL QUALE HA POSTO MANO E CIELO E TERRA  
 SI CHE MHA FATTO PER FÙ ANNI MACRO  
 Parados, Canto XXV.



Postais de Raul da Costa (BNP/E3, 457 e 456).

BNP/E3, 458 (antigos Avulsos 484-489). Carta inédita de Aniceto Mascaró, datada de 2 de Outubro de 1907. Um bifólio manuscrito a tinta preta. Este documento é referido na mais recente biografia: “Like many a young man from the Portuguese bourgeoisie, Pessoa landed his first job through a relative. Laurinda, his mother’s cousin, had married a well-connected Spanish businessman, Aniceto Mascaró, who managed to secure the position at R. G. Dun for Fernando. Mascaró soon regretted trying to be helpful, however, since in late September Pessoa sent a huffy, slightly insulting letter of resignation to the agency’s director, complaining about the meager pay. Mascaró, who would himself become the director of R. G. Dun in Lisbon some years later, wrote Pessoa on October 2 to remind him that he had been hired as an intern whose pay—five thousand reis per month—was not supposed to be commensurate with the services he rendered. In the event of his becoming a regular employee, he would receive a normal salary” [Nota: Mascaró’s letter (Collection of Pessoa’s Heirs) transcribed in *Imagens de uma Vida*, p. 53] (ZENITH, 2021: 245 e 976). Celebrizado pelo conhecido “sistema Mascaró”, um pioneiro sistema gráfico de leitura e escrita para deficientes visuais e normovisuais, introduzido em 1895, Mascaró

fundou, em 1889, o Instituto Médico-Pedagógico para Cegos, no qual foi desenvolvendo sistematicamente o seu Método de Leitura e Escrita para Cegos e Pessoas de Visão Normal, sistema complementar ao Sistema Braille.

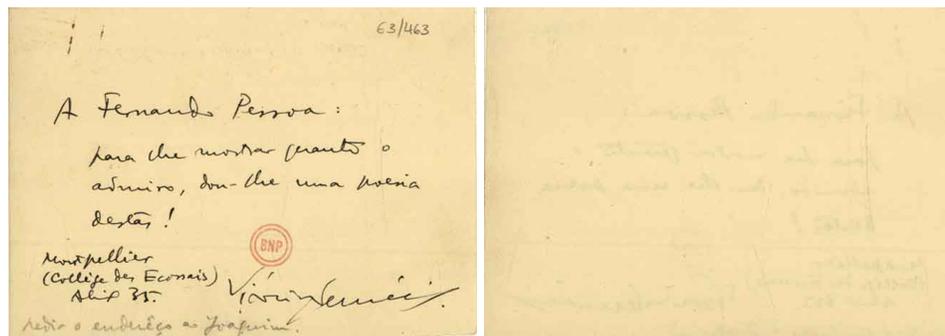
BNP/E3, 459 e 460 (antigos Avulsos 430-437, 438-439). Correspondência fúnebre com moldura preta (envelope, cartão e carta) D. João de Menezes, de 23 de Maio de 1928. O cartão tem impresso o nome de “Eliza de Miranda Pereira de Menezes” e, manuscrita, a palavra “agradece”. Eliza de Menezes foi a filha do pintor Luiz de Miranda Pereira de Menezes (Visconde de Menezes; 1820-1978). Pessoa terá enviado uma carta de condolências.

BNP/E3, 461 (antigos Avulsos 490-493). Carta inédita de Adolfo Casais Monteiro, datada de “Porto, 13-VIII-35”. Duas folhas manuscritas no rosto e no verso (cf., neste artigo, o Documento 13).

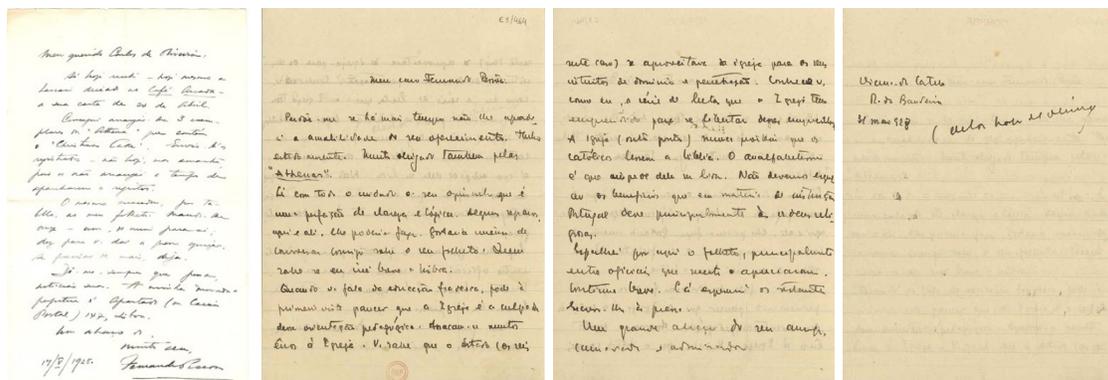
BNP/E3, 462 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de “G. Nabos” dirigida a “My Dear P”, datada de “London, 26th February 1906”. Duas folhas manuscritas no rosto e no verso, com recurso a duas canetas diferentes. Inédita, mas referida na mais recente biografia: “Imagine my surprise when, rummaging through papers still in the possession of Pessoa’s heirs, I came across a chatty letter dated ‘London, 26th February 1906,’ addressed to ‘My dear P.,’ and sent to Pessoa by a friend he had known in Durban. Perhaps (I thought) Pessoa counted on staying with him if he managed to get to London. The letter was not easy to decipher, but soon enough I was astonished to discover that Pessoa had a rather larger circle of friends in Durban than I had realized. The letter writer mentioned a certain Saville, another young man whose last name was Nevers, a fellow called Biff, who had lately moved to Pietermaritzburg, the capital of Natal, and a fellow known as Esbara, who was always running into things. Esbara evidently got his nickname from Pessoa, since *esbarra* in Portuguese means ‘bumps into.’ I gathered that Pessoa, besides having a solid group of friends in Durban, was a waggish and assertive member of this group. This completely contradicted the portrait of him as an adolescent established by all my other research. But I began to wonder about the identity of the letter writer when I came across the following, humorous observation concerning yet another friend in the group: ‘Stool is in America, in Washington—and it’s a ton of washing it will need with Stool there.’ At last I managed to decipher the scrawled signature at the end of the missive, ‘G. Nabos,’ which confirmed my doubts—and heightened my astonishment. The letter that offered extraordinary new information about Pessoa’s set of friends in Durban became even more extraordinary once I understood that the friends were pure fiction. Stool was the same Sidney Parkinson Stool whom we have seen playing imaginary cricket and whose name began to sign literary projects in 1903. Saville also played cricket, but for an opposing team. Gaudêncio Nabos was referred to as ‘Dr. Nabos’ as early as 1904, and his wry letter from London,

in which he mentions ‘doctoring a little’ as well as playing tricks on people, corroborates his status as the medical heteronym fond of jokes and prankish behavior. Although I could find no further references to Esbara or Biff, there is an isolated signature of the friend named Nevers among Pessoa’s Durban papers [BNP/E3, 133D-76v]” (ZENITH, 2021: 190-191 e 973).

BNP/E3, 463 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Bilhete de Vitorino Nemésio para Fernando Pessoa, datado de “Montpellier | (Collège des Écossais) | Abril 35”. Lê-se: “A Fernando Pessoa: | para lhe mostrar quanto o | admiro, dou-lhe uma poesia | destas!”. Veja-se esta página: <https://purl.pt/161/1/index.html>.



Bilhete de Vitorino Nemésio (BNP/E3, 463).



Cartas de Pessoa e Lobo d'Oliveira (sem cota; BNP/E3, 464).

BNP/E3, 464 (antigos Avulsos 470-475). Carta de Carlos Lobo d'Oliveira para Fernando Pessoa, datada de 31-5-1928. Um bifólio pautado manuscrito a tinta preta. Trata-se muito provavelmente da resposta à carta de Pessoa datada de 17-5-1928, que começa “Só hoje recebi – hoje mesmo a haviam deixado no *Café Arcada* – a sua carta de 24 de Abril. Consegui arranjar-lhe 3 exemplares da ‘*Athena*’ que contém o ‘*Christmas Cake*’” (fac-similada, em 1963, no *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 24). Carlos Lobo de Oliveira (1895-1973), licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, frequentou também o curso de Administração Militar da Escola do Exército. Viveu no Brasil entre 1919 e 1924 por motivos políticos, na sequência da sua participação no movimento da

Monarquia do Norte. Foi um poeta e tradutor com ampla presença na imprensa portuguesa, tendo começado a publicar nas páginas de *A Águia* (“Canção das Andorinhas”, n.º 8, Agosto de 1912), revista na qual colaboraria até Maio de 1913. Publicou ainda na revista *Atlântida*, em 1916, e no quarto número da revista *Athena* (“Christmas Cake”, Janeiro de 1925), com um texto cuja dedicatória recorda o seu período brasileiro: “a Ronald de Carvalho, Homero Prates, Agripino Grieco, Ruy Coelho, João do Amaral, José Osório de Oliveira, em lembrança de camaradagem no Brasil”. Na Biblioteca particular de Fernando Pessoa, encontram-se dois livros autografados pelo autor, *Alegria do Céu* (1935; CFP 8-392) e *Roteiro das Saudades* (1935; CFP 8-637). Autor de uma obra considerável, destacam-se *O Namoro em Portugal ou A Arte de Amar no Campo* (1927), *Alegre Melancolia: Poemas* (1955), que ganhou o Prémio Antero de Quental de 1956, e uma *Vida e Poesia de António Nobre* (1970). Foi também tradutor de livros, como *A vida das Térmitas* (1933), de Maurice Maeterlinck, e *Ladrões de Bicicletas: Romance* (1950), de Luigi Bartolini. Cf. BNP/E3, 767.

BNP/E3, 465 (Avulsos 402-405). Carta de José Régio, datada de 24 de Janeiro 1930.

Uma folha manuscrita no rosto e no verso. Reprodução fac-similada em *Fernando Pessoa na Intimidade* (FRANÇA, 1987: [302]) e em *Imagens de uma Vida* (NOGUEIRA, 2005: 109). Publicação no volume editado por E. Martines (PESSOA, 1998a: 81-82).

BNP/E3, 466 (antigos Avulsos 406-407). Carta de José Régio, datada de “9-6-935”.

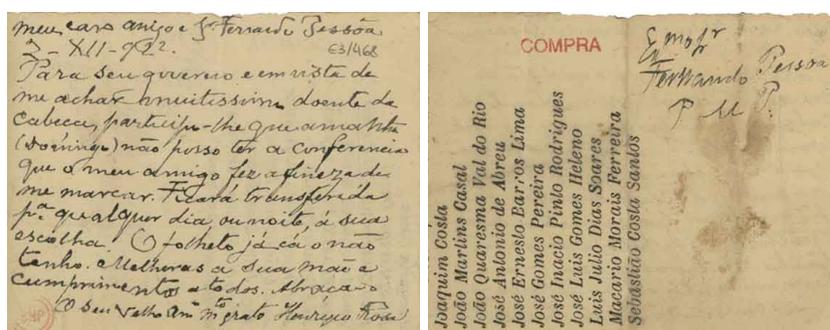
Uma folha pautada manuscrita no rosto. Não consta em PESSOA (1998a).

BNP/E3, 467 (antigos Avulsos 408-409). Carta de António Lopes Ribeiro (1908-1995),

datada de “Maфра, 5 de agosto 35”. Uma folha manuscrita a tinta roxa no rosto e no verso. A carta, que refere Pessoa, foi enviada a um outro destinatário, ao qual o remetente se dirige com a fórmula ocultista e astrológica “Salute Frate”. Na carta, Pessoa é mencionado como potencial possuidor das *Raphael’s Ephemeris*, um almanaque inventado pelo astrólogo Albert Cross Smith (1795-1832), que utilizava o pseudónimo Raphael. O almanaque era constituído por um conjunto de tabelas que forneciam os dados essenciais para a determinação da trajectória de objectos astronómicos, tendo sido publicado pela primeira vez em 1827. Depois da morte de Smith, passou a circular como publicação autónoma. Lopes Ribeiro procurava saber os dados relativos ao dia do seu nascimento, 16 de Abril de 1908, sugerindo que Pessoa poderia ter interesse em produzir o horóscopo derivado dessas informações. António Lopes Ribeiro (1908-1995) foi um pioneiro do cinema sonoro português. Desde cedo esteve influenciado pelo contacto directo com os estúdios cinematográficos alemães e russos, que visitou. Começou a sua carreira em 1928, com o documentário *Bailando ao Sol*. Entre as suas obras, encontram-se *A Revolução de Maio* (1937), uma curta-metragem sobre a Exposição do Mundo Português (1941), o célebre *O Pai Tirano* (1941), *A Vizinha do Lado* (1945) ou *Lisboa de Hoje e de Amanhã* (1947), além de adaptações de clássicos da literatura portuguesa, como *Amor de Perdição* (1943), *Frei Luís de*

Sousa (1950) e *O Primo Basílio* (1959). Colaborou com Manoel de Oliveira como produtor do clássico do cinema português *Aniki-Bobó* (1942). Teve também uma presença constante na imprensa, fundando o jornal infanto-juvenil *Senhor Doutor* (1932) e revistas dedicadas ao cinema, como *Imagem* (1928), *Kino* (1930) e *Animatógrafo* (1933), tendo trabalhado como crítico cinematográfico na revista *Sempre Fixe* (1926-1932) e no *Diário de Lisboa* desde 1927. Na página online da RTP (<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/rtp-homenageia-antonio-lopes-ribeiro/>), encontra-se um documentário sobre Lopes Ribeiro.

BNP/E3, 468 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto *Cartas 2*, docs. 430-431). Missiva de Henrique Rosa, datada de “2-XII-922”, manuscrita no verso de um impresso com uma lista de nomes, onde também figura a indicação do destinatário, Pessoa.



Carta de Henrique Rosa (BNP/E3, 468).

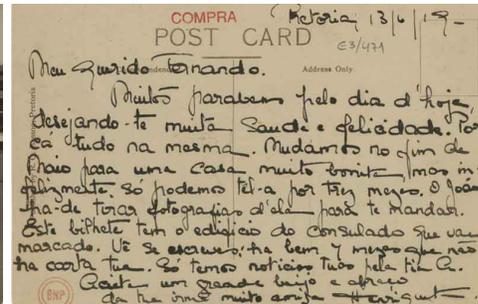
BNP/E3, 469 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de Henriqueta Madalena, com data de “17-9-11”. Texto manuscrito no verso de uma ilustração do Grand Hotel de Pretória (“C. FINCKE, Manager”) (cf., neste artigo, Documento 20).

BNP/E3, 470 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de Henriqueta Madalena, datado de “13/6/1916”. Manuscrito. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 85).

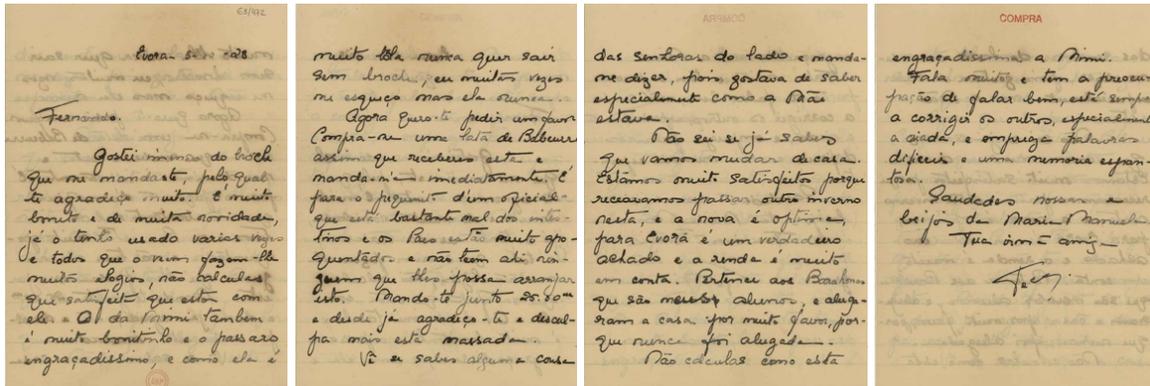
BNP/E3, 471 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de Henriqueta Madalena, datado de “13/6/19”. Manuscrito. Tem uma reprodução de “CHURCH SQUARE, LOOKING EAST, PRETORIA”.



Postal de Henriqueta Madalena (BNP/E3, 470).



Postal de Henriqueta Madalena (BNP/E3, 471).



Carta de Henriqueta Madalena (BNP/E3, 472).

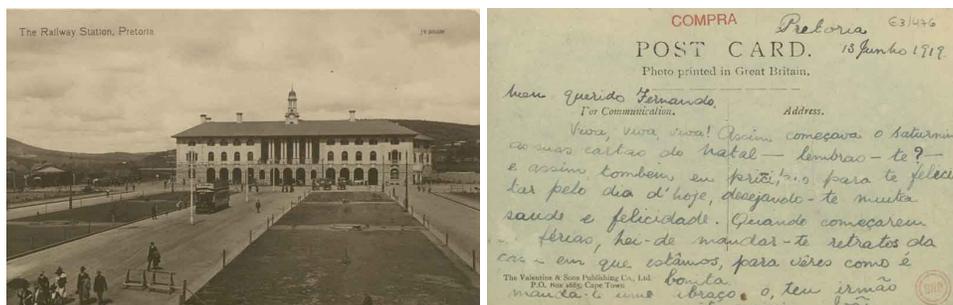
BNP/E3, 472 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 291-295, 303-305). Carta de Henriqueta Madalena (Teca), datada de “Evora, 3-12-28”. Um bifólio pautado manuscrito no rosto e no verso. Documento parcialmente reproduzido em NOGUEIRA (2005: 106) e em *O Meu Tio Fernando Pessoa* (NOGUEIRA, 2015: 106; transcrição, 57-58).

BNP/E3, 473 (não estava no conjunto de Avulsos). Cartão de Natal, ilustrado com a frase “All days of Glory, Joy and Happiness. Shakespeare” e a indicação manuscrita dos remetentes: “Tua mãe, || To dear Fernando | From Henriqueta, Luiz & João”. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 53).

BNP/E3, 474 (não estava no conjunto de Avulsos). Cartão de Natal, ilustrado com a frase “Sincere Greetings” e a indicação manuscrita dos remetentes: “To dear Fernando | [From] Henriqueta, Luiz, and João”.

BNP/E3, 475 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de João, datado de “Pretoria, 18-2-1912”. Manuscrito no verso da ilustração de “New Post Office, Pretoria”. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 73) (cf., neste artigo, Documento 21).

BNP/E3, 476 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de João, datado de Pretoria, 13 Junho 1919. Manuscrito no verso da ilustração de “The Railway Station, Pretoria”. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 91).



Postal de João Maria Nogueira Rosa, meio-irmão (BNP/E3, 476).

BNP/E3, 477 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 298-299). Carta dactilografada de João Maria Nogueira Rosa, datada de “16th December, 1922”. Uma folha dactilografada no rosto e no verso (cf., neste artigo, Documento 22)

BNP/E3, 478 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de John, datada de “March 5th, 1934”. Duas folhas manuscritas no rosto e no verso. Carta referida em *Pessoa: A Biography*: “Pessoa rarely wrote to his two brothers, relying on his sister for news about their lives in England, but in 1934 he exchanged a few letters with João, now known as John, who had studied at the London School of Economics and now worked for a British merchant bank. Acting as an informal agent for a couple of Portuguese firms where his usual occupation was to draft letters in English, Pessoa wanted some advice on a few business proposals. Without coming out and saying so, he hoped they might be of interest to the bank where his brother worked. To the first proposal—the expansion of a Portuguese gunpowder factory with investment capital from Great Britain [Pessoa was acting on behalf of Francisco Camelo, proprietor of the Sociedade Africana de Pólvora]—John Rosa answered in March that it fell outside the scope of his bank’s interests, and he gently reminded Fernando of previous propositions of his that had proven to be half baked or unfeasible” (ZENITH, 2021: 857, 1013).

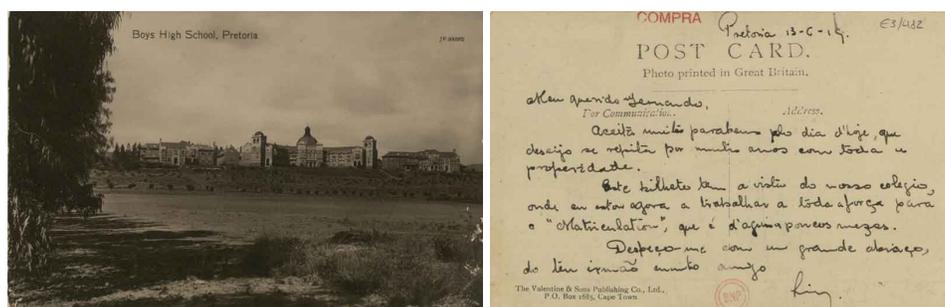
BNP/E3, 479 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de John, datada de 10 de Abril de 1935. Uma folha manuscrita no rosto e no verso. Carta referida em *Pessoa: A Biography*: “One week after writing ‘What matters is love,’ Pessoa received a letter from his half brother John Rosa. John’s sister-in-law, Madge Anderson, who also lived in London, would be arriving by ship in Lisbon on April 15. If the weather was pleasant, she planned to spend three or four weeks in Estoril; if not, she would continue on to Spain. He counted on Fernando or else their sister, Teca, to meet the traveler and help her get settled in a hotel, assuming she chose to stay. ‘I’m sure you’ll like her and she’s very keen to meet you all.’ Madge Mary Moncrieff Anderson—a tall and slender thirty-year-old, with auburn hair and a hard but beautiful face, as if sculpted—was especially keen to meet Fernando, the poet” (ZENITH, 2021: 897, 1015).

BNP/E3, 480 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de John, datada de 31 de Dezembro de 1934. Oito folhas manuscritas no rosto e no verso. Leia-se como

continuação do referente a BNP/E3, 478: “Pessoa, a little discouraged but not yet defeated, was at it again in October, writing on behalf of a different firm [Gouveia and Carvalho] and with five new propositions: financing of a bank, exploitation of marble quarries, investment in corkwood forests, construction of a hotel in Lisbon, and the sale of a huge private estate in Portugal. On the last day of the year, apologizing for the lateness of his reply, John sent him a sixteen-page letter that explained why it was hard to obtain British financing for projects in Portugal, offered several suggestions about whom he might approach, and provided answers to various business-related queries. Well aware that Fernando, when it came to business deals, had an anti-Midas touch, John was not about to get his bank involved, and he pleaded with him never to mention the bank’s name in connection with any negotiations. At the end of his letter, John instructed his brother to destroy it as soon as he had read and digested its contents. Although he did not destroy the letter, Fernando mercifully spared his banker brother further inquiries. Nor did he pursue negotiations with anyone else. Having been told, in so many words, that his assorted proposals were unrealistic, he desisted” (ZENITH, 2021: 857, 1013).

BNP/E3, 481 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de Luiz (Lhi), datado de “Pretoria, 18-2-1912”. Manuscrito no verso de uma ilustração de “Church Street, Pretoria”. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 73) (cf., neste artigo, Documento 23).

BNP/E3, 482 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de Luiz (Lhi), datado de “Pretoria, 13-6-1919”, Luiz. Manuscrito no verso de uma ilustração de “Boys High School, Pretoria”. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 82).



Postal de Luís Miguel Nogueira Rosa, meio-irmão (BNP/E3, 482).

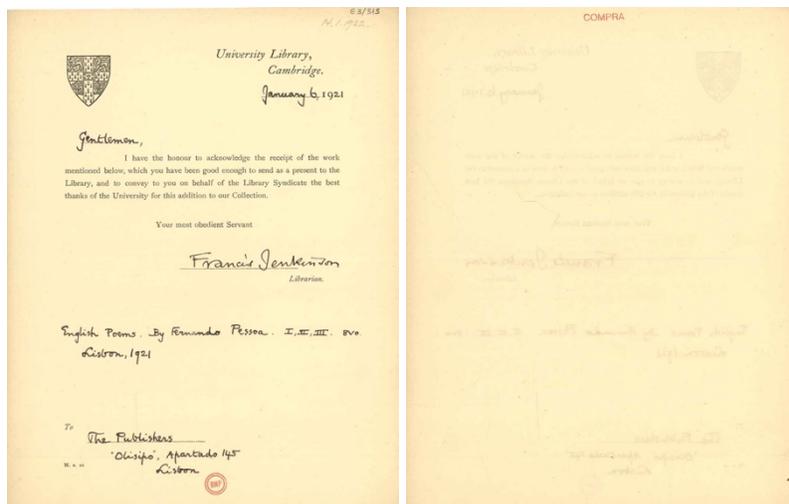
BNP/E3, 483 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de Maria Magdalena Nogueira, datado de “Pretoria, 12 Março 17”. Manuscrito a tinta preta (cf., neste artigo, Documento 24).

BNP/E3, 484 (antigos Avulsos 482-483). Carta de Ruy Vaz, filho do pintor João Vaz, também mencionado no documento. Datada de “S. C. Villa do Conde, 8 de Abril de 1932”. Dactilografada no rosto, com assinatura manuscrita. Aparentemente, Pessoa estaria a compor um texto dedicado àquele que colaborara consigo enquanto director artístico da revista *Athena*, servindo-se de um texto de

- Augusto Ferreira Gomes, que colaborara também na revista. Desconhece-se, quer o texto de Ferreira Gomes, quer o de Pessoa, talvez nunca publicados. A menção a *The Studio, an Illustrated Magazine of Fine and Applied Art*, importante revista dedicada às belas artes e às artes decorativas, fundada por Charles Holme em 1893 e que se prolongou até 1964, é extremamente relevante, permitindo perceber que Ruy Vaz terá prolongado a sua actividade artística depois dos anos de *Athena* e que pode ter procurado, com a ajuda de Pessoa, algum alcance internacional. *The Studio* era um periódico conhecido por procurar quebrar barreiras entre nacionalidades e línguas e por dar a conhecer contributos no domínio das novas expressões artísticas (cf., neste artigo, Documento 25).
- BNP/E3, 485 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 6 Junho 1929. Uma folha manuscrita. Publicada em *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença* (PESSOA, 1998a: 91-92).
- BNP/E3, 486 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 1 Julho 1929. Uma folha manuscrita. Publicada em PESSOA (1998a: 94).
- BNP/E3, 487 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 26 Set. 1929. Uma folha manuscrita. Publicada em PESSOA (1998a: 95-96).
- BNP/E3, 488 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 13 Outubro 1929. Três folhas manuscritas. Em PESSOA (1998a: 100-101).
- BNP/E3, 489 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 22 Outubro 1929. Duas folhas manuscritas. Em PESSOA (1998a: 105-106).
- BNP/E3, 490 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 8 de Novembro 1929. Uma folha manuscrita. Publicada em PESSOA (1998a: 107) e reproduzida em NOGUEIRA (2005: 108).
- BNP/E3, 491 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 8 Dezembro 1929. Duas folhas manuscritas no rosto e no verso. Documento publicado em PESSOA (1998: 110-112).
- BNP/E3, 492 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 23 Janeiro 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 117).
- BNP/E3, 493 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 30 Junho 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 122-123).
- BNP/E3, 494 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 7 Julho 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 125-126).
- BNP/E3, 495 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 10 Setembro 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 127).
- BNP/E3, 496 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 6 Outubro 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 128).
- BNP/E3, 497 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 25 Outubro 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 133).
- BNP/E3, 498 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 7 Nov. 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 136).

- BNP/E3, 499 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 24 Nov. 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 140).
- BNP/E3, 500 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 5 Dez. 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 142).
- BNP/E3, 501 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 23 Dez. 1930. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 146).
- BNP/E3, 502 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 20 Janeiro 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 149).
- BNP/E3, 503 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 2 Março 1931. Uma folha dactilografada no rosto, com assinatura manuscrita. Publicada em PESSOA (1998a: 151-152).
- BNP/E3, 504 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 13 Maio 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 156).
- BNP/E3, 505 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões datada de 30 Maio 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 158).
- BNP/E3, 506 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 11 Junho 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 160).
- BNP/E3, 507 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 10 Outubro 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 162).
- BNP/E3, 508 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 11 Nov. 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 166).
- BNP/E3, 509 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 19 Nov. 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 167).
- BNP/E3, 510 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 10 Dezembro 1931. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 170).
- BNP/E3, 511 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 12 Maio 1932. Uma folha manuscrita. Em PESSOA (1998a: 186).
- BNP/E3, 512 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, datada de 27 Maio 1932. Três folhas manuscritas, numeradas, a última apenas no verso. Documento publicado em PESSOA (1998a: 192-193).
- BNP/E3, 513 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, não datada. Uma folha manuscrita. Publicada em PESSOA (1998a: 155).
- BNP/E3, 514 (não estava no conjunto de Avulsos). Carta de João Gaspar Simões, não datada. Uma folha manuscrita. Publicada em PESSOA (1998a: 130).
- BNP/E3, 515 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Francis Jenkinson, datada de “University Library, Cambridge, January 6, 1921”, e dirigida “To The Publishers, Olisipo, Apartado 145, Lisbon”. Dactilografada, com intervenções manuscritas. Jenkinson agradece a recepção de *English Poems*, I, II, III (Lisbon, 1921). Francis Jenkinson (1853-1923) foi bibliotecário da Universidade de Cambridge entre 1889 e 1923. Com formação em Estudos Clássicos, é particularmente lembrado pela sua

atividade arquivística durante a I Guerra Mundial, tendo formado a War Reserve Collection, um dos mais relevantes arquivos de documentação não oficial e jornalística sobre o conflito.



Carta de Francis Jenkinson (BNP/E3, 515).



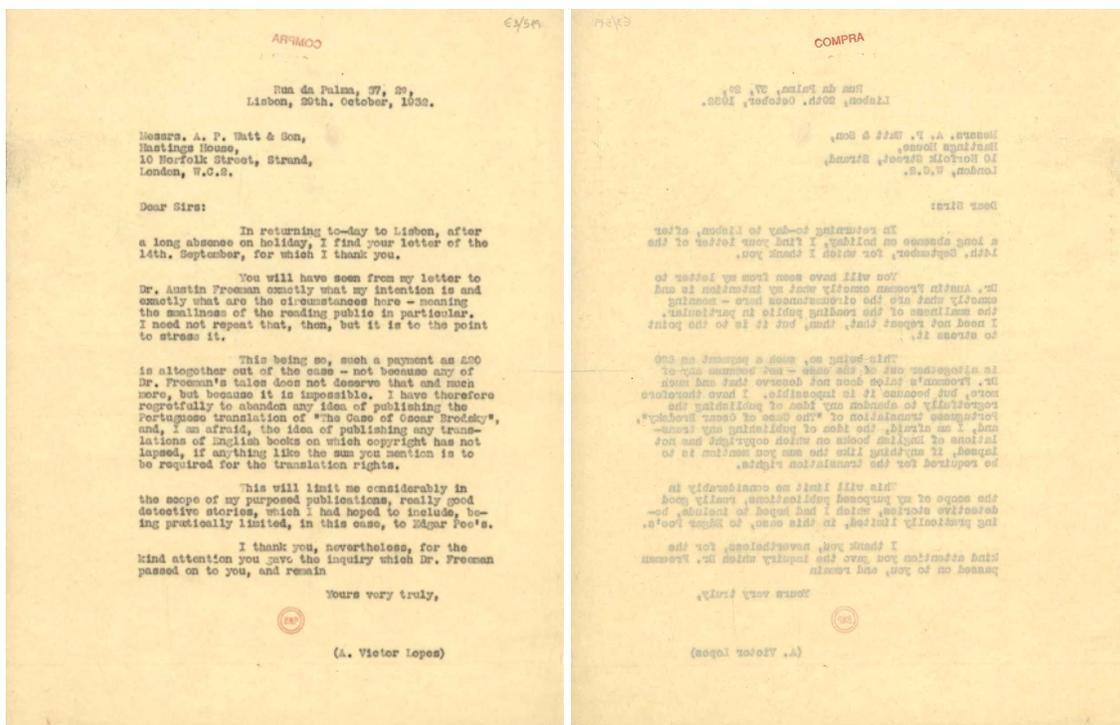
Postal de Setembro de 1906 (BNP/E3, 516).

BNP/E3, 516 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal de L. Vianna, salvo erro, com um carimbo dos correios de 20-09-1906, enviado para “Monsieur F Passôa, Calçada da Estrella 100, 1º, Lisbonne”, a partir de Costaros, Haute-Loire, França. Manuscrito a tinta preta. Ilustração de “La Grande Rue”.

BNP/E3, 517 (antigos Avulsos 416-423). Carta do Visconde de Vila-Moura, datada de “1912-Outubro”. Duas folhas manuscritas no rosto e no verso. Fac-símile parcial em NOGUEIRA (2005: 75) (cf., neste artigo, Documento 26).

BNP/E3, 518 (antigos Avulsos 330-331). Carta de A. P. Watt & Son para Victor Lopes, datada de “September 14th 1932”. Dactilografada, com assinatura manuscrita. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 110). A. P. Watt & Son foi uma das primeiras agências literárias inglesas e, durante as primeiras décadas, a maior e mais sucedida a nível mundial. Formada em 1875 por Alexander Pollock Watt (1834-1914), definiu como eixo fundamental o interesse pela ficção popular e o interesse por autores desconhecidos, mas promissores, tendo passado pelo seu catálogo alguns dos mais relevantes e premiados autores de língua inglesa,

como W. B. Yeats, Rudyard Kipling, William Somerset Maugham, Herbert George Wells, Sir Arthur Conan Doyle, Edward Jenkins, entre outros. Cf., em linha, os arquivos da agência: <https://archives.nypl.org/brg/19277>. Artur Victor Lopes foi, pelo menos entre 1929 e 1932, uma presença com algum relevo nas actividades de Pessoa, tendo idealizado a edição de uma colecção de textos fantásticos e policiais cujo trabalho de tradução seria atribuído a este. No livro *Fernando Pessoa na Intimidade*, Henriqueta Madalena descreve-o como “um homem muito curioso, com imensa graça, trabalhava no Secretariado Nacional de Informação (SNI), também era poeta, e à tarde aparecia muito ali na Bertrand” (FRANÇA, 1987: 294). Identifica-o também como cunhado de Jorge de Sena, em virtude de um casamento com Ofélia, filha do conde do Restelo. Terá sido poeta, dramaturgo e documentarista. Nos Arquivos da Torre do Tombo (<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4314425>) surge como co-autor da adaptação da peça “Três contra Um”, em 1929, em colaboração com Alberto Barbosa, e como autor do documentário “A Arte de Tourear a Cavalos”, em 1948 (cf. id=4326170). Terá publicado poemas no jornal *Notícias Ilustrado* (1929, n.ºs 41 e 61).

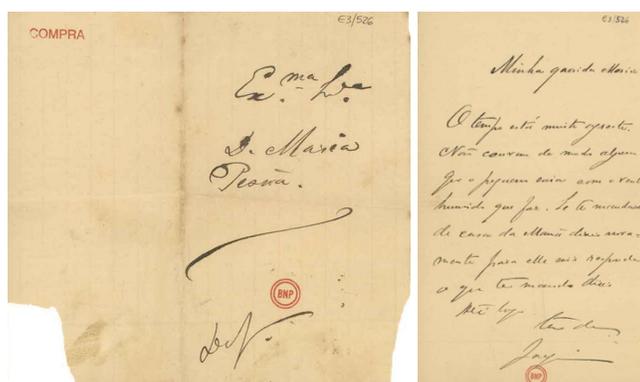


Carta de A. Victor Lopes para “A. P. Watt & Son” (BNP/E3, 515).

BNP/E3, 519 (antigos Avulsos 333-334). Carta de A. Victor Lopes para “A.P. Watt & Son”, datada de “Lisbon, 20th. October, 1932”. Dactilografada.

BNP/E3, 520 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de 11/4 [em princípio, de 1888]. Manuscrita a tinta preta. Publicada em *Joaquim Seabra Pessoa ou o Engenho Sensível* (MATOS, 1988: 79).

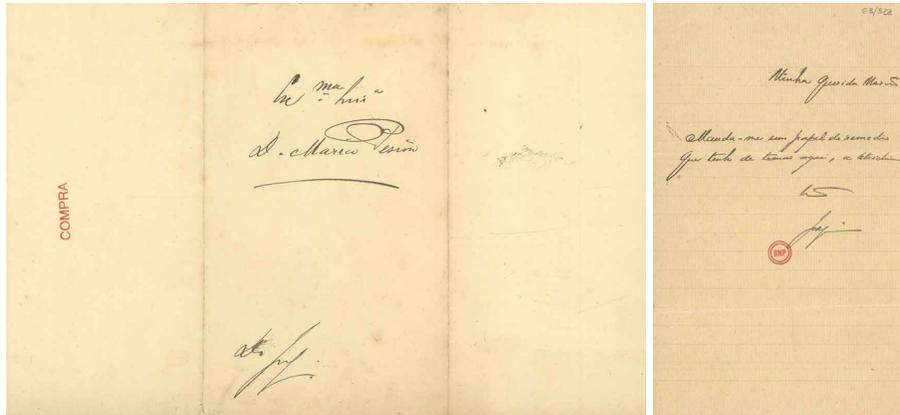
- BNP/E3, 521 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizados na altura). Envelope e carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de 22/5/89. Manuscritos a tinta preta. Carta publicada em MATOS (1988: 80) (cf., neste artigo, Documento 27).
- BNP/E3, 522 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Assinada por “Zé Macaco”. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 131).
- BNP/E3, 523 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 123).
- BNP/E3, 524 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 125).
- BNP/E3, 525 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 127).
- BNP/E3, 526 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizados na altura). Envelope e carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datados. Manuscritos a tinta preta. Carta publicada em MATOS (1988: 126).



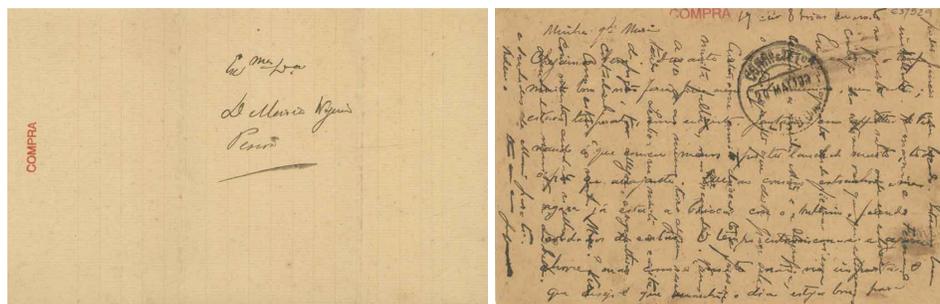
Para “D. Maria Pessôa”, sem data (BNP/E3, 526).

- BNP/E3, 527 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Duas folhas manuscritas a tinta preta. Carta publicada em MATOS (1988: 128).
- BNP/E3, 528 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Duas folhas manuscritas a tinta preta. Carta publicada em MATOS (1988: 132).

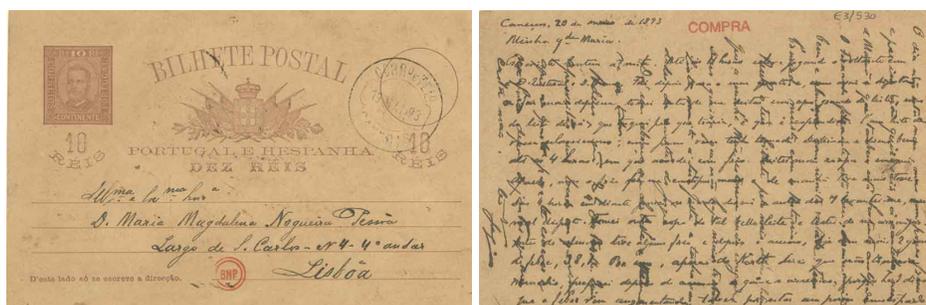
BNP/E3, 529 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “19 de Maio 1893 [data do carimbo do correio], 8 horas da noite”. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 83).



Para “D. Maria Pessôa”, sem data (BNP/E3, 528).



Para “D. Maria Nogueira Pessôa”, 19-5-1893 (BNP/E3, 529).



Para “D. Maria Magdalena Nogueira Pessôa”, 20-5-1893 (BNP/E3, 530).

BNP/E3, 530 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 20 de Maio 1893”. Manuscrito. Publicado em *Joaquim Seabra Pessoa ou o Engenho Sensível* (MATOS, 1988: 85).

BNP/E3, 531 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 21 de Maio 1893, às 2 horas da tarde” [no carimbo do correio, 20 MAI 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 86).

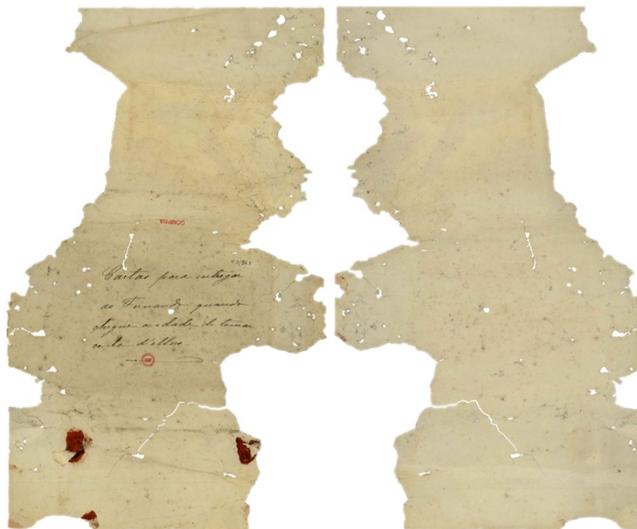
- BNP/E3, 532 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 22 de Maio 1893, às 2 horas da tarde” [no carimbo, 23 MAI 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 87).
- BNP/E3, 533 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 23 de Maio 1893, às 12.20” [no carimbo, 24 MAI 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 88-89).
- BNP/E3, 534 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 24 de Maio 1893, às 12.30” [no carimbo, 24 MAI 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 90).
- BNP/E3, 535 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 25 de Maio 1893, 1 h. da tarde” [no carimbo, 24 MAI 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 91).
- BNP/E3, 536 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “Caneças, 26 [de Maio 1893], à 1,10 da tarde”. Duas folhas manuscritas. Carta publicada em MATOS (1988: 95-96).
- BNP/E3, 537 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 27 de Maio 1893, 2 h. da tarde” [duplo carimbo, 27 MAI 93 e 28 MAI 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 92).
- BNP/E3, 538 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datada de “Caneças, 29 de Maio 1893, 2.10 h.” [no carimbo, 28 MAI 93]. Manuscrito. Documento reproduzido em fac-símile em *Fernando Pessoa na Intimidade* (FRANÇA, 1987: [46]) e publicado em MATOS (1988: 93).
- BNP/E3, 539 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datado no carimbo do correio de 30 MAI 93. Manuscrito. Existe outra reprodução deste postal. Publicado em MATOS (1988: 94).
- BNP/E3, 540 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datado de “Caneças, 31 de Maio 1893, 2 h. da tarde” [no selo, 1 JUN 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 97).
- BNP/E3, 541 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datado de “Caneças, 1 de Junho 1893, 2 h. da tarde” [no selo, 2 JUN 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 98).

- BNP/E3, 542 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “16/6/93”. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 101).
- BNP/E3, 543 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “17/6/93”. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 102).
- BNP/E3, 544 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena, datado de “Caneças, 18 de Junho 1893, 9 h. da manhã” [no selo, 18 JUN 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 103).
- BNP/E3, 545 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “19/6/93”. Uma folha manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Reproduzida em fac-símile em FRANÇA (1987: [45]); publicada em MATOS (1988: 104).
- BNP/E3, 546 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “20/6/93”. Uma folha manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Publicada em MATOS (1988: 105).
- BNP/E3, 547 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Uma folha manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Publicada em MATOS (1988: 134).
- BNP/E3, 548 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Uma folha manuscrita a tinta preta no rosto. Publicada em MATOS (1988: 130).
- BNP/E3, 549 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Duas folhas manuscritas a tinta preta, a segunda apenas no rosto. Carta publicado em MATOS (1988: 129).
- BNP/E3, 550 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “23/6/1893”. Uma folha manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Publicada em MATOS (1988: 105).
- BNP/E3, 551 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “26/6/1893”. Manuscrita a tinta preta. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 306); publicada em MATOS (1988: 10).

- BNP/E3, 552 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “27/6/1893”. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 107).
- BNP/E3, 553 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datado de 29 de Junho de 1893 [sem carimbo]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 108).
- BNP/E3, 554 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 109).
- BNP/E3, 555 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, não datada. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 124).
- BNP/E3, 556 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “1/7/93”. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 110).
- BNP/E3, 557 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “6/7/93”. Duas folhas manuscritas a tinta preta no rosto. Carta publicada em MATOS (1988: 115).
- BNP/E3, 558 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “7/7/93”. Manuscrita a tinta preta. Publicada em MATOS (1988: 116).
- BNP/E3, 559 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizado na altura). Postal de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datado de 8 de Julho de 1893 [no selo 9 JUL 93]. Manuscrito. Publicado em MATOS (1988: 117).
- BNP/E3, 560 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “10/7/93”. Manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Publicada em MATOS (1988: 118).
- BNP/E3, 561 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, datada de “11/7/93”. Manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Publicada em MATOS (1988: 119).
- BNP/E3, 562 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Carta de Joaquim Pessoa para Maria Magdalena

Nogueira, datada de “12/7/93”. Manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Publicada em MATOS (1988: 120).

BNP/E3, 563 (Talvez em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, em 2008, mas não disponibilizada na altura). Peça de folha de papel utilizada para envolver o conjunto de cartas e postais de Joaquim Seabra Pessoa para Maria Magdalena Nogueira, no qual pode ler-se a frase manuscrita “Cartas para entregar ao Fernando quando chegar a idade de tomar conta d’ellas”. Fac-símile em MATOS (1988: 72) e em NOGUEIRA (2005: 30).



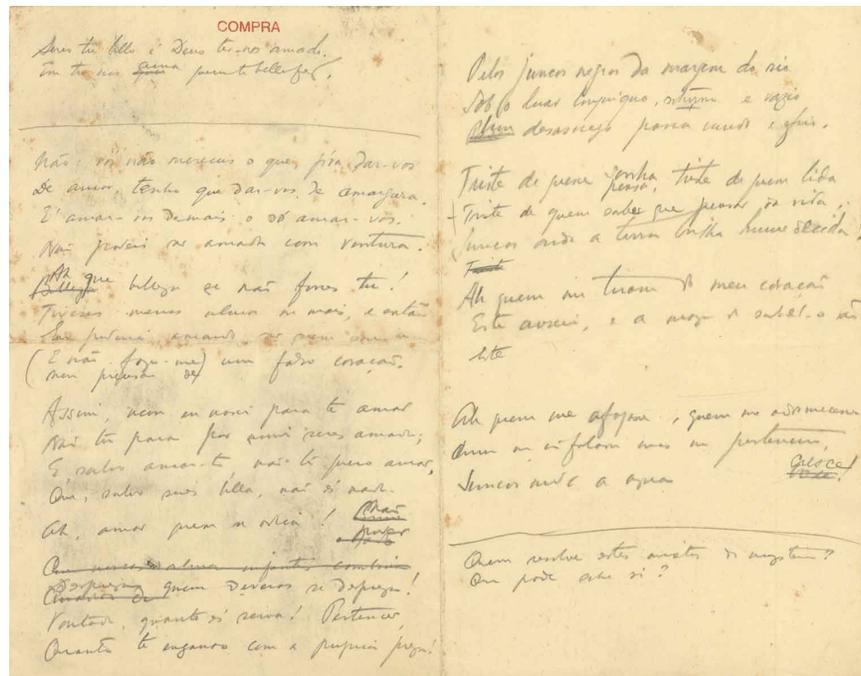
Folha de papel utilizada para conter algumas cartas e alguns postais de Joaquim Seabra Pessoa (fac-símiles de 1988 e de 2005; e BNP/E3, 563).

BNP/E3, 564 (antigos Avulsos 398-401). Carta de Guilherme de Santa-Rita [Santa-Rita Pintor] para Homem Cristo Filho, datada de 29 de Abril de 1916. Duas folhas dactilografadas a tinta roxa. Carta publicada em *Sensacionismo e Outros Ismos* (PESSOA, 2009: 408-409).

BNP/E3, 565 (antigos Avulsos 68) Carta para “Dear Man”, de “Durban, July 14<sup>th</sup> 1904”. Manuscrita no rosto. No canto superior esquerdo do rosto da folha encontra-se um esquema intitulado *Woman in Black*. No verso, encontra-se um poema e uma frase escrita verticalmente (cf., neste artigo, Documento 15).

BNP/E3, 566 (não estava no conjunto de Avulsos). Documento manuscrito no rosto e no verso em campanhas distintas. No rosto, encontra-se o poema “Adeus, Maria! Ha um só momento,” datado de 24-4-1922, manuscrito a tinta azul, com

emendas posteriores. No verso, encontram-se outros versos, escritos a lápis. Ivo Castro, em PESSOA (2001: 40-41, 277), tinha publicado, com os números 45 e 45A, dois testemunhos de “Adeus, Maria!” (45-8<sup>r</sup> e 44-11<sup>r</sup>). Este testemunho era desconhecido, assim como os versos a lápis, divididos em quatro conjuntos: “Seres tu bello é Deus ter-nos amado | Em ti nos ama quem te bello fez”; “Não: vós não mereceis o que, p’ra dar-vos | De amor, tenho que dar-vos de amargura”; Pelos juncos negros da margem do rio | Sob o luar longinquo, soturno e vazio”; e “Quem resolve estes mixtos de mysterio? | Quem pode sobre si?”.

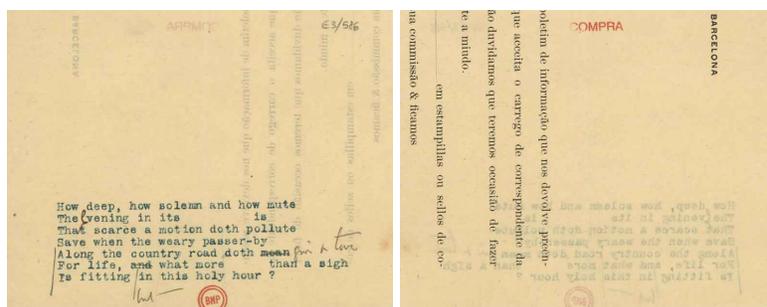


Versos inéditos de 1922 no verso do poema “Adeus, Maria!” (BNP/E3, 566).

BNP/E3, 567 (antigos Avulsos 795-796). Tira de papel manuscrita a lápis no rosto e dactilografada no verso, com partes manuscritas. No rosto, encontram-se os versos “E é amar-vos demais e só amar-vos,” e “Não, vós não mereceis o que, p’ra dar-vos | De amor, tenho que dar-vos de amargura” (cf. BNP/E3, 566<sup>v</sup>); e também algumas contas avulsas. No verso, encontra-se uma lista dactilografada de nomes diversos, de amigos e colaboradores de Pessoa, com emendas manuscritas. “Victoriano Braga. | M[anoel] [Carlos de] Alcantara Carreira. | A[ntonio] B[ento] Coelho de Jesus. | M. Rosa Dourado. | Frederico Ferreira. [→ (antes fim mez.)] | Jorge Fonseca. | Augusto Franco. | A. Soares Franco. | Luciano Soares Franco. | Luiz Frazão. | Raul Leal. | Alvaro da Camara Leme. | Fernando L[obo] d’Av[ila] Lima. | Antonio Ritta-Martins. | Luiz de Montalvor. | Oliveira Mouta. | José de Almada Negreiros. | Alvaro Netto. | Arnaldo Nunes. | Cesar Nunes. | José Pacheco. | José Coelho Pacheco. | Joaquim Pantoja. | <José Isidoro Pereira> | Herculano Pimentel. | C[arlos] F[erreira] Pinto Basto. | Cesar Porto.

- | Duarte Roriz. | Henrique Rosa. | Mario da Cunha e Sá. | José Celestino Soares. | José Luiz Supico. | João da Silva Tavares. | José Tavares. | Eugenio Vieira. | | Ricardo Santos. | -- Camello. | (Neighbours in off. (after). | (friends of Aug[usto] F.º [Franco]) | D. Quina Ribeiro (sab. 22 abril). | M[ario] Costa Duarte".
- BNP/E3, 568 (antigos Avulsos 888-889). Uma folha de papel manuscrita a lápis no rosto e a tinta preta no verso. No rosto, encontram-se uns versos que começam "O amor é meu sem o ser" e uma série de variações com letras e nomes. No verso, exercícios caligráficos em torno de um desses nomes, "Gaveston". Ver, a este respeito, *Eu Sou Uma Antologia* (PESSOA, 2013b: 706, 713, 715-718).
- BNP/E3, 569 (antigos Avulsos 96-97). Meia folha manuscrita a tinta preta. No rosto, encontram-se uns versos que começam "And what art thou", inéditos, talvez de *Marino* (cf. PITTELLA, 2020, 2021). No verso, encontra-se a nota "O Snr. Faustino Antunes é um homem Jacarandá", assinada por Alexander Search. Antunes é um psiquiatra desenvolvido por Pessoa em 1907, em nome do qual escreveu algumas cartas. Cf. PESSOA (2013b: 257).
- BNP/E3, 570 (antigos Avulsos 949-950). Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso, com conteúdos muito distintos. No rosto, principalmente a lápis, encontra-se o poema inglês, inédito, "Do not with false division separate", datado de 13-7-1921. No verso, figura um plano para a "Companhia de Productos Portuguezes", com três ramos: "A. Sociedade das Pequenas Industrias. | B. Organização da exportação. | C. Retail Shops".
- BNP/E3, 571 (antigos Avulsos 102-103) Documento manuscrito no rosto com os versos inéditos, sob a indicação "End", "Now as I write this □ tale". Talvez pertençam a "The Woman in Black" ou a "A Tale of Love", de Alexander Search.
- BNP/E3, 572 (não estava no conjunto de Avulsos). Testemunho dactilografado, com ortografia modernizada, do poema "EROS E PSIQUE", derradeiro contributo de Fernando Pessoa para a revista *Presença*, no número 41-42, de Maio de 1934.
- BNP/E3, 573 (antigos Avulsos 31-32) Uma folha de papel manuscrita a lápis. No rosto, figura um estudo métrico e rítmico de um poema que começa "The eyes of morning". No verso, existem algumas palavras riscadas, como "Funchal", e a assinatura de Alexander Search.
- BNP/E3, 574 (antigos Avulsos 116-117). No rosto e no verso da folha, encontra-se um poema manuscrito, "Fiquei doido, fiquei tonto...", que faz parte dos versos que Pessoa partilhou com Ofélia Queiroz. Veja-se *Pessoa por Conhecer*, vol. II (LOPES, 1990: II, 60).
- BNP/E3, 575 (antigos Avulsos 110-111) No rosto, encontra-se um fragmento de um poema em inglês (*Marino*; cf. PITTELLA, 2020, 2021; cf. BNP/E3, 569). No verso, dactilografada, uma circular da firma R. G. DUN & Ca.
- BNP/E3, 576 (antigos Avulsos 100-101) No rosto, encontra-se um poema em inglês, dactilografado a duas cores, que começa "I heard the carol of the bird"; tem acrescentos e emendas manuscritos (cf., neste artigo, Documento 17).

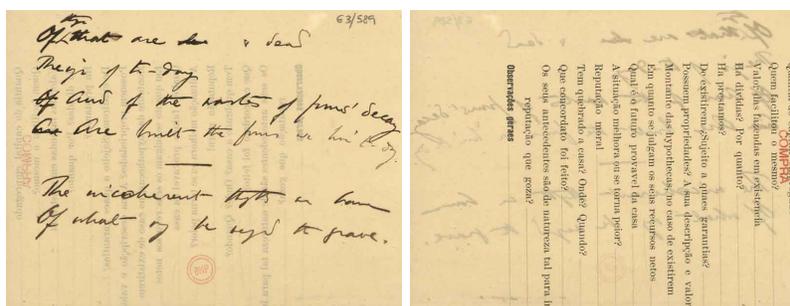
- BNP/E3, 577 (antigos Avulsos 974-975) No rosto, encontra-se um fragmento lírico dactilografado a tinta roxa, sob o título “Juliano em Antiochia”. Inédito. Em *Poemas de 1915-1920*, João Dionísio publicou um poema com o mesmo título, datado de 23 de Novembro de 1918 (42-47<sup>r</sup>) (PESSOA, 2005: 174).
- BNP/E3, 578 (antigos Avulsos 106-107) No rosto, encontra-se um poema de 6 de Julho ou Agosto de 1907, que começa: “The leaf, the yellow leaf...”. Manuscrito a tinta preta, com emendas e acrescentos a lápis. Inédito. Três linhas na metade inferior, com a folha virada 180°, forma escritas previamente, em português.
- BNP/E3, 579 (antigos Avulsos 0, 1, 2 e 3). Documento complexo, contendo no rosto e no verso elementos distintos. No rosto, encontra-se um testemunho do poema “Elf Dance”, um dos poemas pertencentes ao conjunto *The Mad Fiddler*. No verso, encontra-se o texto manuscrito “Nada ha de mais complexo” (cf., neste artigo, Documento 18).
- BNP/E3, 580 (digitalizado em 2008). Versão dactilografada, com várias emendas e acrescentos manuscritos, do conjunto *The Mad Fiddler*. 50 folhas, numeradas a partir da segunda, preenchidas apenas no rosto. Inclui capa, índice e os poemas do conjunto. O poema da página 34, “Emptiness”, está reproduzido em NOGUEIRA (2005: 79). Veja-se o artigo de David Jackson, “‘The Mad Fiddler’: Unpublished documents”; <https://doi.org/10.7301/Z0416V7D>.
- BNP/E3, 581 (antigos Avulsos 144-148 [parcial]). Versão dactilografada da sequência de *The Mad Fiddler*. 21 folhas dactilografadas, numeradas, preenchidas apenas no rosto. Veja-se a descrição anterior.
- BNP/E3, 582 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema dactilografado a tinta roxa (cópia a químico?), com o título “MATHEMATICA DA CLARIDADE”, sem data (cf., neste artigo, Documento 28).
- BNP/E3, 583 (antigos Avulsos 671-672). No rosto e no verso deste fragmento de papel encontram-se versos inéditos manuscritos a lápis: o poema do rosto começa, “Nos outros mundos, no alto ceu”; o do verso, “Vão e não sabem onde vão”.
- BNP/E3, 584 (antigos Avulsos 110-111). Um pedaço de papel manuscrito a tinta preta no rosto e no verso. Contém um poema em inglês, um diálogo dramático inédito com a Loucura, que começa: “Not that, not that, I cried in pain”. Veja-se, no verso, a segunda linha: “My name is Madness, she replied”.
- BNP/E3, 585 (antigos Avulsos 122-125). Três folhas contendo um poema que começa “Now and again a little band”, dactilografado, com algumas emendas e acrescentos manuscritos (cf., neste artigo, Documento 29).
- BNP/E3, 586 (antigos Avulsos 122-123). Menos de meia folha de um impresso de uma firma comercial (R. G. Dun / Ca.). No verso, dactilografados a tinta azul, com emendas e acrescentos manuscritos, sete versos lacunares em inglês, que começam: “How deep, how solemn and how mute”.



Versos inéditos de c. 1907 (BNP/E3, 586).

BNP/E3, 587 e 588 (antigos Avulsos 120-121). Dois recortes de folha contendo versos em inglês, dactilografados. Inícios: “Who looks on the blush of the rose” e “The rose may blush but it blues not”.

BNP/E3, 589 (antigos Avulsos 108-109). Menos de meia folha de um impresso de uma firma comercial (R. G. Dun / Ca.). No verso, manuscritos a tinta preta, dois conjuntos de versos em inglês, que começam: “Of things that are □ & dead” e “The incoherent thoughts are born”.



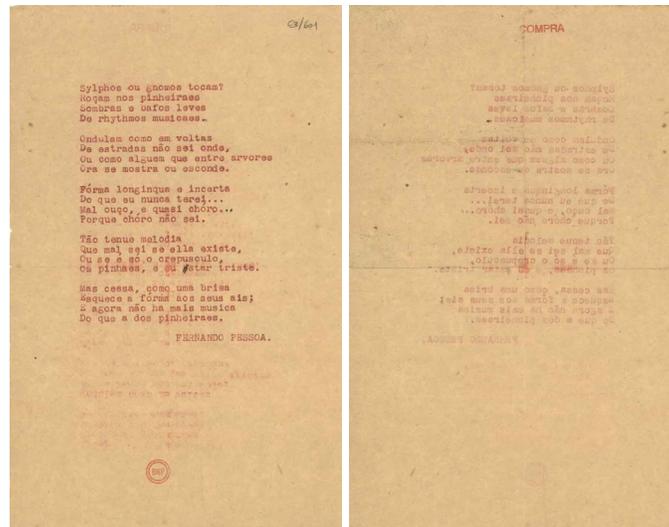
Versos inéditos de c. 1907 (BNP/E3, 589).

BNP/E3, 590 (não estava no conjunto de Avulsos). No rosto, encontram-se poemas de índole infantil de Fernando Pessoa, como “Uma cebola | Que ia p’ra escola”, e outros, dactilografados a tinta preta; também existem uns versos manuscritos a lápis. No verso, encontram-se versos em português, redigidos a lápis, de difícil leitura, datados de 29 de Abril de 1934. Alguns versos figuram em *O Meu Tio Fernando Pessoa* (NOGUEIRA, 2015: 78), num conjunto com o título “Versos tontos para entreter crianças”, que tem esta nota inicial: “Lembro-me vagamente de querer escrever na máquina do tio e foram estes versos tontos que ele fazia comigo a interferir” (cf., neste artigo, Documento 30).

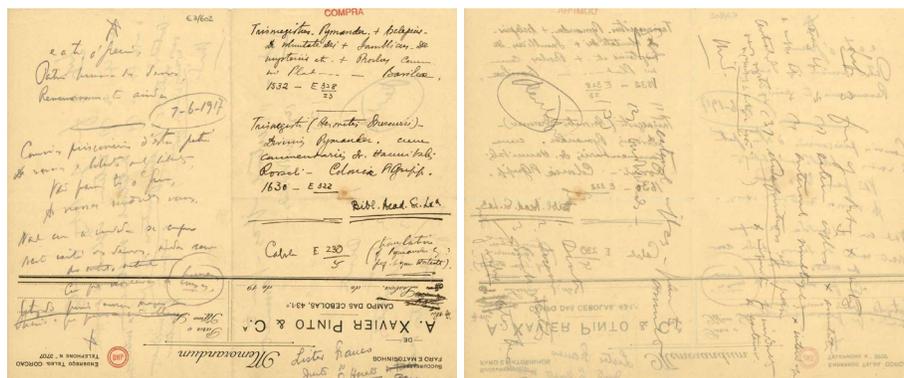
BNP/E3, 591 (não estava no conjunto de Avulsos). Uma folha de papel dactilografada a tinta preta no rosto e no verso, com uma linha manuscrita por Manuela Nogueira. Poemas publicados, com ligeiras alterações, em *Quadras ao Gosto Popular* (PESSOA, 1965: 118-119), e, recentemente, em NOGUEIRA (2015: 67-69), já sem o título da edição de 1965, de Lind e Coelho, “Poemas para Lili” (cf., neste artigo, Documento 31; “Canções para acordar creanças”).

- BNP/E3, 592 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema “Come-se sopa à colher”, não datado. Uma folha de papel dactilografada no rosto, com uma alteração manuscrita. No verso do suporte encontra-se a morada de Francisco Leão. Publicado em NOGUEIRA (2015: 80), no conjunto “Versos tontos para entreter crianças” (cf., neste artigo, Documento 32).
- BNP/E3, 593 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema “Havia um menino | Que tinha um chapéu”. Uma folha de papel dactilografada no rosto. Poema não datado, publicado em FRANÇA (1987: 314) e reproduzido em fac-símile em NOGUEIRA (2015: 87; cf., neste artigo, Documento 33).
- BNP/E3, 594 e 595 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema “E se, p’ra a estrada | Ha vinho”. Dois testemunhos, cada um dactilografado numa folha de papel. Não datados. Poema incluído no conjunto “Versos tontos para entreter crianças” e reproduzido em fac-símile em NOGUEIRA (2015: 79-80, 89; cf., neste artigo, Documento 34).
- BNP/E3, 596 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema “Xixi de gato, | Pupu de cão”. Uma folha de papel dactilografada no rosto. Não datado. Publicado em NOGUEIRA (2015: 80; cf., neste artigo, Documento 35).
- BNP/E3, 597 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema “Ó São João | Ó São Joãozinho”. Uma folha de papel dactilografada no rosto. Transcrito e apresentado em fac-símile em NOGUEIRA (2015: 80 e 88; cf., neste artigo, Documento 36).
- BNP/E3, 598 (não estava no conjunto de Avulsos). Poema em inglês, “D.T.”, em duas folhas dactilografadas no rosto. Não datado. Reproduzido em fac-símile em NOGUEIRA (2015: 90-91), com a seguinte nota: “Cópia do poema original D.T. (*delirium terminus* [sic]), provavelmente escrito em 1934/35, brincadeira sobre os efeitos da bebida. Todas as pessoas que o conheceram, entre familiares e amigos, jamais o viram perturbado por excesso de álcool”. Sobre “*Delirium tremens*”, veja-se o capítulo “Como escrever em estado alcoólico”, de *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (PITTELLA e PIZARRO, 2017: 94-104).
- BNP/E3, 599 (antigos Avulsos 112-113). No rosto da folha encontra-se o poema “Sobre as canções de um louco”, manuscrito, datado de 9-1-1929. No verso, um texto em prosa, a lápis (cf., neste artigo, Documento 19).
- BNP/E3, 600 (antigos Avulsos 120-121). Versos em inglês, que começam: “It spoke of love and spoke of joy”. Um recorte de folha dactilografada a tinta roxa, com algumas emendas e acrescentos manuscritos (cf., neste artigo, Documento 37).
- BNP/E3, 601 (antigos Avulsos 636-637). Reprodução do poema “Sylphos ou gnomos tocam?”. Uma folha dactilografada no rosto, a tinta vermelha, com ligeiras emendas manuscritas. O poema foi publicado na revista *Folhas de Arte*, em 1924, com o título “Canção”, com pequenas diferenças em relação a este testemunho. Recorde-se que, na carta de 25 de Setembro de 1914, dirigida a Armando Côrtes-Rodrigues, Pessoa enviou uma versão anterior do poema, “Elfos ou gnomos tocam?”. Em *Mensagem e Poemas Publicados em Vida* (PESSOA, 2018: 94, 327-329),

Luiz Fagundes Duarte recorre a um conjunto de outros testemunhos para compor o aparato genético deste poema (16-25 a 28<sup>r</sup>; 16 Anexo-3<sup>r</sup> e a *Folhas de Arte*, n.º 1, 1924).

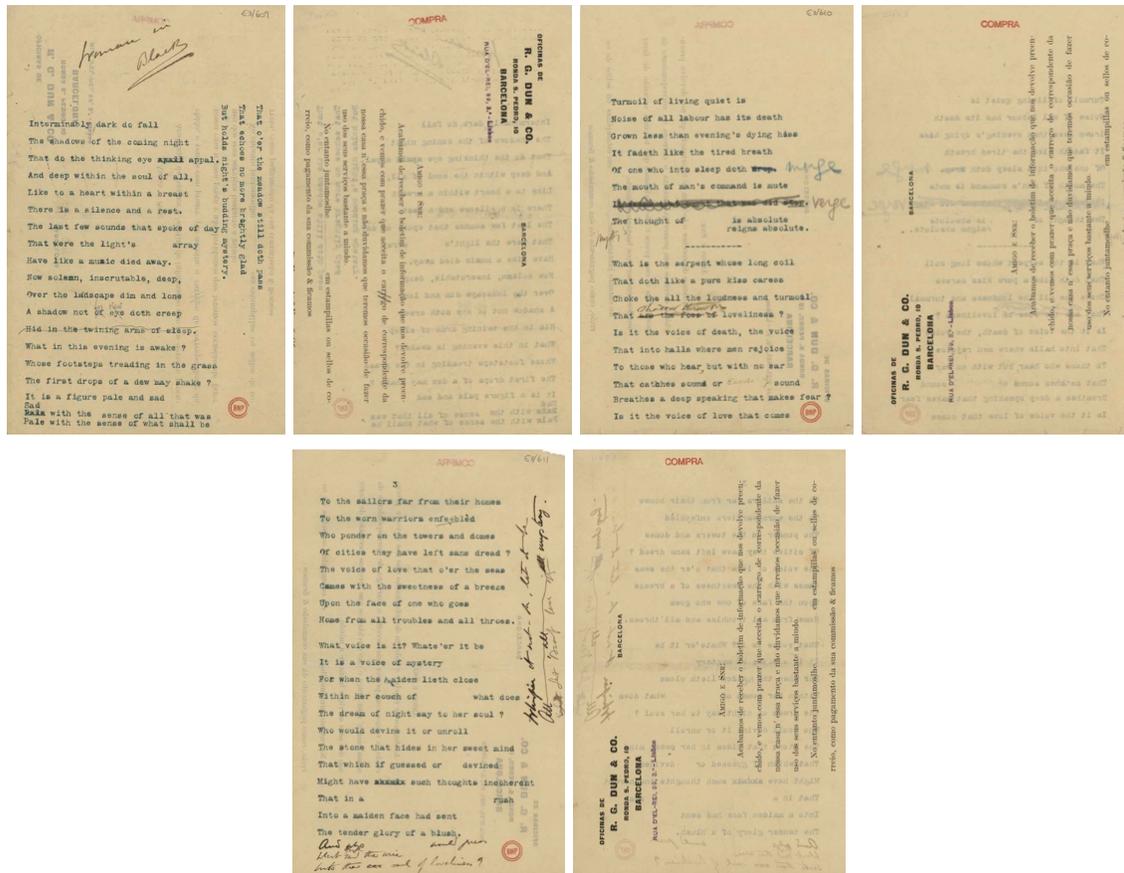


BNP/E3, 602 (antigos Avulsos 29-30). Documento complexo, que possui diferentes conteúdos manuscritos. No rosto, encontram-se apontamentos bibliográficos sobre Hermes Trimegistro (remetem para a Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa) e um poema em português inédito, talvez atribuível a Ricardo Reis, datado de 1 de Junho de 1917 (“Convivas prisioneiros d’esta patria”). No verso, figuram apontamentos vários em inglês sobre a vida (“Life”), e a integração e a desintegração da mesma. Existem referências à edição inglesa de William Wynn Westcott do tratado *Pymander* e a Lyster Franco, jornalista e fundador d’*O Herald*, *bi-semanario republicano democrático* (<https://purl.pt/35914>).



BNP/E3, 603 (antigos Avulsos 93-92). Uma folha de papel de quadrícula dactilografada a tinta preta, no rosto e no verso. Contém versos em inglês de um projecto ainda sem identificar. Sem título, sem data. Dois versos, de uns quarenta: “I cannot now recall what flowers | Made the souls’ body into scent”.

- BNP/E3, 604 (antigos Avulsos 75-76). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta, no rosto e no verso. Versos em inglês, inéditos, com lacunas, talvez referentes a um mês importante na biografia de Pessoa: “August 07” (segmento sublinhado, em posição de título). Incipit: “There all was changed to forms of fear”).
- BNP/E3, 605 (antigos Avulsos 104-105). Versos em inglês (“When I perceive how fall’n I am”), manuscritos a tinta preta em meia folha de papel. Sem título, sem data, sem atribuição.
- BNP/E3, 606 (antigos Avulsos 90-91). Fragmento lírico, encimado pela indicação “Very end” (sublinhada, ao alto e ao centro), num recorte de papel manuscrito a tinta preta. É o fim de uma peça rimada em inglês. No verso encontra-se o esboço de uma tabela de classificação de autores portugueses, segundo quatro categorias: “Comedia”, “Romance”, “Historia” e “Philosophia”.
- BNP/E3, 607 (antigos Avulsos 114-115). No verso de meia folha de um impresso da firma “R. G. DUN & CO” encontram-se uns versos em inglês, manuscritos a lápis preto e a lápis azul. Datáveis e 1907. Existe uma referência a Edgar Allan Poe; cf. “Thine elder brother | Pale Edgar Poe”.
- BNP/E3, 608 (antigos Avulsos 98-99) Um conjunto de versos inéditos, mas que poderiam pertencer ao projecto “The Woman in Black”, de Alexander Search (cf. semelhanças com versos presentes noutra folha de caderno, a 144J-24; cf. <https://purl.pt/13886>). Foram manuscritos numa folha pautada, com cantos arredondados. Encimados por diferentes variações em torno da palavra “Historia”. Início: “The hell of hate & love’s more than hell. | For she dwells in a city <forlone and dark> [↑ painfully lone] [...] | For she dwells in a city painfully lone | Where the sea’s everlasting moan | Is the sweetest music that she can hear”. Para além dos *Cadernos* publicados em 2009, Pizarro editou outros sete em 2021: cf. *Pessoa Plural*, “Sete cadernos de Fernando Pessoa (1906-1907)” <https://doi.org/10.26300/5kzb-f178>.
- BNP/E3, 609 (antigos Avulsos 61-62). Versos inéditos do conjunto “The Woman in Black” (“Interminably dark do fall”). Uma folha de papel dactilografada, com poucas intervenções manuscritas. Primeiros seis versos: “Interminably dark do fall | The shadows of the coming night | That do the thinking <apall> appal. | And deep within the soul of all, | Like to a heart within a breast | There is a silence and a rest”. Faltam na edição crítica coordenada por João Dionísio (PESSOA, 1997: 99-104). Timbre da firma “R. G. DUN & CO”.
- BNP/E3, 610 (antigos Avulsos 63-64). Versos inéditos (“Turmoil of living quiet is”). Uma folha de papel afim a anterior. Timbre da firma “R. G. DUN & CO”.
- BNP/E3, 611 (antigos Avulsos 65-66). Versos inéditos (“To the sailors far from their comes”). Uma folha de papel dactilografada, materialmente semelhante a 609 e 610, podendo ser parte do mesmo poema ou conjunto. Timbre da mesma firma.



BNP/E3, 612 (antigos Avulsos 71-72). Um pedaço de papel manuscrito no rosto e no verso. Contém versos avulsos e inéditos do conjunto “The Woman in Black” (“Never delivered of affright”, “Far beyond all time & space”, e outros).

BNP/E3, 613 (antigos Avulsos 73-74). Uma folha de papel dactilografada no rosto e no verso, com poucos acrescentos manuscritos. Contém versos em inglês que começam: “I started in my dream, ‘twas night”. No verso existem cinco versos dactilografados verticalmente e 14 versos dactilografados horizontalmente, mas utilizando o pé da folha como se fosse a cabeça (cf., neste artigo, Documento 38).

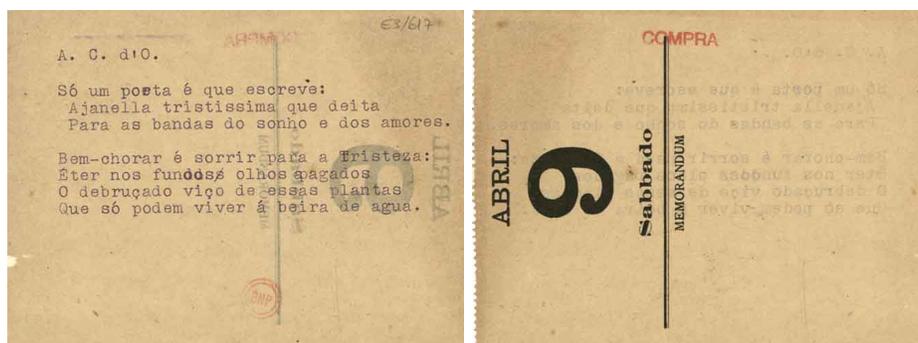
BNP/E3, 614 (não estava no conjunto de Avulsos). Curioso documento em que alguém copiou, entre aspas alemãs, a frase seguinte: “Meu tédio é como uma espingarda,, – s.d. 281”.

BNP/E3, 615 (antigos Avulsos 520-521). Uma folha de papel dactilografada no rosto. Documento referente à Fábrica Metalúrgica do Lumiar e a Queiroz de Figueiredo. Geraldo Coelho de Jesus, amigo de Fernando Pessoa, foi, entre 1916 e 1918, o director técnico dessa Fábrica, que se situava no Sítio das Mouras, próximo do complexo em que em 1907 foram inauguradas as instalações do Sporting Clube de Portugal, cedidas pelo Visconde de Alvalade. Tal como a Fábrica de Tijolos de Telheiras, situava-se fora do núcleo urbano, junto a uma vinha. O edifício pertenceu à General Electric e posteriormente fez parte dos estúdios da RTP no Lumiar. Como observa Ana Ramos Alcântara, “a zona norte da cidade de Lisboa,

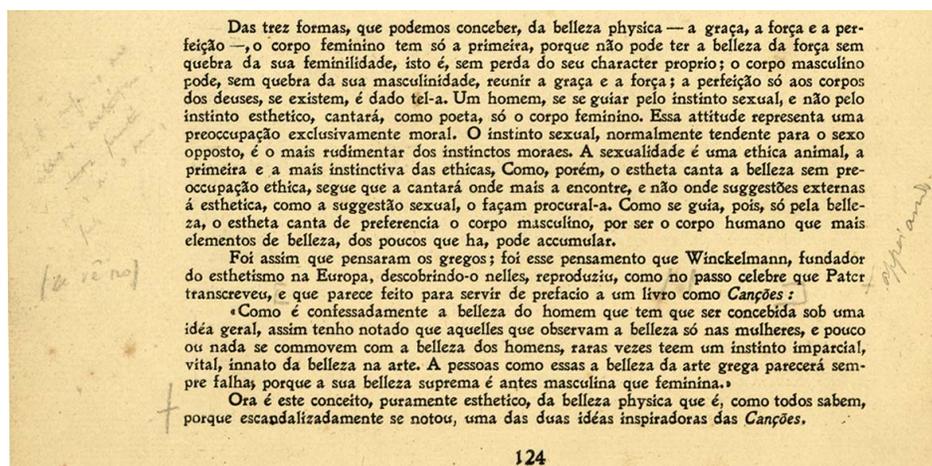
integrando as freguesias de São Sebastião da Pedreira, Campo Grande, Benfica, Carnide, Lumiar, Ameixoeira e Charneca, era praticamente um deserto industrial”, com algumas fábricas de dimensão considerável para a realidade portuguesa envoltas por espaços essencialmente agrícolas (ALCÂNTARA, 2019: 40). Pouco antes da altura em que Pessoa estabeleceu contactos com a Fábrica – cf. carta datada de 2 de Maio de 1918 –, contava-se entre as cerca de 600 fábricas metalúrgicas existentes em Portugal, dois terços das quais em Lisboa (MARQUES, 1991: 140).

BNP/E3, 616 (antigos Avulsos 164-167). Duas folhas de papel manuscritas, contendo uma versão manuscrita do jogo “Strategy”, “played with a pair of dice, 40 men on each side and a board with 400 (20 by 20) squares, divided in the middle by a red line...”. Existem outras versões e documentos referentes a este jogo, mas não no conjunto de novas aquisições. Será um jogo inventado por Pessoa em 1915. Figura numa lista de projectos de 1917 (cf. PESSOA, 2009: 434 e 661).

BNP/E3, 617 (antigos Avulsos 563-564). Sete versos, encimados pela indicação inicial “A[ntonio] C[orrêa] d’O[liveira]”, dactilografados no verso de uma folha de calendário de 1910 (do dia 9 de Abril; cf. doc. BNP/E3, 159). Dois dos sete versos são citados por Pessoa num texto de c. 1912 sobre Victor Hugo (cf. PESSOA, 1967: 344). António Correia de Oliveira (1879-1960) foi um dos mais importantes poetas do seu tempo e um dos principais representantes do meio literário no qual germinou o ambiente cultural de que resultaria o Estado Novo (TRINDADE, 2008). Poeta de matriz neo-romântica e espiritualista, profundamente marcado por um nacionalismo anti-republicano patente nas suas obras, pertenceu ao grupo de Raul Brandão e foi amigo de escritores como Agostinho de Campos, Lopes Vieira, João Ameal, entre outros. Desde 1912, viveu isolado na Quinta do Belinho, em Esposende, palco da sua constante promoção programática de uma mundividência rural, próxima da de alguns dos seus referentes literários, como António Nobre, Alberto de Oliveira e, em particular, Teixeira de Pascoaes. Participou nos primeiros números da revista *A Águia*, sendo mencionado nessa revista, quer por Pascoaes (n.º 1, Janeiro de 1912), quer por Pessoa, nos artigos sobre a nova poesia portuguesa (n.º 5, Maio de 1912). Conhece-se uma carta de Pessoa para Correia de Oliveira, datada de 11 de Março de 1914, relacionada com os provérbios populares portugueses (PESSOA, 1999a: 107-108), encontrando-se também dois livros do autor na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa (*Auto do fim do dia* [1900], CFP 8-390, e *Elogio dos Sentidos* [1908], CFP 8-391). Correia de Oliveira foi nomeado para o Prémio Nobel da Literatura várias vezes, entre 1933 e 1942. Em BARRETO (2013), comenta-se um caso de suposto plágio de Pessoa, que se teria aproximado de Correia de Oliveira em dois versos de “Mar Português”.



BNP/E3, 618 (não estava no conjunto de Avulsos). Seis páginas impressas onde figura o artigo “António Botto e o Ideal Esthetico em Portugal”, publicado no terceiro número da revista *Contemporânea*, e que suscitou a conhecida polémica em torno da designada “Literatura de Sodoma” (cf. GONÇALVES, 2014). Contém importantes anotações manuscritas. Desconhecemos quem tirou estas páginas de um exemplar da revista. Veja-se um pormenor:



BNP/E3, 619 (antigos Avulsos 130-131). “The Book”, início da tradução de *A Invenção do Dia Claro*, de José de Almada Negreiros, para inglês. Uma folha manuscrita no rosto. Publicado neste artigo (cf., neste artigo, Documento 39). Veja-se o artigo “A génese d’*A Invenção do Dia Claro* e o estabelecimento de *Invention of the Bright Day*” (PIZARRO e FERREIRA, 2009).

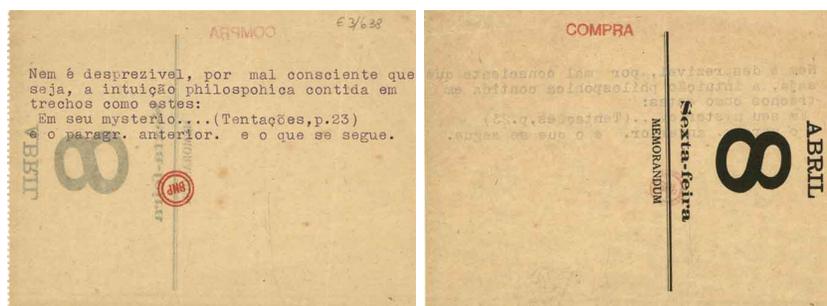
BNP/E3, 620 (antigos Avulsos 17-18). Lista de destinatários para cartas críticas que Pessoa tencionava escrever, essencialmente autores associados à geração da *Presença*: “José Regio. | João Gaspar Simões. | Branquinho da Fonseca. | Adolpho Casaes Monteiro. | Alberto da Serpa. | Arthur Augusto. | Marques Mathias. | Manuel Anselmo. | Francisco Leão. | Vitorino Nemesio”. Uma folha manuscrita a tinta preta apenas no rosto. Fac-símile em *Fernando Pessoa na Intimidade* (FRANÇA, 1987: [337]). Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP18”).

- BNP/E3, 621 (antigos Avulsos 927-928). Uma folha de papel com um apontamento a lápis que começa assim: “A cigarette-holder very simply made in two halves, fitting into one another *longitudinally*”. Destinado a pensar quem pudesse manufacturar tal objecto. Documento sem data, inédito.
- BNP/E3, 622 (não estava no conjunto de Avulsos). “Coisas da Lili”. Três folhas de papel dactilografadas no rosto, com emendas manuscritas. As duas primeiras estão numeradas. Parece constituir um conjunto de narrativas relacionadas com Lili, que, segundo Georg Rudolf Lind assinala em *Quadras ao Gosto Popular*, era o nome de uma boneca que Henriqueta Madalena e o marido, Caetano Dias, tinham trazido de África para oferecer à filha, Manuela Nogueira (PESSOA, 1965: 13-14). Tal como as “Canções para acordar crianças” (BNP/E3, 591), título que, em Lind, aparece como “Canções para embalar crianças”, estas narrativas devem fazer parte dos escritos de Pessoa tendo em mente os sobrinhos (cf., neste artigo, Documento 40).
- BNP/E3, 623 (antigos Avulsos 311-312). Texto em prosa, dactilografado a tinta preta numa folha de papel de máquina, que começa: “Com a queda da monarchia, e o desaparecimento consequente de todo o prestígio e acção da Authority”. Uma folha dactilografada no rosto (cf., neste artigo, Documento 41).
- BNP/E3, 624 (antigos Avulsos 642-653). “CONDIÇÕES POLÍTICAS”. Seis folhas de papel de máquina dactilografadas a tinta preta, numeradas a partir da segunda. Este conjunto é muito singular, parecendo coligir documentos cujos contornos de inclusão no espólio pessoano não são fáceis de esclarecer. Está relacionado com um momento histórico posterior ao 28 de Maio de 1926 e anterior à morte de um dos nomes referidos no documento, João Soares Branco (1928). O documento parece juntar três diferentes peças: o esboço das medidas constitucionais a adoptar por um futuro Governo Provisório a constituir com personalidades associadas aos vários governos republicanos, depois de conseguida a destituição do Governo resultante do 28 de Maio (primeira página e a metade superior da segunda página); uma nota que parece comentar a origem desse esboço, que é identificada pelo seu redactor, não identificado, como o memorando de uma reunião na qual se discutiu a prisão preventiva dos membros do Governo estabelecido e a sua substituição (segunda metade da segunda página, terceira e quarta páginas); finalmente, começando no final da quarta página, uma carta de um militar não identificado a um destinatário também desconhecido, na qual se torna particularmente interessante a leitura das ambiguidades dos militares neste período de cisão entre o novo paradigma político – a Ditadura Militar – e a luta pelo regresso à dita normalidade constitucional. As personalidades referidas no documento são José Relvas (1858-1929), presidente do efémero governo provisório que sucedeu a Sidónio Pais (XIX Governo da República Portuguesa); José de Mattos Sobral Cid (1877-1941), professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, adjunto do Hospital Miguel Bombarda depois da

implantação da República e Ministro da Instrução Pública em 1914 (VI e VII Governos da República Portuguesa); João Soares Branco (1863-1928), Ministro das Finanças dos LVIII e LX Governos da Monarquia Constitucional (1909-1910); Adalberto Gastão de Sousa Dias (1865-1934), uma das mais representativas figuras do exército na oposição à Ditadura Militar; José de Freitas Branco (1868-1929), Ministro das Colónias no III Governo da República Portuguesa (1911-1912), Ministro da Marinha no V Governo da República Portuguesa, presidido por Afonso Costa (1913-1914) e membro da Junta Constitucional de 1915; José Carvalho Crato (1877-1947), militar e maçom, Chefe de Gabinete do Governador-Geral de Angola (1911), membro da Junta Revolucionária de 19 de Outubro de 1921 e Ministro das Colónias no XXXII Governo da República Portuguesa (1921); Fernando Augusto Freiria (1877-1955), coronel do Exército desde 1919, professor na Escola de Guerra entre 1912 e 1919. Ministro da Guerra no XXXIV e no XXXVII Governos Constitucionais (1921-1922 e 1922-1923), que participou activamente na revolta de 7 de Fevereiro de 1927; Dr. Jaime Castro de Moraes (1882-1973), médico e oficial da Armada Portuguesa, governador-geral de Angola e governador da Índia Portuguesa, aceitou integrar o Conselho Superior das Colónias (Outubro de 1926) antes de se notabilizar como um dos grandes líderes da revolta de 3 de Fevereiro de 1927; Aureliano de Mira Fernandes (1884-1958), importante matemático português, que conseguiu, em Março de 1932, a integração de Einstein e Levi-Civita como sócios-correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa; Henrique Jardim de Vilhena (1879-1958), médico e escritor, professor de Anatomia na Faculdade de Medicina de Lisboa e na Escola de Belas-Artes, Reitor da Universidade de Coimbra, que produziu uma obra diversificada, da qual se destacam *A Expressão da Colera na Litteratura: Ensaio da Critica Litteraria e Artistica* (1909), *Do Bem e do Belo ou Do Sentido Espiritual da Vida Humana: Ensaio de Ética e Estética* (1922), *Ensaio de Crítica e Estética* (1922), *Novos Ensaio* (1931), *Do Bem e do Mal ou Do Sentido Espiritual da Vida Humana* (1936); Mário de Azevedo Gomes (1885-1965), botânico, Ministro da Agricultura do XXXIX Governo da República Portuguesa (1923-1924). Partindo dos dados propiciados por este elenco, este conjunto documental terá sido produzido nos primeiros anos do período conhecido como Reviralhismo (1926-1940), marcado pela reacção republicana à Ditadura Militar, talvez antecipando a revolta de 3 de Fevereiro de 1927, da qual alguns dos nomes pensados participaram. O autor da carta poderá ser uma das altas patentes militares incluídas entre os membros hipotéticos de um Governo Provisório de restituição da normalidade constitucional republicana. Citamos uma comunicação pessoal com José Barreto: “É o resumo de um diálogo ou negociação (secreta) entre sectores militares republicanos, dispostos a realizarem um golpe militar contra a Ditadura instaurada em 28 de maio de 1926. Esses militares republicanos descontentes não se entenderam, como se pode concluir do documento. Data, na minha opinião, de 1926, mais

- tardar 1927. Pessoa não teve nisto qualquer papel, parece-me. Imagino que possa ter ido parar às suas mãos através do director do *Sol*, o republicano Celestino Soares. Acrescento que a carta final, pp. 4-6, é dirigida a um militar prestigiado e ‘notável pela sua ação colonial’, que poderá ser o general Norton de Matos, futuro grão-mestre da maçonaria”.
- BNP/E3, 625 (antigos Avulsos 4-5, 8-9) “CONFIDENCES”. Parte da tradução pessoana d’*A Invenção do Dia Claro*, de José de Almada Negreiros (cf. PIZARRO e FERREIRA, 2009). Duas folhas dactilografadas, a primeira apenas no rosto, a segunda no rosto e no verso (cf., neste artigo, Documento 42).
- BNP/E3, 626 (antigos Avulsos 22-23). “Ao contrário do catolicismo, o comunismo”. Texto com ortografia modernizada e assinatura no fim, “F. P.”, dactilografado a tinta preta no rosto de uma folha de papel. Fac-similado e transcrito em PIZARRO (2009: 376), onde se lê: “No espólio existe uma versão dactilografada menos limpa deste texto (BNP/E3, 22-106<sup>r</sup>; cf. *Textos Filosóficos*, 1968: I, 141), sem a ortografia actualizada e com a assinatura manuscrita (‘F. P.’)”.
- BNP/E3, 627 e 628 (antigos Avulsos 545-546, 547-548). “Damos hoje aos nossos leitores” | “We are to-day giving our readers”. Duas folhas dactilografadas a tinta preta no rosto. Publicado neste artigo (cf., neste artigo, Documento 43).
- BNP/E3, 629 (antigos Avulsos 602-607). O esquema intitulado *Documento do Neo-Symbolismo, do Futurismo e do Sensacionismo Portuguezes* foi publicado no volume *Sensacionismo e Outros Ismos* (PESSOA, 2009: 439). O conjunto completo – as três folhas manuscritas no rosto e no verso, numeradas a partir da segunda – encontra-se editado na *Obra Completa de Álvaro de Campos* (PESSOA, 2014: 555-559), livro herdeiro do volume da *Prosa de Álvaro de Campos* (2012).
- BNP/E3, 630 (não estava no conjunto de Avulsos). Duas folhas dactilografadas no rosto, com numeração na segunda, e alguns acrescentos manuscritos. O texto começa “Era uma vez um elfo (que é uma fada macho) que estava apaixonado por uma princesa que não existia”. Publicado no livro *O Melhor do Mundo São as Crianças* (NOGUEIRA, 1998: 26-27).
- BNP/E3, 631 (antigos Avulsos 945-946). Uma folha manuscrita no rosto e no verso, provavelmente parte de um documento mais extenso, dado que as duas faces se encontram numeradas como “5” e “6”. Começa: “Este processo de modificação pode aplicar-se não só às emendas de ultima hora, como as emendas de edição para edição, quando não sejam em tal numero que se torne preferível uma refusão do livro”.
- BNP/E3, 632 (antigos Avulsos 265-266). “EXCURSOS”. Uma folha dactilografada a tinta roxa e vermelha. Contém uma lista de “Small Essays” (destinados a demonstrar como qualquer assunto poderia ser debatido num texto de pequenas dimensões) e outros nove projectos. Sob o plano de um dos “Small essays”, Pessoa desenvolveu uma breve reflexão sobre a pena de morte. Fac-similado e transcrito em PIZARRO (2009: 374-375)

- BNP/E3, 633 (antigos Avulsos 153-154). Trata-se de um apontamento, dactilografado a tinta preta numa folha de papel de máquina, que começa: “Fazer, para fins anthologicos, uma selecta” (cf., neste artigo, Documento 44).
- BNP/E3, 634 (antigos Avulsos 309-310). Quatro parágrafos dactilografados a tinta preta numa folha de papel de máquina. Início: “Ha, por junto, só trez systemas verdadeiros de governo” (cf., neste artigo, Documento 45).
- BNP/E3, 635 (não estava no conjunto de Avulsos). Quatro versos manuscritos a tinta preta no rosto. Incipit: “I have a letter here before me now”.
- BNP/E3, 636 (antigos Avulsos 212-213). Pequena folha de papel manuscrita a lápis, talvez c. 1910, com referência a “Ineditos de José Anastacio [da Cunha]”, autor setecentista muito apreciado por Pessoa. Veja-se o tomo I, p. 142, da *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Autores Portuguezes* (em linha: <https://purl.pt/15394>), contendo “Traducção de huns Versos Inglezes”; e o fascículo x, pp. 36-47, do livro de Camilo Castelo Branco, *Noites de Insomnia, offerecidas a quem não póde dormir*, onde figura a sátira ao “Dr. Botija” (Francisco Dias Gomes), escrita por José Anastácio da Cunha (<https://www.gutenberg.org/files/28201/28201-h/28201-h.htm>).
- BNP/E3, 637 (antigos Avulsos 192-193). Texto em que Pessoa se refere à necessidade de traduzir Shakespeare, manuscrita a tinta preta no verso de uma folha timbrada. Começo: “Na incultura, que, quase sem excepção” (cf., neste artigo, Documento 46).
- BNP/E3, 638 (não estava no conjunto de Avulsos). Nota de Fernando Pessoa sobre trechos e parágrafos de *Tentações de Sam Frei Gil* (1907), de António Correia de Oliveira (cf. BNP/E3, 617). Pessoa leu este livro de índole panteísta e teve-o presente no que escreveu, sobre o autor, num dos textos sobre a nova poesia portuguesa (“Reincidindo”, *A Águia*, n.º 5, Maio, 1912; pp. 137-144 [p. 139]; cf. <https://purl.pt/12152>). Pessoa aproveitou, novamente, o verso de uma pequena folha de calendário (cf. BNP/E3, 159).



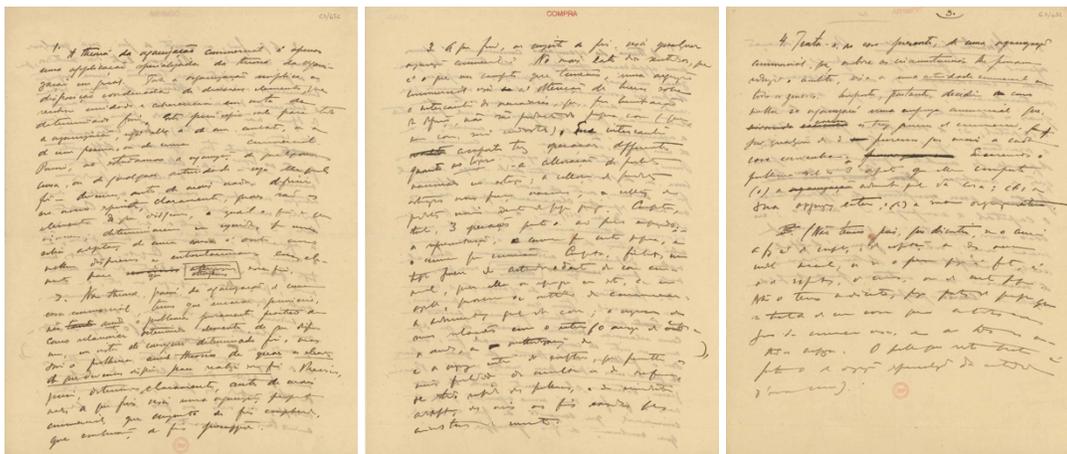
- BNP/E3, 639 (antigos Avulsos 77-78) “Notas para uma Regra de Vida”. Coexistem, na mesma folha, manuscrita em dois momentos, com uma série de observações muito críticas sobre a vida de Aleister Crowley. Reproduzido em fac-símile em FRANÇA (1987: [190]); fac-similado e transcrito em PIZARRO (2009: 371-374).

- BNP/E3, 640 (antigos Avulsos 128-129). “Num fabulario ainda por encontrar”. Texto dactilografado a tinta verde no rosto de uma folha de papel (cf., neste artigo, Documento 47). Testemunho quase desconhecido de uma fábula que Pessoa publicou em 1915.
- BNP/E3, 641 (antigos Avulsos 176). Uma folha de papel dactilografada a tinta roxa e vermelha no rosto. Texto redigido em francês. Dividido em “Objet des brevets. Caractères généraux”; “Inventions brevetables énumérées para la loi”; “1<sup>o</sup> les inventions de produits nouveaux industriels”; “2<sup>o</sup> Invention de moyens nouveaux”; “3<sup>o</sup> Application nouvelle de moyens connus pour l’obtention d’un produit ou d’un résultat industriel”; e “Inventions non brevetables”.
- BNP/E3, 642 (antigos Avulsos 138-141). “PORTUGAL”. Provável cópia a químico de duas folhas dactilografadas no rosto, com numeração na segunda. Talvez estejam relacionadas com um projecto afim a *Lisbon, What the Tourist Should See*. Assim começa o texto: “From Melgaço, the lovely border town, that smiles proudly at the reflection of her beauty in the river Minho as it flows by her, to Cape Santa Maria, down south in the province of Algarve [...]”. Tratar-se-á de uma tradução?
- BNP/E3, 643 (antigos Avulsos 307-308). Uma folha de papel dactilografada a tinta preta no rosto. Início: “Portugal tem a escolher entre deixar-se governar por um de dois princípios” (cf., neste artigo, Documento 48).
- BNP/E3, 644 (antigos Avulsos 10-13). “Profecias que dizem respeito aos jesuitas e sebastianistas”. Duas folhas manuscritas a tinta preta, a segunda apenas no rosto. Fac-símile em FRANÇA (1987: [224-225]; cf., neste artigo, Documento 49).
- BNP/E3, 645 (antigos Avulsos 216-217) “Psychology of Conversion”. Um pedaço de papel manuscrito no rosto (cf., neste artigo, Documento 50).
- BNP/E3, 646 (antigos Avulsos 313-314). “Quando a guerra findou – como se a guerra alguma vez findasse, ou houvesse no mundo senão guerra!”. Assim começa um texto dactilografado a tinta preta no rosto de uma folha de papel de máquina, de c. 1918, sobre o equilíbrio entre a tradição e o progresso nas sociedades.
- BNP/E3, 647 (não estava no conjunto de Avulsos). “Quanto maior a extensão de territorio tratada no annuario ou indicador [commercial]”. Conjunto de três folhas dactilografadas no rosto, com extensas e diversas campanhas de revisão manuscritas. O rosto da primeira folha foi fac-similado em NOGUEIRA (2005: 103) e o rosto da terceira foi fac-similado em FRANÇA (1987: [345]). Estas folhas fazem parte de um vasto material ainda amplamente inédito sobre anuários ou indicadores comerciais projectados por Pessoa.
- BNP/E3, 648 (antigos Avulsos 6-7). “Second Part – The Voyage”. Uma folha de papel dactilografada no rosto e no verso. Veja-se: “A génese d’*A Invenção do Dia Claro* e o estabelecimento de *Invention of the Bright Day*” (PIZARRO e FERREIRA, 2009).
- BNP/E3, 649 “Sensacionismo. | O mytho da ‘clareza classica’”. Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso. Texto publicado em PESSOA (2009: 151).

BNP/E3, 650 (antigos Avulsos 344-345). “There are 3 men whom I wonder at as I consider, whose presence on earth is mystic & whose life a miracle to me”. Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso (cf., neste artigo, Documento 51).

BNP/E3, 651 (não estava no conjunto de Avulsos). Trecho publicado como sendo parte do *Livro do Desassossego*, em 2009, embora não tenha data, título nem atribuição (cf. PESSOA, 2010: I, 464; II, 971). Incipit: “Todo o pensamento, por mais que eu queira fixal-o”. Meia folha de papel com pautas dactilografada a tinta preta no rosto, com algumas intervenções manuscritas. Refira-se que no verso da folha existem uns versos inéditos escritos a lápis. Primeiro verso: “\*Viveu no livro e no fado [↑ ao lado]”.

BNP/E3, 652 (antigos Avulsos 168-175). Quatro folhas manuscritas no rosto e no verso, numeradas nas duas faces a partir do rosto da segunda, deixando sem numerar as páginas 5 e 7. Segue a transcrição das primeiras três páginas:



1. A theoria da organização commercial é apenas uma applicação especializada da theoria da organização em geral. Toda a organização implica a disposição coordenada de diversos elementos, que recebem unidade e coherencia em vista de determinado fim. Este principio vale para toda a organização, seja ella a de um combate, ou a de um poema, ou de uma  $\square$  commercial. Porisso, ao estudarmos a organização de qualquer cousa, ou de qualquer actividade – seja ella qual fôr – devemos, antes de mais nada, definir no nosso espirito, claramente, quaes são os elementos de que dispomos, e qual o fim a que visamos; determinaremos em seguida, por uma sabia adaptação de uma cousa á outra, como melhor disporemos e entrelacionaremos esses elementos para <servirnos> [↓ que] attingirmos [↓ atinjam] esse fim.

2. Na theoria, porém, da organização de uma casa commercial, temos que encarar, primeiro, não <tanto> /ainda/ o problema puramente practico, de como relacionar determinados elementos, de que dispomos, em vista de conseguir determinado fim, mas sim o problema ainda theorico *de quaes os elementos de que devemos dispôr para realizar esse fim*. Precisamos, porém, determinar claramente, antes de mais nada, a que fins visa uma organização propriamente commercial, que conjuncto de fins comprehende, que combinação de fins presuppõe.

3. A que fim, ou conjuncto de fins, visa qualquer organização commercial? No mais lato dos sentidos, que é o que me compete que tomemos, uma organização commercial visa <ao> á obtenção de lucros sobre o intercambio de mercadorias, que, por limitação da definição, não são producto da propria casa (que, nesse caso, seria industrial)<, >.\ <e>/E\ss<a>/e\ intercambio

<resulta> comporta trez operações diferentes quanto /ao logar/: a collocação de productos nacionaes no estrangeiro; a collocação de productos estrangeiros nas praças nacionaes; a collocação de productos nacionaes dentro do proprio paiz. Comporta, tambem, 3 operações quanto ao processo empregado; a representação, o commercio por conta propria, e o commercio por comissão. Comporta, finalmente, um triplo genero de actividades dentro da casa commercial, quer ella se empregue em este, ou em aquelle, processo ou methodo de commerciar: a administração geral da casa; a organização das suas relações com o exterior (o arranjo de <†> [† compras] e de vendas, a <\*m> methodização de □) e a organização interna do escriptorio, que permita as maiores faculdades de consulta ou de referencia, de estudo rapido dos problemas, e de immediata adaptação dos meios aos fins \*exigidos pelas circunstancias do momento.

4. Trata-se, no caso presente, de uma organização commercial, que, embora as circunstancias lhe possam reduzir o ambito, visa a uma *actividade commercial* em todos os generos. Importa, portanto, decidir <†> como melhor se organizará uma empreza commercial que, <visando> <exercendo> [† exercer] os trez generos de commercio, <†> por qualquer de 3 <m> processos que mais a cada caso convenha. <††> Encaremos o problema sob os 3 aspectos que elle comporta: (a) a <organização> administração geral da casa; (b) a sua organização externa; e (c) a sua organização interna.

<5> (Não temos, pois, que discutir, se o commercio a fazer é de importação e de exportação, ou de mera indole nacional, ou se o processo porque é feito, é o de representação, de comissão, ou de conta propria. Não o temos a discutir, porque partimos do principio que se trata de uma casa que a todos os generos de commercio visa, e a todos os methodos emprega. O problema que resta tratar é portanto o da organização especializada da actividade d’essa casa.

BNP/E3, 653 (antigos Avulsos 178-182). Duas folhas de papel dactilografadas a tinta roxa no rosto (parecem cópias a químico). Falta uma folha inicial, sendo os cabeçalhos destas: “A/113 – 25-5-1921 – p. 2.” e “A/113 – 25-5-1921 – p. 3”. Carta de Fernando Pessoa, assinada em nome da Olisipo, relevante para o estudo das relações comerciais da empresa (com a Companhia Portuguesa de Volfrâmio e a Sociedade Portuguesa de Minas, por exemplo).

BNP/E3, 654 (antigos Avulsos 692-693). “É evidente que um empreendimento d’esta ordem”. Texto manuscrito a lápis no rosto e no verso de um pedaço de folha. Publicado neste artigo (cf., neste artigo, Documento 52).

BNP/E3, 655 (antigos Avulsos 517-519). “Estas trez partes, em que o presente relatorio se divide”. Texto dactilografado em duas folhas de papel de uma empresa mineira (cf., neste artigo, Documento 53).

BNP/E3, 656 (antigos Avulsos 961-962). “Fins da Cosmopolis”. Citamos a descrição do volume *Argumentos para Filmes* (PESSOA, 2011a: 107): “Folha de papel fino manuscrita a tinta preta, vincada ao meio na horizontal. Este documento pertence à colecção particular de Manuela Nogueira. Para a lista das 88 actividades listadas sob o nome de ‘Cosmopolis or some like name’, ver o documento de 11 páginas (BNP/E3, 114G-5 a 10) publicado por Mega Ferreira (2005: 217-222), em *Fazer pela Vida...* Documento datável de 1919/1920. O nome Cosmopolis já aparece, contudo, referido como casa editorial num documento datável de 1918 (BNP/E3, 48B-11r; *Obras de António Mora*, 2002: 159-160). Sobre a datação ver Mega Ferreira (2005: 192, n. 53)”.

- BNP/E3, 657 (antigos Avulsos 515-516). “Le produit industriel, susceptible d’un brevet, est...”. Apontamento de dez linhas manuscrito a tinta preta no rosto de uma folha de papel pequena. Relacionável com BNP/E3, 641.
- BNP/E3, 658 (antigos Avulsos 943-944) Apontamento breve, numa pequena folha pautada, manuscrito a tinta preta no rosto da mesma. Transcrição completa: Separar do relatório da “Cosmopolis” o que pode adaptar-se á pequena Agencia. | Omittir, talvez por completo, ou *addiar*, a idea da “Cosmopolis”.
- BNP/E3, 659 (antigos Avulsos 698-699). Título: “Serviço Commercial”. Texto manuscrito no rosto e no verso de três folhas, numeradas a partir da segunda. Segundo o documento, os serviços do departamento comercial consistiriam no fornecimento diário de cotações de bolsa, de listas de casas comerciais de determinados produtos, de informações comerciais, de anuários, de revistas, de códigos telegráficos e de redacção de circulares para o estrangeiro.
- BNP/E3, 660 (antigos Avulsos 573-577). Plano para um “Systema de agencias”, tendo “Uma em cada capital de districto, ou de provincia”; e plano para um “Systema de archivo de cartas”. Uma folha manuscrita a lápis apenas no rosto, embora o verso esteja ocupado por algumas cifras.
- BNP/E3, 661 (antigos Avulsos 496-498). Uma folha de papel preenchida, no rosto, com a carta astrológica de Cesário Verde. Fac-símile em FRANÇA (1987: [226]) e, parcial, em NOGUEIRA (2005: 100). E ocupada, no verso, pelo poema “Que posso eu dar ao teu destino? Nada”, datado de 16 de Junho de 1929. Fac-similado em FRANÇA (1987: [270]), onde figura uma data errada: “1922”. Poema transcrito em *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (PITTELLA e PIZARRO, 2017: 229-230) e, antes, em 2013, na revista *Granta Portugal*, n.º 1, publicada pela Tinta-da-china.
- BNP/E3, 662 (antigos Avulsos 35-44). Esquema com letras diversas referente a número de “partners”, a “state” e “ages”. Uma folha manuscrita no rosto e no verso.
- BNP/E3, 663 (antigos Avulsos 46). Uma tira de papel manuscrita no rosto e no verso, com diferentes cifras e cálculos.
- BNP/E3, 664 (antigos Avulsos 587-588). Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso, com diferentes contas.
- BNP/E3, 665 (antigos Avulsos 196-197). Uma folha de papel manuscrita no rosto, com informações sobre os planetas (Saturno, Júpiter, Martes, Vénus, Mercúrio, Sol, Lua, Úrano, Neptuno).
- BNP/E3, 666 (antigos Avulsos 500). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta. No rosto, encontra-se o horóscopo de Américo Cortez Pinto (Leiria, 1896 – Cascais, 1979), um médico e poeta português de orientação monárquica e católica, que fundou, juntamente com Cabral do Nascimento, Alfredo Brochado e Luís Vieira de Castro, a revista *Ícaro* (1919). No verso, figura um esboço de apreciação de um livro de poesia de autor não identificado (a crítica de *Rampa*, de Adolfo Rocha [Miguel Torga], que Pessoa teria escrito, em 1930, com a intervenção de Álvaro de Campos? – PESSOA, 1998a: 278-279, 287-294). Fac-símile em NOGUEIRA

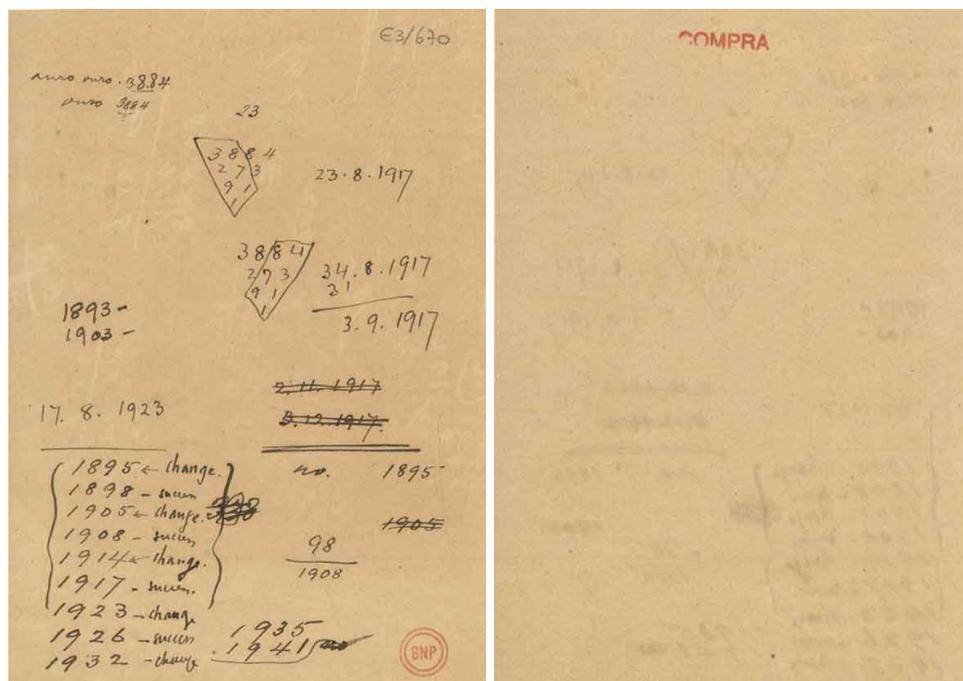
(2005: 111). Note-se esta passagem: “O seu poema é o esboço do que deve ser. Existe a base emotiva, falta a estrutura intelectual. Em todo o percurso do que me leu o F[ernando] P[essoa] ha uma scisão entre o que quiz dizer e o que disse [...] Não ha grandeza sem lirismo, nem sem arte”.

BNP/E3, 667 (antigos Avulsos 583-584). Apontamento manuscrito a tinta preta no rosto de um bocado de folha de papel. Começo: “There has been, strictly speaking, no continuity of depression in the native”. Nota de índole astrológica.

BNP/E3, 668 (não estava no conjunto de Avulsos). Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso. Horóscopo de personalidade não identificada, nascida em Faro, a 29 de Março de 1896.

BNP/E3, 669 (antigos Avulsos 581-582). Uma folha de papel manuscrita no rosto, datada de “June 1917”, que contém apontamentos astrológicos. No texto lê-se: “Date of apparition given as 5-6-1917 (by ‘dictation’)”.

BNP/E3, 670 (antigos Avulsos 855-856). Uma folha de papel manuscrita no rosto, contendo observações sobre algumas datas importantes no percurso biográfico de Fernando Pessoa.



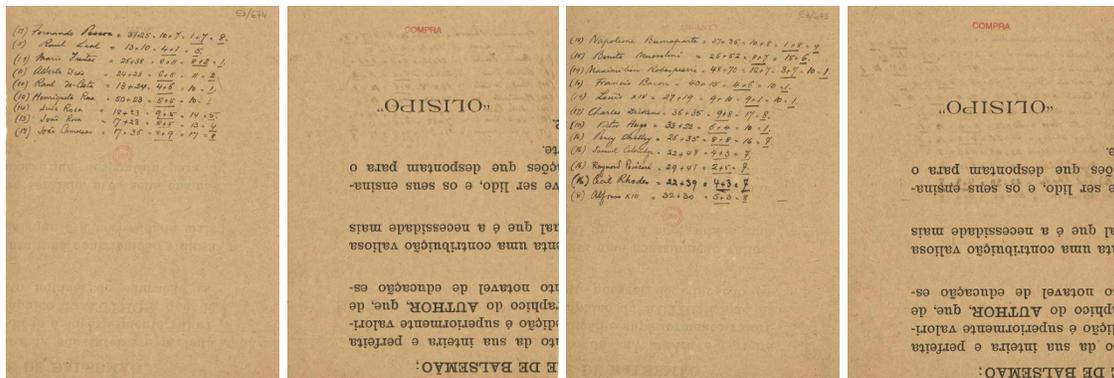
BNP/E3, 671 (antigos Avulsos 502-503). Uma folha de papel manuscrita no verso. Trata-se de um documento muito complexo, contendo uma série de mapas astrais e listando os anos da vida de Pessoa até 1932, com alguns anos assinalados. Reprodução fac-similada em NOGUEIRA (2005: 100).

BNP/E3, 672 (antigos Avulsos 237-238). Uma folha de papel manuscrita a lápis roxo no rosto e no verso, contendo uma “Horary question” para “My life now: – 1-6-

1917". Documento datável dessa data: 1 de Junho de 1917. No verso da folha de papel existe uma referência ao horóscopo de "OW", isto é, Oscar Wilde.

BNP/E3, 673 (antigos Avulsos 235-236). Uma folha de papel manuscrita no rosto, contendo datas e números destinados a cálculos astrológicos referentes ao Rei da Itália e ao Rei de Espanha. Pessoa aproveitou um quarto de folha de um prospecto da editora Olisipo (existe uma transcrição do prospecto, em PESSOA, 2010: II, 992-993).

BNP/E3, 674 (antigos Avulsos 229-230). Uma folha de papel manuscrita no rosto, contendo uma série de números associados a amigos e familiares, e não só: Fernando Pessoa, Raul Leal, Mario Freitas, Alberto Dias, Raul da Costa, Henriqueta Rosa, Luiz Rosa, João Rosa, João Camoesas. Novamente, Pessoa recorreu a um quarto de prospecto da Olisipo.



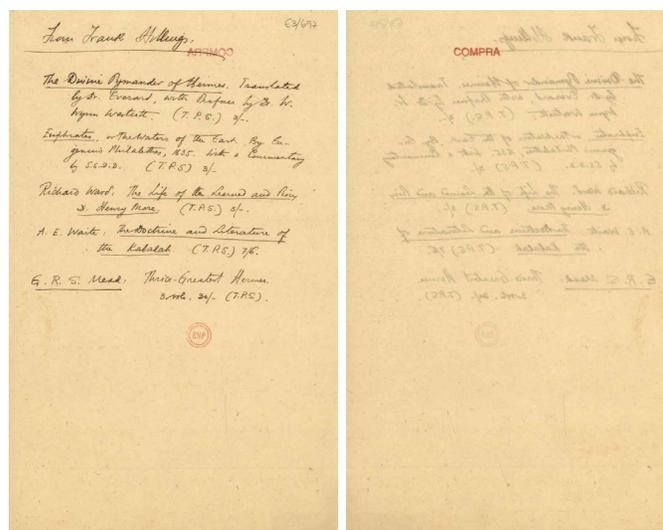
BNP/E3, 675 (antigos Avulsos 233). Uma folha de papel manuscrita no rosto, contendo uma série de números associados a personalidades históricas diversas, incluindo reis, políticos, filósofos e escritores: Napoleone Buonaparte, Benito Mussolini, Maximilien Robespierre, Francis Bacon, Louis XIV, Charles Dickens, Victor Hugo, Percy Shelley, Samuel Coleridge, Raymond Poincaré, Cecil Rhodes, Alfonso XIII. Cf. BNP/E3, 685.

BNP/E3, 676 (antigos Avulsos 340-341). Questão horária realizada a 3 de Novembro de 1923, no verso de um dos panfletos pessoais de 1923 (sobre os panfletos, ver BARRETO, 2016).

BNP/E3, 677 (antigos Avulsos 338-339). Um pedaço de papel manuscrito no rosto, contendo os dados para o mapa astrológico de "C. E. de G." (Carlos Eugénio Moitinho de Almeida), em cujo escritório de comissões e consignações, na rua da Prata, em Lisboa, Fernando Pessoa trabalhou entre 1924 e 1935. Indica-se a data de nascimento, "18 Janeiro 1885", e a hora, "6: 30 p.m. Lisboa". Cf. BNP/E3, 401 e 703.

- BNP/E3, 678 (antigos Avulsos 336-337). Uma tira de papel manuscrita no rosto. Horóscopo de personalidade não identificada. Parece ser do próprio Pessoa.
- BNP/E3, 679 (não estava no conjunto de Avulsos). Uma folha de papel manuscrita no rosto. Documento complexo, com datas, comentários e dados astrológicos vários referentes a “Return to Lisbon 17¼ years”, “Illness June 1906”, “Q[ueen] Vict[oria] Prize Dec. 1903”, “Went to High School”. No canto inferior direito, dentro de rectângulo, a data “December 1923”. Cf. BNP/E3, 684.
- BNP/E3, 680 (antigos Avulsos 591-592). Uma tira de papel manuscrita, contendo uma tabela astrológica realizada, em princípio, por volta de Dezembro de 1921, acompanhada de algumas considerações concomitantes.
- BNP/E3, 581 (antigos Avulsos 589-590). Uma folha de papel de quadrícula manuscrita no rosto e no verso, rasgada no canto superior direito. O texto está dividido, inicialmente, em duas colunas: “Ruler in signs” e “Ruler in houses”. Sob “Nature of ruler & sign & house of it” figuram, entre outros, “Napoleon” e “Self”.
- BNP/E3, 682 (antigos Avulsos 598-599). Uma folha de papel com pautas manuscrita a lápis roxo. No rosto encontra-se o horóscopo, feito a 2 de Abril de 1917, de uma personalidade não identificada. No verso, um texto riscado, de difícil leitura. O primeiro paragrafo começa: “Shall we conclude to the establishment of an *aristocracy*”; o segundo, “Shakespeare typo maximo do lyrico [...] Shakespeare é o contrario do dramaturgo” (depois continua em inglês).
- BNP/E3, 683 (antigos Avulsos 231-232). Uma folha de papel manuscrita no rosto. Contém uma série de datas organizadas em conjuntos.
- BNP/E3, 684 (antigos Avulsos 596-597) Uma folha de papel manuscrita a tinta preta. No rosto contém datas, comentários e dados astrológicos vários referentes a “Father’s death”, “1st voyage: (Decr. 1895)”, “1st voyage back (Aug. 1901)”, “2nd voyage out”, “2nd voyage back (Sept. 1905). No verso, outros dados astrológicos e segmentos de comunicações mediúnicas. Cf. BNP/E3, 679.
- BNP/E3, 685 (antigos Avulsos 243-244) Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso, com exercícios de numerologia associando as letras de alguns nomes a números, com destaque para o nome completo de Pessoa. Outros nomes: Maximilien Robespierre, Francis Bacon, Victor Hugo, Raul d’Oliveira Sousa Leal, Louis XIV, Percy Bysshe Shelley, Charles Dickens. Cf. BNP/E3, 675.
- BNP/E3, 686 (antigos Avulsos 241-242). Uma folha de papel manuscrita no rosto, com exercícios de numerologia associando as letras de alguns nomes a números, com destaque para Napoleone Buonaparte e Benito Mussolini.
- BNP/E3, 687 (antigos Avulsos 239-240). Uma folha de papel manuscrita no rosto, com exercícios de numerologia associando as letras de alguns nomes a números, com destaque para o nome completo de Pessoa e para os nomes de alguns países, cidades e lugares: Portugal, France, England, Deutschland, España, Castilla, Italia, Roma, Paris, Lisboa, London, Berlin, Brasil, Graecia, Austria.

- BNP/E3, 688 (antigos Avulsos 600-601). Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta e a lápis. Pessoa associa a certos signos certos atributos: Desire, Acquisition, Knowledge, Adaptation, Power, Function, Division, Self-control, Liberation, entre outros.
- BNP/E3, 689 (antigos Avulsos 857-859). Uma folha de papel com pautas manuscrita no rosto, com exercícios de numerologia associando as letras de alguns nomes a números, nomeadamente as iniciais de vários elementos da família de Pessoa.
- BNP/E3, 690 (não estava no conjunto de Avulsos). Uma folha de papel picotada na margem superior. O texto – um gráfico em árvore de difícil compreensão – foi manuscrito a tinta preta no rosto da folha, mas não parece elaborado por Pessoa. No topo, lê-se “D. Henriqueta”.
- BNP/E3, 691 (não estava no conjunto de Avulsos). Uma folha de papel picotada na margem superior. O texto – um gráfico vertical de difícil compreensão – foi manuscrito a tinta preta no rosto da folha, mas não parece elaborado por Pessoa. Em baixo, lê-se “Fernando”, “irmãos”.
- BNP/E3, 692 (antigos Avulsos 132-133). Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso. Documento muito curioso, dos tempos de Durban, em que Pessoa se dedicou a fazer “Cranial Measurements” dos vários elementos da família, nomeadamente os mais novos.
- BNP/E3, 693 (antigos Avulsos 134-135). Uma folha de papel afim à anterior. Relacionada com os “Cranial Measurements” dos vários elementos da família.
- BNP/E3, 694 (antigos Avulsos 19-20). Esquema da novela policial “The Mouth of Hell”. Uma pequena folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto. Ver: *O Mistério da Boca do Inferno* (PESSOA, 2019: 378).
- BNP/E3, 695 (não estava no conjunto de Avulsos). Um conjunto de títulos de poemas e textos de autores diversos, no verso do panfleto impresso “Aviso por Causa da Moral” (1923; cf., neste artigo, Documento 54).
- BNP/E3, 696 (antigos Avulsos 963-964). Meia folha de papel dactilografada no rosto. Texto dividido em sete assuntos breves: “1. Copy present Customs Duties (Import Tax)”; “2. Copy original contract between Government and Tobacco Monopoly and Law creating monopoly”; “3. Net Profile Tobacco Monopoly last five years”; “4. Copy new law eliminating Monopoly”; “5. Consumption per capita tobacco in Portugal”; “6. Population Portugal”; “7. Present Government tax on manufactured cigarettes, cigars and smoking tobacco”.
- BNP/E3, 697 (antigos Avulsos 968-969). “From Frank Hollings”. Uma folha de papel manuscrita no rosto. Trata-se de uma lista bibliográfica de livros associados a questões herméticas e cabalísticas: *The Divine Pymander of Hermes; Euphrates, or The Waters of the East; Richard Ward, The Life of the Learned and Pious Dr. Henry More; A. E. Waite, The Doctrine and Literature of the Kabalah; G. R. S Mead, Thrice-Greatest Hermes*.



BNP/E3, 698 (antigos Avulsos 690-691). Uma folha de papel manuscrita no rosto.

Está ocupada por um esquema das secções e actividades do Grémio de Cultura Portuguesa. Este documento foi publicado na Edição Digital de Fernando Pessoa – Projetos e Publicações, em relação com BNP/E3, 732, também relacionado com o Grémio. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP688-a-690”).

BNP/E3, 699 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, docs. 399-400, 405-408). Listas de livros vendidos a “20 Junho 1930”, “26/1/1931”, “27/1/1931”, “2/2/1931 (primeira cons[ignação]”, “2/2/1931 (segunda cons[ignação]”, “18/2/1931” e “8/10/1931”. As listas ocupam o rosto de três folhas de papel dactilografadas a tinta preta, com ligeiras intervenções manuscritas. Transcritas no volume *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* (PIZARRO, FERRARI e CARDIELLO, 2010: 438 e 441).

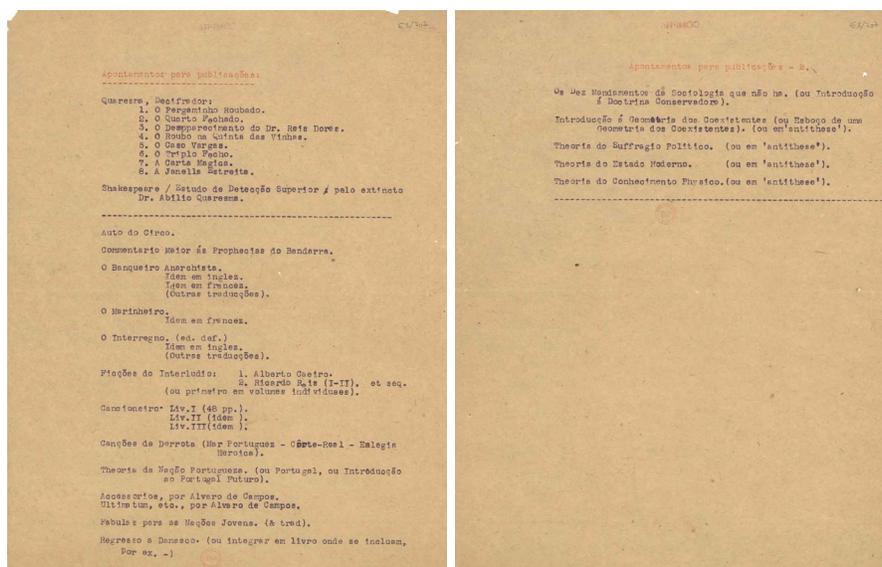
BNP/E3, 700 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, doc. 401-402). “Liquidação dos volumes vendidos”, a 2 de Fevereiro de 1931. Uma folha de papel dactilografada no rosto. Lista transcrita em PIZARRO, FERRARI e CARDIELLO (2010: 438-439).

BNP/E3, 701 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, doc. 409-410). “Consignação 2 Fevereiro 1931”. Uma folha de papel dactilografada no rosto. Lista transcrita em PIZARRO, FERRARI e CARDIELLO (2010: 439).

BNP/E3, 702 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, doc. 403-404). “To sent tabacoo on 7/2/1931”. Uma folha de papel dactilografada no rosto, a tinta preta e vermelha, com intervenções manuscritas. Lista transcrita em PIZARRO, FERRARI e CARDIELLO (2010: 439-440).

BNP/E3, 703 (estava em Cartas 2, docs. 300-301). Uma folha de papel rectangular dactilografada, com intervenções manuscritas. Tem uma lista de endereços e números telefónicos, alguns dos quais riscados (cf., neste artigo, Documento 55).

- BNP/E3, 704 (antigos Avulsos 220-221). Uma folha de papel manuscrita no rosto, contendo uma lista numerada de diversos nomes. Publicado pela primeira vez em PESSOA (2009: 505-506).
- BNP/E3, 705 (antigos Avulsos 222-223). Uma folha de papel manuscrita no rosto, contendo uma lista variada de assuntos e nomes. Emende-se uma leitura: “Affanis Carlos Ferreira” deve ser “Affaires Carlos Ferreira”; veja-se, em linha: <http://www.pessoadigital.pt/>, “CP222”. Interessantes referências a “Automoveis Alfredo Guisado”, “Minas Antonio Coelho”, “Minas Serra da Estrella”, “All about Portugal” (how to do this)” e outros planos e projectos.
- BNP/E3, 706 (antigos Avulsos 227-228). Apontamentos sob o título: “Capital para Olisippo”. Uma folha de papel timbrada (da firma F. A. PESSOA, na Rua São Julião, 41, 3.º, Lisboa, manuscrita a tinta preta na face não timbrada. Figuram perguntas como: “Colocação no Brazil?”; “Olisippo pertence a F?”; e “Secção da Cosmopolis?”.
- BNP/E3, 707 (antigos Avulsos 808-809). “Apontamentos para publicações:”. Duas folhas de papel dactilografadas no rosto a tinta roxa, salvo os cabeçalhos a tinta vermelha. Publicado sem a segunda folha em *O Guardador de Papéis* (PIZARRO, 2009: 370), e com a segunda em *O Planeamento Editorial de Fernando Pessoa* (URIBE e SEPÚLVEDA, 2016: 209-211).

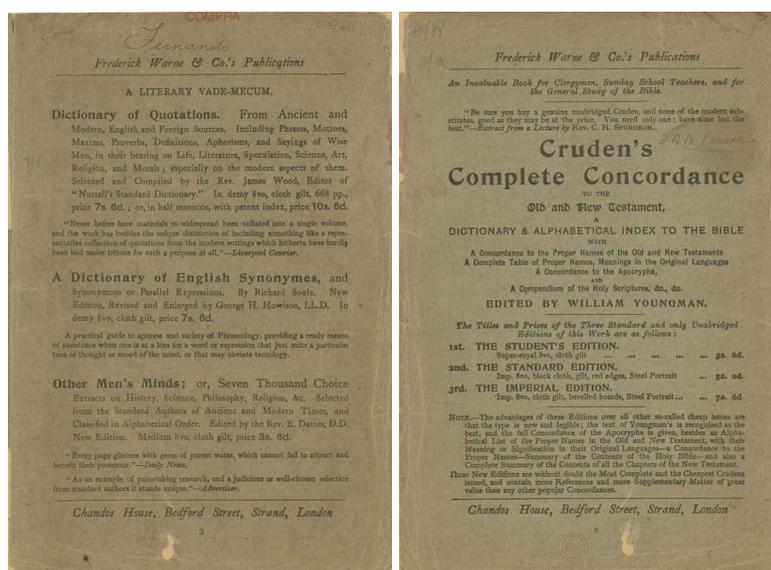


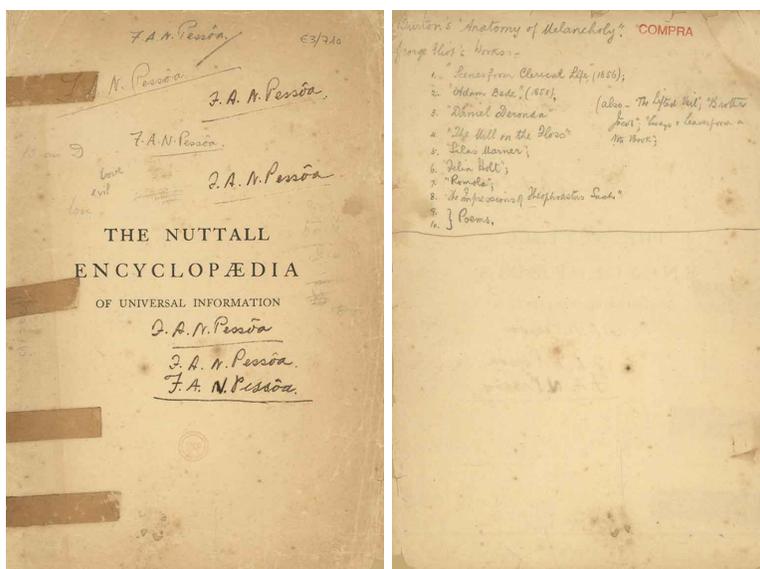
- BNP/E3, 708 (antigos Avulsos 947-948). Cálculo aproximado do número de páginas que uma série de artigos de teor comercial ocupariam, sendo o primeiro: “1. Artigo editorial, de assumpto mais geral que os outros (*ap. 2 pag*)”; e o segundo: “Chronicas financeiras — (1) Finanças do Estado, (2) Finanças das Colonias, (3) Bolsa, (4) Cambios, (5) Balança Commercial. (*ap. 5 pag*)”. Este e outros apontamentos da lista, numerados de 1 a 12, foram dactilografados a tinta vermelha no rosto e no

verso de uma folha de papel, com evidentes marcas de humidade. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP947-948”).

BNP/E3, 709 (antigos Avulsos 204-205). Um bifólio de papel manuscrito a tinta preta e a lápis roxo. No rosto encontra-se, entre outros apontamentos, um plano divisório dos poemas ingleses de Pessoa, que fecha com “Spring, 1917”, e algumas “Ideas”, sendo a primeira “1. Introd. to politics of the future”. O verso inclui um apontamento sobre o intuito de enviar uma carta para a editora Constable & Company Ltd, e uma referência à circular n.º 1617 do Gabinete da Secretaria da Guerra.

BNP/E3, 710 e 711. Curiosíssimos documentos. São de um livro herdado por Miguel Roza (Luís Miguel Rosa Dias; 1931-2019), sobrinho de Pessoa. Estas duas folhas do volume *The Nuttall Encyclopedia* (1900), de James Wood, com diferentes variações da assinatura de Pessoa, notas referentes a “Burton’s Anatomy of Melancholy” e uma lista de obras de George Eliot, estão digitalizadas, há mais de uma década, e estão disponíveis, em formato digital, na página web da Casa Fernando Pessoa: <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/0-48LMR> (vejam-se as primeiras páginas). Como explicar a compra, pela BNP, de duas folhas de um livro inventariado na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, e assim descrito? “0-48 LMR | (*The Nuttall Encyclopædia (being a concise and comprehensive dictionary of general knowledge)*). James Wood (dir.). London: Frederick Warne & Co, 1900. 700 p.; in-8 ‘Consisting of over 16,000 terse and original articles on nearly all subjects discussed in larger encyclopædias, and specially dealing with such as come under the categories of History, Biography, Geography, Literature, Philosophy, Religion, Science, and Art’. (*Apud Ferrari*, 2008: 103-04). 21 cm.” (PIZARRO, FERRARI e CARDIELLO, 2010: 46).





- Teresa Filipe, na dissertação de doutoramento que deve submeter este ano (“Edição Digital e Estudo da Marginália de Fernando Pessoa”, 2022), indica o seguinte: “Após o falecimento de Luís Miguel Rosa, em 2019, os herdeiros afirmaram já não possuir qualquer livro pertencente ao autor. Uma vez que o livro não apareceu em qualquer dos leilões registados até 2020, o título, mantendo-se disponível para consulta na biblioteca digital, passa a ocupar a lista dos ‘extraviados’ ou ‘desaparecidos’ uma vez que se encontra em parte incerta”.
- BNP/E3, 712 (antigos Avulsos 246-247). “Ficções do Interlúdio”. Uma folha de papel dactilografada a tinta roxa, com importantes acrescentos manuscritos a tinta preta. Publicado pela primeira vez em PESSOA (2009: 277). Especialmente interessante a separação da obra de Campos em três conjuntos: *Arco de Triumpho*, *Congresso e Accessorios*.
- BNP/E3, 713 (antigos Avulsos 200-201). “As Melhores Poesias Lyricas da Lingua Portuguesa”. Uma folha de papel dactilografada a tinta roxa no rosto, com um acrescento a lápis. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP200”). Inclui cinco poema de José Duro (“Mortos”, “Bacchantes”, “Em busca”, “Prece” e “Dor Suprema”), e um dos restantes autores: Soares de Passos (“O Firmamento”), João de Deus (“A Vida”), António Molarinho (“Maria Manoela”), José Anastácio da Cunha (“O Abraço”) e João de Lemos (“A Lua de Londres”).
- BNP/E3, 714 (antigos Avulsos 183-184). “Anthologia Portuguesa”. Meia folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto. Desta vez cinco poemas são de Guilherme Braga: “Ao partir”, “Phantasmas”, “Ao ver-te”, “Crianças mortas” e “Morta”. Passos figura com “O Firmamento”, mas também com “A Camões” e “Partida”; Molarinho com o mesmo poema; Lemos com “Lua de Londres”, mas também com “Coimbra”, embora com ponto e interrogação.
- BNP/E3, 715 (antigos Avulsos 208-209). “A Portuguese Anthology”. Uma folha de papel de máquina dactilografada a tinta rosa, salvo o título, a vermelha. Ver:

<http://www.pessoadigital.pt/> (“CP208”). Nesta antologia figuram poemas de António Nobre, Guerra Junqueiro, António Molarinho, Manuel da Veiga, Camilo Pessanha, Soares dos Passos, Eugénio de Castro, Luís de Montalvor, Alberto Osório de Castro, Cesário Verde, Álvaro de Campos, José de Almada-Negreiros, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Afonso Duarte, Alberto Caeiro, Ricardo Reis.

BNP/E3, 716 (antigos Avulsos 250-251). “Trechos portugueses antigos”. Lista dactilografada a tinta roxa, com duas linhas manuscritas a tinta preta, redigida a face não impressa de um panfleto de “Aviso por Causa da Moral” (1923). Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP250”). Figuram António Molarinho, novamente com “Maria Manuela”, Manuel da Veiga, com “Ode”, um anónimo, com um soneto místico, os Cancioneiros, com vários trechos, José Anastácio da Cunha, com “o primeiro poema” e “No intervalo de uma dolorosa doença”, Bocage, com “Soneto”, Mário de Sá-Carneiro, com “A Estranha Morte do Professor Antena” e “O Homem dos Sonhos”, Garrett, com “várias líricas”, Bandarra, com “Profecias”, e Ângelo de Lima, com “Soneto”.

BNP/E3, 717 (antigos Avulsos 210-211). “Editions of the type of Inés de las Sierras”. Uma tira de papel manuscrita a tinta azul no rosto e no verso (cf., neste artigo, Documento 56).

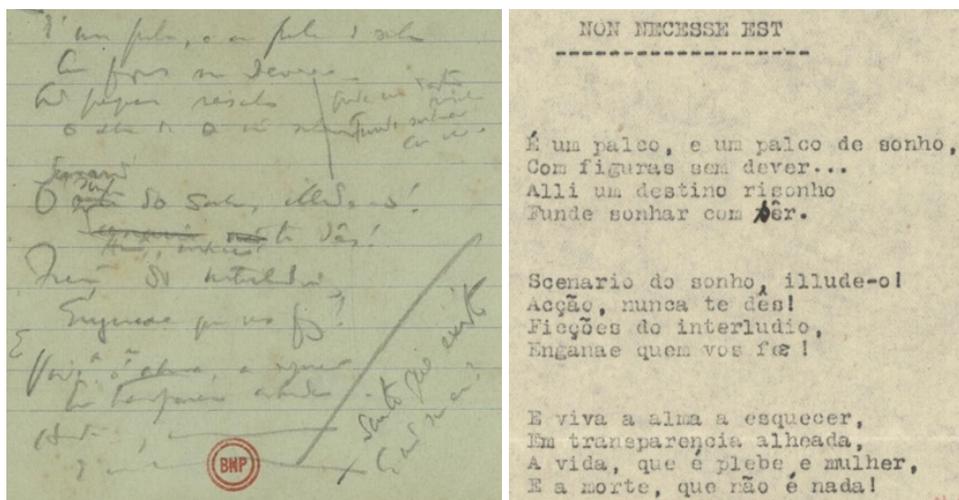
BNP/E3, 718 (antigos Avulsos 185-186). Uma lista de referências bibliográficas escrita a lápis, no verso de um quarto de folha de um prospecto da editora Olisipo. Lista referente a “Filippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente” copiada, quase com certeza, do segundo volume do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1859), de Innocencio Francisco da Silva. Patroni deixou algumas obras como *A Prophecia do Novo-mundo* (1851), que terão interessado Pessoa.

BNP/E3, 719 (antigos Avulsos 189-190). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto, com alguns números avulsos no verso. No rosto figuram informações bibliográficas sobre Anselmo Caetano Munhoz de Abreu Gusmão e Castello Branco. Provenientes, em princípio, do *Diccionario Bibliographico Portuguez*; cf. o documento anterior. De Castello Branco, Doutor em Medicina pela Universidade de Coimbra, desconhecem-se as datas de nascimento e de morte. Ficou conhecido como “Alquimista de Soure” (LEITÃO, 2020). Ao longo da sua obra, escreveu sob pseudónimos, nomes falsos ou através de personagens fictícias, nomeadamente em livros em que, ao modo do século XVIII, delineava diálogos filosóficos com diferentes perspectivas em contraponto. Como observa José Vieira Leitão, muito do que se tem dado como elementos biográficos do autor devem ser questionados com base nesse processo de sabor pessoano de construir em nome de personagens autorais. O seu escrito mais conhecido é *Ennoea, ou applicação do entendimento sobre a Pedra philosophal* (1732), um tratado histórico sobre a alquimia que procurava defender os motivos para a elevação dessa prática a ciência legítima e exibia observações sobre o Sebastianismo e o Quinto

Império. Escreveu ainda *Vieira Abreviado em Cem Discursos Moraes, e Politicos*, divididos em dois tomos (1733 e 1746), obra em que procurou sintetizar os sermões de um dos seus autores favoritos, António Vieira.

BNP/E3, 720 (antigos Avulsos 14-15). Uma folha de papel dactilografada no rosto. Lista de projectos publicada pela primeira vez, e fac-similada, em *A Educação do Stoico* (PESSOA, 2007: 61-63). No aparato crítico lê-se esta descrição: “metade esquerda de uma folha rectangular com uma tabela impressa, dactilografada a tinta preta no verso. A tabela, que discrimina os dias e os meses do ano, está encabeçada por uma zona para ser preenchida com o nome do agente comercial, a sua localidade e qualquer observação adicional. Dactiloscrito conservado por Manuela Nogueira. Observação sobre os projectos elencados: *O Interregno* data de 1928; o soneto XII da série *Passos da Cruz* (1916) foi republicado, sem variantes, em *O Notícias Ilustrado* de 28 de Abril de 1929; *Erostratus* data de 1929-1930; *Anteros*, de circa 1929” (PESSOA, 2007: 104).

BNP/E3, 721 (antigos Avulsos 893-894). Uma tira de papel com pautas manuscrita a tinta preta e a lápis. No rosto, contém uma lista de poemas sob o título *The Mad Fiddler*, e referência a outros poemas ingleses; no verso, duas listas (uma riscada) de poemas destinados ao livro *Episodios* e ainda um testemunho desconhecido de um poema em português, “É um palco, e um palco de sonho”, do qual se conservam outros testemunhos (cf. 59-17<sup>r</sup>, 43-20<sup>r</sup>, 45-2<sup>v</sup>, 46-9<sup>r</sup>, 65-2<sup>v</sup>, 66-6<sup>r</sup>, 58-83, 66A-46<sup>r</sup>), sendo que este é relacionável com 66A-46<sup>r</sup> (“NON NECESSE EST”), não datado (ver PESSOA, 2001: 23, 254-261). Vejam-se dois pormenores, um de BNP/E3, 721<sup>v</sup>, outro de BNP/E3, 66A-46<sup>r</sup>.



BNP/E3, 722 (antigos Avulsos 976). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto e a lápis roxo no verso (cf., neste artigo, Documento 57).

BNP/E3, 723 (antigos Avulsos 908-909). Uma lista manuscrita a lápis numa tira de papel no rosto e no verso. Foi transcrita e fac-similada em *Livro do Desasocego*

(PESSOA, 2010: II, 537). Trata-se de uma descrição muito completa dos projectos que Pessoa tinha no início da década de 1930, altura em que, conforme se percebe pela correspondência trocada com os presencistas, começava a pensar na eventual edição dos seus múltiplos escritos. No rosto, encontram-se contemplados volumes de poesia (“Itinerario”, “Poemas”, “Legendas”, “Ficções do Interludio”), composições lírico-dramáticas (“Terceiro Fausto”, “Argonautas”, “Theomachia”, “Prometheus Revinctus”, “Theatro Menor”), narrativas diversas, incluindo “As Minas de Kionga” e o principal conto policial atribuído a Abílio Quaresma (“Caso Vargas”). Também arrumações genéricas (“Contos Maiores”, “Contos Menores”, “Contos (Simples)”, “Contos metaphysicos” e “Livro do Desasocego”. No verso, encontram-se obras de natureza política (“Theoria do Suffragio Politico”, “Politica Economica”, “Banqueiro Anarchista”), projectos ensaísticos (“Erostratus”, “Oscar Wilde”), o eternamente adiado volume de poesia ortónima, “Cancioneiro (ou Itinerario)”, aquele que seria provavelmente a futura recolha *Mensagem*, isso é, “Portugal”, e, surpreendentemente, um volume contendo as composições infantis (“Livro da Lili”) relacionadas com a sobrinha, Manuela Nogueira.

BNP/E3, 724 (antigos Avulsos 924-925). Uma pequena folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto, onde se encontra um conjunto de títulos e frases que remetem para projectos conhecidos de Pessoa, entre os quais a produção de Abílio Quaresma (“Quaresma: o conto dos dois rapazes”) e a frase “Esteve aqui o Noronha!”, que serve de mote a uma narrativa publicada por Richard Zenith a partir de dois documentos (BNP/E3, 138-67 e 133E-16; cf. PESSOA, 2003: 381-383). As outras duas frases podem remeter, respectivamente, para uma outra narrativa policial (“Porquê, sr. guarda?”) e para um projecto difícil de determinar, mas que pode ser eventualmente sobre Rosa-Crucianismo (“Consecução do R. C.”). No verso, encontra-se manuscrita a lápis uma conta.

BNP/E3, 725 (antigos Avulsos 162-163). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto. O documento parece conter as regras de um dos jogos idealizados por Pessoa, provavelmente “Strategy”. Cf., neste artigo, a nota relativa a BNP/E3, 616. Pessoa tentou apresentar o jogo à empresa londrina Gamage’s, fundada por Arthur Walter Gamage (1855-1930), numa das mais importantes empresas dedicadas ao fabrico de materiais de desporto, como bicicletas, e de brinquedos e de jogos; Gamage acompanhou a era dourada de transformação dos hábitos consumistas das classes médias, que se prolongou até 1913, e manteve a sua expansão e o seu sucesso durante e depois da Guerra (cf. BIDDLE-PERRY, 2014). Durante a I Guerra Mundial, chegou a participar no esforço de guerra, com o fabrico da Leach Trench Catapult. O catálogo de 1914 pode ser consultado em: <https://archive.org/details/yesterdaysshoppi0000gama>. Veja-se também uma lista publicada em PESSOA (2009: 434-438). Segundo se lê em BNP/E3, 725, cada jogador devia: “A. Passar a linha da fronteira”, “B. Chegar ao campo inimigo”

e, finalmente, “C. Chegar ao fim do território inimigo”. Tratava-se de um jogo de avanços e recuos.

BNP/E3, 726 (antigos Avulsos 970-971). Uma tira de papel manuscrita a tinta azul no rosto e no verso, referindo livros editados ou reeditados pela Rationalist Press Association (cf. BNP/E3, 49D2-58). Encontram-se listados quatro livros sob a indicação “A series like the R.P.A. Cheap Reprints”: *A History of Freedom of Thought*, de John B. Bury (1913; CFP 1-17); *The ABC of Evolution*, de Joseph McCabe; *History of Ancient Philosophy* (1912; CFP 1-173 MFC) e *History of Modern Philosophy* (CFP 1-174 MFC), de Alfred William Benn. Na segunda metade do rosto da folha, encontram-se indicações de qual o tipo de livros a editar, remetendo para dois modelos: uma edição em dois volumes das narrativas fantásticas de Charles Nodier e a colecção francesa *In Extenso*, lançada em 1909 pela chancela La Renaissance du livre, cuja popularidade levou ao lançamento de uma nova série em 1914. No verso encontram-se alguns números e contas referentes a custos e benefícios do projecto. De McCabe, Pessoa tinha na sua biblioteca o volume *Treitschke and the Great War* (1914; CFP 9-49).

BNP/E3, 727 (antigos Avulsos 972-973). Uma folha de factura timbrada do escritório F. A. PESSOA | R. do Ouro, 87, 2.º | R. S. Julião, 41, 3.º, com marca de água BRITISH BANKPOST. O texto está manuscrito a tinta preta no verso da face não timbrada. A firma de comissões F. A. PESSOA foi criada em meados de 1917, estando inicialmente sediada na Rua de S. Julião, 41, 3.º. Em Dezembro do mesmo ano a firma mudou-se para a Rua do Ouro, 87, 2.º. A morada da Rua de S. Julião encontra-se riscada. Alguns poemas de 1918 e de 1919 encontram-se em suportes com o timbre desta firma. (cf. PESSOA, 2005). O texto contém uma lista de autores ingleses e de certos poemas dignos de memória e antologia. Os autores referidos são John Keats, (“Ode to a Nightingale”, “Ode on a Grecian Urn”, “Ode to Psyche”, “Ode to Melancholy”, “To Autumn”, “La Belle Dame Sans Merci” e sonetos não identificados”) (estes poemas são quase sem excepção os que Pessoa assinala no índice do livro *The Poetical Works of John Keats*, CFP 8-294); Percy Bysshe Shelley (“Adonais: An Elegy on the Death of John Keats, Author of Endymion, Hyperion, etc.”, “Hymn to Intellectual Beauty”, “The Cloud” e “To a Skylark”) (assinalados no índice do volume *The Complete Poetical Works of Shelley*, CFP 8-513); Alfred Tennyson (“Ulysses”, “Tithonus”, “Morte d’Arthur”) (assinalados no índice do tomo *The Works of Alfred Tennyson*, CFP 8-541); e Samuel Taylor Coleridge (“The Rime of the Ancient Mariner”, “Kubla Khan”, “Time, Real and Imaginary”, “Lines written in the Album at Elbingerode in the Hartz Forest”, “Dejection, and Ode” e “The Pain of Sleep”) (assinalados em *The Poetical Works of S. T. Coleridge*, CFP 8-117). A lista inclui ainda um esquema numérico que, muito provavelmente, corresponde às páginas de um livro. Veja-se a imagem em: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP972”).

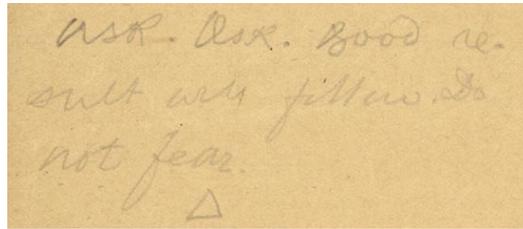
- BNP/E3, 728 (antigos Avulsos 917). Uma pequena folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto, onde figura uma lista de nomes de autores (cf., neste artigo, Documento 58).
- BNP/E3, 729 (antigos Avulsos 33-34) Uma folha de papel manuscrita no rosto e no verso, contendo uma lista de poemas de Olavo Bilac e a respectiva apreciação de Fernando Pessoa. Publicado, com a identificação precisa dos poemas em questão, a partir da edição de Bilac consultada por Pessoa (cf., neste artigo, Documento 59).
- BNP/E3, 730 (antigos Avulsos 682-683). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Trata-se de uma lista de possíveis trabalhos, divididos em treze pontos, associados a uma empresa projectada por Fernando Pessoa: “Traduções. | Montagem e seguimento de escriptos. | Buscas litterarias, heraldicas e genealogicas. | Redacção correcta de cartas, circulares, catalogos. | Revisão de provas typographicas. | Cortes de jornaes. | Informações litterarias geraes. | <T> Manufactura de codigos particulares, cifras para correspondencia secreta. | Trabalhos á machina, no copigrapho e telegrapho. | Annuncios em todos os jornaes de Portugal e do estrangeiro. | Informação a proposito de livros que vão sahir, etc. | Endereçar e expedir cartas e circulares. | Publicidade.”
- BNP/E3, 731 (antigos Avulsos 248-249). Uma lista de traduções de autores estrangeiros, dactilografada, com um acrescento manuscrito no fim. Os livros e textos escolhidos encontram-se em português, correspondendo provavelmente ao título que teriam se editados. Figuram livros e textos de Edgar Allan Poe (*O Corvo*, *A Cidade no Mar*, *Descida ao Maelstrom*, *A Sombra*), Arthur O’Shaughnessy (*Ode*, de *Music and Moonlight*), Robert Browning (*A Última Cavalgada*), Ambrose Bierce (*O Homem e a Cobra*) Oscar Wilde (*Poemas em Prosa*, *A Decadência da Mentira*), Walter Pater (Epílogo a *Da Renascença*, *Leonardo Da Vinci*), Samuel Johnson (a carta dirigida a Lord Chesterfield em 1755), John Millington Synge (*A Cavalgada até ao Mar*), H. G. Wells (*A Terra dos Cegos*, *A Porta no Muro*), Arthur Conan Doyle (*O Senhor do Castello Negro*), Matthew Arnold (Strophes da Grande Chartreuse), William Wordsworth (*Ode á Immortalidade*), Jean-Baptiste Pères (*De como Napoleão Nunca Existiu*), François de La Rochefoucauld (*Maximas*), O. Henry (*Caminhos do Destino*) e, como único representante português, Bandarra (*Prophecias*). Esta lista ganha em ser confrontada com o documento BNP/E3, 695. Assinale-se, ainda, que o interesse de Pessoa pelo singular escrito de Jean-Baptiste Pères culminou no texto *A Demonstração do Indemonstrável*. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP248”).
- BNP/E3, 732 (antigos Avulsos 688-689). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta. Documento relativo ao Grémio Cultural Português. No rosto, encontra-se uma exposição das componentes do Grémio, a “parte cultural”, a “parte de propaganda e relação” e a “parte de cultura nacional”, subentendendo-se que a primeira componente se referia a uma ideia mais ampla de cultura, em

linha com a edição de obras literárias e filosóficas europeias previstas no verso da folha. Encontram-se ainda descritos com grande aprofundamento os processos implicados na constituição do Grémio, uma vertente afirmativa, obsessivamente vocacionada para o encontro entre a tradição, o espírito construtivo e a livre iniciativa original, e uma vertente negativa, dirigida ao ataque às ideias anti-portuguesas e à denúncia das ideias falsas de estrangeiros. No verso, encontram-se desenvolvimentos quanto à vertente editorial do Grémio, prevendo a edição de obras de cultura europeia (clássicos greco-latinos e obras essenciais da filosofia europeia, obras evidenciando teorias originais e ataques ao “anti-constructivo e ao falso”), obras de “cultura nacional historica” (relacionadas com o “culto da tradição”, com os “classicos portugueses” e com a reacção ao “anti-portuguez”) e com a cultura nacional superior, desiderato maior do Grémio (obras de “historia portugueza”, “obras originaes e constructivas” e obras de “ataque ao anti-nacional”). Emendam-se leituras. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP688-a-690”).

- BNP/E3, 733 (antigos Avulsos 155-156). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta. No rosto existem apontamentos em inglês relacionados com as regras de um jogo (“1. Field”, “2. Men”, “3. Kicks”, “4. Other rules”), talvez atribuíveis a Charles Robert Anon, cujo nome figura no cabeçalho. No verso encontram-se algumas variações em torno de palavras soltas (“attention”, “thereto”, “matter”, etc.).
- BNP/E3, 734 (antigos Avulsos 206-207). Um bifólio de papel manuscrito a lápis. Trata-se de uma lista de referências bibliográficas diversas, na sua maioria relacionadas com assuntos pré-históricos, religiosos e míticos, publicados nas últimas décadas do século XIX. Os livros e separatas terão sido consultados na Biblioteca Nacional de Portugal, local em que ainda hoje se encontram. Pessoa indica as cotas originais de alguns materiais. No rosto do suporte encontram-se registados três livros de Francisco Martins Sarmento (1833-1899), *Observações à Citania do Snr. Doutor Emilio Hübner* (1879), *Os Lusitanos* (1880), e *Lusitanos, Litures e Celtas* (1891-1893), a que se somam *Da Architectura Religiosa em Coimbra durante a Edade Media* (1875), de Augusto Filipe Simões (1835-1884), *Noticia Historica e Descriptiva da Sé Velha de Coimbra* (1881) e *Os Túmulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I* (1885), de Augusto Mendes Simões de Castro (1845-1932), *A Antiga Escola Portugueza de Pintura: com notas ácertas dos quadros existentes em Vizeu e Coimbra e attribuidos por tradição a Grão Vasco* (1868), de John Charles Robinson (1824-1913), *La geografia árabe de Portugal* (1887), de Eduardo Saavedra (1829-1912) e *A Crucificação entre os Antigos: resposta ao Jornal do Commercio* (1878), de Manoel Bernardes Branco (1832-1900), da qual Pessoa retira várias notas. No verso da folha encontram-se estes itens: *Géographie D’Ammien Marcellin: L’Égypte*, separata do *Bulletin de la Société de Géographie de Lyon*, 2 (1879), de Jean-Baptiste Christophe (1809-1882), *Les Iles Fantastiques de l’Atlantique au Moyen-Age*, separata do *Bulletin de la Société de Géographie de Lyon*, 4 (1883) de Paul

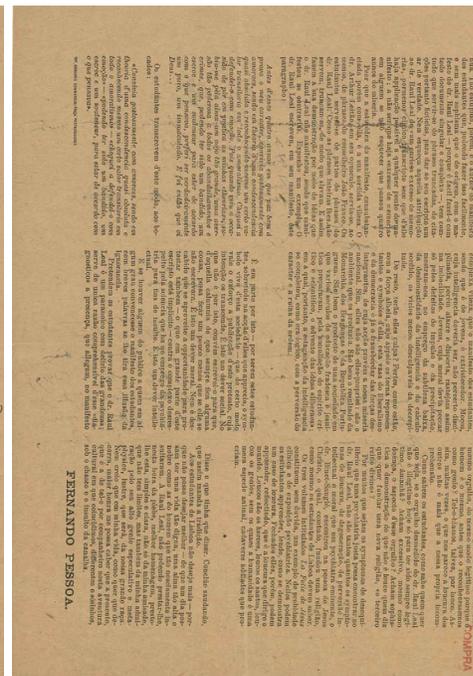
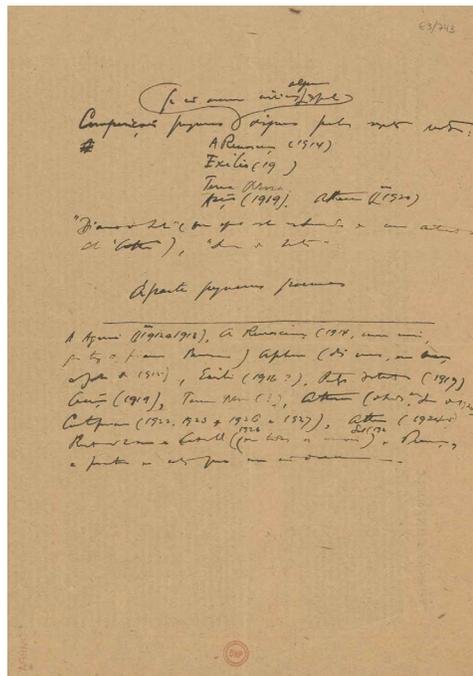
Gaffarel (1843-1920), *Última teoría sobre la Atlántida*, separata do *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, 7.1 (1879), de Pedro Novo y Colson (1846-1931), *Ossements et Squelettes Humains dans les Cavernes et les Stations Quaternaires*, separata da *Revue d'Anthropologie*, 2<sup>ème</sup> sér., t. 9 (1886), de Émile Cartailhac (1845-1921) e *Pontevedra monumental*, separata da *Revista Archeologica*, 10 (1888), de José Villa-Amil y Castro (1838-1910).

- BNP/E3, 735 (antigos Avulsos 225). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta. No rosto encontra-se uma lista da tiragem de jornais diversos, alguns publicados desde o século XIX: *O Século*, *O Mundo*, *Diário de Notícias*, *A Lucta*, *Novidades*, *O Dia*, *Correio da Manhã*, *Portugal*, *Jornal Ilustrado*, *O Imparcial*, *O Liberal*, *Diário Popular*, *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *Alma Nacional*, *Cartas Políticas*, *O Xuão: Semanário de Caricaturas*, *Supplemento do Século*, *Lanterna*, *O Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias*, *Diário da Tarde*, *Palavra* e *Pão Nosso*. No verso figura o nome de Alexander Search junto a “Esp” (Espanha?) e “Madrid”. Existiu um *O Liberal: Diário da Tarde*, entre 1919 e 1921.
- BNP/E3, 736 (antigos Avulsos 47-48). Meia folha de papel da Empresa Íbis manuscrita na face não impressa e conservada por um apontamento sobre “Cipher based on sound”. Também contém alguns desenhos e algumas palavras riscadas (“Gaveston”, por exemplo).
- BNP/E3, 737 (antigos Avulsos 39-40). Outra meia folha de papel da Empresa Íbis manuscrita na face não impressa. Contém o rascunho de um estudo entre numérico e alfabético, em que se estabelece um “numero escolhido” e aparece uma “letra reveladora”.
- BNP/E3, 738 (antigos Avulsos 679-683). Uma folha de papel manuscrita apenas no rosto. Sob o título “Agencia” figuram estes apontamentos: “Informações sobre câmbios e vapores chegados, etc.”, “[Informações] de passageiros e entradas em hoteis”, “[Informações] viagens, horarios, navios, v. circulatorios, etc.”, “Listas de exportadores e importadores”, “Informação semanal sobre Commercio e industria”, “Inf. restatística”, “Informações commerciaes”. Veja-se em linha: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP680-a-683”).
- BNP/E3, 739 (antigos Avulsos 686-687). Uma folha de papel manuscrita no rosto. Esboço de um projecto relacionado com “Annuncios” de casas comerciais portuguesas e estrangeiras. Segundo a importância das casas nacionais, estas ficariam na categoria “Displayed”, “Directory” ou “Required”.
- BNP/E3, 740 (antigos Avulsos 932-933). Uma folha de papel manuscrita a lápis com uma brevíssima comunicação automática, assinada por um espírito (Henry More) através de um triângulo: “Ask. Ask. Good result will follow. Do not fear. Δ”. Veja-se um pormenor:



BNP/E3, 741 (antigos Avulsos 993-994). Apontamentos em inglês manuscritos a tinta azul na face sem o timbre de uma folha de papel da firma F. A. PESSOA, Rua do Ouro, 87, 2.º, Lisboa. Sobre “printers” e a constituição de uma agência.

BNP/E3, 742 (antigos Avulsos 26-27). Meia folha de papel com pautas manuscrita no rosto e no verso. Trata-se de uma espécie de memorando de actividades a realizar ou a concretizar, incluindo uma referência à “Canção da Partida”, de Camilo Pessanha (assinalando talvez o momento em que a ouviu declamar pelo poeta) e a uma série de nomes do contexto familiar e literário, como o irmão do padraсто de Pessoa, Henrique Rosa (1850-1925), o contista e poeta Albino de Menezes (1889-1449), que chegou a ter ligações a Pessoa desde os tempos do *Inquérito Literário* de 1912 e posteriormente ao Sensacionismo, ou Numa de Figueiredo, poeta africano cogitado para *Orpheu* 3. Figuram ainda a indicação para a composição de um horóscopo e a necessidade de traduzir *Ancient Wisdom* (1897), de Annie Besant, autora de uma série de livros teosóficos, assunto de que Pessoa se ocupou ao traduzir vários livros de Helena Blavatsky.



BNP/E3, 743 (antigos Avulsos 789-790). Uma interessante lista de revistas em que Pessoa participou, de *A Águia* a *Presença*, manuscrita no verso de um panfleto

peçoano de 1923. Lê-se: “Composições pequenas [↑ que não merecem indicação {↑ alguma} especial] dispersas pelas seguintes revistas: | A Renascença (1914) | Exílio (19 □) | Terra Nossa | Acção (1919). Athena ([↑ em] 1920)”. Convém lembrar que em *Terra Nossa*, em Setembro de 1916, Pessoa publicou “A Ceifeira”. Segue depois uma referência ao *Diário de Lisboa*, onde apareceu um pequeno texto sobre *Os Lusíadas* e uma entrevista sobre a *Athena*. Depois outra referência ao *Diário de Notícias*, e a indicação “Áparte pequenos poemas”. E finalmente esta lista: “A Aguia ([↑ em] 1912 <e>/- \ 1913), a Renascença (1914, numero unico, que traz o poema Paues), Orpheu (dois números, em Março e Junho de 1915), Exílio (1916?), Portugal Futurista (1917), Acção (1919), Terra Nossa (?), Athenaeum (de Londres [↑ em] Janeiro de 1920), Contemporanea (1922, 1923 <e>/, \ 1926 e 1927), Athena (1924-5), Revista de Commercio e Contabilidade ([↑ 1926], em todos os numeros) [↑ Sol (192□)] e Presença, [...]”.

BNP/E3, 744 (antigos Avulsos 868-869). Um pedaço de papel de quadrícula manuscrito a tinta preta no rosto. Lista de referências bibliográficas incluindo dois livros de Valentine Edward Johnson que Pessoa parece tomar como ponto de partida para outros livros de uma colecção da chancela Griffith & Farran (*Our Debt to the Past, or, Chaldean Science: An Essay on Mathematics and the Fine Arts*, 1890; e *Egyptian Science from the Monuments and Ancient Books: Treated as a General Introduction to the History of Science*, 1891). Também figuram os clássicos artigos de Alberto Sampaio, amigo de Antero de Quental, dos quais Pessoa anota as páginas relativas aos textos publicados nos números 23 e 24 do quarto volume da *Revista de Portugal* (1892).

BNP/E3, 745 e 746 (antigos Avulsos 585-586). Dois pedaços de papel manuscritos a tinta preta. Contêm um conjunto variado de cifras (em que figura, por exemplo, a data de nascimento de Pessoa, “13.6.1888”) e diversos escritos automáticos. Documentos datáveis de 1917. Na segunda folha lê-se: “Monastic life is at na end in June”. Esta folha é a metade da sobrecapa de um livro da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa: *Rome* (1912), de William Warde Fowler, publicado pela editora londrina Williams & Norgate (CFP 9-27). Ver fac-símile e transcrição em PIZARRO e FERRARI (2011: 86).

BNP/E3, 747 (antigos Avulsos 149-150). Um apontamento sobre o Estado Novo, publicado em *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar* (PESSOA, 2015: 306-307). Descrito assim nas notas: “Uma página solta, manuscrita a tinta preta no verso de papel timbrado de F. A. PESSOA | R. DO OURO, 87, 2.º não numerada, proveniente do espólio familiar, mas pertencente ao mesmo conjunto que o texto n.º 108a, que foi adquirido pela BNP. Datável de 18 de Agosto de 1935 ou dias seguintes. Inédito” (PESSOA, 2015: 407).

BNP/E3, 748 (antigos Avulsos 522-523). “GCP Scheme of organization”. Uma folha de papel de máquina dactilografada a tinta roxa no rosto, com acrescentos manuscritos. Sobre a organização do Grémio de Cultura Portuguesa e formas de

obeter recurso para o mesmo. A parte final, referente ao “Staff”, merece ser transcrita: “1. A director or manager of the services. | 2. A German translator (extra-staff). | 3. Na Italian translator (extra-staff). | 4. Other translators. | 5. A sort of sub-director or sub-manager. | 6. A typist. | 7. An office employee. | 8. An office boy”.

- BNP/E3, 749 (antigos Avulsos 684-685). “GCP | Bibliotheca” (ambos sublinhados). Uma folha de papel manuscrita a tinta preta no rosto. Nos apontamentos, Pessoa descreve o necessário para o funcionamento do Grémio de Cultura Portuguesa, nomeadamente na sua dimensão mais comercial: códigos telegráficos, anuários comerciais, dicionários técnicos e “Livros fundamentaes para o commercio”, para além livros sobre a história de Portugal e “Estatisticas commerciaes e outras”. Emenda-se uma leitura. Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP684-a-686”).
- BNP/E3, 750 (antigos Avulsos 677-678). “GCP”. Um pedaço de papel manuscrito a tinta preta no rosto e no verso. Trata-se de um esboço de estrutura do Grémio de Cultura Portuguesa. É evidente a complexidade da organização, com secções dedicadas à informação e ao comércio, à vertente literária e investigativa, à componente editorial, entre outras, incluindo áreas como a cinematografia, o agenciamento, o serviço de informações, entre outros. Transcrito e fac-similado em PESSOA (2011a: 89-90).
- BNP/E3, 751 (não estava no conjunto de Avulsos). Meia folha de papel de quadrícula manuscrita a tinta preta no rosto. Trata-se de um conjunto de apontamentos sobre os graus da Maçonaria. (cf., neste artigo, Documento 60).
- BNP/E3, 752 (antigos Avulsos 953-955). Uma folha de papel manuscrita a lápis na face não timbrada, face em que se lê: Agencia Mineira Anglo-Portugueza | (Venda e exploração de minas) | Rua do Carmo, 35, 2.º. Contém um conjunto de frases latinas de Marcial, como esta, “Ole quid ad te?”, traduzida assim: “What is that to you?”. Cf. BNP/E3, 766.
- BNP/E3, 753 (antigos Avulsos 118-119). “Mystery of Life”. “X because [↑ When] Ex”. “X then [↑ because] Ex”. “Apex of Ex-ape”. Apontamentos curiosos, com outras variações, manuscritos a tinta preta no verso de um quarto do impresso de 1923, “Sobre um Manifesto de Estudantes”.
- BNP/E3, 754 (antigos Avulsos 786-787). “Pequenos folhetos”. Elenco de textos publicados na revista *Contemporânea*, manuscritos na face não impressa de “Sobre um Manifesto de Estudantes” (1923). Pessoa indica com grande precisão o número das páginas (“Trois Chansons Mortes”, n.º 7, Janeiro 1923; “Spell”, n.º 9, Março 1923; “Carta ao Author de Sachá”, n.º 8, Fevereiro 1923; “Lisbon Revisited (1923)”, n.º 8, Fevereiro 1923; “Natal”, n.º 6, Dezembro 1922; “Soneto já antigo”, n.º 6, Dezembro 1922; “Mar Portuguez”, n.º 4, Outubro 1922; “Carta de Alvaro de Campos”, n.º 4, Outubro 1922; “O Banqueiro Anarchista”, n.º 1, Maio 1922; “Antonio Botto e o Ideal Esthetico em Portugal”, n.º 3, Julho 1922; “O Menino da Sua Mãe”, 2ª série, n.º 1, Maio 1926; “Lisbon Revisited (1926)”, 2.ª

série, n.º 2, Outubro 1926). Publicado em URIBE e SEPÚLVEDA (2016: 180-181). Ver: <http://www.pessoadigital.pt/> (“CP786”).

BNP/E3, 755 (antigos Avulsos 31-32). Um pedaço de papel de envelope contendo, no rosto, versos do poema “Saudade”, do Só de António Nobre. Pessoa recorre, para a transcrição, à terceira edição do Só, editada pela Renascença Portuguesa em 1913. “Saudades... | Ouvil-as caindo da bocca d’um cego, | Dos olhos d’um mudo! | A. Nobre | Só – p. 58”.



BNP/E3, 756 (antigos Avulsos 700-701). Uma tira de papel de quadrícula manuscrita a tinta preta no rosto. Contém apontamentos numerados referentes a diversos projectos. Destacamos alguns: “Sub-Agency Pennsylvania” [...] “5. The English Company idea”, “6. The GCP idea & what can be made of it”, “8. A society for the propaganda of the province”.

BNP/E3, 757 (antigos Avulsos 214-215). Um pedaço de papel contendo no rosto uns versos manuscritos encimados pela indicação “Marinheiro | p. 31”. Transcrito e fac-similado em *Teatro Estático* (PESSOA, 2017: 258).

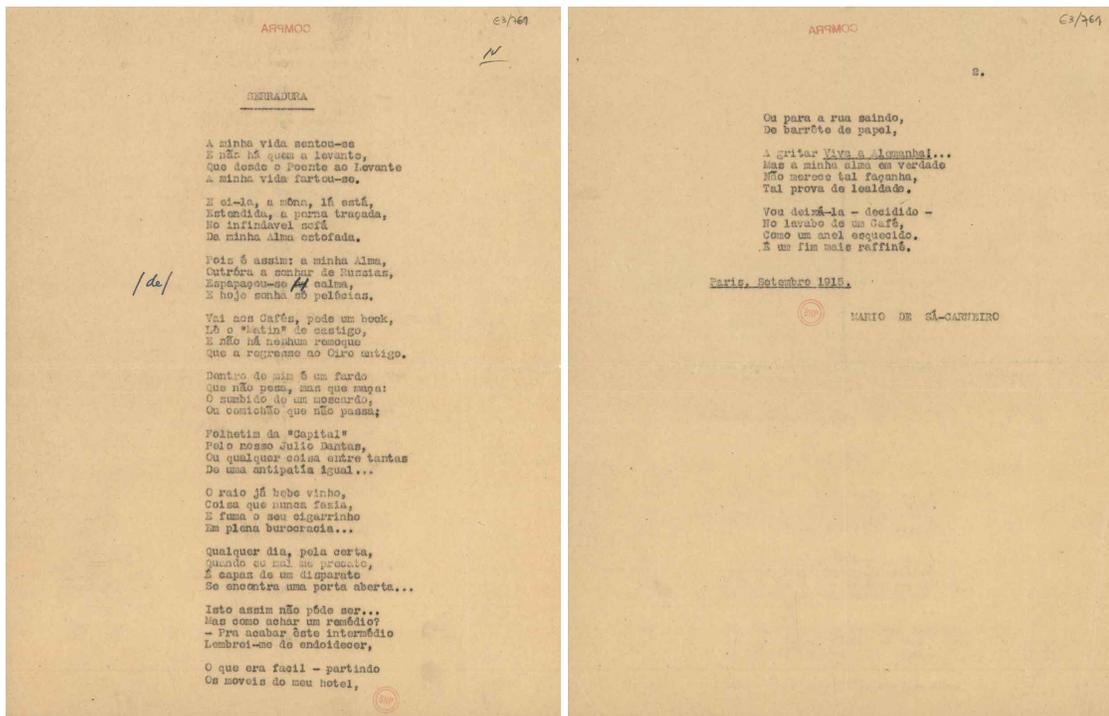
BNP/E3, 758 (antigos Avulsos 870-871). Um pedaço de papel manuscrito a tinta preta no rosto contendo umas aparentes provas tipográficas: “I – 15 – 9 ‘await’ (*space between 11 & 12*) | II – 20 – 17 (strike out initial ‘<And> [↑ The]’ | III – 10 – 8 (<ini> [↑ capital] initial) | II – 18 – 5 = *fully* should be *wholly* | III – 18 (write again)”.

BNP/E3, 759 (antigos Avulsos 41-42). Meia folha de papel da Empresa Íbis. Foi manuscrita a tinta preta na face não impressa. Contém uma tábua com as letras do alfabeto (de A a Z, de B a A, de C a B, etc.) e algumas indicações alfa-numéricas.

BNP/E3, 760 (antigos Avulsos 533-540). Quatro folha de papel dactilografadas a tinta preta no rosto e numeradas a partir da segunda. Trata-se de uma curiosa lista de frases de diversos autores (cf., neste artigo, Documento 61).

BNP/E3, 761 (não estava no conjunto de Avulsos). Testemunho dactilografado, com uma correção manuscrita, do poema “Serradura”, de Mário de Sá-Carneiro. Na edição da *Poesia Completa* (2017), Ricardo Vasconcelos esclarece: “São conhecidos dois testemunhos completos do poema ‘Serradura’. Em C (caderno E3/154), é numerado como ‘22.’. O testemunho P (E3/115<sup>6</sup>-70) é enviado a Fernando Pessoa numa *carte postale*, de 13,8 × 8,8 cm, manuscrita a tinta preta, datada de 6 de Setembro de 1915 e com um carimbo de Paris do mesmo dia (*vd.* o fac-símile, pp. 374-375). [...] A 18 de Setembro de 1915, logo após anunciar que não poderia financiar um terceiro número de *Orpheu*, Sá-Carneiro [...] acrescenta: ‘Agora

sôbre a “Serradura,,: | a) emendei a quadra que lhe desagrada, assim: | O raio já bebe vinho, | Coisa que nunca fazia, | E fuma o seu cigarrinho... | — Em plena burocracia!... | ou: | E fuma o seu cigarrinho | Em plena burocracia..’ [...] A poesia é publicada em *SW — Sudoeste* 3, 1935. O dactiloscrito de Pessoa preparando o poema para esta revista está hoje numa coleção particular. ‘Serradura’ integra as provas de *Orpheu* 3 (pp. 175-176). Carlos Ferreira guardou também uma cópia autógrafa deste poema, encontrada entre os haveres de Sá-Carneiro, aquando da morte do escritor (ver Anexo III-1)” (SÁ-CARNEIRO, 2017: 612). Este dactiloscrito não é o mesmo referido por Vasconcelos.

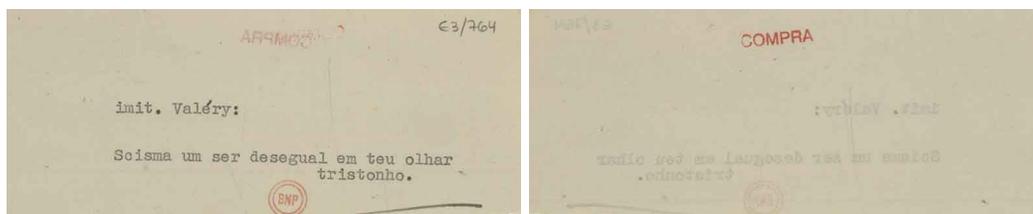


BNP/E3, 762 (antigos Avulsos 142-143). Uma folha de papel de máquina dactilografada a tinta roxa no rosto. Poderá ser uma cópia a químico. Contém versos do poema “Prose (pour des Esseintes)”, de Stéphane Mallarmé.

BNP/E3, 763 (antigos Avulsos 939-940). Uma folha de papel de papel manuscrita no rosto e no verso. Contém uma série de citações da autoria do Padre António Vieira. Interessam as indicações bibliográficas finais para localizar os livros consultados por Pessoa: “Epigrammas portuguezes de Miguel do Couto Guerreiro – Lisboa 1793”, com cota “L. 3470 P” da Biblioteca Nacional; e “Ant. Vieira – D. Sebastião – 79 – Gab. B. M.”, sendo que antes tinha citados os volumes das *Obras Inéditas* (1856), entre as quais, “Esperança de Portugal” e “Discurso em que se prova a vinda do senhor Rei D. Sebastião”. Este documento deve relacionar-se com BNP/E3, 125-56, já publicado em *Sobre Portugal* (PESSOA: 1978: 143): “Obras Ineditas do Padre Antonio Vieira. – Tomo I. – Lisboa, J. M. C. Seabra

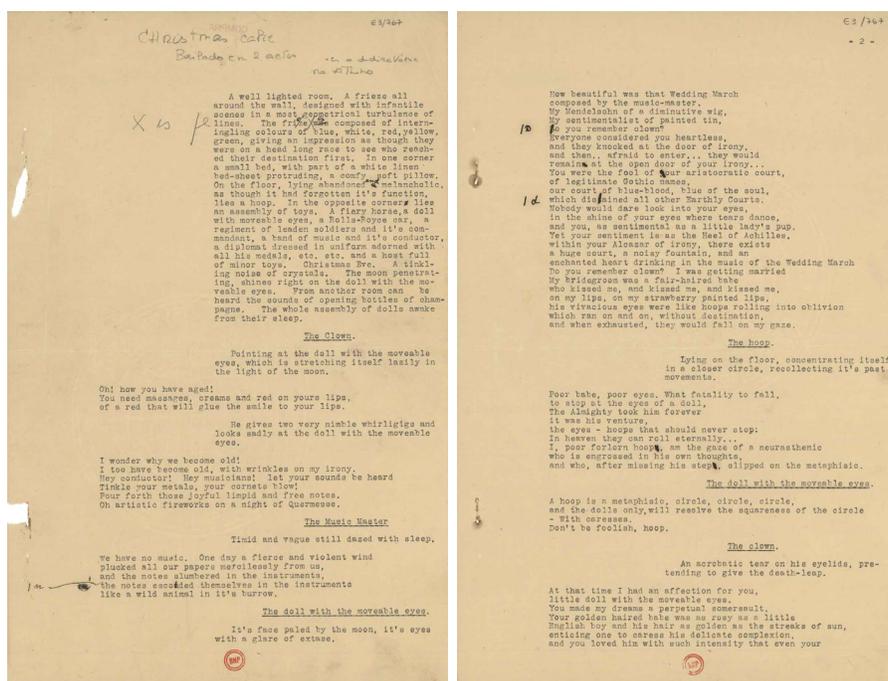
& T. Q. Antunes – 1856 | p.117, diz Solutivo: | Allá verrá de Lixbona | Una illustre persona, | Cuja fama já ressona | Por toda a parte e lado | En el mundo dará gram brado”.

BNP/E3, 764 (antigos Avulsos 921-922). Um troço de papel dactilografado a tinta preta no rosto, com esta indicação, “imit. Valéry:”, e este verso: “Scisma um ser desigual em teu olhar tristonho”. Documento inédito com referência notável a Paul Valéry.

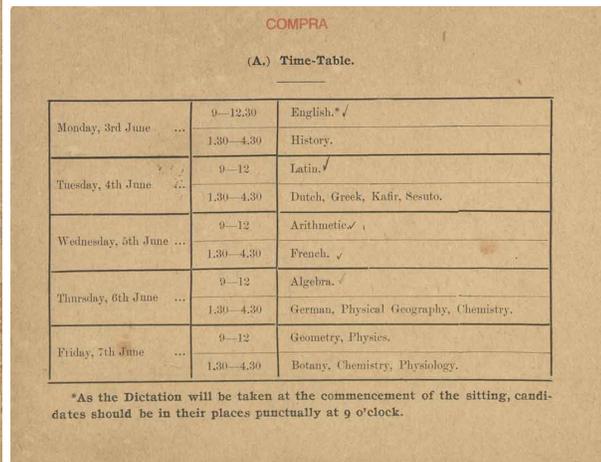
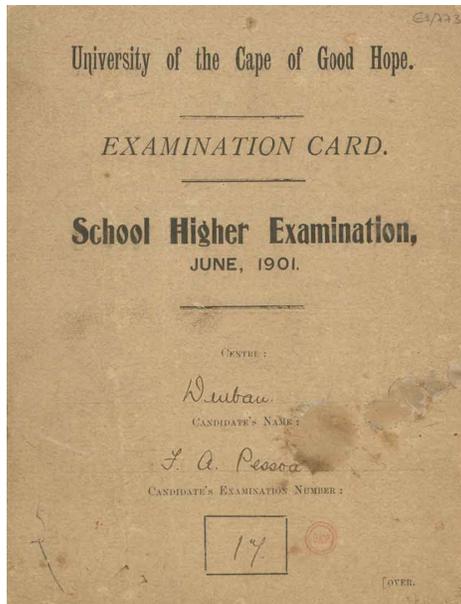


BNP/E3, 765 (antigos Avulsos 919-920). Meia folha de papel manuscrita a tinta preta. Contém um verso do *Chatterton*, de Alfred de Vigny, e algumas cifras riscadas. Esse verso, “En toi la rêverie continuelle a tué l’action”, também figura em BNP/E3, 8-5<sup>v</sup> (cf. PESSOA, 2010: II: 999), e deve ser a frase que Pessoa ia traduzir num trecho de 1914 do *Livro do Desassossego* (o que começa: “Viver a vida em sonho e falso é sempre viver a vida”).

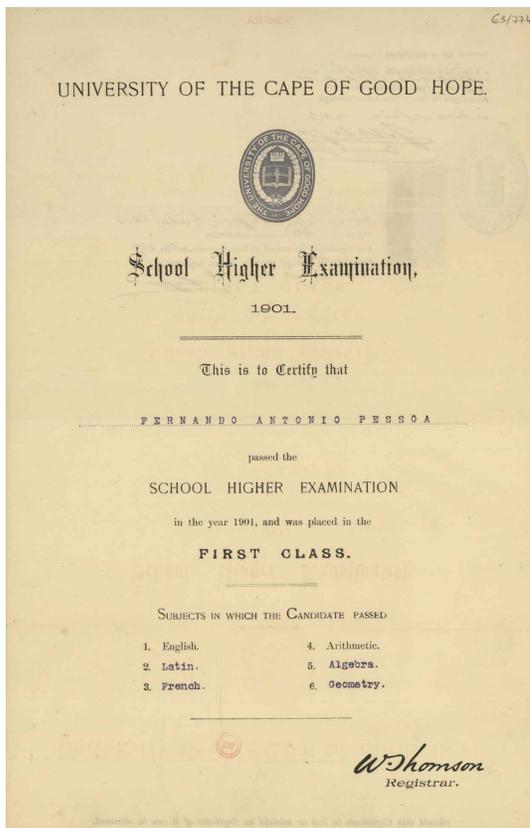
BNP/E3, 766 (antigos Avulsos 955-956). Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto. Contém alguns epigramas de Marcial e algumas passagens de elegias de Propércio. Citações em latim.







BNP/E3, 774 (não estava no conjunto de Avulsos). Impresso. “School Higher Examination”, 1901, dando conta de que Pessoa foi aprovado. No verso, encontram-se informações sobre um pagamento efectuado no Consulado do Cabo da Boa Esperança no dia 2 de Maio de 1906.



- BNP/E3, 775 (não estava no conjunto de Avulsos, mas neste conjunto encontrava-se outra cópia: Avulsos 567-573; estava em Cartas 2, docs. 371-379).). Procuração manuscrita de Fernando Pessoa, em nome do padraсто, João Miguel Rosa, e da mãe, Maria Magdalena Nogueira, datada de 12 de Setembro de 1919. Ocupa nove páginas manuscritas a tinta preta (cf., neste artigo, Documento 62).
- BNP/E3, 776 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, docs. 380-383). Certidão relacionada com o processo de apreensão de *Canções*, de António Botto, e de *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal. O documento está datado de 25 de Abril 1923 e acompanhado por um documento de Lúcio da Paixão Moreira, responsável pela Polícia Administrativa de Lisboa. Transcrito e fac-similado em BOTTO (2010: 147-150).
- BNP/E3, 777 (antigos Avulsos 911-912). “A Hora | Trechos selectos”. Um pedaço de papel com pautas contendo, manuscrita a tinta preta no rosto, uma menção ao jornal *A Hora* e indicações de uma obra de H. G. Wells conservada na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa (*Love and Mr. Levisham*, CFP 8-572; Pessoa assinala os capítulos XXIII e XXVIII e a página 68, na qual destacou uma passagem). O nome de Thomas Babington Macaulay, do qual se conservam dois livros na biblioteca particular (*Biographical, Critical, and Miscellaneous Essays, and Poetical Works*, CFP 8-327, e *Essays, Historical and Literary for the “Edinburgh Review”*, CFP 8-328), é também indicado.
- BNP/E3, 778 (não estava no conjunto de Avulsos). Três páginas, de quatro possíveis, manuscritas a lápis (cf., neste artigo, Documento 63).
- BNP/E3, 779 (antigos Avulsos 126-127). Um pedaço de papel manuscrito a tinta preta no rosto. Quatro versos avulsos em inglês.
- BNP/E3, 780 (antigos Avulsos 634-635). Uma folha de papel da Empresa Íbis manuscrita a lápis. No rosto encontram-se uma nota de leitura e uma menção a *Théorie du luxe : ou, Traité dans lequel on entreprend d’établir que le luxe est un ressort non-seulement utile, mais même indispensablement nécessaire à la prospérité des états* (1771), de Georges-Marie Butel-Dumont. No verso, uma indicação bibliográfica – do *Tratado da Educação Física dos Meninos, para Uso da Nação Portuguesa*, de Francisco de Melo Franco (1790) – e uns apontamentos sociopolítico breves sobre a “descohesão monarchica”, a “Revolução (Macaulay)” e a impossibilidade do Marquês de Pombal em certos momentos históricos. A nota de leitura referida remete para a página 64 do livro *Bacon Is Shakespeare* (1910), de Edwin Durning-Lawrence: “as any visitor to Westminster Abbey may learn, the attendants there being careful to point out that the sculptor has ‘accidentally’ clothed Jonson’s Bust in a left-handed coat”.
- BNP/E3, 781 (antigos Avulsos 37-38). Uma folha de papel da Empresa Íbis manuscrita a tinta preta. No rosto encontra-se uma lista de diferentes tipos de cifras (“Great Cypher”, “Geometric cypher”, “Easy cypher”, “Variable cypher” e “Dictionary

cypher”) e apontamentos de índole alfa-numérica. No verso, números riscados e exercícios caligráficos da palavra “Mnemosyne”. Cf. BNP/E3, 759.

BNP/E3, 782 (antigos Avulsos 31-32). Um pedaço de papel manuscrito a tinta preta no rosto, contendo dois versos destinados a “Universal Curse”, de Alexander Search, poema referido mas não incluído em *Poemas de Alexander Search* (PESSOA, 1997: 249, 295, 306, 513).

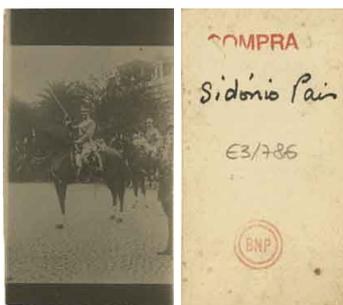
BNP/E3, 783 (antigos Avulsos 218-219). Uma folha de papel manuscrita a lápis. No rosto encontram-se várias frases latinas (por exemplo, uma “Velha inscrição latina nos relógios das igrejas”). No verso, três apontamentos: “\*Pintores: speak to Corrêa [de Oliveira] [↓ or Souza] about it”, “Advt” [Advertisement], “Pay rent”.

BNP/E3, 784 (não estava no conjunto de Avulsos). Uma folha de papel rasgada com um desenho e alguns termos em latim escritos a lápis. No desenho figura o padraço de Fernando Pessoa ou o seu irmão, Henrique Rosa? Serão o padraço e a mãe de Pessoa?



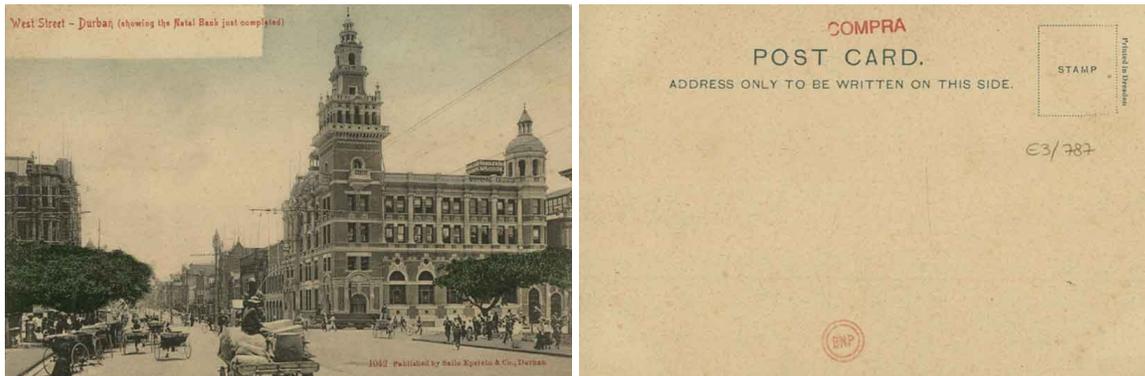
BNP/E3, 785 (não foi digitalizado em 2008). Aparente matriz ou fotocópia de um cartão de visita conhecido de Alexander Search.

BNP/ E3 786 (também estava em posse dos sobrinhos-herdeiros de Pessoa, no conjunto Cartas 2, docs. 430-431). Fotografia de Sidónio Pais, com o nome escrito no verso (a letra não é de Pessoa).

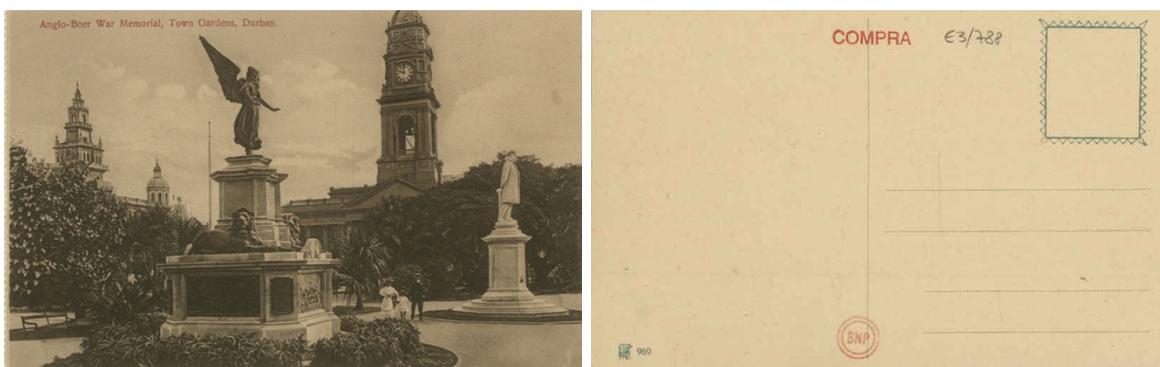


BNP/E3, 787 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal. “Wall Street – Durban (showing the Natal Bank just completed) | 1042 Published by Sallo Epstein &

Co., Durban". Fac-símile em NOGUEIRA, com a nota "Postal mostrando a rua onde viveram e onde a sua irmã Henriqueta (Teca) nasceu" (2005: 36).



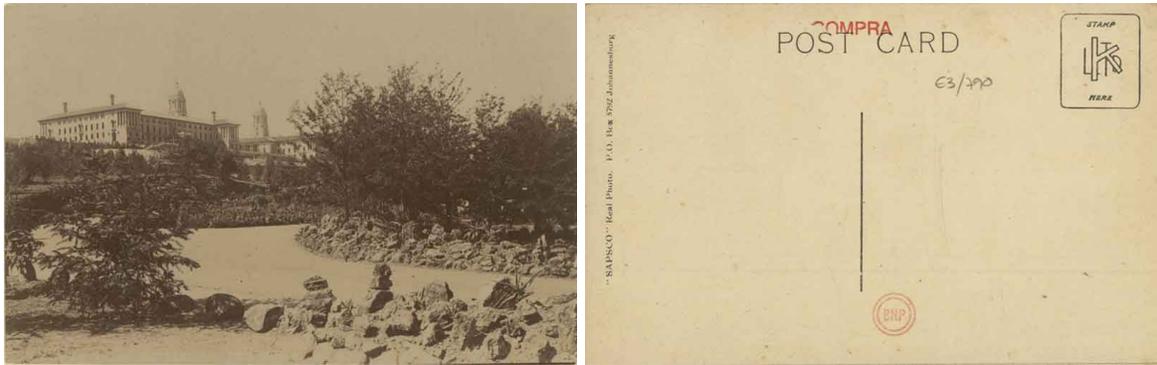
BNP/E3, 788 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal. "Anglo-Boer War Memorial, Town Gardens, Durban".



BNP/E3, 789 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal. "Church Square, Pretoria (Looking East)".



BNP/E3, 790 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal. Identificado no verso: "SAPOSCO. Real Photo. P.O. Box 5792 Johannesburg".



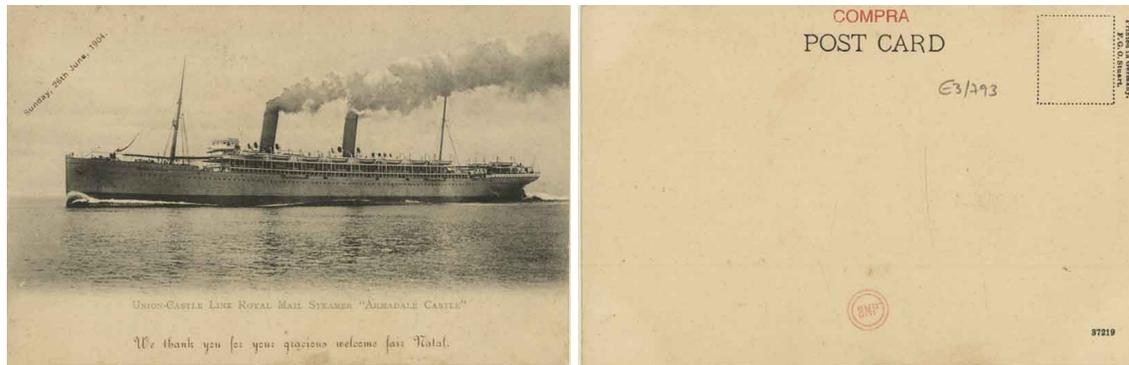
BNP/E3, 791 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal. "Sincere Good Wishes".



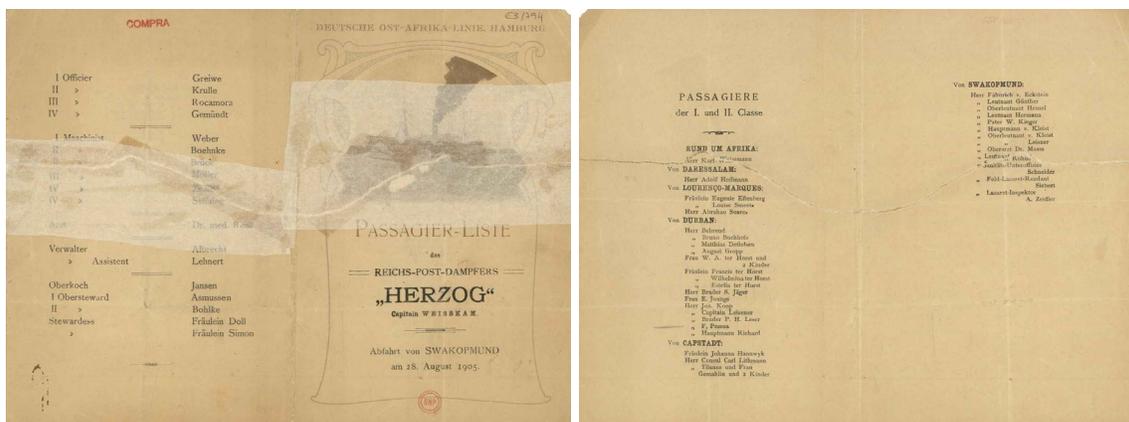
BNP/E3, 792 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal. "S.S. 'Herzog'". Em 1905, Fernando Pessoa regressou a Lisboa a bordo deste navio alemão.



BNP/E3, 793 (não estava no conjunto de Avulsos). Postal. "Union-Castle Line Royal Mail Steamer 'Armada Castle'". E ainda: "Sunday, 26th. June, 1904" e "We thank you for your gracious welcome fair Natal".



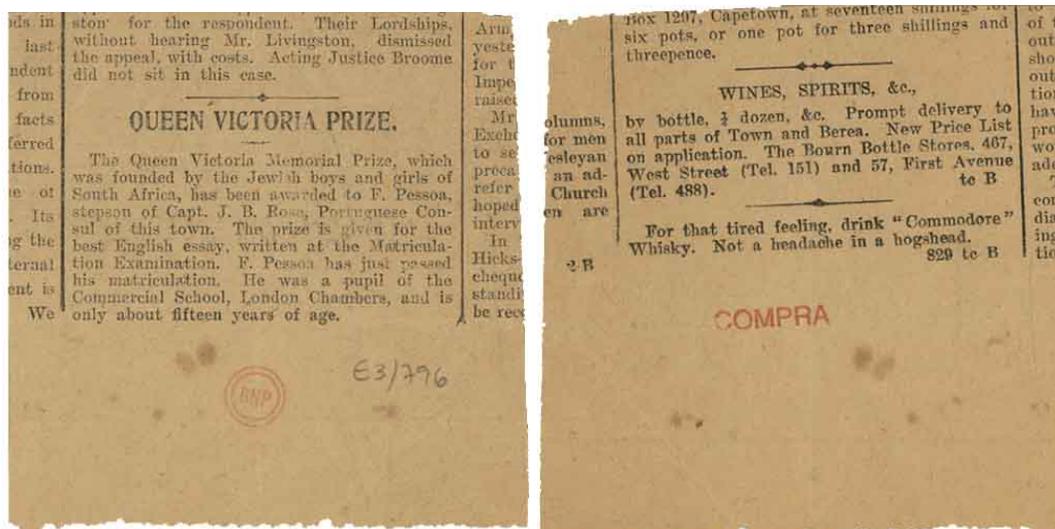
BNP/E3, 794 (não estava no conjunto de Avulsos). "Passagier-Liste des Reichs-Post-Dampfers 'HERZOG', Capitain Weisskam, 28 August, 1906".



BNP/E3, 795 (não estava no conjunto de Avulsos). Páginas 127 e 128 (impresas) da *Contemporânea*, contendo "Uma canção de Antonio Botto", poema publicado no terceiro número da revista, o mesmo em que Pessoa publicou "António Botto e o Ideal Esthetico em Portugal". Provavelmente terá pertencido ao mesmo número em que se encontrava o documento BNP/E3, 618.

BNP/E3, 796 (não estava no conjunto de Avulsos). Recorte de jornal em que se encontra uma breve nota sobre o "Queen Victoria Prize" ganho por Pessoa. Reprodução fac-similada em NOGUEIRA (2005: 50).

BNP/E3, 797 (antigos Avulsos 914-915). Recorte de jornal de um poema, com a nota manuscrita "La Voz del Obrero (Coruña). N.º (13), de 1 de Outº de 1910". Trata-se do poema "Va de cuento", de Luis Taboada (1848-1906), que começa: "Con propósitos severos".



BNP/E3, 798 (não estava no conjunto de Avulsos). Recorte de jornal com uma breve nota sobre “A Vingança do Faraó”. Esta notícia, publicada no jornal *O Século*, é datável provavelmente de um período entre 1926 e 1932. Relaciona-se com o enorme fenómeno mediático derivado da descoberta do túmulo pretensamente inviolado de Tutankhamon, a 4 de Novembro de 1922, por Howard Carter. Entre 1922 e 1939, ano da morte de Carter, a imprensa portuguesa dedicou massivo interesse ao assunto, em especial tendo em conta a famigerada “maldição do Faraó”, à qual se encontram associadas mais de duas dezenas de mortes. Embora não se consigam identificar todos os nomes elencados na notícia, até devido a algumas gralhas e imprecisões, a breve notícia dá conta das mortes de George Herbert, 5.º conde de Carnarvon (1866-1923), financiador da expedição de Carter, George Jay Gould (1864-1923), um financeiro americano que visitou a tumba do faraó, Woolf Joel (1892-1923), um industrial inglês também visitante, Sir Archibald Douglas-Reid (1871-1924), o radiologista que trabalhou com a expedição, e Georges Bénédite (1857-1926), egiptólogo e Director do Département des Antiquités Égyptiennes do Louvre entre 1908 e 1926. O artigo tem de ser posterior à morte de Bénédite, portanto. No verso do recorte, pode ler-se uma notícia sobre Ribeiro de Carvalho (1880-1942), antigo deputado do Partido Liberal entre 1911 e 1925 e jornalista ligado ao periódico *República*; Carvalho participou na revolta de Fevereiro de 1927, sendo preso e deportado para a Madeira onde também participou na revolta falhada de 1931. É provável que o facto de se encontrar em Madrid o aproxime do Grupo dos Budas ou Grupo de Madrid, implicado nessa revolta de 1931. Em 1932, Carvalho publicou o livro *O que Era a Rússia Antes dos Bolcheviques*, provavelmente o resultado do inquérito mencionado no jornal.

- BNP/E3, 799 (não estava no conjunto de Avulsos). Recorte de “Jornal de Moçambique”, em que se encontra uma breve nota sobre a morte do padraсто de Fernando Pessoa, João Miguel Rosa.
- BNP/E3, 800 (não estava no conjunto de Avulsos). *Press cutting* com uma nota sobre os *English Poems*, de Fernando Pessoa, colado numa folha de papel em que se encontra dactilografada a indicação do jornal (*The Aberdeen Daily Journal*) e a datação manuscrita a tinta preta “19<sup>th</sup> Jan. 1922”, com a indicação a lápis “17.1.1922”. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 99).
- BNP/E3, 801 (não estava no conjunto de Avulsos). Recorte de jornal. Contém uma portaria do governo regulando e esclarecendo certos aspectos da execução da lei das associações secretas, relativos à declaração obrigatória de não pertença a associações secretas. Saiu certamente num jornal da manhã de Lisboa, mas não tem data. Trata-se de um elemento mais no âmbito da polémica entre Pessoa e o Estado Novo. O artigo “Associações Secretas” foi publicado no *Diário de Lisboa*, a 4 de Fevereiro de 1935. Em 2011, José Barreto editou *Associações Secretas*.
- BNP/E3, 802 Anúncio de um espectáculo teatral: “THEATRO DO GYMNASIO | HOJE, HOJE | O REI DOS GATUNOS, | (Arsenio Lupin), Peça Policial de | Grande Sucesso”. Fac-símile em FRANÇA (1987: [256]) e em NOGUEIRA (2005: 71). Trata-se de uma publicidade à peça de teatro *O Rei dos Gatunos*, adaptada do original de Francis Croisset e Maurice Leblanc (1908), por Portugal da Silva, que fez um enorme sucesso em Portugal no início de 1912, com ampla repercussão na imprensa (RODRIGUES, 2018: 46-47). Promovida por um dos mais importantes espaços da história do teatro em Portugal, o Theatro do Gymnasio (1845-1952), a peça contou com um elenco composto por António Cardoso, Telmo Larcher, Maria Augusta, Machado, Laura Hirsh e Albertina.



- BNP/E3, 803 (não estava no conjunto de Avulsos). Pequeno recorte de papel. Contém, no rosto, a assinatura de Armando Côrtes-Rodrigues. No verso, a palavra “ATICA”, escrita por alguém diferente a Pessoa.
- BNP/E3, 804 e 805 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 428-429). Folhas de papel manuscritas a lápis (dois diferentes) no rosto. Contém listas com contas de compras datadas de 1-10-35 (ou 1-10-38) e 28-9-35, respectivamente. A letra não é de Pessoa. A segunda encontra-se associada ao “16- / D<sup>to</sup>”, isto é, ao número da porta de Pessoa na Rua Coelho da Rocha.
- BNP/E3, 806 (não estava no conjunto de Avulsos). Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta azul no rosto e no verso. Texto “escrito por Henriqueta Madalena Nogueira Rosa C. Dias” (ou “Teca”), irmã de Pessoa, contendo um testemunho incompleto sobre os tempos na Rua Coelho da Rocha.

[...] na Rua Coelho da Rocha onde vivíamos. A mãe[,] o Fernando e eu. Ele passava as noites em claro muitas vezes—no dia seguinte dizia— não dormi esta noite, parece-me que tive febre— querem ver o que escrevi e nessa altura recitava o que tinha escrito na noite anterior. Ficávamos emocionados com o que ouvíamos— achávamos tudo muito belo e muitas vezes perguntávamos se esses poemas não eram publicados. Ele respondia que talvez fossem publicados em Revistas mas isso seria conforme a aceitação dos directores das revistas. Ele era amigo do Gaspar Simões e ha muita correspondencia entre os dois. O Gaspar Simões foi director da Revista “Presença” e trocavam muita correspondencia.

O Fernando saía todos dias entre as 9<sup>h</sup> e 10<sup>h</sup> — ia para os escritórios onde fazia correspondencia estrangeira— era raro o dia que não <vinha> [↑ viesse] almoçar a casa — jantava connosco todos os dias e raramente saía à noite — estava muito tempo metido no quarto, calcúlo a escrever ou a ler o jornal que comprava sempre. Ele escrevia muito — até nas margens dos jornais quando tinha uma inspiração o primeiro papel que apanhava à mão servia-lhe para apontar o seu pensamento.

O Fernando era tímido e reservado era uma pessoa extremamente delicado [sic] mas delicado com todas as pessoas — não importava a condição — Ha uma empregada que foi do senhorio do Fernando na Rua Coelho da Rocha que ainda hoje se lembra dele e diz que quando voltava das compras e encontrava o Fernando à entrada do prédio onde vivíamos ele deixava que ela passasse primeiro, muito delicadamente abria-lhe a porta para ela entrar —era uma pessoa muito delicada — ela ainda hoje se lembra dele.

- BNP/E3, 807 (antigos Avulsos 366-380). Quatorze folhas de papel manuscritas no rosto, a tinta preta, com emendas posteriores. Original de “Por esse crepusculo a morte de um fauno...”, de Augusto Ferreira Gomes. Inclui a dedicatória “Ao Pintor luzitano Antonio Soares” e a datação “Outubro 1916, Herdade da Irinha, Odemira”. Ferreira Gomes terá confiado a Pessoa este documento aquando da hipotética participação em *Orpheu* 3. Ver: VLACHOU (2015).
- BNP/E3, 808 (antigos Avulsos 347, 346, 348, 349, 350). Cinco folhas de papel de máquina dactilografadas a tinta roxa e vermelha. Contém parte da tradução pessoana de *A Invenção do Dia Claro*, de José de Almada Negreiros. Cf. BNP/E3, 619, 625, 648 e 768. Veja-se o artigo de PIZARRO e FERREIRA (2009).

- BNP/E3, 809 (não estavam no conjunto de Avulsos). “Desejos!”. Quatro páginas com pautas manuscritas a tinta. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de “Lisboa, 26 de Agosto de 1894” (cf., neste artigo, Documento 64).
- BNP/E3, 810 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 212-213). “Só”. Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de “Lisboa, 27 de Agosto de 1894”. Publicado em FRANÇA (1987: 25-26) e reproduzido em fac-símile em NOGUEIRA (2005: 31).
- BNP/E3, 811 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 14-15). “A ti!”. Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de “4 de setembro 1894”. Fac-símile em NOGUEIRA (2005: 32).
- BNP/E3, 812 (não estavam no conjunto de Avulsos). “Desalento”. Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de “4 de setembro 1894”.
- BNP/E3, 813 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 210-211). “É o cofre delicado”. Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de “9 de setembro 1894”.
- BNP/E3, 814 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 216-217). “Se tu castigas o crime”. Uma folha de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de Lisboa, “7/1/95”.
- BNP/E3, 815 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 218-219). “O teu cigarro”. Um bifólio de papel com pautas manuscrito a tinta preta. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de Lisboa, “24/1/95”.
- BNP/E3, 816 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 204-210). “10 de Maio | ao meu João”. Uma tira de papel de quadrícula manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de Lisboa, “10-5-95”.
- BNP/E3, 817 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 220-221). “Jamais te verei marido adiado”. Uma folha de papel, com moldura preta, manuscrita a tinta preta no rosto. Poema de Maria Magdalena Nogueira, datado de “Nov – 6 – 1919”. No verso existe uma nota: “Escrito pela Mãe do Fernando depois da morte do marido João Rosa padrao do Fernando” (cf., neste artigo, Documento 65).
- BNP/E3, 818 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 206-207). “O seu retrato | Ao meu João”. Um bifólio de papel com pautas manuscrito a tinta preta. Poema de Maria Magdalena Nogueira. Não datado.
- BNP/E3, 819 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 208-209). “Saudade! | Ao meu adorado João”. Um bifólio de papel com pautas manuscrito a tinta preta. Poema de Maria Magdalena Nogueira. Não datado.
- BNP/E3, 820 (antigos Avulsos 316-323) “Ladies and Gentlemen:”. Quatro folhas de papel de máquina dactilografadas a tinta roxa no rosto, numeradas a partir da segunda. Este documento, posterior a 1924, parece ser a tradução de um discurso ou conferência dedicado ao poeta português António de Castro Feijó (1859-1917), que a partir de 1895 exerceu funções diplomáticas na Suécia, na Noruega

e na Dinamarca, com especial relevo para o primeiro desses países nórdicos, no qual decorreu o encontro relatado pelo autor não identificado deste texto, em 1912. Otto Salomon (1849-1907) foi um educador sueco muito prestigiado em termos internacionais: fundou, com o tio August Abrahamson, um conjunto de escolas vocacionais para rapazes (1872), raparigas (1874) e professores (1875) e desenvolveu o sistema de ensino Sloyd. Patrick Lafcadio Hearn (1850-1904) foi um escritor greco-nipónico, autor de uma série de obras de divulgação da cultura japonesa, duas das quais traduzidas para o francês por Madame Léon Raynal, *Le Japon inconnu* (1904) e *Kokoro, au coeur de la vie japonaise* (1906). O prefácio da primeira tradução é referido em BNP/E3, 820 (cf. em linha <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k204158j/f6.item>). Lucien Dubech (1881-1940) foi um escritor, crítico literário e jornalista francês, com alguns textos dedicados aos Jogos Olímpicos, incluindo o mencionado neste escrito, “L’impérialisme dans l’arène. À propos des Jeux olympiques (suite)”, *Revue Hebdomadaire*, Setembro 1924 (<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65450462/f302.item>). Paul Charles Dubois (1848-1918) foi um neurologista e psicoterapeuta suíço, pioneiro na sua actividade de pesquisa. As suas obras mais conhecidas são *De l’influence de l’esprit sur le corps* (1901) e *Les psychonévroses et leur traitement moral* (1904). As teses principais defendidas nestes livros, sobretudo no primeiro, são a base da conferência referida no documento, “Raison et Sentiment”, decorrida na Universidade de Berna no dia 3 de Março de 1910 e publicada no mesmo ano (<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hc2v5b&view=1up&seq=7&skin=2021>; tradução inglesa, de 1911). Transcreve-se uma parte dos dois primeiros parágrafos: “The modest model exhibited here to-day are the fruit of the work which my young companions found time to do in the few moments they could spare from their arduous school curriculum in the course of two years. Those exhibits are a visible memory of pleasant moments. [...] | When, in September 1912, I spoke for the first time, at a hotel dinner-table in Christiania, with our distinguished poet Antonio Feijó, who for seventeen years had been Portuguese Minister in the Scandinavian countries, I was brimming over with enthusiasm at having attended the Naas School, rightly considered the foremost pedagogical established in the whole world. Our talk naturally fell upon the educational tendencies which Otto Solomon defended for so many years, in a movement which spread out from there to every civilized school in the world”.

BNP/E3, 821 (estava no conjunto Cartas 2, docs. 428-429). Um pedaço de papel com pautas manuscrito a tinta preta no rosto e no verso. Tem contas referentes a *Orpheu* n.º 2. Não é a letra de Pessoa.

BNP/E3, 822 (não estavam no conjunto de Avulsos). “Quem sou? | Ao meu fidalgo amigo Fernando Pessoa | Nasci de um brio ardente e criminoso”. Uma folha de papel de papel com pautas manuscrita a tinta preta no rosto e no verso. Poema não datado, de autor não identificado. No verso, depois do poema, pode ler-se:

“Procure José da Conceição Coêlho, gerente da casa bancária Pinto Leite e fale-lhe do que eu lá deixei”. Uma das mais antigas casas bancárias portuguesas, a Joaquim Pinto Leite & Filhos, remonta a 1830; foi fundada por Joaquim Pinto Leite. Ao negócio em nome individual, associou-se o filho, Adelino Pinto Leite. A sociedade manteve a sua sede na cidade do Porto, na Rua dos Clérigos, acabando, contudo, por abrir uma sede em Lisboa em 1923, sede que entrou em liquidação a 20 de Fevereiro de 1931, para ser reconvertida, em 1934, na Joaquim Pinto Leite & Filhos (<https://www.bportugal.pt/arquivo/details?id=18242>).

BNP/E3, 823 (cf. antigos Avulsos 612-613 [fotocopia]). “Fernando Pessoa”. Duas folhas de papel dactilografadas a tinta preta no rosto, com numeração na segunda. Trata-se da célebre nota biográfica de Pessoa, datável de 30 de Março de 1935 (cf. BARRETO, 2017a). José Barreto, em comunicação pessoal, indicou: “Até agora eu só conhecia a cópia fotográfica do Távora (única assinada, com separação manuscrita em ‘eabsolutamente’ e com a palavra ‘martyr’ corrigida à mão) e a cópia de Avulsos 612-613, não assinada nem corrigida, com furos de furador na margem esquerda, mas que me parece a matriz, porque é o dactiloscrito mais limpo e nítido. Este testemunho com nova cota BNP/E3, 823 é outra cópia a químico do dactiloscrito original”.

BNP/E3, 824 (não estavam no conjunto de Avulsos). Cópia do anúncio de Fernando Pessoa, “O automovel ia desaparecendo”. Pode ler-se o seguinte apontamento de Henriqueta: “Este anuncio foi feito pelo Fernando | Teca”. Parcialmente reproduzido em NOGUEIRA (2005: 102).

BNP/E3, 825 e 826 (não estavam no conjunto de Avulsos). Duas cópias do Registo de Óbito de Fernando Pessoa.

BNP/E3, 827 (não estavam no conjunto de Avulsos). Recibo de Maria Augusta Marcello, dando conta de ter recebido a quantia de três mil cento e noventa reis da parte de João Miguel Rosa, no dia 26 de Junho de 1902.

BNP E3/828 (não estavam no conjunto de Avulsos). Fotocopia de uma folha de guarda de um livro da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa: *The Revised Latin Primer* (1898; <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-295>). Talvez ineresse apenas pela identificação de “N.I.C”, que, segundo Manuela Nogueira, seria “Nicholas, julgo que era um professor”. FRANÇA (1987: [87]) reproduz a página do livro em fac-símile, em *Fernando Pessoa na Intimidade*, com esta legenda “Bonecos e assinaturas de Fernando Pessoa incluídos no livro de estudo *The Revised Latin Primer*, Durban High School”.

BNP/E3, 829 (não estavam no conjunto de Avulsos). “As letras do Alfabeto”. Cópia manuscrita (da Henriqueta) do poema de Mayer Garção (1872-1930) e da tradução para inglês de Fernando Pessoa. Uma nota manuscrita (de Henriqueta) indica que o poema foi publicado no *Diário Popular* em Maio de 1956, tendo sido antes publicado: “ha 13 anos, não sei aonde” (cf., neste artigo, Documento 66).

## Bibliografia

- ALCÂNTARA, Ana Ramos (2019). *Espaços da Lisboa Operária: trabalho, habitação, associativismo e intervenção operária na cidade na última década do século XIX*. Tese de doutoramento em História Contemporânea à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- ANAHORY, Israel (1951). *Gualdino Gomes*. Lisboa: Seara Nova.
- BARBOSA LÓPEZ, Nicolás (2016). "The Student of Salamanca: an English translation". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10 (special issue: *Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa*; guest editor, Patricio Ferrari), Outono, pp. 318-551. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z07P8WKJ>
- BARRETO, José (2017a). "A chamada 'nota autobiográfica' de Fernando Pessoa de 30 de Março de 1935". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12 (special issue: *New Insights into Portuguese Modernisms from the Fernando Távora Collection*; guest editor, Ricardo Vasconcelos), Outono, pp. 502-520. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0RV0KXN>
- \_\_\_\_\_ (2017b). "A última paixão de Fernando Pessoa". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12 (special issue: *New Insights into Portuguese Modernisms from the Fernando Távora Collection*; guest editor, Ricardo Vasconcelos), Outono, pp. 596-641. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0QJ7FJ9>
- \_\_\_\_\_ (2016). "Os destinatários dos panfletos pessoanos de 1923". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10 (special issue: *Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa*; guest editor, Patricio Ferrari), Outono, pp. 628-703. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z04X5600>
- \_\_\_\_\_ (2013). "Mar Salgado: Fernando Pessoa perante uma acusação de plágio". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 46-55. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0DB80BR>
- \_\_\_\_\_ (2012a). "A publicação de 'O Interregno' no contexto político de 1927-1928". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 2, Outono, pp. 174-207. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0BC3X1Q>
- \_\_\_\_\_ (2012b). "Mussolini é um louco: uma entrevista desconhecida de Fernando Pessoa com um antifascista italiano". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Primavera, pp. 225-252. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0ZW1J4H>
- \_\_\_\_\_ (2012c). "O mago e o louco: Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Primavera, pp. 70-138. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0FX77NG>
- BIDDLE-PERRY, Geraldine (2014). "The Rise of 'The World's Largest Sport and Athletic Outfitter': A Study of Gamage's of Holborn, 1878–1913". *Sport in History*, vol. 34, n.º 2, pp. 295-317. DOI: 10.1080/17460263.2014.924667
- BOTTO, António (2010). *Canções*. Tradução de Fernando Pessoa. Edição de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa: Guimarães.
- BRANDÃO, Raúl (1988). *Memórias*. Edição de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Relógio d'Água.
- CAETANO, Maria João (2008). "Estado português tem 8 dias para dizer o que quer comprar". *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 47, 13 de Novembro.
- CAIZERGUES, Pierre (2018). "Apollinaire et l'avant-garde catalane (1912-1918)". *Apollinaire & Cie : Anthologie critique* [em linha]. Montpellier: Presses universitaires de la Méditerranée. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.pulm.16635>
- CASTRO, Ivo (2021). "Recordação de minha Mestra Galhoz", Congresso Internacional Fernando Pessoa. [https://www.casafernandopessoa.pt/application/files/3716/4988/2886/Actas\\_Congresso\\_2021.pdf](https://www.casafernandopessoa.pt/application/files/3716/4988/2886/Actas_Congresso_2021.pdf)
- CEBOLA, Luís (1957). *Memórias de Este e do Outro Mundo*. Lisboa: [s. l.].

- CHRISTIE, Agatha (2013). *The Grand Tour: Around the World with the Queen of Mystery*. New York: Harper.
- CIPRIANO, Rita (2021). “Biblioteca Nacional de Portugal adquire espólio de Fernando Pessoa que estava com a família por 80 mil euros”. *Observador*, Lisboa, 18 de Junho.  
<https://observador.pt/2021/06/18/biblioteca-nacional-de-portugal-adquire-espolio-de>
- CORTESÃO, Jaime (1960). “Prefácio a modo de memórias”. *O Infante de Sagres*. Porto: Marânus, pp. 11-23, 4.ª edição. <http://ric.slhi.pt/docs/Extras/0000000016.pdf>
- CURL, James Stevens; WILSON, Susan (2016). *The Oxford Dictionary of Architecture* Oxford: Oxford University Press. 3<sup>rd</sup> revised edition.
- DIÁRIO DA REPÚBLICA (2009). “Decreto n.º 21/2009”. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 178, 14 de Setembro, pp. 6312-6131.  
<https://dre.tretas.org/dre/260392/decreto-21-2009-de-14-de-setembro>
- \_\_\_\_\_. (2008). “Anúncio n.º 6352/2008”. *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 206, 23 de Outubro, p. 43155.  
<https://dre.tretas.org/dre/1713393/anuncio-6352-2008-de-23-de-outubrofernando-pessoa-que-estava-com-a-familia-por-80-mil-euros/>
- DIONÍSIO, João (2021). “Pessoa, editor da poesia de Pessanha”. *Metamorfoses – Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros*, vol. 1, n.º 18, pp. 157-177. Edição Especial Fernando Pessoa, organizada por Jerónimo Pizarro, Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier e Raquel Madalêno Souza. <https://revistas.ufrj.br/index.php/metamorfoses>
- FERREIRA, António Mega (2005). *Fazer Pela Vida: Um Retrato de Fernando Pessoa, o Empreendedor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- FERRO, António (1950). *Verde-Gaio, Bailados Portugueses: 1940-1950*. Lisboa: [s. l.].
- FIGUEIREDO, Leonor (2008). “Pessoa: espólio é património desde o passado dia 14”. *Diário de Notícias*, 19 de Outubro. <https://www.dn.pt/arquivo/2008/pessoa-espolio-e-patrimonio-desde-o-passado-dia-14-1133151.html>
- FILHO, Homem Cristo (1916). “Às armas, soldados do bom senso!”. *A Ideia Nacional*, Lisboa, ano II, n.º 22, 27 de Abril, p. 2.
- FILIPE, Teresa (2019). “Ainda 'A Tormenta': adenda a Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 15, Primavera, pp. 80-136. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/m854-ps31>
- \_\_\_\_\_. (2018). “Pessoa, tradutor sucessivo de Shakespeare”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 14 (special issue: *A New Act in Pessoa's Drama*; guest editor, Centro de Estudos de Teatro), Outono, pp. 120-283. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/xvx9-pt32>
- FINDEL, J. G. (1866). *History of Freemasonry: From Its Rise Down to the Present Day*. With a preface by C. van Dalen. London: Ascher & Co.
- FRANÇA, Isabel Murteira (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Lisboa: Dom Quixote.
- FRANCO, António Cândido (2008). “Vila-Moura, Visconde de”. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, pp. 896-897.
- GONÇALVES, Maria Alice Oliveira Lusitano; GONÇALVES, António Augusto (1972). *Singular Vida de Homem Cristo Filho*. Aveiro: M. Gonçalves.
- GONÇALVES, Zetho Cunha (2014) (org.). *Notícia do Maior Escândalo Erótico-Social do Século XX em Portugal*. Lisboa: Letra Livre.
- GRUSS, Luis (2008). “El legado de Pessoa”. *La Nación*, 16 de Agosto.  
<https://www.lanacion.com.ar/cultura/el-legado-de-pessoa-nid1039058/>
- GUERREIRO, António (2008a). “Espólio em expansão”. *Actual* [Suplemento do Jornal *Expresso*], pp. 5-7, 15 de Março.
- \_\_\_\_\_. (2008b). “Estado paga a dobrar por espólio de Pessoa”. *Expresso*, 22 de Novembro.
- GUIMARÃES, Fernando (2004). *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 3.ª ed., rev.

- HARRIS, Cyril M. (1977). *Historic Architecture Sourcebook*. New York: McGraw-Hill.
- HOURCADE, Pierre (2016). *A Mais Incerta das Certezas: Itinerário Poético de Fernando Pessoa*. Edição e Tradução de Fernando Carmino Marques. Lisboa: Tinta-da-china.
- JACKSON, K. David (2020). "Alexander Search's immersion in English and American poets". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 18 (special issue: *Originality and Cosmopolitanism*; guest editor, Corinne Fournier Kiss), Outono, pp. 10-26. Brown Digital Repository, Brown University Library. Disponível em: <https://doi.org/10.26300/wyee-6354>
- \_\_\_\_\_. (2016). "'The Mad Fiddler': Unpublished documents". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10 (special issue: *Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa*; guest editor, Patricio Ferrari), Outono, pp. 302-317. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0416V7D>
- JENNINGS, H. D. (1984). *Os Dois Exílios: Fernando Pessoa na África do Sul*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida; Centro de Estudos Pessoaanos.
- LAGRANGE, Pierre (2008). "Les controverses sur l'Atlantide (1925-1940). L'archéologie entre vraie et fausse science", em: *Imaginaires archéologiques*, Claudie Voisenat (dir.). Paris : Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, pp. 209-235.
- LEAL, Raul (1959). "As tendências orfaicas e o saudosismo". *Tempo Presente*, n.º 5, Setembro, pp. 17-24.
- LEITÃO, José Vieira (2020). "Anselmo Castelo Branco: o Alquimista de Soure". *Anais Leirienses – estudos & documentos*, n.º 7 ["Congresso de História e Património da Alta Estremadura e Terras de Sicó"; Saúl Gomes, Coordenador Científico do Congresso]. Leiria: Hora de Ler, pp. 235-250.
- LEMONS, Mário Matos e (2020). "1931 – A imprensa dos revoltosos – Madeira, Açores e Guiné". *Para uma história do jornalismo em Portugal*. Carla Baptista e Jorge Pedro Sousa (orgs.). Lisboa: Livros ICNOVA, pp. 137-160. <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/en/ebook-para-uma-historia-do-jornalismo-em-portugal/>
- LOPES, Óscar (1987). *Entre Fialho e Nemésio: estudos de literatura portuguesa contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2 vols.
- LOPES, Teresa (1990). *Pessoa por Conhecer*. Lisboa: Estampa. 2 vols.
- LUCAS, Isabel (2008). "Espólio de Pessoa vai a leilão a 13 de Novembro", *Diário de Notícias*, 18 de Setembro.
- MACKEY, Albert G. (2016). *Encyclopedia of Freemasonry and its Kindred Sciences*, vol. 2: D-L. Augsburg: Jazzybee Verlag.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1991). *Nova História de Portugal*, vol. XI. *Portugal: da Monarquia para a República*. Lisboa: Presença.
- MARQUES, Fernando Carmino (2021). "Armand Guibert e as edições francesas da poesia de Fernando Pessoa (1955-1966)". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 20, Outono, pp. 284-366. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/62dv-wm80>
- MARTINES, Enrico (2017). "José Régio, Raul Leal e a *Presença*: marcas epistolares de um diálogo modernista". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12 (special issue: *New Insights into Portuguese Modernism from the Fernando Távora Collection*; guest editor, Ricardo Vasconcelos), Fall, pp. 82-133. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0P26WBG>
- MARTINS, Guilherme d'Oliveira (2022). "Jaime Cortesão e a direção da Biblioteca Nacional". *e-cultura* [A vida dos livros], 14-20 de Março. <https://www.e-cultura.pt/artigo/29475>
- MARTINS, Serafina (2008). "Ribeiro, Aquilino". *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa: Caminho, pp. 731-733.
- MATOS, Manuel Cadafaz de (1988). *Joaquim Seabra Pessoa ou o Engenho Sensível*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida. Depósito Legal n.º 30 085/89.
- MORÃO, Paula (2011). "Na Senda de Orpheu — alicerces e consequências". *Literatura Portuguesa e a Construção do Passado e do Futuro*. Helena Buescu e Teresa Cristina Cerdeira (orgs.). Casal de

- Cambra: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, Caleidoscópio, pp. 13-25.
- NÃO ASSINADO (2008a). "Casa Fernando Pessoa impugnará todos os livros e revistas de Pessoa levados a leilão". *Ípsilon*, 26 de Novembro.  
<https://www.publico.pt/2008/11/26/culturaipsilon/noticia/casa-fernando-pessoa-impugnara-todos-os-livros-e-revistas-de-pessoa-levados-a-leilao-1351277>
- \_\_\_\_ (2008b). "Espólio de Fernando Pessoa impedido de sair de Portugal". *Ípsilon*, 17 de Outubro.  
<https://www.publico.pt/2008/10/17/culturaipsilon/noticia/espolio-de-fernando-pessoa-impedido-de-sair-de-portugal-1346448>
- \_\_\_\_ (2008c). "Espólio de Pessoa é 'peça essencial' e será adquirido, garante Pinto Ribeiro". *Público*, 26 de Junho. <https://www.publico.pt/2008/06/26/jornal/espolio-de-pessoa-e-peca-essencial-e-sera-adquirido-garante-pinto-ribeiro-266456>
- \_\_\_\_ (2008d). "Fernando Pessoa: Estado empenhado em evitar que espólio do poeta saia do país". *P2* [Caderno P2 do Jornal *Público*], pp. 4-5, 11 de Junho.
- \_\_\_\_ (2008e). "Leilão/Pessoa: Estado na posse dos lotes sobre os quais exerceu direito de preferência, adquiridos por 157.000 euros". *Lusa*. Lisboa, 24 de Novembro. Cf. este registo: [https://www.rtp.pt/noticias/cultura/estado-na-posse-dos-lotes-sobre-os-quais-exerceu-direito-de-preferencia-adquiridos-por-157000-euros\\_n168051](https://www.rtp.pt/noticias/cultura/estado-na-posse-dos-lotes-sobre-os-quais-exerceu-direito-de-preferencia-adquiridos-por-157000-euros_n168051)
- NOGUEIRA, Manuela (2015). *O Meu Tio Fernando Pessoa*. Prefácio de Richard Zenith. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico
- \_\_\_\_ (2005). *Fernando Pessoa: Imagens de uma Vida*. Apresentação de Maria Aliete Galhoz, prefácio de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1998). *O Melhor do Mundo São as Crianças. Antologia de Poemas e Textos de Fernando Pessoa Para a Infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1988). "Um texto de Fernando Pessoa 'Coisas da Lili'". *Nova Renascença*, vol. 8, n.º 30-31, Porto, Abril/Setembro, Primavera, pp. 132-137. Número especial, dedicado a Pessoa.
- OLIVEIRA, António Braz de (1985). "Jaime Cortesão e Raul Proença: 30 anos de convívio epistolar". *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 1, n.º 1-2, Janeiro-Dezembro, pp. 53-72.  
<http://ric.slhi.pt/docs/Extras/0000000554.pdf>
- PATRÍCIO, Rita (2012). *Episódios. Da Teorização Estética em Fernando Pessoa*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- PAULO, Heloisa (2011). "Exilados nos Açores: Duas Trajectórias, Ernesto CarneiroFranco e Alberto Moura Pinto". *Autoritarismos, totalitarismos e respostas democráticas*. Carlos Cordeiro (coord.). Ponta Delgada, Coimbra: Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores e Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, pp. 257-266.
- PAZOS JUSTO, Carlos (2011). "O primeiro modernismo português e a/na Galiza (1915): um caminho (im)possível". *Diálogos ibéricos sobre a modernidade*, Xaquín Núñez Sabarís (coord.). Braga: Centro de Estudos Humanísticos / Húmus, pp. 41-61
- PECK, Harry Thurston; GILMAN, Daniel Coit; COLBY, Frank Moore (1902). *The New International Encyclopedia*. New York: Dodd, Mead and Co.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (1995). "Ave Azul". *Biblos: enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*. José Augusto Cardoso Bernardes... et al. (dir.). Lisboa: Verbo, pp. 490-491.
- \_\_\_\_ (1975). *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos.
- PESSOA, Fernando (2022). *Diários e Escritos Autobiográficos*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2020). *Mensagem*. Edição de Jerónimo Pizarro. Textos de António Cirurgião, Onésimo Almeida, Helder Macedo e José Barreto Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_ (2019). *O Mistério da Boca do Inferno. Correspondência e novela policial*. Edição de Steffen Dix. Lisboa: Tinta-da-china.

- \_\_\_\_\_ (2018). *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2017). *Teatro Estático*. Edição de Filipa de Freitas e Patricio Ferrari, com a colaboração de Claudia J. Fischer. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_ (2015). *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Edição de José Barreto. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_ (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_ (2013a). *Apreciações Literárias de Fernando Pessoa*. Edição de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2013b). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_ (2012). *Ibéria: Introdução a um Imperialismo Futuro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Pablo Javier Pérez López; posfácios de Humberto Brito e Antonio Sáez Delgado. Lisboa: Ática. Coordenação, Jerónimo Pizarro.
- \_\_\_\_\_ (2011a). *Argumentos para Filmes*. Edição, introdução e tradução de Patricio Ferrari e Claudia J. Fischer; posfácio de Fernando Guerreiro. Lisboa: Ática. Coordenação, Jerónimo Pizarro.
- \_\_\_\_\_ (2011b). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática. Coordenação, Jerónimo Pizarro.
- \_\_\_\_\_ (2010). *Livro do Desasocego*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2 vols.
- \_\_\_\_\_ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2007). *A Educação do Stoico*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2005). *Poemas de Fernando Pessoa: 1915-1920*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição e posfácio de Richard Zenith, colaboração de Manuela Parreira da Silva, tradução de Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_ (2001). *Poemas de Fernando Pessoa: 1921-1930*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (1999a). *Correspondência: 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_ (1999b). *The Mad Fiddler*. Edição crítica de Marcus Angioni e Fernando Gomes. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (1998a). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (1998b). *Correspondência: 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Poemas de Alexander Search*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (1995). *Poesia Inglesa*. Organização, tradução e notas de Luísa Freire. Lisboa: Livros Horizonte.
- \_\_\_\_\_ (1981). *Fernando Pessoa, el eterno viajero*. Exposición itinerante. Organización del Ministério de Negócios Estrangeiros, Secretaria e Estado de Cultura-Instituto Português do Livro; selección y articulación del material documental de Teresa Rita Lopes y Maria Fernanda de Abreu. Lisboa: S. E. C.
- \_\_\_\_\_ (1978). *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão; introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática. [Acabou de imprimir-se em Fevereiro de 1979.]
- \_\_\_\_\_ (1968). *Textos Filosóficos*. Estabelecidos e prefaciados por António Pina Coelho. Lisboa: Ática.

- \_\_\_\_\_ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_\_ (1965). *Quadras ao Gosto Popular*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- \_\_\_\_\_ (1957). *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Introdução, apêndice e notas de João Gaspar Simões. Lisboa: Publicações Europa-América.
- \_\_\_\_\_ (1928). “Tábua Bibliográfica”. *Presença*, n.º 17. Coimbra. Dezembro, p. 10. [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1\\_3/UCBG-RP-1-5-s1\\_3\\_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1\\_item1/P142.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P142.html)
- \_\_\_\_\_ (1924). “Gladio”, *Athena*, vol. 1, n.º 3, Dezembro, p. 81. <http://ric.slihi.pt/Athena/visualizador/?id=20011.003&pag=3>
- PEZZINI, Barbara (2013). “The 1912 Futurist exhibition Baat the Sackville Gallery, London: an avant-garde show within the old-master trade”. *The Burlington Magazine*, n.º 155, pp. 417-479. [https://www.burlington.org.uk/media/\\_file/generic/the-1912-futurist-exhibition-by-barbara-pezzini-july-2013.pdf](https://www.burlington.org.uk/media/_file/generic/the-1912-futurist-exhibition-by-barbara-pezzini-july-2013.pdf)
- PINTO, Maria João; GOULÃO, José Sena (2008). “Leilão pode atingir 400 mil euros”. *Diário de Notícias*, 9 de Novembro. <https://www.dn.pt/arquivo/2008/leilao-pode-atingir-400-mil-euros-1134652.html>
- PINTO, Rosa Paula (2016). “Portugal, meu amigo, eu já o disse algures, ou será um baile russo – ou não será’: António Ferro e a Criação dos Bailados Portugueses Verde Gaio (1940-1950)”. *120 anos. Actas do Seminário António ferro. O Tempo. As Ideias. O Modo*. Alfragide: Texto Editores, pp. 165-178.
- PIRES, Daniel (1988). “Introdução a *O Caso da Biblioteca de Raul Proença*”. *O Caso da Biblioteca*. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 11-30.
- PITTELLA, Carlos (2021). “‘Marino,’ a tragedy, part 2 – More fragments and dramatis personae”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 19, Primavera, pp. 215-280. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/ndtv-jx55>
- \_\_\_\_\_ (2020). “Marino, a tragedy, part I—Datable fragments and lists”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 18, Outono, pp. 593-651. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/kmse-nv38>
- \_\_\_\_\_ (2017). “Sonnet 101 with Prof. Pessoa: Fernando Pessoa's marginalia on an anthology of 19th-century English sonnets”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 11 (special issue: *Portuguese Modernisms 1915-1917: Contexts, Facets & Legacies of the Orpheu Generation*; guest editors, Steffen Dix and Patrícia Silva), Primavera, pp. 277-375. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z089142K>
- PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo (2017). *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida*. Lisboa: Tinta-da-china.
- PIZARRO, Jerónimo (2021). “Sete cadernos de Fernando Pessoa (1906-1907)”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 19, Primavera, pp. 317-488. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/5kzb-f178>
- \_\_\_\_\_ (2012). *Pessoa Existe?* Prefácio de Miguel Real. Lisboa: Babel.
- \_\_\_\_\_ (2009) (org.). *Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis*. Alfragide: Texto.
- \_\_\_\_\_ (2007). *Fernando Pessoa: Entre Génio e Loucura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio (2011). “Uma biblioteca em expansão: sobrecapas de livros de Fernando Pessoa | A growing library: dust jackets from Fernando Pessoa’s book collection”. *Pessoa – revista de ideias*, n.º 3, Lisboa, Junho, pp. 58-96.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Edição bilingue, português / inglês. Lisboa: Dom Quixote, vol. I do acervo da Casa Fernando Pessoa.

- PIZARRO, Jerónimo; FERREIRA, Sara Affonso (2009). "A génese d'A *Invenção do Dia Claro* e o estabelecimento de *Invention of the Bright Day*". *Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis*. Jerónimo Pizarro (org.). Alfragide: Texto Editores, pp. 283-338.
- PIZARRO, Jerónimo; FILIPE, Teresa (2020). "Livros, objectos, manuscritos e fotografias: doação e venda". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, Primavera, pp. 230-349. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/0wqk-ql64>.
- POTÁSSIO4 (2008). *The Fernando Pessoa Auction*. Lisbon: P4 – Live Auctions, online bidding. November 13<sup>th</sup>.
- PROENÇA, Raúl (1988). *O Caso da Biblioteca*. Organização, estudo e notas de Daniel Pires e José Carlos González. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- QUEIRÓS, Luís Miguel (2008a). "Biblioteca e espólio de Pessoa vão estar na Internet". *ípsilon*, 13 de Junho. <https://www.publico.pt/2008/06/13/culturaipsilon/noticia/biblioteca-e-espolio-de-pessoa-va-estar-na-internet-1332219>
- \_\_\_\_\_ (2008b). "Inês Pedrosa vai tentar impugnar venda de manuscritos no leilão do espólio de Pessoa". *ípsilon*, 13 de Novembro. <https://www.publico.pt/2008/11/13/culturaipsilon/noticia/ines-pedrosa-vai-tentar-impugnar-venda-de-manuscrito-no-leilao-do-espolio-de-pessoa-1349860>
- \_\_\_\_\_ (2007). "A outra arca de". *Público*, 6 de Dezembro. <https://www.publico.pt/2007/12/06/jornal/a-outra-arca-de-240391>
- QUEIRÓS, Luís Miguel; COUTINHO, Isabel (2008). "Câmara Municipal de Lisboa vai processar herdeiros de Fernando Pessoa". *Público*, 15 de Novembro. <https://www.publico.pt/2008/11/15/jornal/camara-municipal-de-lisboa-vai-processar--herdeiros-de-fernando-pessoa-284195>
- RAINEY, Lawrence; POGGI, Christine; WITTMAN, Laura (eds.) (2009). *Futurism: An Anthology*. New Haven & London: Yale University Press.
- RIBEIRO, Ana Maria (2008). "Bens de Pessoa vão a tribunal". *Correio da Manhã*. 15 de Novembro.
- RODRIGUES, Fernando Manuel Elias (2018). "António, o Cardoso do ginásio: lugares de um ator invulgar". Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Tese de mestrado em Estudos de Teatro. Orientador: José Camões.
- ROSA, Maria Manuela Nogueira; DIAS MURTEIRA; DIAS, Luís Miguel Nogueira Rosa (2008). "Herdeiros esclarecem espólio de Pessoa", *Expresso*, 29 de Novembro.
- SÁ, Leonardo de (2012). "Adolfo Rodríguez Castañé: a sua biografia verdadeira". *BDjornal*, n.º 29, Lisboa, pp. 89-92.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2017). *Poesia Completa*. Edição de Ricardo Vasconcelos. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_ (2015). *Em Ouro e Alma: Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- SÁEZ DELGADO, Antonio; Pérez Isasi, Santiago (2022). "The First Portuguese Modernism and the First Avant-Garde". *Iberian Interfaces: Literary and Cultural Relations between Spain and Portugal, 1870-1930*. London: Palgrave Macmillan, pp. 119-165.
- SANTOS, Vítor Pavão dos (1999). *Verde Gaio. Uma Companhia Portuguesa de Bailado (1940-1950)*. Coordenação de Vítor Pavão dos Santos. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- SENA, Jorge de (2000). *Fernando Pessoa & Cª Heterónima*. Lisboa: Edições 70. 3.ª ed.
- SILVA, Manuela Parreira da (2008). "Cancioneiro". *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa: Caminho, pp. 131-132.
- SILVEIRA, Pedro da (1974). "Cartas inéditas de Teixeira de Pascoaes e de Camilo Pessanha". *Colóquio/Letras*, n.º 19, Maio, pp. 41-50. Cf. <https://colouquio.gulbenkian.pt/>
- SOUSA, João Rui de (1985). *Fernando Pessoa: Empregado de Escritório*. Colaboração de Victor Leitão. Lisboa: SITESE – Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, Comércio e Serviços.

- SOUSA, Rui (2021a). "Fernando Pessoa entre duas chancelas: O tempo da *Obra Poética* de Maria Aliete Galhoz (1960-1977)". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 20, Outono, pp. 157-283. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/fsce-ws11>
- \_\_\_\_\_. (2021b). "Pessoa, Keyserling, Castro Osório: Notas sobre a identidade nacional em torno de 'Descobrimento' (1931-1932)". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 19, Primavera, pp. 104-146. Brown Digital Repository, Brown University Library. Disponível em: <https://doi.org/10.26300/xzv5-yg53>
- \_\_\_\_\_. (2020). "O jogo como problema na segunda metade de 1920 na interpretação de Fernando Pessoa". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 18 (special issue: *Originality and Cosmopolitanism*; guest editor, Corinne Fournier Kiss), Outono, pp. 427-505. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/8bk7-xa33>
- TAVARES, Rui (2015). "Tempos elétricos". *Público*, 24 de Junho. <https://www.publico.pt/2015/06/24/politica/opiniao/tempos-eletricos-1699924>
- TAYLOR, Joshua C. (1961). *Futurism*. New York: Museum of Modern Art.
- TRINDADE, Luís (2008). *O Estranho Caso do Nacionalismo Português: O Salazarismo Entre a Literatura e a Política*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- URIBE, Jorge; SEPÚLVEDA, Pedro (2016). *O Planeamento Editorial de Fernando Pessoa*. Colaboração de Pablo Javier Pérez López. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- URRUTIA LÉON, Manuel (2010). "Un capítulo de la lucha aliadófila de Unamuno. La revista *Iberia* (1915-1919)". *Revista de Hispanismo Filosófico*, n.º 15, pp. 191-199.
- VARELA, Pedro; PEREIRA, José Augusto (2020). "As origens do movimento negro em Portugal (1911-1933): uma geração pan-africanista e antirracista". *Revista de História*, n.º 179, pp. 1-36. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.159242>
- VIZCAÍNO, Fernanda (2018). *Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada*. Tese de doutoramento em Modernidades Comparadas, Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/55805>
- \_\_\_\_\_. (2017). "Quatro cartas de Fernando Pessoa revisitadas". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 11 (special issue: *Portuguese Modernisms 1915-1917: Contexts, Facets & Legacies of the Orpheu Generation*; guest editors, Steffen Dix and Patrícia Silva), Primavera, pp. 376-408. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0639N7C>
- VLACHOU, Foteini (2015). "Augusto Ferreira Gomes and *Orpheu* 3: The 'Death of a Faun' and Literary *Ekphrasis* in Portugal at the beginning of the twentieth century". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8 (special issue: *Special Jennings Issue*; guest editor, Carlos Pittella), Fall, pp. 506-536. Brown Digital Repository, Brown University Library. Disponível em: <https://doi.org/10.7301/Z0TB1546>
- ZENITH, Richard (2021). *Pessoa. A Biography*. New York: Liveright.
- \_\_\_\_\_. (2009). "Inéditos de um outro espólio". *Revista LER*, pp. 43-53, Março.

**RUI SOUSA** concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino na obra de Luiz Pacheco. Publicou ensaios sobre Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915: O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e colaborou em números recentes da *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou em 2016 o livro, *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Prepara um projecto de investigação relacionado com as interações entre a literatura, a filosofia e a política no contexto do Modernismo e do Surrealismo em Portugal, procurando explorar mais aprofundadamente o papel da mitologia na intervenção política dos grupos literários e a forte presença dos processos de hibridismo e de sincretismo numa progressiva reflexão sobre a cultura como realidade plural e globalizada.

**RUI SOUSA** earned a degree in Portuguese Studies and obtained a master's degree in Romance Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Lisbon. He recently obtained his doctorate with a dissertation dedicated to the concept of the libertine in the work of Luiz Pacheco. He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in the anthology *1915: The Year of Orpheu* (2015) coordinated by Steffen Dix and has published studies on Pessoa in *Pessoa Plural* and in projects coordinated by Estranhar Pessoa and by Casa Fernando Pessoa. In 2016 he published the book *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. He is a researcher at the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Lisbon (CLEPUL). He is working on a research project on the interactions between literature, philosophy, and politics with respect to Modernism and Surrealism in Portugal, seeking to explore the role of mythology in the political intervention of literary groups and the strong presence of hybrid processes and syncretism in the progressive reflection on culture as a plural and globalized reality.

— — —

**JERÓNIMO PIZARRO** é Professor da Universidad de los Andes, Titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Doutor pelas Universidades de Harvard (2008) e de Lisboa (2006), em Literaturas Hispânicas e Linguística Portuguesa. No âmbito da Edição Crítica das Obras de Fernando Pessoa, publicadas pela INCM, contribuiu com sete volumes, sendo o último a primeira edição crítica de *Livro do Desasocego*. Em 2010 a D. Quixote publicou *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, livro que preparou com Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, depois de os três coordenarem a digitalização dessa biblioteca com o apoio da Casa Fernando Pessoa. Em 2011 a Legenda publicou o livro *Portuguese Modernisms in Literature and the Visual Arts*, co-organizado com Steffen Dix, com quem já tinha co-editado, em 2008, um número especial da revista *Portuguese Studies* e, em 2007, um livro de ensaios, *A Arca de Pessoa*. De 2011-2013 Pizarro foi o Coordenador de duas novas séries da Ática (1. Fernando Pessoa |Obras; 2. Fernando Pessoa | Ensaística), contribuindo com mais de dez volumes. Actualmente dirige a “Coleção Pessoa” da Tinta-da-china. Em 2013 foi o Comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo) e ganhou o Prémio Eduardo Lourenço.

**JERÓNIMO PIZARRO** is a Professor at the Universidad de los Andes (Colombia), where he holds the Camões Institute Chair in Portuguese Studies. He holds a PhD in Hispanic Literatures (2008, Harvard University) and a PhD in Portuguese Linguistics (2006, Universidade de Lisboa). He has contributed seven volumes to the critical edition of Fernando Pessoa's Works published by the INCM, the last volume being the first critical edition of the *Livro do Desasocego* [The Book of Disquiet]. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, published by D. Quixote in 2010, was prepared with Patricio Ferrari and Antonio Cardiello, the other two coordinators involved in digitizing Pessoa's private library with the support of Casa Fernando Pessoa. Together with Steffen Dix, he co-organized *Portuguese Modernisms in Literature and the Visual Arts*, published by Legenda in 2011; also with Dix, he co-edited a special issue of *Portuguese Studies* (2008) and a book of essays, *A Arca de Pessoa* [Pessoa's Trunk] (2007). Pizarro was the editor-in-chief of two new Ática's series (1. Fernando Pessoa | Works; 2. Fernando Pessoa | Studies), and he contributed more than ten volumes in the series. Currently, he is in charge of Tinta-da-China's "Coleção Pessoa". In 2013 he was the Program Director of Portugal's visit to the International Book Fair of Bogotá and he won the Eduardo Lourenço Prize.

— — —

**MANUEL P. FERNANDES** é licenciado em Estudos Portugueses desde 2019 e Mestre em Filosofia desde 2021, com uma tese intitulada *Errância e Espiritualidade em Matsuo Basho*. É membro do Centro de Estudos Bocageanos e prepara actualmente um projecto de doutoramento dedicado ao estudo do fenómeno apócrifo em Bocage no contexto das instituições censórias portuguesas e da sua repercussão ao nível de circuitos editoriais clandestinos. Tem investigado sobretudo em torno da literatura portuguesa pós-pombalina. Publicou o artigo "A Sombra de Saigyó na Poesia Medieval Japonesa" e tem participado em vários congressos nacionais e internacionais, como "'Panteísmo Viciosamente Fantástico' nas *Prosas Bárbaras* de Eça de Queiroz" (Biblioteca Nacional de Portugal), "Representações de Bocage em antologias poéticas do século XX" (Universidade de Lisboa), "Fernão Mendes Pinto e Wenceslau de Moraes — Esteve Fernão Mendes Pinto no Japão?" (Universidade de São Paulo), "As fábulas de Bocage. Educação como forma de subversão" (Centro de Língua Portuguesa Mindelo Camões, Cabo Verde) e "O Cânone de Bocage: um produto da censura?" (Universidade de Coimbra).

**MANUEL P. FERNANDES** has a degree in Portuguese Studies since 2019 and a master's in Philosophy since 2021, with a thesis entitled *Errância e Espiritualidade em Matsuo Basho*. He is a member of the Centro de Estudos Bocageanos and is currently preparing a PhD project dedicated to the study of the apocryphal phenomenon in Bocage in the context of Portuguese censorial institutions and its repercussion at the level of clandestine publishing circuits. His research has focused mainly on post-Pombaline Portuguese literature. He published the article "A Sombra de Saigyó na Poesia Medieval Japonesa" and has participated in several national and international conferences, such as "'Panteísmo Viciosamente Fantástico' nas *Prosas Bárbaras* de Eça de Queiroz" (National Library of Portugal), "Representações de Bocage em antologias poéticas do século XX" (Universidade de Lisboa), "Fernão Mendes Pinto e Wenceslau de Moraes — Esteve Fernão Mendes Pinto no Japão?" (Universidade de São Paulo), "As fábulas de Bocage. Educação como forma de subversão" (Centro de Língua Portuguesa Mindelo Camões, Cape Verde), and "O Cânone de Bocage: um produto da censura?" (Universidade de Coimbra).